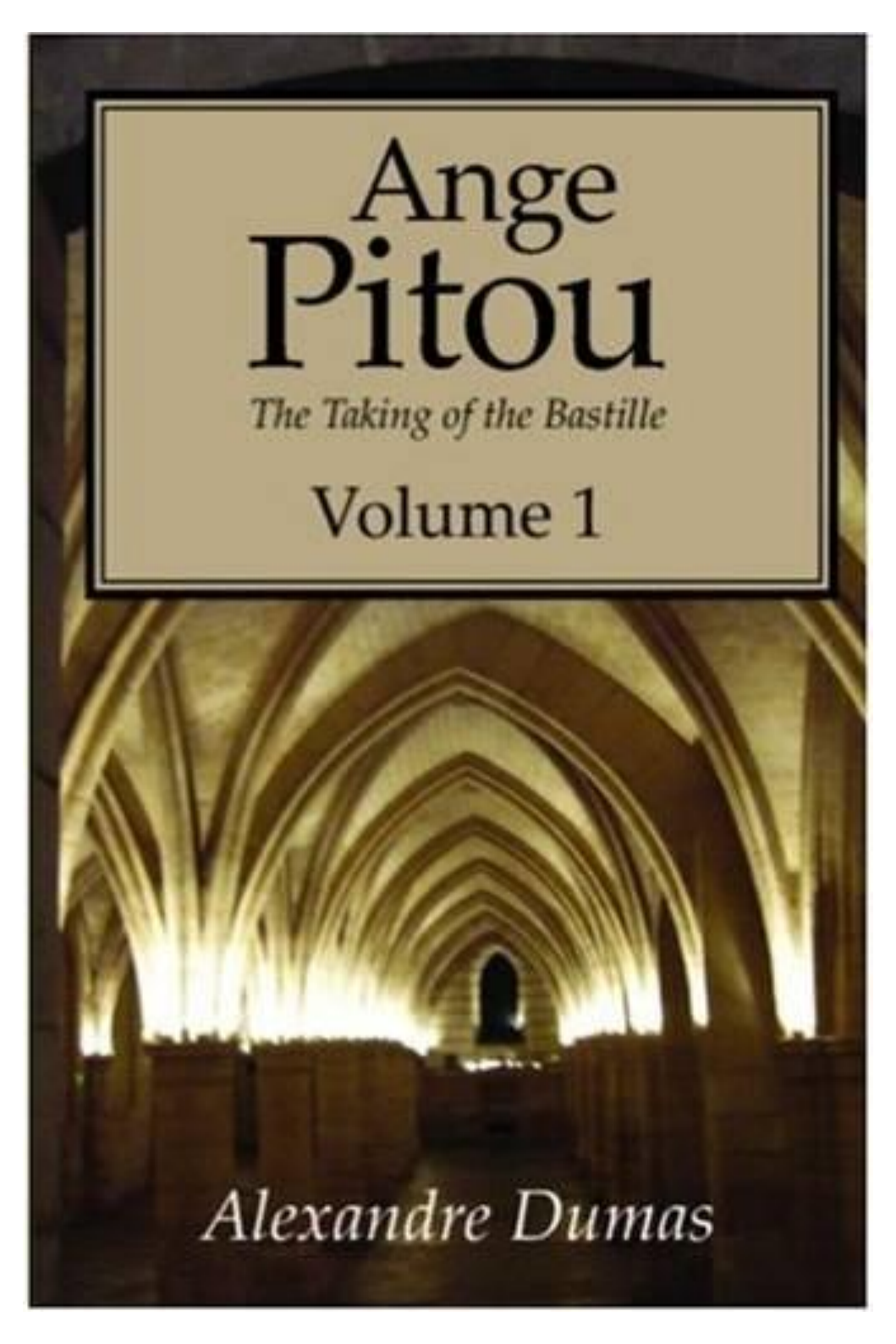




Ange Pitou

The Taking of the Bastille

Volume 1

Alexandre Dumas



**Memórias de um médico:
Ângelo Pitou
Volume I**

Alexandre Dumas

I

Em que o leitor toma conhecimento
com o herói desta história e com a
terra onde ele nasceu

Na fronteira da Picardia e do Soissonnais, sobre a porção do território francês, chamado a Ilha de França, que fazia parte do antigo património dos reis, no meio de um imenso semicírculo que, prolongando-se do nascente para o meio-dia, forma uma mata do comprimento de cinco mil jeiras, ergue-se, perdendo-se na sombra de um grande parque plantado nos reinados de Francisco I e Henrique II, a pequena cidade de Villers-Cotterets, notável por ter ali nascido Carlos Alberto Demoustier, que, na época em que começa esta história, escrevia as suas *Cartas a Emília sobre a Mitologia*, com

satisfação dos jovens senhores daquele tempo, que as procuravam à porfia, à medida que eram publicadas.

Para completar a reputação poética dessa pequena cidade, cujos detractores, apesar do castelo real e dos seus dois mil e quatrocentos habitantes, teimavam em chamar vila, ajuntemos que está situada distante duas léguas da Laferté-Milon, onde nasceu Racine, e oito léguas de Chateau-Thierry, onde nasceu Lafontaine.

Note-se mais, que a mãe do autor de *Britannicus* e de *Athalie* era de Villers-Cotterets.

Voltemos porém ao castelo real e aos dois mil e quatrocentos habitantes da pitoresca cidade.

O castelo real, principiado no tempo de Francisco I, cujas salamandras ainda conserva, e acabado no tempo de Henrique II, de quem ainda tem a cifra enlaçada com a de Catarina de Médicis e circundada com as três meias-luas de Diana de Poitiers, depois de ter

abrigado os amores do rei cavaleiro com a senhora de Étampes, e os de Luís Filipe de Orleans com a bela senhora de Montesson, estava quase desabitado desde a morte deste último príncipe. O filho, Filipe de Orleans, cognominado depois *Egalité*, fizera-o descer da categoria de residência principesca à de simples ponto de reunião em dias de caçadas.

É geralmente sabido que o castelo e a mata de Villers-Cotterets faziam parte do apanágio dado por Luís XIV a seu irmão mais velho, quando o filho segundo de Ana de Áustria casou com a irmã de Carlos II, Henriqueta de Inglaterra.

Quanto aos dois mil e quatrocentos habitantes de que prometemos falar, eram, como em todos os lugares em que se acham reunidos dois mil e quatrocentos indivíduos, um *composto*:

1.º De alguns nobres, que passavam o Verão nas quintas circunvizinhas e o Inverno em Paris, e que, por arremedar o príncipe, mal se apeavam na cidade.

2.º De um bom número de burgueses que, fizesse o tempo que fizesse, se viam sair de casa com um guarda-chuva na mão, para irem dar o passeio quotidiano depois do jantar, passeio que regularmente se estendia até um largo fosso, que separa o parque da mata, e que fica a um quarto de légua da cidade. Dão a este fosso o nome de *Haha*, por causa da exclamação que soltam os que padecem de asma, quando fartos já de andar, chegam a vê-lo.

3.º De uma infinidade de artistas, que trabalham toda a semana, e que só ao domingo podem dar o passeio que os compatriotas, mais afortunados do que eles, gozam todos os dias.

4.º Finalmente, de alguns desgraçados proletários, para quem não há domingo na semana, e que, depois de terem trabalhado seis dias por conta dos nobres, dos burgueses ou dos artistas, no sétimo se espalham pelas matas, para aí apanharem pedaços de pau, que as tempestades destruidoras dos

bosques, ante as quais os grandes carvalhos são como fracas espigas, fazem espalhar pela terra úmida e sombria daquelas matas, magnífico apanágio do príncipe.

Se Villers-Cotterets (*Villerii ad Cottiam-Retice*) tivesse tido a desgraça de ser uma cidade muito importante na história para que os arqueólogos se ocupassem dela e seguissem as suas sucessivas transições de aldeia para vila e de vila para cidade, último título que lhe negam, como já declarámos, teriam necessariamente apresentado o facto dela ter começado por duas fileiras de casas construídas nos dois lados da estrada, que de Paris vai para Soissons; depois, teriam acrescentado que, havendo a sua situação, na extremidade de uma bela floresta, atraído, a pouco e pouco, um acréscimo de habitantes, outras ruas se ajuntaram depois à primeira, divergentes como os raios de uma estrela, tendendo para os pequenos lugarejos, com os quais lhe convinha conservar comunicações, e convergentes para um ponto, que se torna,

por via de regra, o centro, isto é, o que na província se chama a praça, lugar à roda do qual se construíram as mais belas casas da aldeia tornada vila, e no meio da qual se ergue um chafariz, que hoje está ornado com um relógio de sol quadrangular; teriam finalmente fixado a data infalível em que, perto da humilde igreja, primeira necessidade dos povos, se haviam assentado as primeiras pedras do grande castelo, último capricho de um rei; castelo que, depois de ter sido alternativamente habitação de reis e de príncipes, se acha hoje reduzido a um triste e horrendo depósito de mendicidade dependente da Prefeitura do Sena.

Na época em que começa esta história, as propriedades reais, posto que estivessem já bem abaladas, ainda não tinham chegado ao estado de ruína em que se acham actualmente, e o castelo não era já habitado por um príncipe, é verdade, mas também ainda não o era por mendigos; estava desocupado, porque apenas tinha os

comensais indispensáveis para a sua conservação, entre os quais se contavam o porteiro, o jogador de péla e o capelão, e por isso se viam sempre fechadas as janelas do formidável edifício, tanto as que deitavam para o lado do parque, como as que davam para outra praça, que aristocraticamente se chamava Praça do Castelo, o que ainda mais aumentava a tristeza e solidão dessa praça, numa das extremidades da qual se via uma casa, de que o leitor há-de permitir que lhe digamos alguma coisa.

Era uma casinha, de que apenas se viam as costas. Contudo, segundo a opinião de certas pessoas, as costas daquela casa tinham o privilégio de ser a parte mais brilhante da sua *individualidade*. E na verdade, na frontaria que deitava para a Rua de Soissons, uma das principais da cidade, havia uma porta arqueada sem gosto, e que constantemente se conservava fechada dezoito horas por dia, ao passo que o lado oposto se via animado e brilhante; mas era porque deste lado existia o

jardim, e que por cima dos seus muros se descobriam os topos das cerejeiras, macieiras e ameixeiras, ao mesmo que dos lados de uma portinha, que dava saída para a praça e entrada para o jardim, havia duas acácias seculares, que na Primavera pareciam bracejar os ramos por cima do muro para juncar a terra de flores perfumadas em toda a circunferência da sua folhagem.

A casa pertencia ao capelão do castelo. Este sacerdote servia ao mesmo tempo a igreja senhorial, onde, apesar da ausência do dono, se dizia missa todos os domingos, e recebia uma pequena pensão, a que, por favor especial, se achavam anexos dois legados, um para a conservação do colégio de Plessis e outro para a do seminário de Soissons. Ora, convém dizer, que a família de Orleans era quem pagava os dois legados, fundadas, o do seminário pelo filho do regente, e o do colégio pelo pai do príncipe, e que esses dois legados eram, por um lado, objecto da ambição dos parentes, e, por outro,

o desespero dos discípulos, para quem eram origem de extraordinárias composições, que tinham lugar nas quintas-feiras de cada semana.

Ora, uma quinta-feira do mês de Julho de 1789, dia pesado e sombrio, por causa de uma tempestade que se desenvolvera de oeste para leste, sob o rigor da qual as duas grandes acácias, de que falámos, deixavam cair algumas folhas, amareladas pelos calores do Estio, ou começando já a perder o brilho da verdura primaveril; depois de largo silêncio, apenas interrompido pelo sussurro das folhas, que redemoinhavam na praça, e pelo canto do pardal montês que, passando junto à terra, perseguia as moscas, bateram onze horas no relógio da aguda e vermelha torre da cidade.

Neste instante ouviu-se um hurra semelhante ao que soltaria todo um regimento de hulanos, acompanhado de um estrondo igual ao que produziria uma avalanche de neve caindo de rochedo em

rochedo; a porta, situada entre as duas acácias, abriu-se, ou para melhor dizer foi arrombada, e deu passagem a uma multidão de rapazes, que se espalharam pela praça, e que imediatamente se formaram em cinco, ou seis grupos alegres e ruidosos; uns, em roda de um círculo destinado a conter presos ou peões, outros diante de uma espécie de jogo traçado com giz, outros finalmente ao pé de muitos buracos feitos com regularidade, e nos quais, caindo uma bola, fazia perder ou ganhar os que a atiravam.

Ao mesmo tempo que os rapazes da escola, denominados garotagem pelos raros vizinhos que tinham janelas para a praça, brincavam, de ordinário com as calças despedaçadas nos joelhos e a véstia rota nos cotovelos, outros, os chamados quietos, e que, segundo o dizer das comadres, haviam de fazer a glória e o orgulho de seus pais, separavam-se dos colegas, com passo vagaroso, indicador da sua tristeza, atravessavam diversas ruas com um cesto na

mão e dirigiam-se para a casa paterna, onde os aguardava a fatia de pão com manteiga, ou os bolos, que lhes eram destinados em troca dos jogos que tinham desprezado. Estes apareciam geralmente vestidos com decência, e nunca se apresentavam rotos; o que, junto ao tão elogiado talento, os fazia objecto do escárnio e do ódio dos condiscípulos, menos bem vestidos, e sobretudo muito menos morigerados. Além destas duas classes, que acabamos de apresentar com o nome de estudantes brincalhões, e estudantes quietos, havia mais uma terceira, que chamaremos a dos mandriões, que nunca saíam com os outros, nem para brincar na praça, nem para regressar à casa paterna, porque quase sempre essa infeliz classe ficava detida por castigo, o que quer dizer, que enquanto os seus companheiros, depois de terem acabado de fazer as suas versões e temas, saíam para ir jogar o pião, ou comer a sua fatia de pão, estes ficavam presos aos bancos, ou adiante das suas estantes, para fazer, durante as

horas da recreação, os temas e versões, que não tinham feito nas horas da aula, e quando a culpa era mais grave, além da prisão, sofriam o castigo da chibata, da palmatória ou das disciplinas.

Se nos déssemos ao trabalho de seguir em sentido oposto o mesmo caminho, que os estudantes acabavam de andar, depois de termos transposto uma comprida rua, que estendendo-se pelo jardim, acabava num grande pátio, destinado às recreações internas, ouviríamos no alto da escada uma voz forte, e pesadamente acentuada, ao mesmo tempo que um estudante, que a nossa imparcialidade de historiador nos obriga a colocar na terceira classe, que era a dos mandriões, descia rapidamente os degraus da escada, fazendo com os ombros o mesmo movimento que os burros empregam para deitar fora os cavaleiros, e os rapazes que acabam de ser castigados com as disciplinas para se livrar da dor.

- Anda, maroto! Anda, excomungado!

Anda, serpente, retira-te, vai-te; *vade!* *Vade!* Lembra-te que te tenho aturado três anos; mas há patifes que chegariam a cansar a paciência ao próprio Padre Eterno. Agora acabou-se, de todo. Leva os teus esquilos, as tuas rãs, os teus lagartos, os teus bichos de seda, os teus besouros, e vai-te para casa da tua tia, ou do teu tio, se tens algum, ou finalmente vai para o diabo, contanto que eu te não veja mais! *Vade!* *Vade!*

- Oh! Meu caro Sr. Portier, perdoe-me - respondia sempre na escada a outra voz suplicante; - pois vale a pena que se encolerize por semelhante maneira, e só por um miserável barbarismo e alguns solecismos, como o Sr. abade lhes chama?

- Três barbarismos num tema de vinte e cinco linhas! - replicou ainda colérica a mesma voz.

- Pois seja assim, Sr. abade. Convenho; a quinta-feira é o meu dia desgraçado; porém, se por acaso amanhã o meu tema estiver bom, por certo me perdoará a minha má sorte de

hoje? Diga, meu caro Sr. abade.

- Há três anos que em todos os dias da composição tu me repetes a mesma coisa, ralaço! Está marcado o dia primeiro de Novembro para exame, e eu, que por pedido de tua tia Angélica tive a fraqueza de te propor como candidato ao benefício vago actualmente no seminário de Soissons, passarei pela vergonha de ver o meu discípulo recusado, e de ouvir por toda a parte proclamar que Ângelo Pitou é um asno, *Angelus Pitovius asinus est*.

Apressemos-nos a declarar, para que o benévolo leitor lhe preste desde já a atenção que merece, que Ângelo Pitou, de quem o nome acabava de ser tão pitorescamente latinizado pelo abade Fortier, é o herói desta história.

- Ó meu caro Sr. Fortier! Ó meu caro mestre! - continuava o estudante no maior desespero.

- Eu, teu mestre! - exclamava o abade fortemente humilhado pelo nome que Pitou

lhe dera. - Graças a Deus, já não sou teu mestre, nem tu serás mais meu discípulo; renego-te, não te conheço nem desejava ter-te conhecido nunca, e proíbo-te que me tornes a falar; não quero sequer que me cumprimentes. *Retro!* Desgraçado, *retro!*

- Sr. abade - teimava o infeliz Pitou, que mostrava ter grande interesse em não se malquistar com o mestre - Sr. abade, não me prive da sua protecção, por causa do miserável tema estropiado; eu prometo estudar.

- Ah! - exclamou o abade fora de si pelo último pedido, e descendo os primeiros degraus da escada ao mesmo tempo que Ângelo Pitou descia os últimos e saía para o pátio; - ah! Tu fazes raciocínios quando nem sequer podes fazer um tema! Tu calculas as forças da minha paciência, quando não és capaz de distinguir o nominativo da oração?...

- Sr. abade, visto que sempre tem sido tão bom para comigo, se quisesse dizer

alguma coisa ao Sr. bispo, que nos há-de examinar...

- Eu, desgraçado! Pois hei-de mentir à minha consciência? - interrogou o abade indignado.

- Era para fazer uma boa acção, que Deus lhe perdoará.

- Nunca! Nunca!

- E depois, quem sabe? Talvez os examinadores não sejam mais severos comigo de que foram para com o Sebastião Gilberto, o meu colaço, quando o ano passado foi ao concurso do benefício de Paris. Ele também cometia barbarismos, apesar de só ter treze anos, ao passo que eu tinha dezessete.

- Olhem que estúpido! - exclamou o abade acabando de descer a escada, e aparecendo com as disciplinas na mão, guardando Pitou prudentemente a conveniente distância entre si e o seu mestre.

- Sim, estúpido! - continuou o abade cruzando os braços, e encarando com indignação o discípulo. - Tríplice animal!

Desse modo é que te lembras do axioma: *Noti minora, loqui majora valens?* Mas foi justamente por Gilberto ser mais moço do que tu, que foram mais indulgentes com ele, porque anda apenas nos catorze anos, o que não acontecerá contigo, que és um asno de dezoito.

- É verdade, mas foi também por ele ser filho do Sr. Honório Gilberto, que tem dezoito mil libras, que lhe rendem as suas terras, situadas na planície de Pleux - replicou com lástima o nosso lógico.

O abade Fortier olhou para Pitou, estendendo os beijos e franzindo as sobrancelhas, e depois de o ter considerado um instante em silêncio, disse resmungando:

- Isto agora é de quem tem juízo... *Species, nun autem corpus.*

- Oh! Se eu fosse filho de um homem que tivesse dez mil libras de renda - exclamou Ângelo Pitou, que percebera que a sua resposta fizera alguma impressão no professor.

- Sim, mas não és. Em vez disso, és um ignorantão, como o velhaco de que fala Juvenal; citação profana (o abade benzeu-se), mas que nem por isso é menos justa. *Arcadius Juvenis*. Aposto que tu também não sabes o que quer dizer *Arcadius*?

- Ora essa! Arcadiano - respondeu Ângelo Pitou endireitando-se com a superioridade do orgulho.

- Sim, e depois?

- Depois o quê?

- A Arcádia era o país dos asnos, e tanto entre os antigos como entre os modernos, *asinus*, é sinónimo de *stultus*.

- Eu não queria entender a coisa dessa maneira - disse Pitou - porque estava longe de pensar que a austeridade do meu digno professor se pudesse abater até o ponto de satirizar.

O abade considerou-o segunda vez com mais profunda atenção do que tinha feito da primeira.

- À fé de quem sou! - exclamou um

pouco mais brando pelo elogio do seu discípulo - há momentos em que juraria que o patife não é tão tolo como parece.

- Ora pois, Sr. abade - disse Pitou que, conquanto não tivesse ouvido as palavras do professor, contudo divisava-lhe na expressão da fisionomia, que estava próxima a compaixão; - perdoe-me, e verá que bonito tema lhe apresento amanhã.

- Pois bem, consinto - respondeu o abade, pendurando à cintura as disciplinas em sinal de tréguas e aproximando-se de Pitou, que em vista desta demonstração de paz ficou parado.

- Oh! Muito obrigado - exclamou ele.

- Espera, não agradeças tão depressa, perdoo-te, sim, mas com uma condição.

Pitou abaixou a cabeça, e como estava à disposição do digno abade, esperou com toda a resignação.

- Vem a ser, que me hás-de responder a uma pergunta, que te vou fazer.

- Em latim? - perguntou Pitou

sobressaltado.

- Latina - respondeu o professor.

Pitou suspirou.

Depois disto houve um intervalo de silêncio, durante o qual os alegres gritos dos estudantes, que jogavam na praça, chegaram aos ouvidos de Ângelo Pitou.

E pela segunda vez suspirou, com maior ânsia que da primeira.

- *Quid virtus? Quid religio?* - perguntou ainda o abade.

Estas palavras, pronunciadas com ar magistral, retiniram nos ouvidos do pobre Pitou, como a trombeta do Anjo no dia do juízo final. Uma nuvem lhe passou por diante dos olhos, e na sua inteligência houve um tal choque, que ele acreditou um momento na possibilidade de endoidecer.

Todavia, por muito forte que fosse o esforço da sua inteligência, não produziu resultado nenhum, e a pergunta continuava a ficar sem resposta. Ouviu-se o estrondo de uma pitada, que sorvia com toda a pachorra o

terrível interrogador.

Pitou conheceu que era preciso responder.

- *Nescio* - respondeu ele, julgando que seria perdoada a sua ignorância, confessando-a em latim.

- Pois tu não sabes o que é a virtude! - exclamou o abade sufocado de cólera - tu não sabes o que é religião!

- Sei em francês - replicou Ângelo Pitou - mas não em latim.

- Então vai-te para a Arcádia, *juvenis*, tudo está acabado entre nós!

Pitou ficou tão aterrado que não deu um passo para fugir, apesar do abade ter tirado as disciplinas da cintura com tanta dignidade, como um general tiraria a espada da bainha na ocasião do combate.

- Porém, que será de mim? - exclamou o pobre rapaz deixando cair os braços inertes; - que farei, se perco a esperança de entrar no seminário?...

- Faze o que puderes; isso é-me

indiferente.

O abade estava tão irado, que até chegava a praguejar.

- Mas bem sabe, Sr. abade, que minha tia pensa que já sou abade.

- Está bom, ela saberá que nem para sacristão prestas.

- Mas, Sr. Fortier...

- Já te disse que te vás, *limina linguae*.

- Vamos! - exclamou Pitou como homem que toma uma resolução dolorosa; - o Sr. abade dá licença que eu vá buscar a minha estante? - perguntou ele, esperando que enquanto durasse esta demora, o coração do abade daria entrada a sentimentos mais piedosos.

- Pois não; a tua estante e quanto ela contém.

Pitou subiu a escada, porque a aula era no primeiro andar, e entrou na sala, onde, reunidos em roda de uma grande mesa, fingiam que trabalhavam uns quarenta estudantes. Depois levantou com cuidado a

cortina da sua estante para ver se todos os hóspedes que ela continha estavam completos; pegou nela com uma cautela que mostrava bem o cuidado que tinha nos seus livros, e com passo vagaroso e pausado, tomou o caminho do corredor. No topo da escada, com o braço estendido, estava o abade, mostrando-lhe o caminho com o cabo das disciplinas.

Portanto, era preciso passar por baixo das forças caudinas. Ângelo Pitou encolheu-se o mais que pôde; apesar disso, não evitou, ao passar, uma última despedida do instrumento, a que o abade devia os seus melhores discípulos, e cujo emprego, posto que mais freqüente e prolongado em Ângelo Pitou do que em outro qualquer, tinha tido, como acabamos de ver, medíocre resultado.

Enquanto Pitou, limpando as lágrimas, e levando a estante à cabeça, se dirigia para Pleux, sítio da cidade onde habitava a tia, diremos alguma coisa a respeito do seu físico e antecedentes.

II

Em que se mostra que uma tia nem sempre é o mesmo que uma mãe

Luís Ângelo Pitou, na época em que principia esta história, tinha dezessete anos e meio, como ele mesmo confessara ao abade Fortier; era alto e magro, de cabelo louro, corado e com olhos azuis. Fazia-se notar sobretudo o brilho da mocidade viçosa e inocente na boca rasgada, cujos beijos grossos, que ele abria desmedidamente, deixavam ver duas ordens completas de dentes formidáveis, principalmente para aqueles a quem estavam destinados a comer o jantar. Da extremidade dos compridos e ossudos braços, pendiam-lhe as mãos largas como umas pás; tinha as pernas bastante arqueadas, e os joelhos tão grossos, que pareciam cabeças de criança, o que lhe fazia

quase sempre estalar os calções pretos; os pés eram desmedidos, mas apesar disso andavam à vontade nos sapatos, que por muito usados estavam já vermelhos: usava uma espécie de camisola de sarja escura, conservava o meio termo entre a sotaina e a blusa; tal era pois o retrato exacto e imparcial do ex-discípulo do abade Fortier.

Falta-nos agora admirá-lo pelo lado moral.

Ângelo Pitou era órfão desde a idade de doze anos, época em que teve a desgraça de perder a mãe, sendo filho único. Ora, desde a morte do pai, que se deu antes dele ter uso da razão, foi sempre tão estimado pela mãe, que quase fazia quanto queria, o que concorreu para lhe desenvolver a educação física, mas atrasou-lhe muito a moral. Nascido numa bonita vila, chamada Haramont, que está situada no meio de um bosque, e que dista da cidade uma légua, os seus primeiros cuidados foram percorrer as florestas, onde nascera, e perseguir os animais que as

habitavam.

Resultou, pois, desta aplicação dirigida para um só fim, ser Ângelo Pitou, na idade de dez anos, um ladrão de caça muito distinto, e um passarinho de primeira ordem; e isto quase sem trabalho nem ensino, unicamente levado pela força do instinto, que a Natureza dá ao homem nascido no meio dos campos, e que parece ser uma porção daquele, com que cria os animais. Por esta razão sabia de todas as passagens que faziam as lebres e coelhos, e nem um só bebedouro que houvesse, três léguas em redondo, lhe escapara à investigação, encontrando-se por toda a parte sinais do seu podão nas árvores mais próprias para a caça de reclamo.

O resultado destes continuados exercícios foi Pitou adquirir extraordinária força, em comparação da dos rapazes da sua idade.

Com o auxílio dos compridos braços e dos grossos joelhos, podia abranger as árvores mais grossas, a que trepava para tirar

os ninhos que se alcandoravam mais alto, com uma agilidade e certeza, que eram a admiração dos companheiros, e se estivesse mais próximo do Equador, certamente lhe adquiriria a estima dos macacos. Nesta caça de reclamo, caça que chegou a ser o encanto de alguns personagens e na qual o caçador atrai os pássaros a uma árvore, que se acha guarneçada de varinhas enviscadas, imitando o grito do gaio ou da coruja, indivíduos que são tão odiados por toda a raça emplumada, que qualquer tentilhão, melharuco ou pintassilgo, assim que os ouve corre com a esperança de lhes arrancar uma pena, deixando, a maior parte das vezes, as suas; nesta caça, pois, os companheiros de Pitou costumavam servir-se de uma verdadeira coruja, ou de um gaio natural, ou enfim de uma erva particular, com o auxílio da qual imitavam, bem ou mal, o grito destes animais. Pitou, porém, desprezava todos esses preparativos e subterfúgios. Era com os seus próprios recursos que combatia; com os

seus meios naturais armava o laço, e com a boca atraía não só os animais, mas até os homens, que chegavam a enganar-se com o seu grito tão bem imitado. Enquanto à caça, acrescentamos que era para ele coisa trivialíssima, e decerto a teria desprezado por demasiado fácil, se não fosse entretenimento tão produtivo.

No entanto, isto não impedia, que apesar do desprezo em que tinha esta qualidade de caça tão fácil, muitos dos seus companheiros mais espertos não se admirassem como ele cobria de feno os bebedouros excessivamente grandes para serem cobertos; pois ninguém sabia, como Pitou, dar a conveniente inclinação às varas de visco, de maneira que ficavam postas de tal forma que os pássaros mais manhosos não podiam beber por lado nenhum sem ficarem presos. Só ele era capaz de calcular com mão certa e bom olho, que porções de pezo, azeite e visco era necessário empregar para que o visco não ficasse nem muito delgado, nem

muito quebradiço.

Ora, como a importância que se dá a certos indivíduos pelas suas qualidades é devida ao lugar e às pessoas com quem vivem, Pitou, era muito considerado na vila de Haramont pelos camponeses seus patrícios, gente habituada a procurar na própria Natureza os recursos para as precisões da vida, e que como todos os rústicos, tinham por instinto ódio à civilização. Portanto, Pitou, gozava de uma tal consideração, que fazia com que sua pobre mãe pensasse que ele trilhava o verdadeiro caminho da honra, e que a educação que se dá a qualquer homem à custa de grandes despesas valia tanto como a que seu filho procurara por si mesmo sem lhe custar nada.

Porém, quando a pobre mulher caiu doente, conhecendo que estava próximo o seu fim e que ia deixar o seu filho só e abandonado no mundo, foi que viu que se enganara, e que era preciso procurar um protector para o futuro órfão. Lembrou-se de

um mancebo, que havia dez anos lhe fora bater à porta uma noite, trazendo-lhe uma criança recém-nascida e deixando-lhe ficar, para sua criação, uma quantia de dinheiro bastante avultada, e além disso também para ela outra quantia ainda maior em poder de um tabelião de Villers-Cotterets. A respeito deste mancebo nada mais pudera saber naquela ocasião senão que se chamava Gilberto. Porém, três anos depois, vira-o aparecer novamente; mostrava então ser homem de vinte e sete anos, apresentando-se com ar sério, falando dogmaticamente, e recebendo as pessoas com modo frio.

Logo que tornou a ver o seu querido menino, essas maneiras tinham desaparecido para darem lugar à alegria que sentia de o achar muito bonito, forte e risonho, isto é, criado à vontade da Natureza, e por isso apertara significativamente a mão à pobre mulher dizendo-lhe só estas palavras:

- Em caso de precisão, conte comigo.

Depois pegou no menino, informou-se

de qual era o caminho para Ermenonville, fez com ele uma visita ao túmulo de Rousseau, e voltou para Villers-Cotterets. Aí, encantado do ar da cidade, e pela informação que o tabelião lhe dera do colégio do abade Fortier, deixou o pequeno Gilberto em casa deste digno homem, de quem logo à primeira vista lhe agradou o aspecto filosófico, porque já naquela época era tal o poder da filosofia, que até entre os próprios eclesiásticos ela se tinha introduzido.

Depois disto, partiu para Paris, deixando ao abade Portier a designação da sua morada.

A mãe de Pitou era sabedora de todos estes pormenores, e por isso as palavras: “Em caso de precisão, conte comigo”, vieram-lhe à idéia como uma inspiração. Sem dúvida a Providência determinara que isto assim acontecesse, para que o infeliz Pitou talvez viesse a achar mais do que perdia. Imediatamente fez chamar o cura, e como não sabia escrever, pediu-lhe que lhe escrevesse

uma carta, que nesse mesmo dia foi levada ao abade Fortier, o qual logo lhe pôs a morada de Gilberto, e a deitou no correio.

Não havia que perder tempo, porque a pobre mulher morreu passados dois dias.

Pitou era ainda muito moço para avaliar a falta que acabava de sofrer. Chorou a morte da mãe, não porque pudesse compreender o que era a separação do túmulo, mas porque vendo-a fria, pálida e desfigurada, pressentia, como por instinto, que o seu anjo tutelar acabava de desaparecer; sabendo, além disso, que, daí em diante, privado de sua mãe, a casa ficava deserta e desamparada; porém, ainda não se tinha lembrado de qual seria o seu futuro; por isso, quando a mãe foi conduzida ao cemitério, quando a terra, depois de cobrir o caixão, formou uma eminência arredondada, assentou-se sobre a cova, e a todos que lhe pediam que saísse do cemitério, respondia, abanando a cabeça, que nunca tinha abandonado sua mãe, e que por isso queria ficar onde ela estava.

Ficou todo o dia e toda a noite sobre a cova.

Foi aí que o digno doutor (nós já diríamos que o futuro protector de Pitou era médico?) foi aí que ele o encontrou, quando, tendo recebido a carta havia quarenta e oito horas e conhecendo toda a força do dever a que se tinha obrigado pela sua promessa, acabava de chegar para a cumprir.

Ângelo tinha poucos anos quando viu pela primeira vez o doutor, porém, como todos sabem, na infância há impressões tão profundas, que deixam eternas recordações, e além disso a aparição do moço misterioso em sua casa deixara nela sinais para nunca ser esquecido. Com o depósito que fizera da criança, de que já falámos, levava a prosperidade à pobre gente, motivo por que todas as vezes que ele ouvia pronunciar a sua mãe o nome de Gilberto, era com uma espécie de adoração; depois, quando sucedeu tornar a vê-lo, já homem feito, e com o grau de doutor, e quando, aos benefícios passados,

acrescentou a promessa do futuro, Pitou julgou, recordando o modo reconhecido de sua mãe, que também devia mostrar-se reconhecido, e sem saber o que dizia, balbuciou as palavras de lembrança eterna e agradecimento profundo que lhe ouvira.

Logo que avistou o doutor através da porta de vidraça do cemitério, conheceu-o; depois, quando viu que se aproximava, atravessando por entre as sepulturas cobertas de relva, e as cruzes quebradas, levantou-se e foi-lhe ao encontro. A este não podia ele dizer que não, como fizera aos outros, porque acabava de ver com que prontidão acudira ao chamamento de sua mãe moribunda, e por isso não opôs resistência alguma, e só voltou a cabeça para trás, quando Gilberto, tomando-o pela mão, o conduziu chorando para fora do recinto mortuário. À porta achava-se um cabriole, em que ambos se meteram, abandonando por algum tempo a casa à salvaguarda da boa fé dos habitantes, e ao interesse que a desgraça inspira; e

dirigindo-se para a cidade, foram apear-se à porta da hospedaria do *Delfim*, que naquela época era tida como a melhor. Logo que aí chegaram, Gilberto mandou chamar um alfaiate, que, previamente avisado, trouxe consigo andainas de fato completas. Foi escolhido para Pitou um fato, que tinha talvez em comprimento e largura mais duas ou três polegadas do que o necessário, mas atendendo à maneira como ele crescia, decerto essa superfluidade não duraria muito tempo. Concluído isto, saíram ambos em procura do bairro que já designamos com o nome de Pleux.

À medida que se aproximavam desse bairro, Pitou demorava o passo, porque sabia já que era levado a casa de sua tia Angélica; e apesar de terem sido poucas as vezes que ele vira a sua madrinha, porque fora a tia Angélica quem o dotara com o seu poético nome de baptismo, conservava desta sua respeitável parenta uma viva recordação.

E na verdade, a tia Angélica nada tinha

de atractivo para um rapaz que estava costumado a todos os carinhos do amor maternal. Era por aquella época uma solteirona de cinqüenta e cinco a cinqüenta e oito anos, embrutecida pelo excesso dos mais minuciosos exercícios da religião, e, levada por uma piedade mal entendida, cerrara o coração a todos os sentimentos para dar lugar a uma grande avidez, que de dia para dia aumentava mais pelo contínuo comércio com as beatas da cidade. Não se podia dizer que vivesse de esmolas, porque, além da venda do linho, que fiava na roca, e do aluguer das cadeiras na igreja, que lhe tinha sido concedido pelo cabido, recebia de tempos a tempos das pessoas caritativas algumas esmolas, que de moeda de cobre convertia em prata, e desta em luíses de ouro, os quais desapareciam, sem que pessoa alguma os visse desaparecer, mas também, sem que ninguém soubesse mais da sua existência, porque os ia esconder um por um na almofada da cadeira em que trabalhava, e

uma vez metidos nesse esconderijo, aí encontravam uma certa quantidade de companheiros, recolhidos como eles a um e um, e também como eles destinados a serem daí em diante seqüestrados à circulação, até que um dia, pela morte da beata, passassem às mãos do seu herdeiro.

Foi, pois, para a morada desta digna parenta, que se dirigiu o Dr. Gilberto, conduzindo pela mão o grande Pitou.

Dizemos o grande Pitou, porque três meses depois do seu nascimento crescera ele mais do que era próprio da idade.

A Sr^a. Rosa Angélica Pitou, na ocasião em que se abriu a porta para dar entrada a seu sobrinho e ao doutor, estava nos seus momentos de bom humor. Enquanto na igreja de Haramont se rezava a missa de defuntos por alma de sua cunhada, tinha havido casamentos e baptizados na de Villers-Cotterets, de maneira que o rendimento das cadeiras num só dia tinha-se elevado a seis libras. A Sr^a. Angélica tinha

pois naquele dia convertido os seus soldos num grosso escudo, o qual, junto a outros, que em diferentes épocas haviam sido postos de reserva, perfaziam um luís de ouro. Esse Luís acabava de se ir juntar a outros, e o dia em que tinha lugar tal junção era de festa para a Sr^a. Angélica.

Foi na ocasião em que, depois de ter fechado a porta, o que fazia sempre durante a operação da reunião do dinheiro, examinava pela última vez a cadeira para se certificar de que nada denunciava o tesouro ali escondido, que o doutor e Pitou entraram.

A cena poderia ter sido muito tocante, porém aos olhos de homem tão recto observador, como era o doutor Gilberto, só foi grotesca. Assim que avistou o sobrinho, a velha beata entrou a falar da sua pobre e querida irmã, que tanto estimava, e fingiu que limpava as lágrimas. Pela sua parte, o doutor queria, antes de tomar uma decisão, conhecer bem do íntimo o coração daquela mulher. Principiou, pois, por fazer-lhe como

que um sermão sobre os deveres das tias para com os sobrinhos. À proporção que o discurso se desenvolvia, e que as palavras fluentes saíam dos lábios do doutor, as lágrimas, quase imperceptíveis da velha beata, iam-se-lhe secando nos olhos, e todas as suas feições retomavam a aridez do pergaminho que parecia cobri-las. Por fim levantou a mão esquerda à altura da barba, e com a direita entrou a calcular pelos descarnados dedos qual a quantia de soldos que o aluguer das cadeiras lhe rendia aproximadamente cada ano; de tal forma que o acaso fez que o cálculo se concluísse ao mesmo tempo que o discurso. Logo que este se acabou, ela no mesmo instante respondeu que, sem embargo de ter estimado muito sua pobre irmã e de ter muito dó do seu querido sobrinho, infelizmente a pequenez dos seus rendimentos era tal que apesar mesmo do duplo título de tia e de madrinha, nenhum aumento podia fazer na sua despesa.

Isto já o doutor esperava, e por isso não

o surpreendeu a recusa; era um grande sectário de idéias modernas, e como se acabava de publicar o primeiro tratado de Lavater, fizera já a aplicação da doutrina fisionómica do filósofo de Zurique às magras e amareladas feições da Sr^a. Angélica.

Resultou deste exame conhecer pelos pequenos e brilhantes olhos da velha Angélica, pelo nariz comprido e pelos delgados beiços, que nela existiam, reunidos numa só pessoa a cobiça, o egoísmo e a hipocrisia.

Já vimos que a resposta não lhe causou a mais pequena admiração; porém, como bom observador, quis experimentar até que ponto ela possuía estas três ínfimas qualidades.

- Mas, senhora, Ângelo Pitou é um pobre órfão, filho de sua irmã, e por humanidade decerto não há-de abandonar o seu sobrinho à caridade pública.

- Mas considere, Sr. Gilberto - respondeu a velha - que é um aumento de seis soldos por dia; porque decerto este rapaz

o menos que come por dia é um arrátel de pão.

Pitou, ao ouvir isto, fez uma careta; bem sabia ele que ao almoço costumava comer arrátel e meio.

- Sem contar o que é preciso gastar em sabão para lavagens - continuou a velha; - e ele então, que tanto suja!

Efectivamente, Pitou sujava muito a roupa, o que não era para admirar, considerando a vida em que se empregava; mas fazendo-lhe a devida justiça, rasgava-a mais do que sujava.

- Pois - continuou o doutor - a Sr^a. Angélica, que é uma pessoa que tanto pratica a caridade cristã, está agora ocupando-se em fazer tais cálculos a respeito de um sobrinho seu e seu afilhado?

- E ainda não contei o que é preciso para conserto do fato! - exclamou com arrebatamento a beata, que bem se lembrava de ter visto sua irmã Madalena coser bastantes canhões nas jalecas, e pôr joelheiras

nos calções de seu sobrinho.

- Desta forma recusa absolutamente tomar seu sobrinho para casa? O pobre órfão, repellido por sua tia, ver-se-á obrigado a mendigar pelas portas dos estranhos?

A beata, por muito avarenta que fosse, conheceu que, recusando receber o sobrinho, este se veria reduzido à última extremidade, e grande ódio recairia sobre ela.

- Não recuso - respondeu ela; - encarrego-me dele.

- Ora muito bem! - exclamou o doutor, contente por ter encontrado ainda um bom sentimento num coração, onde lhe parecia que já se tinham extinguido todos.

- Sim - continuou a beata - encarrego-me de o recomendar aos religiosos Agostinhos de Bourg-Fontaine, para que o recebam no seu convento como leigo.

O doutor, como já dissemos, era filósofo. Sabe-se muito bem o que valia naquele tempo a palavra filósofo. Portanto, resolveu logo arrancar aos religiosos Agostinhos um

neófito, e isto com o mesmo zelo que pela sua parte empregariam os Agostinhos para arrancarem um adepto aos filósofos.

- Está bom - continuou ele metendo a mão na algibeira - uma vez que está numa situação tão precária, que se vê obrigada, por falta de meios, a recomendar seu sobrinho à caridade de outrem, procurarei alguém que possa melhor do que a senhora empregar na manutenção do pobre órfão a soma que eu lhe tenho destinado. Preciso voltar à América, mas antes da minha partida, hei-de pôr seu sobrinho em casa de algum marceneiro ou carpinteiro. Ele mesmo escolherá, conforme a sua vocação. Enquanto eu estiver ausente, crescerá, e à minha volta já o hei-de encontrar sabendo o seu ofício, e verei então o que se poderá fazer dele. Vamos, meu pobre rapaz, abraça tua tia e retiremo-nos.

Ainda bem o doutor não tinha acabado de falar, já Pitou se dirigia, com os compridos braços estendidos para a muito digna mulher.

E efectivamente ele tinha bastante pressa de abraçar sua tia, mas era com a condição de que este abraço seria o sinal entre ambos de uma separação eterna.

Mas a palavra *soma*, ao gesto do doutor metendo a mão na algibeira, e ao som argentino, que a mão logo fizera ouvir, mexendo em uma porção de escudos, de que se podia calcular a quantia pelo volume que faziam na casaca, a beata sentia afluir-lhe ao coração todo o fogo da cobiça.

- Ah! Meu caro Sr. doutor, não sabe decerto uma coisa - exclamou ela.

- Que é? - perguntou o doutor.

- É que ninguém no mundo é capaz de estimar tanto como eu este pobre rapaz!

E entrelaçando os compridos braços com os de Pitou, deu-lhe um beijo em cada face, que o fez estremecer das pontas dos pés à raiz dos cabelos.

- Oh! Certamente - respondeu o doutor - eu bem sei isso. E duvidava tão pouco da sua amizade para com ele, que lho trouxe

directamente, como ao seu natural arrimo. Porém, o que me acaba de dizer, querida senhora, convenceu-me ao mesmo tempo não só da sua boa vontade, mas também da sua impossibilidade, e por isso vejo que é muito pobre para poder amparar outra pessoa ainda mais pobre.

- Ah! Meu caro Sr. Gilberto, pois Deus está no céu, e de lá mesmo não sustenta todas as suas criaturas?

- Isso é verdade - respondeu Gilberto - mas se dá o sustento aos pássaros, não põe os órfãos a aprender ofícios. Ora eis aqui o que é preciso fazer a Ângelo Pitou, e o que decerto à senhora lhe há-de ser muito custoso praticar, vistos os seus poucos meios.

- Com tudo isso, se o Sr. doutor quisesse dar-me a tal quantia?...

- Que quantia?

- A de que me falou, e que tem na sua algibeira - respondeu a velha beata indicando com o seu dedo de ganso as abas da casaca cor de castanha, que o doutor trazia.

- Dar-lha-ei certamente - respondeu este
- mas já a previno, de que há-de ser com uma
condição.

- Qual?

- De que o rapaz há-de ter um ofício.

- Dou-lhe a minha palavra, Sr. doutor,
que há-de ter um - exclamou a devota com os
olhos virados para a algibeira do doutor.

- Promete?

- Prometo.

- Seriamente, não é verdade?

- Por Deus o juro, meu caro Sr. doutor.

E a Sr^a. Angélica estendeu
horizontalmente o descarnado braço.

- Está bem - respondeu o doutor tirando
da algibeira um saco, cujo bojo estava
totalmente cheio - estou pronto a dar-lhe o
dinheiro, como vê; da sua parte está pronta a
responder-me pelo rapaz?

- Pela Virgem, Sr. Gilberto.

- Não jure tanto, senhora, e assine mais.

- Assinarei, Sr. Gilberto, assinarei.

- Diante do tabelião?

- Diante do tabelião.

- Então vamos a casa do tio Niguet.

O tio Niguet, a quem o doutor dava este amigável título por conhecê-lo havia muito tempo, era, como já devem saber os nossos leitores a quem é familiar o nosso livro *José Bálamo*, o tabelião de maior nomeada do lugar.

A Sr^a. Angélica, de quem Niguet era também tabelião, nada teve que opor à escolha feita pelo doutor, e portanto seguiu-o ao escritório indicado, onde foi registrada pelo tabelião a promessa feita pela Sr^a. Angélica Pitou, de tomar à sua conta, procurando-lhe uma profissão honrosa, Luís Ângelo Pitou, seu sobrinho, recebendo ela cada ano a quantia de duzentas libras. Como o contrato fosse feito por cinco anos, o doutor depositou em poder do tabelião oitocentas libras, e duzentas foram pagas adiantadas.

No dia seguinte o doutor deixou Villers-Cotterets, depois de ter regulado algumas contas com um dos rendeiros de que mais

tarde falaremos. Pelo que respeita à Sr^a. Pitou, caiu como um milhafre sobre as duzentas libras, que lhe tinham pago adiantadas, e foi encerrar na poltrona oito bonitos luíses de ouro.

Quanto às oito libras, resto que lhe ficava, foram postas num pires, por onde, desde trinta ou quarenta anos, tinham passado bastantes moedas de diferentes espécies, esperando que a colheita de dois ou três domingos acabasse de completar a quantia de vinte e quatro libras, que tanto era necessário para sofrerem, como já explicamos, a metamorfose dourada e passar então do pires para a cadeira.

III

Ângelo Pitou em casa da tia

Já vimos o pouco gosto que Ângelo Pitou tinha em habitar por muito tempo em casa da sua boa tia Angélica. O pobre rapaz, dotado de um instinto igual, ou mesmo talvez superior ao dos animais que costumava guerrear, adivinhara já quanto teria que sofrer naquela casa, não diremos de decepções, porque já sabemos que nem um só instante se havia enganado, mas de tristeza, atribulações e desgostos.

Importa confessarmos que, depois da partida do doutor, o maior motivo da indisposição de Pitou contra sua tia não era a questão de esta lhe procurar um ofício, porque ela nem sequer se tinha ocupado disso. O tabelião dissera alguma coisa a respeito desta formal convenção, mas a Sr^a.

Angélica respondera que seu sobrinho era ainda muito novo, e de uma saúde muito delicada para se empregar em trabalhos que excediam as suas forças. O tabelião, ouvindo esta observação, admirou o bom coração da Sr^a. Pitou, e por conseguinte este negócio, apesar de urgente, ficou demorado para o ano seguinte, e não se perdia tempo, porque ele acabava apenas de completar doze anos.

Ora, visto que Pitou se achava em casa da tia, enquanto ela se ocupava em excogitar qual seria o maior partido que pudesse tirar de seu sobrinho, ele, pela sua parte, considerando-se na sua antiga floresta, ou com pouca diferença, tinha já tomado todas as suas disposições topográficas para levar em Villers-Cotterets a mesma vida que levava em Haramont.

Com efeito, num passeio que deu pelos arredores, conheceu logo que os melhores bebedouros eram os que se achavam nas estradas de Dampleux, de Compiègne, e de Vivières, e que o sítio mais povoado de caça

era o de Bruyère-aux-Loups.

Pitou, depois de fazer este reconhecimento, tomou as suas disposições.

A coisa era fácil de conseguir, visto que para obter o visco e as varinhas não precisava de gastar dinheiro: a cortiça do azevinho, pisada em um gral e muita água, produzia o visco; enquanto às varinhas, essas havia-as aos milheiros nos álamos das vizinhanças. Pitou, preparou pois, sem dizer a pessoa alguma, um milheiro de varinhas, e um púcaro com visco de primeira qualidade, e numa bela manhã, depois de ter na véspera comprado a um padeiro por conta de sua tia um pão de quatro arráteis, partiu ao amanhecer, passou todo o dia por fora, e só voltou já noite fechada.

Ele não tinha tomado semelhante resolução, sem lhe calcular os resultados; portanto, já antevia uma grande tempestade. Sem ter a sabedoria de Sócrates, conhecia o génio de sua tia tão bem, como o ilustre mestre de Alcibíades conhecia o de sua

mulher Xantipo.

Na verdade, Pitou não se enganara no cálculo, mas contava poder fazer face à tempestade apresentando à velha devota o produto do seu dia. Somente o que não podia saber era o lugar, em que o raio o apanharia. A Sr^a. Angélica estava emboscada atrás da porta, para que seu sobrinho não lhe escapasse ao entrar, de sorte que no momento em que ele se aventurou a pôr o pé em casa, recebeu na nuca um murro, pelo qual, sem precisar de outras informações, reconheceu perfeitamente a mão descarnada da velha beata.

Felizmente, Pitou tinha a cabeça dura, e posto que a pancada apenas o tivesse abalado, para mover o dó de sua tia, em que via aumentar a cólera, em conseqüência do mal que fizera aos próprios dedos com a formidável pancada que lhe dera, fingiu que caía, indo a tropeçar para outro lado do quarto. Depois, vendo que sua tia ainda ia sobre ele com a roca na mão, apressou-se a

tirar da algibeira o talismã com que contava para alcançar o perdão da sua fuga.

Eram duas dúzias de pássaros, entre os quais havia uma dúzia de pintarroxos, e meia de tordos.

A velha abriu os olhos muito espantados, continuou a ralar, mas por formalidade, e mesmo a ralar foi-se apoderando da caça do sobrinho e aproximando-se da luz:

- Que é isto? - exclamou ela.

- Bem vê, minha tia Angélica, são pássaros.

- E são bons para comer? - perguntou a velha, que apesar de ser muito beata era naturalmente gulosa.

- Bons para comer! - exclamou Pitou - ora essa! Pois não vê que são pintarroxos e tordos?

- E onde furtaste esses animais, desgraçadinho?

- Não os furtei, apanhei-os.

- Como?

- No bebedouro.

- Que vem a ser o bebedouro?

Pitou olhou espantado para sua tia; não podia conceber como houvesse no mundo uma pessoa tão falta de educação, que ignorasse o que era um bebedouro.

- O bebedouro? - respondeu ele - é o bebedouro.

- Mas é que eu, Sr. brejeiro, não sei o que é um bebedouro.

Ora, Pitou era cheio de compaixão para com os ignorantes, e por isso respondeu:

- O bebedouro é um pequeno charco; como este onde foi, haverá uns trinta na floresta: põem-se varinhas em roda, e quando os pássaros vêm beber, como não sabem disto, ficam presos.

- A quê?

- Ao visco.

- Ah! Ah! Já percebo - disse a tia Angélica: - mas quem te deu o dinheiro?

- O dinheiro! - exclamou Pitou espantado de haver alguém que pudesse

acreditar que ele em tempo algum possuísse um só real; - o dinheiro, tia Angélica?

- Sim; o dinheiro.

- Ninguém.

- Mas então com que compraste o visco?

- O visco faço-o eu mesmo.

- E as varinhas?

- Também.

- Dessa forma, estes pássaros...

- O que, tia?

- Não te custam nada?

- O trabalho de me abaixar e de os apanhar.

- Pode-se ir muitas vezes ao tal bebedouro?

- Pode-se ir todos os dias.

- Está bom.

- Mas não é preciso...

- Não é preciso... O quê?

- Ir todos os dias.

- A razão?

- Porque isso arruína.

- Arruína o quê?

- O bebedouro. Não vê, tia Angélica, que os pássaros que se apanham...

- Sim, e então!

- Então, já lá faltam.

- Dizes bem - respondeu a velha.

Era esta a primeira vez que a tia Angélica achara razão ao sobrinho desde que ele estava com ela, e por isso esta aprovação fora de costume encantou Pitou.

- Mas - continuou ele - nos dias em que se não for ao bebedouro, vai-se a outra parte. Quando se não apanham pássaros, apanha-se outra coisa.

- Que se apanha?

- Apanham-se coelhos.

- Coelhos?

- Sim. Come-se-lhes a carne e vende-se a pele, e cada pele de coelho produz dois soldos.

A tia Angélica olhou para o sobrinho maravilhada; ela que nunca tinha pensado que ele fosse tão economista. Pitou acabava de se dar a conhecer.

- Mas hão-de ser vendidas por mim as peles dos coelhos? - redargüiu ela.

- Decerto - respondeu Pitou - como fazia a minha mãe.

Nunca passou pela idéia deste rapaz, que do produto da sua caça pudesse reclamar outra coisa, que não fosse a sua parte no consumo.

- E quando vais tu apanhar os coelhos? - perguntou-lhe a tia Angélica.

- Ora! Apenas eu tenha os laços - respondeu Pitou.

- Está bom! Pois então faze os laços.

Pitou abanou a cabeça.

- Tu fizeste o visco e as varinhas.

- É verdade que fiz o visco e as varinhas, mas não sei fazer o arame; isso compra-se.

- E quanto custa?

- Oh! Com quatro soldos - exclamou Pitou calculando pelos dedos - posso fazer duas dúzias.

- E quantos coelhos podes tu apanhar com duas dúzias?

- Isso é conforme; quatro, cinco, e talvez seis! E depois os laços servem muitas vezes, quando o guarda os não acha.

- Toma, aqui tens quatro soldos - disse-lhe a tia Angélica; - compra o arame na loja do Sr. Dambrum, e vai amanhã à caça dos coelhos.

- Irei amanhã pôr os laços - disse Pitou - e só depois de amanhã é que posso saber quantos estão apanhados.

- Está bom, seja assim; mas vai sempre.

O arame vendia-se mais barato na cidade do que no campo, pela razão de que os mercados de Haramont se proviam dele em Villers-Cotterets. Por dois soldos teve Pitou vinte e quatro laços, o resto restituiu-o à tia.

Esta inesperada probidade do sobrinho quase que comoveu a velha, que por instantes lhe passou pela idéia a intenção de o gratificar com os soldos que se não tinham empregado. Mas, infelizmente para Pitou, era um soldo que tinha sido estendido às

marteladas, e que, ao anoitecer, podia passar por dois. Portanto, a Sr^a. Angélica conheceu que lhe não convinha desapossar-se de uma moeda que lhe podia render meio por meio, e meteu o soldo na algibeira.

Pitou notara este movimento, mas não o analisara.

Nunca ao pobre rapaz lhe poderia vir à idéia que sua tia lhe quisesse dar um soldo.

Pôs-se a preparar os laços.

No dia seguinte pediu um saco à tia.

- Para quê? - lhe perguntou a velha, significando grande admiração.

- Porque me é preciso - respondeu Pitou, que era cheio de mistérios.

A tia, sem replicar, deu-lhe o saco que ele pedia, e meteu no fundo a provisão de pão e queijo, que havia de servir para o almoço e jantar do sobrinho, que partiu muito cedo para Bruyère-aux-Loups.

Enquanto à velha, essa principiou por depenar os doze pintarroxos, que destinava comer naquele dia; depois levou dois tordos

ao abade Portier, e os outros quatro foi vendê-los ao estalajadeiro da *Bola de Ouro*, que lhos pagou por três soldos cada um.

A velha perguntou ao estalajadeiro se lhe compraria todos que lhe levasse.

O estalajadeiro prometeu-lhe que compraria pelo mesmo preço todos os pássaros que ela apresentasse.

A tia Angélica entrou em casa radiante de alegria. A bênção do céu tinha entrado para casa com Pitou.

- Ah! - exclamou ela enquanto comia os pintarroxos, que estavam gordos como os verdelhões, tenros como os papa-figos; - é bem certo quando se diz, que um benefício nunca fica sem recompensa.

Quando Ângelo voltou à noite, trazia às costas o saco muito cheio. Desta vez não foi esperado pela tia Angélica atrás da porta, mas sim no limiar; e, em lugar de ser recebido com um murro, foi acolhido com uma careta, que quase se assemelhava a um sorriso.

- Eis-me aqui! - exclamou Pitou

entrando em casa com o modo de quem tinha empregado bem o dia.

- Tu, e o teu saco - disse a tia Angélica.

- Eu, e o meu saco - respondeu Pitou.

- E que trazes nele? - perguntou-lhe a tia, ao mesmo tempo que estendia a mão movida pela curiosidade.

- Trago *faines*¹- respondeu Pitou.

- *Faines*!

- Sem dúvida; a tia Angélica não sabe, que se o tio La Jeunesse, o guarda de La Bruyère-aux-Loups, me visse a rondar o seu campo sem o saco, perguntava-me: “Que vens tu aqui fazer, vadio?” E não digo que não desconfiasse de alguma coisa. Ao passo que, levando o saco, se me perguntar o que vou fazer: “Aqui tem, lhe respondo eu, venho à apanha das *faines*; é proibido apanhar *faines*?” Não. “Muito bem; visto que não é proibido, não tem nada que me dizer.” E

¹ *Faines* é o fruto das faias do Norte. Este fruto produz muito bom azeite, e é ao mesmo tempo para os pobres uma espécie de maná, que lhes cai do céu durante dois meses no ano.

efectivamente, se dissesse alguma coisa, o tio La Jeunesse diria alguma asneira.

- Visto isso, passaste o dia a apanhar *faines* em vez de armar os teus laços, preguiçoso? – exclamou a tia Angélica, que no meio de todas as finezas para com o sobrinho julgava já que se lhe escapavam os coelhos.

- Ao contrário, armei os laços apanhando sempre *faines* e de tal maneira que o tio La Jeunesse não foi capaz de me ver trabalhando.

- E não te disse nada?

- Sim, disse: “Ouviste? Dá lá saudades à tia Pitou.” Hem! Sempre é bem bom homem, o pai La Jeunesse, não é verdade?

- Mas os coelhos? - replicou a tia Angélica, a quem nada podia fazer perder a idéia principal.

- Os coelhos? A lua nasce à meia-noite, pois à uma hora irei ver se eles caíram.

- Onde?

- Ao bosque.

- Não tens medo?

- Medo! De quê?

A tia Angélica ficou tão maravilhada do ânimo de Pitou quanto o estava das suas especulações.

O facto era que Pitou, simples como um filho da Natureza, não conhecia nenhum dos perigos factícios, que experimentam os rapazes das cidades.

Em vista disso, à meia-noite, partiu costeando o muro do cemitério, sem nunca olhar para trás. O rapaz inocente que nunca ofendera, ao menos em suas idéias de independência, nem a Deus nem aos homens, tinha tanto medo dos mortos como dos vivos.

Só temia uma única pessoa: era o tio La Jeunesse; pelo que teve a precaução de fazer um rodeio para lhe não passar junto da casa. Como as portas e as janelas estavam todas fechadas, e tudo em sossego no interior da casa, Pitou, para se certificar de que o guarda se achava efectivamente recolhido e não no seu posto, pôs-se a fingir os latidos de um

cão, tanto ao natural, que *Ronflot*, o cão de guarda do tio La Jeunesse, se enganou com a provocação, e respondeu ladrando pela sua parte de goelas escancaradas, vindo farejar por debaixo da porta.

Desde este momento, Pitou ficou tranqüilo. Estando *Ronflot* em casa, era certo que também o estava o tio La Jeunesse. *Ronflot* e o tio La Jeunesse eram inseparáveis, e quando se via um podia-se estar certo de que não tardaria a aparecer o outro.

Pitou, perfeitamente sossegado a este respeito, encaminhou-se pois para Bruyère-aux-Loups. Os laços tinham produzido a sua obra: estavam dois coelhos presos e estrangulados.

Pitou meteu-os na ampla algibeira da sotaina extremamente comprida, que dentro de um ano se devia tornar muito curta, e dirigiu-se para casa da tia.

A santa mulher tinha-se deitado, mas a ambição conservava-a ainda acordada. Como Perrette, já fizera a conta do que lhe

poderiam render quatro boas peles de coelho por semana, e essa conta havia-a levado tão longe, que não pudera ainda pregar olho, por isso foi com um certo estremecimento nervoso que ela interrogou o sobrinho.

- Um par, e assevero-lhe que não foi por minha culpa que não trouxe mais; mas parece que têm o diabo no corpo os coelhos do tio La Jeunesse.

As esperanças da tia Angélica estavam satisfeitas, e até excedidas. Pegou, cheia de alegria, nos dois pobres animais e examinou-lhes a pele, que se conservava intacta, e foi-os fechar na copa, que desde que existia nunca tinha visto provisões semelhantes às que recebera desde o dia em que Pitou fizera propósito de a guarnecer.

Depois, com uma voz extremamente doce, disse a Pitou que se deitasse, o que ele por muito fatigado fez imediatamente, sem sequer pedir de cear, com o que muito penhorada ficou a boa da tia.

No dia seguinte, Ângelo Pitou renovou

a tentativa e desta vez ainda foi mais feliz do que da primeira; apanhou três coelhos.

Dois foram para a *Bola de Ouro*, e o terceiro para o presbitério. A tia Angélica tratava com muito cuidado o abade Portier, porque este a recomendava pelo seu lado às almas caridosas da freguesia.

Assim correram as coisas durante três meses. A tia Angélica estava encantada, e Pitou achava o seu estado suportável. Efectivamente, a não ser o amor da mãe, que sempre lhe suavizara a existência, Pitou levava quase a mesma vida em Villers-Cotterets que em Haramont. Todavia, um caso inesperado, que aliás devia ser previsto, pôs ponto nas delícias da tia, interrompendo as expedições do sobrinho.

Recebera-se uma carta do Dr. Gilberto, datada de Nova Iorque. Apesar de estar na América, o filósofo viajante não se esquecera do seu protegido. Escrevera ao tabelião Niguet para saber se as suas instruções tinham sido seguidas, e reclamar a execução

do contrato se o não tivessem sido, ou a rescisão se não as quisessem seguir.

O caso era grave: a responsabilidade do tabelião era séria, e portanto ele apresentou-se em casa da tia Pitou com a carta do doutor na mão, reclamando-lhe o cumprimento da sua promessa.

Em vista disto, não havia que alegar porque o pretexto de pouca saúde era desmentido pela presença de Pitou. Pitou era alto e magro, mas os pinheiros da floresta eram também altos e delgados e nem por isso deixavam de vegetar perfeitamente.

A Sr^a. Angélica pediu oito dias para se dispor de ânimo, a fim de escolher o ofício que o sobrinho devia abraçar.

Pitou estava tão triste como a tia. O ofício que exercia parecia-lhe de tal modo excelente, que não desejava outro.

Durante dois dias não se tratou do bebedouro nem de furtar caça, porque chegara o Inverno, e nessa estação os pássaros bebiam por toda a parte; depois,

dentro em pouco, viria a neve, e Pitou não se atreveria a ir armar laços. A neve conserva visíveis as pegadas de quem transita, e os pés de Pitou eram os mais seguros fiadores de que o tio La Jeunesse saberia dentro de vinte e quatro horas o nome do ladrão que lhe despovoava a coutada.

Durante oito dias as garras da santa mulher estiveram em descanso. Pitou tornara a encontrar a tia Angélica doutro tempo, aquela que tanto medo lhe metia, e a quem o interesse, móvel poderoso de toda a sua vida, por momentos encolhera as unhas.

À medida que se aproximava o prazo, as maneiras da tia Angélica tornavam-se cada vez mais desabridas. Chegara-se ao quinto dia e Pitou desejava que sua tia se decidisse imediatamente por um ofício qualquer, contanto que não fosse o de sofrer dores, como as que estava sofrendo junto da santa mulher.

Todavia, uma idéia sublime se lhe revolvía na mente agitada, e esta idéia deu-

lhe o sossego de que não gozava havia seis dias.

Consistia em pedir ao abade Fortier que o recebesse na sua classe sem retribuição alguma, e que lhe obtivesse o benefício fundado no seminário por Sua Alteza o duque de Orleans. Era uma aprendizagem, que nada custava à tia Angélica, e o Sr. Fortier, sem contar os tordos, melros e coelhos com que a velha devota o regalava havia seis meses, devia mais alguma consideração, do que a nenhum outro, ao sobrinho da alugadora de cadeiras da sua igreja. Assim subordinado ao toque da sineta, Ângelo conformava-se com o presente e prometia muito para o futuro.

Ângelo Pitou foi com efeito recebido gratuitamente em casa do abade Fortier.

O abade era bom homem, e muito desinteressado, dava a sua ciência aos pobres de espírito, e o seu dinheiro aos pobres de corpo; num só ponto era intratável; os solecismos punham-no fora de si, e os

barbarismos tornavam-no furioso. Neste caso, não conhecia amigos nem inimigos, nem pobres nem ricos, nem alunos contribuintes, nem discípulos gratuitos; castigava a torto e a direito e com um estoicismo lacedemónio; e como os braços eram fortes, batia com firmeza. O seu sistema era conhecido dos pais de família; e como lhes fosse livre o porem ou deixar de pôr os filhos debaixo da direcção do abade, exigia-lhes este que os rapazes fossem inteiramente entregues à sua disposição, e por isso a todas as reclamações maternas o abade respondia com este dizer, que mandara gravar na palmatória: “Quem bem ama bem castiga.”

Ângelo Pitou, recomendado pela tia, foi recebido entre os alunos do abade Fortier. A velha devota, ativa com aquela recepção, muito menos agradável a Pitou, a quem interrompia a vida errante e independente, apresentou-se em casa do Sr. Niguet, e anunciou-lhe que não só se conformava com as intenções do doutor Gilberto, mas que até

faria mais do que isso. Efectivamente o doutor tinha exigido para Ângelo Pitou um estado honroso, e ela dava-lhe mais do que isso, pois lhe dava uma educação esmerada; e onde lha dava? No mesmo colégio onde Sebastião Gilberto recebera a sua pagando cinqüenta francos.

Em verdade, Ângelo Pitou recebia a sua educação grátis; mas que necessidade havia de fazer esta confidência ao doutor Gilberto? Não era bem conhecida a imparcialidade e desinteresse do abade Fortier? Ele também, como seu sublime Mestre, abria os braços, dizendo: “Deixai aproximar de mim as crianças.” Unicamente havia uma diferença, e era que as mãos paternas do abade estavam armadas, uma com os rudimentos, a outra com um molho de disciplinas; de sorte que as mais das vezes, ao contrário de Jesus, que recebia as crianças chorosas e as enviava consoladas, o abade Fortier via encaminharem-se para ele as pobres crianças amedrontadas e retirarem-se sempre

chorando.

O novo aluno fez a sua entrada na aula com a caixa de folha debaixo do braço, um tinteiro na mão, e dois ou três troços de penas entaladas nas orelhas. A caixa era destinada a servir, bem ou mal, de estante; o tinteiro era presente do tendeiro, e os troços das penas tinham sido furtados pela Sr^a. Angélica ao Sr. Niguet, quando na véspera lhe fora fazer uma visita.

Ângelo Pitou foi recebido com a doce fraternidade, que nasce entre as crianças e que se perpetua entre os homens, isto é, entre vaías e apupos. Toda a classe se pôs a motejar-lhe do feitio. Foram presos dois alunos por causa do cabelo louro, e outros dois por causa dos maravilhosos joelhos, de que já nos ocupámos. Os dois últimos tinham dito que as pernas de Pitou se pareciam com as cordas de um poço, em que tivessem dado alguns nós. A lembrança fora bem acolhida, andara de boca em boca, e excitara a hilaridade geral, e por conseqüência a

susceptibilidade do abade Fortier.

Desta sorte, feitas as contas, ao sair da aula ao meio-dia, isto é, depois de quatro horas de classe, Pitou, sem ter dirigido uma única palavra a pessoa alguma, e sem ter feito outra coisa mais do que bocejar atrás da caixa, contava já seis inimigos na classe, e seis inimigos tanto mais encarniçados contra ele quanto Pitou não lhes tinha dado motivo algum de queixa. Em vista do que, fizeram sobre o fogão, que na classe representava o altar da pátria, o juramento solene uns de lhe arrancarem o cabelo louro, outros de lhe machucarem os olhos gaios, e os outros de lhe endireitarem as pernas cambaias.

Pitou ignorava inteiramente estas disposições hostis. Ao sair perguntou a um dos vizinhos por que motivo seis condiscípulos ficavam enquanto os outros saíam.

O vizinho olhou para Pitou de revês; chamou-lhe perverso chocalheiro, e afastou-se sem querer travar conversa com ele.

Pitou perguntou a si mesmo como, não tendo dito uma palavra sequer durante toda a lição, podia ser um perverso chocalheiro. Porém, durante o decurso dessa mesma lição, ouvira dizer, uma vez aos alunos, outras ao abade Fortier, tantas coisas que não pudera perceber, que colocou a acusação do vizinho no número das coisas extremamente elevadas para a sua inteligência.

Vendo a tia Angélica voltar Pitou ao meio-dia, e empenhada a respeito de uma educação, para a qual diziam que fizera tão grandes sacrifícios, perguntou ao sobrinho o que aprendera.

Pitou respondeu que tinha aprendido a calar; digna resposta de um pitagórico, com a diferença de que um pitagórico tê-la-ia dado por um aceno.

O novo aluno tornou de novo para a lição da uma hora, sem mostrar a menor repugnância. A lição da manhã fora empregada pelos alunos em examinarem o físico de Pitou; a da tarde foi empregada pelo

professor em examinar-lhe o moral. Feito o exame, o abade Fortier ficou convencido de que Pitou teria toda a disposição para vir a ser um Robinson Crusoé, mas nenhuma tendência para se assemelhar nem de longe a um Fontenelle ou a um Bossuet.

Durante toda esta lição, muito mais maçadora para o futuro seminarista do que a da manhã, os estudantes que tinham sido castigados por causa dele, mostraram-lhe o punho por muitas vezes. Em todos os países, civilizados ou não, esta demonstração passa por um sinal de ameaça; em consequência do que Pitou se apercebeu para o que desse e viesse.

O nosso herói, efectivamente, não se enganara; ao sair, ou antes, tanto que saíram das dependências da casa colegial, foi dito a Pitou, pelos seis estudantes, que tinham sido presos, que ele lhes havia de pagar as duas horas de prisão arbitrária que tinham sofrido com capital e juros.

Pitou percebeu que se tratava de

pugilato, e posto que estivesse bem longe de ter estudado o sexto livro da Eneida, onde o jovem Dares e o velho Enteio se entregam a este exercício, com grandes aplausos dos troianos fugitivos, conhecia este género de recreação, que não era de todo estranho aos habitantes da sua terra. Em vista disto, declarou que entraria na liça contra aquele dos seus adversários que quisesse começar, e faria frente sucessivamente aos seus inimigos.

Esta declaração começou logo por lhe valer grande consideração.

As condições foram mantidas tal qual as propusera Pitou. Formou-se um círculo em roda da liça, e os campeões depois de terem despedido um a sua jaleca e outro a sotaina, avançaram um para o outro.

Nós já falámos das mãos de Pitou: não eram gratas à vista, pois muito menos o eram ao sentir. Pitou tinha os punhos extremamente grossos, tão grossos como cabeças de criança, e posto que o jogo de murro ainda não estivesse introduzido em

França, e que por isso Pitou não tivesse recebido nenhuns princípios elementares dessa arte, conseguiu descarregar sobre o olho do seu primeiro adversário um murro tão perfeitamente ajustado, que o rapaz ficou logo com ele rodeado de um círculo negro tão geometricamente desenhado como se o mais hábil matemático lhe tivesse tomado a medida com o compasso.

Apresentou-se o segundo. Se Pitou tinha contra si a fadiga de um segundo combate, tinha a seu favor ser o adversário visivelmente menos forte de que o primeiro. O combate foi portanto mais breve. O tremendo punho desabou sobre o nariz do segundo antagonista, e as duas ventas, dilatando-se pela pujança do golpe, deixaram escapar dois jorros de sangue.

O terceiro ficou quite pela sua parte com um dente quebrado, e ainda assim foi o menos maltratado de todos, os outros declararam-se satisfeitos.

Pitou fendeu a multidão, que se abriu

ante ele com o respeito devido aos triunfadores, e retirou-se são e salvo para os seus lares, ou antes para os de sua tia.

No dia seguinte, quando os três estudantes apareceram, um com o olho pisado, outro com o nariz esmurrado, e o terceiro com os beijos inchados, o abade Fortier procedeu logo a um inquérito. Mas os colegiais também têm alguma coisa boa; nenhum dos estudantes estropiados foi indiscreto; e só foi por via indirecta, isto é, por uma testemunha da rixa, inteiramente estranha ao colégio, que o abade Fortier soube no dia seguinte que fora Pitou quem fizera na cara dos seus discípulos o estrago que na véspera lhe excitara a solicitude.

O abade Fortier era responsável para com os parentes dos seus estudantes, tanto pelo moral como pelo físico, em consequência do que recebeu a tríplice queixa das três famílias respectivas. Em vista disto, era indispensável uma reparação. Pitou foi condenado a três dias de detenção: um dia

pelo olho, outro pelo nariz e outro pelo dente.

Estes três dias de detenção sugeriram à Sr^a. Angélica uma engenhosa idéia: foi suprimir a Pitou o jantar cada vez que o abade Fortier lhe suprimisse a saída. Esta determinação devia necessariamente tornar-se em proveito da educação de Pitou, pois que o obrigava a tomar conta em si duas vezes antes de cometer qualquer falta, visto que ela traria consigo duplo castigo.

O que unicamente Pitou nunca compreendeu foi o motivo por que o apodaram de chocalheiro, ele que nada dissera, e como havia sido castigado por ter dado naqueles que lhe tinham querido bater; mas se ele percebesse logo tudo o que vai pelo mundo, seria o mesmo que perder um dos principais encantos da existência, o mistério e o imprevisto.

Pitou passou os três dias de detenção, contentando-se com almoçar.

Contentando-se, não é o termo próprio, porque Pitou nunca se contentou tal; mas a

nossa língua é tão pobre e a académica tão severa, que é necessário *contentarmo-nos* com o que temos.

O castigo sofrido por Pitou, sem que ele denunciasse a agressão a que não fizera senão responder, granjeou-lhe a consideração geral. Verdade é que os três magistrais murros que lhe tinham visto descarregar, muito concorreram para essa consideração.

A contar daquele dia, a maneira de viver de Pitou foi pouco mais ou menos a mesma que a dos outros estudantes, com a pequena diferença de que os outros rapazes davam conta mal ou bem das suas lições, ao passo que Pitou permanecia obstinadamente nas primeiras cinco ou seis frases, e acumulava quase sempre enorme número de detenções, o dobro das dos seus condiscípulos.

Mas note-se, que uma coisa inata em Pitou, resultante da primeira educação que recebera, ou antes, que não recebera, uma coisa pela qual se devia contar pelo menos um terço das numerosas detenções que sofria,

era a sua natural inclinação para os animais.

A famosa caixa com que a tia Angélica o brindara com a alcunha de estante, tornara-se, graças à sua amplitude e aos repartimentos numerosos com que Pitou a enriquecera, uma espécie de arca de Noé, contendo casais de bichos trepadores, rasteiros e voláteis. Havia lagartos, cobras, formigas, leões, escaravelhos e rãs, animais que se tinham tornado tão queridos de Pitou, que por causa deles sofria castigos mais ou menos severos.

De ordinário, era nos passeios semanais que Pitou fazia a apanha para a sua colecção. Desejara salamandras, muito vulgares em Villers-Cotterets, e que Francisco I tomara por brasão de armas e fizera esculpir em todos os fogões dos seus palácios, e tinha conseguido alcançá-las; só uma coisa o preocupara fortemente, e tanto assim, que terminara por colocá-la no número das que lhe ultrapassavam a inteligência; era ter sempre encontrado na água estes répteis, que,

como pretendem os poetas, vivem no fogo. Esta circunstância infundira em Pitou, que era espírito positivo, um profundo desprezo pelos poetas.

Pitou, tendo-se tornado proprietário de duas salamandras, tratou mais de procurar um camaleão; mas desta vez debalde fez as maiores pesquisas, nenhum resultado lhe coroou os trabalhos. Pitou terminou por concluir destas tentativas infrutuosas que o camaleão não existia, ou, se existia, era noutros países.

Tendo assentado nisto, não tratou mais de procurar camaleões.

Enquanto aos outros dois terços das detenções de Pitou, eram causados pelos chamados solecismos e malditos barbarismos, que inçavam os temas de Pitou como o joio inça os campos de trigo.

Quanto às quintas-feiras e domingos, dias de sueto, eram da mesma maneira empregados em armar aos pássaros ou em furtar caça; a diferença estava em que, como

Pitou ia crescendo, pois já tinha cinco pés e quatro polegadas, com os seus dezesseis anos de idade, sobreveio uma circunstância que o distraiu um tanto das suas ocupações predilectas.

No caminho de Bruyère-aux-Loups está situada a vila Pisseleux, a mesma talvez que deu o nome à bela Ana de Heilly, concubina de Francisco I.

Nessa vila erguia-se a herdade do tio Billot, e ao portal dessa herdade conservava-se, casualmente, quase todas as vezes que Pitou ali passava, uma rapariga de dezessete para dezoito anos, bela, esperta, jovial, que tinha por nome de baptismo Catarina, mas que era tratada quase sempre por Billot, apelido do pai.

Pitou começou por cumprimentar Billot; depois, a pouco e pouco, foi-se animando e continuou cumprimentando e sorrindo; afinal, num belo dia, depois de a ter cumprimentado, e depois de se ter sorrido, parou e abalançou-se, todo envergonhado, a

soltar esta frase, que considerava como uma grande ousadia:

- Bons dias, Sr^a. Catarina.

Catarina era boa rapariga, e por isso recebeu Pitou como se fosse já um antigo conhecimento. E era efectivamente um conhecimento antigo, porque havia já dois ou três anos que ela o via passar pela herdade, pelo menos uma vez por semana. A diferença estava em que Catarina via Pitou, mas este não via Catarina. Era porque, quando Ângelo principiou a passar ali, Catarina tinha dezesseis anos e Pitou só catorze. Já observamos o que aconteceu a Pitou logo que completou dezesseis anos.

Portanto Catarina tinha podido ir apreciando os talentos de Pitou, porque Pitou lhe fazia participar deles, oferecendo-lhe os melhores pássaros, os coelhos mais gordos. Disto resultou que Catarina fez os seus cumprimentos a Pitou, e este, que era muito sensível aos cumprimentos, que lhe acontecia raras vezes receber, deixava-se ir por água

abaixo levado pelos encantos da novidade, e em lugar de continuar, como fazia até então, o seu caminho até Bruyère-aux-Loups, demorava-se a meio dele, e em vez de se ocupar durante o dia a apanhar *faines* e a armar aos pássaros, perdia o tempo em volta da herdade do tio Billot, com a suave esperança de ver Catarina.

Disto resultou uma diminuição sensível no produto das peles de coelho, e uma falta de pintarroxos e tordos no orçamento da tia Angélica. Queixou-se ela disto amargamente. Pitou respondeu-lhe que os coelhos se tinham tornado ariscos, e os pássaros tinham dado pelo visco e bebiam já nos côncavos das folhas e dos troncos das árvores.

No meio de tudo isto uma coisa consolava a tia Angélica da inteligência intempestiva dos coelhos e da finura dos pássaros, que ela atribuía ao progresso da filosofia, era que seu sobrinho obteria o benefício, entraria no seminário e ali passaria três anos, saindo depois abade. Ora ser ama

de um abade era a eterna ambição da Sr^a. Angélica.

E essa ambição não devia deixar de se realizar, porque Ângelo Pitou, logo que fosse abade, tomaria imediatamente a tia por ama, sobretudo depois do que ela por ele fizera.

A única coisa que perturbava os dourados sonhos da pobre mulher foi, assim que falou das suas esperanças ao abade Fortier, ter-lhe respondido este, abanando a cabeça:

- Minha cara Sr^a. Pitou, para vir a ser abade, era necessário que o seu sobrinho se entregasse menos à história natural, e mais ao *De viris illustribus*, ou às *Selectae e profanis scriptoribus*.

- E que quer isso dizer? - perguntou a Sr^a. Angélica.

- Que ele diz muitos barbarismos e infinitos solecismos - replicou o abade Fortier.

A tia Angélica não percebeu a resposta, mas ficou muito pesarosa.

IV

Da influência que podem ter na vida de um homem um barbarismo e sete solecismos

Os pormenores de que nos temos ocupado até agora eram indispensáveis ao leitor, qualquer que seja o grau de inteligência que lhe suponhamos, para que pudesse perceber bem todo o horror da posição em que se achava Pitou, vendo-se expulso da escola.

Com um braço pendente, e o outro segurando a caixa em equilíbrio sobre a cabeça, retinindo-lhe ainda nos ouvidos as interjeições furiosas do abade Fortier, encaminhou-se para Pleux, com uma tal concentração de espírito, que não era mais que o torpor levado ao mais alto grau.

Enfim, uma idéia lhe assomou à mente, e três palavras, que cifraram todo o seu pensamento, lhe escaparam dos lábios:

- Jesus! E minha tia!

E efectivamente, que diria a Sr^a. Angélica Pitou daquela aniquilação de todas as suas esperanças?

Contudo, Ângelo só conhecia os projectos da tia como os cães fiéis e inteligentes conhecem as intenções do dono, isto é, pelo exame da fisionomia. O instinto é um guia precioso, que nunca nos engana; ao passo que o raciocínio pode ser falseado pela imaginação.

O que originou as reflexões de Ângelo Pitou, e o que lhe fez brotar dos lábios a lamentosa exclamação que mencionámos, foi antever qual seria o desapontamento da tia, quando soubesse da fatal nova. Ora ele conhecia, por experiência, qual era o resultado de qualquer pesar da Sr^a. Angélica; desta vez, porém, havia a diferença de que o motivo da zanga era de um poder

incalculável, e os resultados deviam corresponder-lhe.

E aí está sob que medonha impressão Pitou entrou em Pleux. Gastara perto de um quarto de hora no caminho que vai da porta principal do abade Fortier à entrada da vila, quando a distância não chegaria a trezentos passos.

Nisto o relógio da igreja deu uma hora.

Percebeu então que o seu diálogo supremo com o abade, e o vagar com que caminhara, o haviam retardado sessenta minutos, e que por conseqüência, uma vez passados trinta, tinha decorrido o prazo peremptório, depois do qual se não jantava mais em casa da tia Angélica.

Como já dissemos, tal era o régimen salutar que a santa mulher tinha estabelecido ao mesmo tempo para as tristes detenções e para as travessuras do sobrinho; desse modo economizava ela uns sessenta jantares à custa do pobre Pitou.

Mas desta vez o que mais inquietava o

pobre estudante não era o parco jantar da tia; bem magro havia sido o almoço e no entanto Pitou tinha o coração tão cheio que não dava pelo vazio do estômago.

Há um horrível suplício, conhecidíssimo de todo o estudante, por mais relaxado que seja, que é a sua estada ilegítima, depois de uma expulsão colegial, em qualquer esconderijo, por mais retirado e oculto que pareça; é sobretudo a gazeta definitiva e forçada que é obrigado a fazer enquanto os seus condiscípulos passam de papéis e livros debaixo do braço para o seu trabalho quotidiano. Então o colégio, até esse momento tão odiado, começa a ser apetecido, e o estudante ocupa-se verdadeiramente do importante trabalho dos temas e versões, de que nunca tratara e que se discutem no colégio na sua ausência. Quantas relações não há entre o estudante expulso e o excomungado pela sua impiedade, que perdeu o direito a entrar na igreja, e arde em desejos de ouvir missa?

Acontecia isto mesmo ao pobre Pitou, porque à medida que se aproximava da casa de sua tia, o viver nessa casa parecia-lhe horroroso; e foi então a primeira vez, em toda a sua vida, que se lhe figurou ser a escola um paraíso terrestre de que o abade Fortier, como anjo exterminador, acabava de o expulsar com a sua palmatória em lugar da espada coruscante.

Todavia, apesar dele caminhar devagar, e de fazer grandes paradas de dez em dez passos, paradas que se tornavam mais longas à proporção que se aproximava, e que não podia deixar de se aproximar da porta daquela casa temida por ele, Pitou transpôs finalmente o limiar, quase que arrastando-se e levando maquinalmente a mão ao barrete.

- Ai! Tia Angélica, estou muito doente! - exclamou ele para prevenir todos os ralhos e argüições, e talvez para ver se o lastimavam.

- Está bom - disse a tia Angélica; - já sei qual é o mal: curá-lo-ei facilmente desandando o ponteiro do relógio hora e

meia.

- Oh! Não! - acudiu amargamente Pitou.

- Não tenho vontade de comer.

A tia Angélica ficou tão assombrada como inquieta. Uma doença inquieta tanto uma boa mãe como uma madrasta; a mãe com receio do perigo que causa o mal, a madrasta com o medo de que ele lhe entre pelos haveres.

- Mas então que tens? Anda, fala - disse a velha.

A estas palavras, pronunciadas sem grande agrado, Ângelo Pitou desfez-se em lágrimas: e cumpre confessar que as caretas que fazia passando das lamúrias às lágrimas, eram das mais feias e desagradáveis que se podiam ver.

- Oh! Minha tia, aconteceu-me uma desgraça muito grande - respondeu ele.

- Que foi?

- O abade pôs-me fora - exclamou por fim Ângelo Pitou soltando estrepitosos soluços.

- Pôs-te fora? - replicou a Sr^a. Angélica, como se não percebesse bem.

- Pôs, sim, senhora.

- E donde te pôs ele fora?

- Do colégio.

E os soluços de Pitou redobraram.

- Do colégio?

- Sim, senhora.

- E para sempre?

- Sim, senhora.

- Visto isso não haverá exames, nem concursos, nem benefício, nem seminário?

A estas palavras os soluços de Pitou converteram-se em roncoss, e a Sr^a. Angélica encarou com ele como se quisesse ler no íntimo do coração do sobrinho as causas da expulsão.

- Apostemos que tornaste a fazer alguma gazeta, ou que levaste o tempo a rondar a herdade do tio Billot? Não tens vergonha, um futuro abade!

Ângelo abaixou a cabeça.

- Tu mentes! - bradou a velha, cuja

cólera aumentava à proporção que se convenciam da verdade de que o lance era grave; - tu mentes! Ainda no domingo te vi na alameda dos Suspiros com a Billot.

Desta vez era a Sr^a. Angélica que mentia; mas em todo o tempo as beatas se têm julgado autorizadas a mentir em virtude deste axioma jesuítico: “É permitida a mentira para se saber a verdade.”

- É impossível que me vissem na Alameda dos Suspiros - retorquiu Ângelo; - é impossível, porque nós não passámos do lado do pomar.

- Ah! Desgraçado! Por isso se vê que estavas com ela.

- Mas, minha tia - replicou Pitou corado - agora não se trata da menina Billot.

- Sim, chama-lhe menina para ocultar o teu passatempo impuro! Mas deixa estar que eu advertirei o confessor daquela delambida.

- Porém, minha tia, asseguro-lhe que a menina Billot não é delambida.

- Ah! Pois tu defende-la quando és tu

que tens precisão de desculpa! Logo, vocês entendem-se um com o outro? Onde irá isto parar, meu Deus? Rapazes de dezesseis anos!...

- A minha tia está enganada; é o contrário do que está dizendo. Tanto não me entendo com a Catarina, que ela nunca me dá cavaco.

- Ah! Vocês bem vêem que eu bem os entendo. Olha a sem-cerimónia com que lhe chamas a Catarina. E que quer isso dizer, hipócrita? Ela não te dá cavaco, mentiroso... senão quando olhas para ela.

- Ta, ta, ta! -disse para si Pitou, inopinadamente inspirado; - ta, ta, ta! E eu que não tinha pensado nisso!

- Tu vês - disse a beata aproveitando-se da enganosa exclamação do sobrinho para o convencer de convivência com a Billot - que percebo as coisas? Mas deixa, que eu vou arranjar tudo. O abade Fortier é o seu confessor, vou pedir-lhe que te faça encarcerar, e que te ponha a pão e água por

quinze dias, e enquanto à menina Catarina, se for necessário, terá um convento para moderar a paixão que tem por ti. Dentro em pouco, vê-la-emos em Saint-Remy.

A velha beata pronunciou as últimas palavras com uma tal autoridade e convicção do seu poder, que fez estremecer Pitou.

- Oh! Minha tia - disse-lhe pondo as mãos - olhe que se engana; juro que a menina Billot não concorreu em nada para a minha desgraça.

- A impureza é a mãe de todos os vícios - disse sentenciosamente a Sr^a. Angélica.

- Mas, minha tia, torno a repetir que o Sr. abade não me expulsou porque eu fosse *impuro*; expulsou-me porque eu fazia muitos barbarismos, misturados com alguns solecismos, que me escapam também de quando em quando, e que me tiram, segundo ele diz, toda a probabilidade de alcançar o benefício do seminário.

- Toda a probabilidade, dizes tu? Visto isso, nunca alcançarás o benefício, não serás

abade, nem eu serei tua ama?

- Jesus! Não, minha tia!

- Então que hás-de vir a ser? - perguntou a velha acesa em ira.

- Não sei - respondeu Pitou erguendo lamentavelmente os olhos para o céu; - serei o que a Providência quiser.

- Ah! A Providência?... Já percebo o que isso é exclamou a tia Angélica. - Quem lhe falaria destas idéias novas, e quem lhe terá inculcado estes princípios de filosofia?

- Está enganada, minha tia, porque não se pode entrar em filosofia senão depois de ter dado a retórica, e eu nunca pude passar do 3.º ano.

- Muito bem, muito bem. Não é dessa filosofia que te falo; falo da filosofia de Diderot, que compôs a *Religiosa*.

Nisto a Sr^a. Angélica persignou-se.

- A *Religiosa*? - perguntou Pitou - que é isso minha tia?

- Tu já a leste, desgraçado?

- Juro-lhe que não, minha tia.

- Aí está porque tu não queres nada com a igreja.

- Engana-se, minha tia; a igreja é que não quer nada comigo.

- Este rapaz é pior que uma serpente! Não vêem como ele replica?

- Não, minha tia; eu só respondo.

- Está perdido decididamente! - exclamou a Sr^a. Pitou com os sinais do mais profundo abatimento, deixando-se cair na sua poltrona habitual.

E com efeito, aquele *está perdido*, significava: Estou perdida!

O perigo estava iminente. A tia Angélica tomou uma resolução suprema; levantou-se da cadeira, como se uma mola a pusesse em pé, e correu a casa do abade Fortier para lhe pedir explicações, e sobretudo para tentar com ele um último esforço.

Pitou seguiu-a com os olhos até à porta; depois, assim que ela desapareceu, chegou também à porta e viu-a caminhar com uma rapidez, que lhe não era habitual, para a rua

Soissons. À vista disto, Pitou não teve mais dúvida das intenções da Sr^a. Angélica e convenceu-se de que efectivamente ela ia a casa do professor.

Isto devia-lhe render pelo menos um quarto de hora de tranqüilidade. Pitou tratou pois de utilizar o tempo que a Providência lhe deparava. Juntou os restos do jantar da tia para dar aos lagartos; apanhou duas ou três moscas para as formigas e rãs; depois, abrindo sucessivamente a arca do pão e o armário, tratou de se alimentar também a si, porque com a solidão voltara-lhe o apetite.

Depois de ter tomado todas estas disposições, foi espreitar à porta, para não ser surpreendido pela chegada da sua segunda mãe.

A Sr^a. Angélica intitulava-se segunda mãe de Pitou. No entanto ele espreitava uma bela rapariga que passou pelo fim do Pleux, seguindo a viela que vai dar da extremidade da rua Soissons à rua de Lormet. Ia montada na garupa de um cavalo carregado com dois

cestos vindimos, um cheio de frangos, outro de pombos. Era a menina Catarina, que, avistando Pitou à porta da tia, parou.

Pitou corou, segundo o seu costume; depois ficou de boca aberta, olhando, isto é, admirando; porque a menina Billot era para ele a mais acabada expressão da beleza humana.

A rapariga deitou um lance de olhos para a rua, cumprimentou Pitou com uma pequena inclinação de cabeça e continuou o seu caminho.

Pitou correspondeu estremecendo de prazer.

Esta pequena cena durou o tempo justamente necessário para que o nosso bom estudante, todo embevecido naquela contemplação, e sempre olhando para o lugar onde tinha estado a menina Catarina, não desse por sua tia, que voltava de casa do abade Fortier e que lhe puxou pela mão, tremendo de raiva.

Ângelo, tornando a si do seu belo sonho

pelo choque eléctrico que lhe causava sempre o contacto da tia, arredou a vista da cara enraivecida da Sr^a. Angélica para a pousar sobre a própria mão, e foi então que se viu com terror possuidor de uma enorme fatia de pão já encetada e sobre a qual apareciam super abundantemente aplicadas duas camadas de manteiga fresca e de queijo branco sobreposto.

A velha soltou um grito de terror, e Pitou um gemido de medo. Angélica ergueu a mão descarnada: Pitou abaixou a cabeça; Angélica lançou mão do pau da vassoura que estava próximo; Pitou deixou cair a fatia do pão e deitou a fugir.

Aqueles dois corações acabavam de se entender e tinham compreendido que nada mais devia existir entre eles.

A Sr^a. Angélica entrou de novo em casa e fechou a porta dando volta à chave; Pitou, supondo que o giro da chave na fechadura era a continuação da tempestade, e que a tia lhe ia no encalço, ainda mais deu aos

calcanhares.

Desta cena resultou um efeito que a Sr^a. Angélica estava bem longe de prever, e com o qual Pitou também não contava seguramente.

V

Um lavrador filósofo

Pitou corria como se todos os diabos do inferno lhe fossem no encalço, e num instante pôs-se fora da cidade.

Ao voltar a esquina do cemitério, esteve a ponto de dar com o nariz na anca de um cavalo.

- Olé! - disse uma voz agradável e bem conhecida de Pitou - onde vai a correr assim, Sr. Ângelo? Pouco faltou para fazer tomar o freio nos dentes ao Cadete com o medo que lhe meteu!

- Ai, menina Catarina! - exclamou Pitou respondendo ao próprio pensamento e não à interrogação da rapariga. - Ai, menina Catarina, que desgraça, meu Deus! Que desgraça!

- Jesus! Mete-me medo! - disse a

rapariga detendo o cavalo no meio do caminho. - Que aconteceu, Sr. Ângelo?

- Aconteceu - disse Pitou, como se fosse revelar um mistério de iniquidades; - aconteceu que nunca serei abade, menina Catarina.

Uma grande gargalhada foi a resposta da menina Billot, em vez da cara aflita que Pitou esperava.

- Com que então não será abade? - disse ela.

- Não - respondeu Pitou consternado. - Está visto que é impossível.

- Muito bem; nesse caso, será soldado - acudiu Catarina.

- Soldado?

- Por certo. Mas não se desespere por coisa tão pouca. Julgava que me vinha anunciar a morte repentina da senhora sua tia.

- Ah! - disse Pitou com sentimento; - para mim é exactamente como se ela morresse, porque me pôs fora.

Catarina pôs-se a rir às bandeiras despregadas, o que de novo scandalizou Pitou.

- Mas não ouviu que ela me pôs fora de casa? - replicou o estudante desesperado.

- Sim? Pois tanto melhor - disse ela.

- A menina é bem feliz de poder rir desse modo; prova que tem um belo carácter, visto que os males alheios lhe não fazem moça - disse Ângelo com ironia.

- E quem lhe disse que se lhe acontecesse qualquer mal verdadeiro eu não me compadeceria de si, Sr. Ângelo?

- Compadecer-se-ia de mim se me acontecesse um mal verdadeiro? Mas a menina não sabe que não tenho recursos nenhuns?

- Pois melhor ainda - disse Catarina.

Pitou não sabia que pensasse.

-E comer! - disse ele; - é preciso comer, menina, e quem mo dará a mim, que tenho sempre fome?

- O senhor não quer trabalhar?

- Trabalhar! Em quê? O Sr. Fortier e minha tia Angélica têm-me dito mais de cem vezes que não presto para nada. Se me tivessem posto a aprender em casa de um carpinteiro, em vez de quererem fazer de mim um abade! Olhe, menina Catarina - disse Pitou com um gesto de desespero - decididamente há uma maldição sobre mim!

- Coitado! - disse a rapariga penalizada, pois sabia quanto era verdadeira a lamentável história de Pitou. - Há alguma verdade no que diz, meu caro Sr. Pitou; mas por que não faz uma coisa?

- O quê? - disse Pitou, agarrando-se às palavras que a menina Billot ia proferir, como o afogado se agarra a um salgueiro. - Que é? Diga.

- O senhor tem um protector, se bem me lembra.

- É o Sr. Dr. Gilberto.

- É discípulo do filho dele, porque esteve como o senhor no colégio do abade Fortier, não é verdade?

- Assim é; e até o livreiro muitas vezes de ser castigado.

- Pois bem; então por que se não dirige ao doutor? Ele por certo que não o abandonará.

- Sim, sim; faria isso sem dúvida, se soubesse onde ele pára. Mas talvez seu pai o saiba, menina Billot, porque o Dr. Gilberto é o seu senhorio.

- Eu sei que ele lhe faz passar uma parte das rendas para a América e a outra para casa de um tabelião de Paris.

- Ah! - disse Pitou - para a América! Sempre é bem longe!

- Pois quê? Quer ir à América, o senhor?
- exclamou a pobre rapariga quase aterrada da resolução de Pitou.

- Eu? Nunca! Nunca! Não; se achasse alguma coisa que me desse de comer em França, estaria aqui melhor do que em nenhuma outra parte do mundo.

- Muito bem! - repetiu a menina Billot.

Pitou pôs os olhos no chão, e a rapariga

conservou-se calada. Este silêncio durou algum tempo. Pitou estava engolfado em sonhos, que teriam de todo surpreendido o abade Fortier, homem lógico.

Estes sonhos, partindo de um ponto obscuro, iam-se esclarecendo; depois tinham-se tornado confusos, posto que brilhantes como relâmpagos, cuja origem é oculta e a causa ignorada.

Neste meio tempo o cavalo tinha começado a andar, e Pitou ia caminhando ao lado do animal com uma das mãos apoiada num dos cestos. Quanto à menina Billot, tão pensativa quanto o estava Pitou, deixava ir as rédeas sobre as crinas do cavalo sem temer que ele tomasse o freio. Não havia monstros no caminho e o Cadete não tinha relação alguma com o cavalo de Hipólito.

Pitou parou maquinalmente quando o caminho acabou. Tinham chegado à quinta.

- Olá! És tu, Pitou? - exclamou um homem de aparência robusta e altiva, que estava parado ao pé de um charco, onde dava

água ao cavalo.

- Sou eu mesmo, Sr. Billot, sem tirar nem pôr.

- Mais uma desgraça que aconteceu a este pobre Pitou - disse a filha saltando abaixo do cavalo, sem se importar que a saia se arregaçasse, deixando-lhe ver a cor das pernas; - a tia pô-lo fora de casa.

- E que fez ele desta vez à velha papa-hóstias? - disse o lavrador.

- Foi por eu não ser forte em grego - disse Pitou.

Era bazófia; em latim é que ele devia dizer.

- Forte em grego! - disse Billot. - E para que queres tu ser forte em grego?

- Para explicar Teócrito e ler a Ilíada.

- E para que serve explicar Teócrito e ler a Ilíada?

- Para ser abade.

- Essa é boa! - exclamou o Sr. Billot. - Sei porventura o que é grego, o que é latim, o que é francês, o que é escrever, o que é ler? E

deixo por isso de semear, de fazer a colheita e de enceleirar?

- Assim é, Sr. Billot; mas o senhor não é abade, é lavrador, *agrícola*, como diz Virgílio. *O fortunatus nimium...*

- Pois sim; mas crês tu que um lavrador seja igual a um clérigo, dize, mau menino do coro? Sobretudo quando um lavrador tem sessenta jeiras de terra por suas e um milhar de luíses ao canto da gaveta...

- Sempre me disseram que ser abade era a melhor coisa que havia no mundo. Verdade é - ajuntou Pitou a sorrir-se o mais agradavelmente possível - que nunca dei lá muito apreço ao que me diziam.

- E tens razão, rapaz. Tu vês que faço versos, o caso está que eu queira. Parece-me que diviso em ti disposição para fazer coisa melhor que um abade, é que é para ti uma felicidade que não te tenhas dado a isso, principalmente agora. Vês tu, assim mesmo lavrador como sou, conheço os tempos, e os tempos vão maus para os abades.

- Ora essa! - disse Pitou.

- Isto é mais que verdade. Temos o céu entroviscado - disse o lavrador. - Olha, repara no que te digo: tu és honrado e sábio.

Pitou agradeceu extremamente penhorado, por lhe chamarem sábio pela primeira vez na sua vida.

- Tu podes muito bem ganhar a tua vida sem isso - continuou o rendeiro.

A menina Billot ia tirando de cima do cavalo os frangos e os pombos, e ouvindo com atenção o diálogo que se travara entre Pitou e seu pai.

- Ganhar a vida? É coisa que me parece bem difícil - replicou Pitou.

- Que sabes tu fazer?

- Ora! Sei armar laços aos pássaros e apanhá-los com visco. Imito muito bem o canto dos pássaros, não é verdade, menina Catarina?

- Isso é verdade, e é um gosto ouvi-lo; até canta como um tentilhão!

- Pois sim; mas isso tudo não é um ofício

- replicou o tio Billot.

- É o que eu digo, com a breca!

- Tu praguejas, então vai o caso às mil maravilhas.

- Quê! Eu praguejei? - disse Pitou; - Peço-lhe perdão, Sr. Billot.

- Não importa - disse o rendeiro - isso também me acontece muitas vezes. Mau raio te parta! - prosseguiu ele voltando-se para o cavalo. - Não estarás quieto? Safa! Estes diabos destas bestas nunca se podem perder de vista! Mas vamos ao caso - ajuntou voltando-se para Pitou; - és preguiçoso?

- Não sei; nunca tratei senão do latim, do grego, e...

- E que mais?

- E confesso que com isso me dava sempre a água pela barba.

- Tanto melhor - disse Billot; - isso prova que não és ainda tão estúpido como eu julgava.

Pitou abriu muito os olhos numa dimensão medonha. Era a primeira vez que

ouvira até então.

- Pergunto se te esquivas à fadiga?

- Oh! Isso lá de fadiga é outra coisa - disse Pitou; - não, e não; ando muito bem dez léguas sem que por isso fique fatigado.

- Bom, já é alguma coisa - replicou Billot.

- Emagrecendo mais alguns arráteis de carne, virás a ser um bom andarilho.

- Emagrecer! - disse Pitou olhando para a sua figura delgada, para os braços compridos e ossudos; e para as intermináveis pernas. - Parecia-me, Sr. Billot, que magro estou eu, e até demais.

- Na verdade, meu amigo - disse o lavrador desatando a rir - tu és um tesouro.

Era também a primeira vez que Pitou se via elevado a tão alto preço. Desta forma caía de surpresa em surpresa.

- Ouve-me - disse Billot. - Perguntava se tu eras preguiçoso para o trabalho?

- Para que trabalho?

- Para o trabalho em geral.

- Se quer que lhe diga, não sei: nunca trabalhei.

A filha do rendeiro pôs-se a rir; mas desta vez o tio Billot tomou a coisa a sério.

- Os velhacos daqueles padres! - exclamou ele estendendo o grosso punho para a cidade. - Aqui está como eles educam a mocidade, no fanatismo e na ociosidade. Para que serve um emproado destes, sempre quero perguntar? Pode ele ser útil aos seus irmãos?

- Oh! Por aí não vai o gato às filhós, porque não tenho irmãos.

- Por irmãos - disse Billot - entendo eu todos os homens. Quererás porventura sustentar que os homens não são todos irmãos?

- Assim será; pelo menos assim está no Evangelho.

- E iguais - continuou o rendeiro.

- Ah! Isso lá é outra coisa - acudiu Pitou.

- Se eu fosse igual do abade Fortier não me

teria ele dado tantas vezes com a palmatória; e se eu fosse igual de minha tia, não me poria ela hoje fora de casa.

- Torno a dizer-te que todos os homens são iguais - replicou o lavrador; - nós o provaremos dentro em pouco aos tiranos.

- *Tirannis!* - bradou Pitou.

- E a prova é - continuou Billot - que te tomo para minha casa.

- Toma-me para sua casa, meu caro Sr. Billot? Não está caçoando?

- Não; vamos, que te é necessário para viver?

- Eu sei?... Por aí três arráteis de pão por dia, pouco mais ou menos.

- E além do pão?

- Uma pouca de manteiga, ou um fatacaz de queijo.

- Vamos lá - disse o lavrador - segundo vejo não és difícil de sustentar. Está dito, sustentar-te-ei.

- Sr. Pitou - disse Catarina - não tem outra coisa que perguntar a meu pai?

- Eu, menina? Pela minha vida que não.

- Para que veio então até cá?

- Porque a menina veio.

- Ora, eis aí o que é bonito - disse Catarina; - mas não lhe agradeço a fineza senão pelo que ela vale. O senhor não veio para perguntar a meu pai notícias do seu protector?

- Ah! É verdade - disse Pitou. - Que tolo que eu sou, pois não me tinha já esquecido!

- Tu queres falar do digno Sr. Gilberto? - perguntou o lavrador com um tom de voz, que expressava o grau de profunda consideração em que tinha o senhorio.

- Esse mesmo - respondeu Pitou; - mas por agora não tenho precisão disso; visto que me toma para casa, esperarei tranquilamente que volte da América.

- Nesse caso não terás muito que esperar - retorquiu o lavrador - porque já voltou.

- O quê? - exclamou Pitou. - E quando foi isso?

- Não sei exactamente; mas o que sei é

que está no Havre há oito dias; porque lá dentro tenho um pacote mandado por ele, e que me dirigiram hoje mesmo para Villers-Cotterets; a prova ela aqui está.

- Quem lhe disse isso, meu pai?

- Quem havia de ser! Havia uma carta dele no pacote.

- Desculpe, meu pai - disse Catarina sorrindo; - mas julgava que não sabia ler. Digo-lhe isto, papá, porque é o próprio a gabar-se de não saber ler.

- Sim, gabo-me disso, sim. Quero que se diga: O tio Billot não deve nada a ninguém, nem sequer a um mestre-escola: fez propriamente a sua fortuna. Aí está o que quero que se diga. Não fui eu que li a carta, foi o sargento dos gendarmes que encontrei.

- E que diz ela, meu pai? Ele continua a estar bem connosco, não é verdade?

- Vê lá.

E o rendeiro tirou de uma carteira de couro uma carta, que deu à filha.

Catarina leu o que segue:

“Meu caro Sr. Billot.

“Chego da América, onde encontrei um povo mais rico, maior e mais venturoso do que o nosso. Provém isso de ele ser livre e nós não o sermos. Mas nós marchamos também para uma era nova, e cumpre que cada qual trabalhe em aproximar o dia em que as luzes derramem o seu fulgor. Conheço os seus princípios, meu caro Sr. Billot, e sei qual é a sua influência sobre os lavradores seus amigos e sobretudo nessa esforçada povoação de operários e de trabalhadores a quem dirige, não como um rei, mas como um pai. Transmita-lhes, pois, os princípios de consagração e fraternidade que lhe conheço. A filosofia é universal, e todos os homens devem ler os seus direitos e deveres à luz do seu candeeiro. Envio-lhe um livrinho, no qual todos esses direitos estão mencionados. Esse livrinho é composto por mim, posto que o meu nome não se veja nele. Propague-lhe os princípios, que são os da igualdade universal, e faça com que todos o leiam nos longos

serões do Inverno. A leitura é o pasto da alma, como os alimentos são o do corpo.

“Um destes dias irei vê-lo, e hei-de propor-lhe um novo modo de pagar a renda, muito usado na América. Consiste em dividir a colheita entre o rendeiro e o proprietário, o que me parece melhor, segundo as leis da sociedade primitiva, e sobretudo segundo o desejo de Deus.

“Saúde e fraternidade.

“Honore Gilberto, cidadão de Filadélfia.”

- Ora aí está - exclamou Pitou - o que me parece uma carta bem escrita.

- Pois não é? - disse Billot.

- É, sim, meu pai - disse Catarina - mas duvido que o sargento da gendarmaria seja do seu parecer.

- Por quê?

- Porque me parece que esta carta pode comprometer não só o Dr. Gilberto, senão talvez que a si mesmo.

- Que te leve a breca! Que sempre hás-de estar com medo! Isso não impede que aqui

esteja o livro e que nele esteja o teu emprego, Pitou. À noite o lerás.

- E de dia?

- De dia guardarás os carneiros e as vacas. Aqui está o livro.

E o lavrador tirou da algibeira um livro de brochura encarnada, como então se publicavam muitos, com licença da autoridade ou sem ela.

A diferença estava em que no último caso o autor arriscava-se a ir para as galés.

- Lê o título disso, Pitou, que eu falo sempre do título esperando falar da obra. Depois me lerás tudo o que se lhe segue.

Pitou leu na primeira página estas palavras, que o uso fez bem vagas e insignificantes depois, mas que naquela época acordavam um eco assaz íntimo no coração de todos:

“Da independência do homem e da liberdade das nações.”

- Que dizes tu a isso, Pitou? - perguntou

o rendeiro com ufania.

- Digo que me parece, Sr. Billot, que independência e liberdade são a mesma coisa, e o meu protector seria inevitavelmente posto fora da aula do Sr. Fortier por causa do pleonasma.

- Pleonasma ou não, este livro é de um homem - disse o lavrador.

- Não importa, meu pai - acudiu Catarina com o admirável instinto das mulheres; - esconda-o, peço-lho eu; parece-me que lhe há-de trazer desgostos. O que sei é que só de o ver tenho medo.

- E por que achas tu que ele me prejudique, se não tem prejudicado o seu autor?

- Como sabe isso, meu pai? Olhe, há oito dias que essa carta está escrita, e o correio não gasta decerto oito dias para vir do Havre aqui. Também eu recebi uma carta esta manhã.

- De quem?

- De Sebastião Gilberto, que nos

escreveu também. Encarrega-me de dizer muitas coisas ao seu colação Pitou. Tinha-me esquecido do recado.

- E depois?

- Depois diz que havia três dias que o pai era esperado em Paris, e ainda lá não tinha chegado.

- A menina tem razão - disse Pitou; - parece-me que esta demora é para recluir.

- Cala-te, pateta, e lê o tratado do doutor - disse o rendeiro; - desse modo virás a ser não um sábio, mas um homem.

De ordinário, falava-se assim naquele tempo, porque se chegara ao prefácio dessa grande história grega e romana, que a nação francesa copiou durante dez anos em todas as suas fases: dedicações, proscricções, vitórias e escravidões.

Pitou meteu o livro debaixo do braço com ar tão solene, que acabou por ganhar completamente a afeição do lavrador.

- Vamos ao que importa - disse Billot; - já jantaste?

- Não, Sr. Billot - respondeu Pitou, conservando a posição semi-religiosa, semi-heróica, que tomara desde que recebera o livro.

- Era justamente quando ele ia jantar, que a tia o pôs fora de casa - atalhou a rapariga.

- Pois então - continuou Billot - vai pedir à tia Billot que te dê o que dá a santa cá na herdade, e amanhã darás começo aos teus trabalhos.

Pitou agradeceu com um olhar eloquente ao Sr. Billot, e, conduzido por Catarina, entrou na cozinha, que estava sob a direcção absoluta da Sr^a. Billot.

VI

Bucólicas

A Sr^a. Billot era uma matrona gorda, de trinta e cinco ou trinta e seis anos, redonda como uma bola; fresca, rechonchuda e cordial. Andava incessantemente da capoeira para o pombal, da abegoaria para o aprisco; cuidava sempre da panela, das fornalhas e do assado, e, semelhante a hábil general, que sem descanso visita os postos para ver se tudo está no seu lugar, a Sr^a. Billot, numa vista de olhos, examinava se o tomilho e o louro tinham sido distribuídos nas caçarolas em devida quantidade. Resmungava por costume, mas sem a mais leve intenção de se tornar com isso desagradável ao marido, que respeitava como ao maior potentado, nem a sua filha, que amava por certo mais do que a Sr^a. de Sévigné amava a Sr^a. de Griman, nem aos moços, que tratava como nenhuma

lavradora naquelas dez léguas em redor tratava os seus. Por isso choviam os empenhos para ser admitido em casa do Sr. Billot. Mas ali, infelizmente, como no céu, comparativamente aos que se apresentavam, eram muitos os chamados, mas poucos os escolhidos.

Vimos que Pitou não fora chamado, mas fora eleito, fortuna que ele apreciou devidamente, sobretudo quando viu o pão que lhe puseram à esquerda, com a caneca de cidra à direita, e o pedaço de toucinho na frente. Desde que perdera a sua infeliz mãe, ia já em cinco anos, Pitou nem em dias de grande festa gozara tão boa mesa.

Por isso, cheio de gratidão, à proporção que engolia o pão, que devorava o toucinho, que umedecia com largos tragos de cidra, sentia aumentar-lhe a admiração pelo lavrador, o respeito pela patroa, e o amor pela menina. Só uma coisa lhe dava cuidado, era a função humilhante que devia exercer durante o dia, guardando carneiros e vacas,

função tão pouco em harmonia com aquela que para a noite lhe estava reservada, e que tinha por fim instruir a humanidade nos princípios mais elevados da sociabilidade e da filosofia.

Foi no que pensou Pitou depois do seu jantar. Mas mesmo nesta meditação, a influência do excelente jantar fez-se sentir. Pitou começou a encarar as coisas debaixo de aspecto diferente do que se lhe apresentara em jejum. Aquelas funções de guardador de carneiros e de vacas, que considerava como sendo já de si muito inferiores, haviam sido desempenhadas na antiguidade por deuses e semi-deuses.

Apolo, em certa situação muito semelhante à dele, isto é, expulso do Olimpo por Júpter, como Pitou o fora de Pleux pela tia Angélica, fizera-se pastor e guardava os rebanhos de Admeto. Verdade é que Admeto era um rei pastor, mas também Apolo era um deus.

Hércules fora vaqueiro ou coisa que o

valha, porque, segundo a mitologia, puxava pelo rabo às vacas de Gérion, e conduzir as vacas pelo rabo ou conduzi-las pela cabeça, é simplesmente uma diferença nos costumes daqueles que as conduzem, nada mais; isso, afinal de contas, não lhe tira que tivesse sido condutor de vacas, ou, o que vem a dar na mesma, vaqueiro.

Ainda mais, aquele Títiro deitado à sombra de uma faia, de que fala Virgílio, e que em tão belos versos louva o descanso que Augusto lhe deu, era igualmente pastor. Numa palavra, também aquele Melibeu, que poeticamente deplora o ter de deixar os seus lares, pastoreava gado.

Toda essa gente falava por certo bastante latim para serem abades, e todavia preferiam ver as suas cabras pastarem na relva a ir dizer missa ou cantar matinas. Era preciso que o estado de pastor tivesse também os seus encantos. E demais, quem impediria Pitou de lhe dar novamente a poesia e dignidade que tinha perdido? Quem

lhe impediria que propusesse desafios de canto aos Menalcas e Palémenes das aldeias vizinhas? Ninguém, por certo. Pitou já várias vezes havia cantado na igreja, e se não tivesse sido apanhado uma vez a beber o vinho das galhetas do abade Fortier, que com o usual rigor imediatamente o demitira da sua dignidade de menino de coro, esse talento podia servir-lhe de muito. Não sabia tocar flautim, é verdade, mas sabia tocar assobio em todos os tons, o que devia parecer-se muito. Não fazia ele mesmo a sua flauta como o amante de Sírinx, mas, com varas de tílias e de castanheiros, fazia assobios, cuja perfeição mais de uma vez lhe granjeara os aplausos dos seus companheiros. Pitou podia pois ser pastor sem grande desaire; não *descia* até esse estado, mal apreciado nos tempos modernos, *elevava-o* a si.

E demais, a menina Billot era a directora dos rebanhos; e como deixaria Pitou de receber com prazer ordens, quando tinham de ser dadas por Catarina?

Catarina também, da sua parte, velava pela dignidade de Pitou.

Naquela mesma noite, quando o mancebo se aproximou dela e lhe perguntou a que horas devia sair com o rebanho, Catarina respondeu-lhe sorrindo:

- Não sai.

- Como? - disse Pitou admirado.

- Expliquei a meu pai que a educação que o senhor tem recebido coloca-o acima das funções que ele lhe destinava; ficará no casal.

- Ah! Ainda bem - disse Pitou - assim nunca me apartarei de si.

Esta exclamação escapara ao bom Pitou; mas apenas a proferiu, assomou-lhe a cor ao rosto e às orelhas, ao passo que da sua parte Catarina abaixava a cabeça sorrindo.

- Ah! Perdão, menina, foi sem querer que isto me saiu do coração, mas não me deve querer mal por isso - disse Pitou.

- Nenhum mal lhe quero por semelhante coisa, Sr. Pitou - disse Catarina - nem é culpa sua se acha prazer em estar ao pé de mim.

Houve um momento de silêncio. Não era de admirar: as duas pobres crianças tinham dito tanta coisa em tão poucas palavras!

- Mas - disse Pitou - eu não posso ficar aqui sem fazer nada. Que deverei fazer?

- Fará o que eu fazia, tratará da escrituração, contas com os trabalhadores, receitas, despesas. Sabe calcular, não é verdade?

- Sei as quatro operações - respondeu Pitou orgulhosamente.

- Sabe uma mais do que eu - disse Catarina - que nunca pude compreender mais que três. Bem vê que meu pai há-de lucrar em o ter por guarda-livros, e como também eu lucro, e o senhor igualmente, segue-se que é um negócio em que todos lucram.

- Em que lucrará a menina? - perguntou Pitou.

- Lucrarei tempo, e assim farei toucas para andar mais bonita.

- Ah! - disse Pitou - eu já a acho bonita sem touca.

- Pode ser, mas isso é o seu gosto particular - disse a rapariguinha rindo. - E daí não posso ir dançar no domingo a Villers-Cotterets sem levar uma bonita touca na cabeça. Isso é bom para as fidalgas, que têm direito para se empoar e para andar com a cabeça descoberta.

- Acho os seus cabelos mais lindos do que se tivessem pós - disse Pitou.

- Ora! Está a fazer-me cumprimentos!... Deixemo-nos disso.

- Não, menina, não sei fazer cumprimentos: em casa do abade Fortier é coisa que se não aprendia.

- E aprendia-se lá a dançar?

- A dançar? - perguntou Pitou admirado.

- Sim, a dançar.

- A dançar, em casa do abade Fortier! Jesus! Menina... Ora essa! A dançar... Isso não!

- Então não sabe dançar? - disse Catarina.

- Eu não - disse Pitou.

- Pois bem, virá comigo no domingo à dança, e verá dançar o Sr. de Charny, que de todos os rapazes dos arredores é quem dança melhor.

- Quem é o Sr. de Charny? - perguntou Pitou.

- É o dono do palácio de Boursonne.

- Então ele no domingo dança?

- Dança, sim.

- E com quem?

- Comigo.

O coração de Pitou oprimiu-se, sem que ele soubesse porquê, e o pobre moço disse:

- Então é para dançar com esse senhor, que se quer enfeitar?

- Para dançar com ele, para dançar com os outros, com toda a gente.

- Excepto comigo.

- E por que não?

- Pois se não sei dançar...

- Aprenderá.

- Ah! Se me quisesse ensinar, menina Catarina, asseguro-lhe que aprenderia muito melhor do que olhando para o Sr. de Charny.

- Veremos isso - disse Catarina; - entretanto são horas de dormir, boa noite, Sr. Pitou.

- Boa noite, menina Catarina.

No que a menina Billot dissera a Pitou havia coisas boas e coisas más: as boas era que tinha sido promovido das funções de pastor e vaqueiro às de guarda-livros; as más, era que ele não sabia dançar, e que o Sr. de Charny sabia; e até, segundo Catarina afirmara, era de todos quem dançava melhor.

Pitou sonhou toda a noite que via dançar o Sr. de Charny, e que ele dançava pessimamente.

No dia seguinte, Pitou começou os seus trabalhos sob a direcção de Catarina, e então uma coisa se lhe patenteou logo ao espírito: é quanto, com certos mestres, o estudo se torna agradável. Ao cabo de duas horas estava

perfeitamente ao facto do seu trabalho.

- Ah! Menina - disse ele - se me tivesse ensinado o latim, em lugar do abade Fortier, parece-me que nunca teria feito barbarismos.

- E teria sido abade?...

- E teria sido abade - respondeu Pitou.

- De modo que se teria fechado num seminário, onde nunca penetraria mulher nenhuma...

- É verdade - disse Pitou - nunca me tinha passado semelhante coisa pela idéia, menina Catarina... Nada, prefiro não ser abade.

Às nove horas entrou o tio Billot; tinha saído antes de Pitou se levantar. Todas as manhãs, às três horas, presidia à saída dos cavalos e dos carreiros; depois andava pelo campo até às nove, para verificar se estavam todos no seu posto e trabalhando; às nove horas vinha almoçar, e tornava a sair às dez: o jantar era à uma hora, e a tarde passava-a a vigiar os homens, como passara a manhã. Por isso os negócios do tio Billot progrediam

maravilhosamente. Como ele dissera, possuía umas sessenta jeiras de terra ao sol e um milheiro de luíses de ouro à sombra. E até é provável que, se a conta fosse bem feita, se Pitou contasse bem, sem ser distraído pela presença da Sr^a. Catarina, é provável que achasse algumas jeiras e alguns luíses mais do que o tio Billot confessara.

Ao almoço, Billot preveniu Pitou que a primeira leitura da obra do doutor Gilberto seria no dia seguinte, no casal, pelas dez horas da manhã.

Pitou observou então timidamente que às dez horas da manhã era a hora da missa; mas Billot respondeu que tinha exactamente escolhido essa hora para experimentar os seus trabalhos.

Já o dissemos, o tio Billot era filósofo.

Odiava os padres, a quem considerava como apóstolos da tirania, e achando ocasião de erigir um altar contra outro, aproveitava essa ocasião apressadamente.

A Sr^a. Billot e Catarina arriscaram

algumas observações, mas o aldeão respondeu que as mulheres se quisessem iriam à missa, visto que a religião era feita para as mulheres; mas quanto aos homens, haviam de ouvir a leitura da obra do doutor, ou sairiam de sua casa.

O filósofo Billot era um déspota na sua casa; só Catarina tinha direito de levantar a voz contra as suas decisões; mas se elas estavam bastante arraigadas no espírito para o obrigarem a responder a Catarina, franzindo as sobrancelhas, então Catarina fazia como os outros, calava-se.

Entretanto, Catarina pensou em tirar partido da circunstância em proveito de Pitou. Ao erguer-se da mesa, fez observar a seu pai que para dizer todas as belas coisas que no domingo teria de repetir, Pitou não estava decentemente vestido, que ia representar o papel de mestre, pois que ia derramar instrução, e que não era conveniente que o mestre tivesse de corar de pejo diante dos discípulos.

Billot autorizou a filha a entender-se com o mestre Dulauroy, alfaiate em Villers-Cotterets, para vestir Pitou.

Catarina tinha razão; um fato novo para o pobre Pitou não era um luxo supérfluo: o calção que trazia era ainda o mesmo que cinco anos antes lhe mandara fazer o doutor Gilberto, calção que, de comprido que era, se tornara demasiadamente curto, mas que, forçoso é dizê-lo, crescera, graças aos cuidados da Sr^a. Angélica, duas polegadas cada ano. Quanto à casaca e à véstia, havia dois anos que tinham desaparecido e haviam sido substituídos pela túnica de paninho vermelho com que nas primeiras páginas desta história apareceu o nosso herói aos olhos do leitor.

Pitou nunca pensara muito no seu vestuário. O espelho era coisa desconhecida em casa da Sr^a. Angélica, e não tendo, como o belo Narciso, disposições para se namorar de si, Pitou nunca pensara em contemplar-se nos regatos, em cujas margens armava as varas

com visco.

Mas quando a menina Catarina lhe falara de o acompanhar à dança, quando ouviu falar do Sr. de Charny, que era um elegante cavalheiro, quando a história das toucas, com que a rapariga contava aumentar a formosura, tinha sido ouvida por Pitou, este fora ver-se num espelho, e bastante entristecido com o desalinho de seu traje, começou a meditar nos meios de tornar mais agradáveis os seus dotes naturais.

Infelizmente, fora essa uma pergunta a que Pitou não soubera responder. A miséria do seu vestuário era evidente. Ora, para se ter fato novo, era preciso dinheiro, e nunca em sua vida Pitou possuía um ceitil.

Pitou já tinha visto que, para se disputarem o prêmio da flauta ou dos versos, os pastores coroavam-se de rosas; mas ele pensava, e com muita razão, que essa coroa ainda que lhe dissesse bem com as feições, serviria para fazer sobressair ainda mais a mesquinhez do arranjo.

Pitou ficou pois agradavelmente surpreendido, quando no domingo, às oito horas da manhã, enquanto meditava nos meios de aformosear mais a sua pessoa, viu entrar o Sr. Dulauroy, o qual pôs numa cadeira um casaco e um calção azul claro com um colete branco de riscas cor de rosa.

Ao mesmo tempo entrou a costureira e pôs noutra cadeira, defronte da primeira, uma camisa e uma gravata: a camisa vinha para prova, porque se estivesse boa, a costureira tinha ordem de fazer meia dúzia iguais.

Era a maré das surpresas; atrás da costureira entrou o chapeleiro. Trazia um lindo chapéuzinho de três bicos, da última moda, muito airoso e elegante, enfim, era das obras mais perfeitas que se fabricavam em casa do Sr. Cornu, primeiro chapeleiro de Villers-Cotterets.

Vinha também encarregado pelo sapateiro, de pôr aos pés de Pitou um par de sapatos com fivelas de prata, expressamente

fabricados para ele.

Pitou estava encantado, não podia crer que tantas riquezas fossem para ele. Nos seus sonhos mais dourados nunca ele se atrevera a desejar semelhante guarda-roupa. Lágrimas de gratidão lhe umedeceram as pálpebras, e apenas pôde murmurar estas palavras:

- Oh! Menina Catarina, menina Catarina, nunca esquecerei o que por mim fez!

Tudo lhe ia perfeitamente e como se tivessem tomado a medida a Pitou; só os sapatos eram demasiadamente pequenos. O Sr. Laudereau, sapateiro, tomara a medida pelo pé de seu filho, que tinha quatro anos mais do que Pitou.

Esta superioridade de Pitou sobre o jovem Laudereau deu um momento de orgulho ao nosso herói; mas esse movimento foi depressa sufocado pela idéia que teria de ir à dança sem sapatos, ou com os sapatos velhos, que não harmonizariam bem com o resto do vestuário. Mas esse cuidado durou pouco; um par de sapatos que mandavam ao

mesmo tempo ao tio Billot, cortou as dificuldades. Sucedia por felicidade que o tio Billot e Pitou tinham o pé do mesmo tamanho, o que cuidadosamente se ocultou ao tio Billot para não o humilhar.

Enquanto Pitou tratava de vestir o sumptuoso fato, entrou o cabeleireiro. Dividiu os cabelos amarelos de Pitou em três partes: uma, e era a mais forte, em forma de rabicho, as outras foram destinadas a acompanhar as fontes, sob a designação de *orelhas de cão*; o nome não era poético, mas era assim que se lhes chamava.

Agora, confessemos uma coisa, é que Pitou, depois de penteado, frisado, vestido com o seu fato azul, colete cor de rosa e camisa de bofes, com o rabicho e as orelhas de cão, quando se foi mirar ao espelho, não se conhecia a si mesmo, e voltou-se para examinar se não seria Adónis em pessoa, que teria vindo à terra, e que estava no seu lugar.

Estava só. Sorria amavelmente a si mesmo, e de cabeça alta, com os dedos

polegares nos bolsos, disse, endireitando-se:

- Veremos o tal Sr. de Charny!...

Verdade é que Ângelo Pitou, com o seu fato novo, parecia-se como duas gotas de água, não com um pastor de Virgílio, mas com um pastor de Vatteau.

O primeiro passo que Pitou deu ao entrar na cozinha foi um triunfo.

- Oh! Mamã, veja como Pitou parece bem assim - bradou Catarina.

- O facto é que está inteiramente outro - disse a Sr^a. Billot.

- Pois não está?

Infelizmente que do *todo*, que tanto agradara a Catarina, passou a rapariga a fazer um exame por partes. E com essa análise Pitou perdia muito do seu primeiro valor.

- É singular - disse Catarina - que mãos tamanhas que tem!

- Sim - disse Pitou - tenho belas mãos, não é verdade?

- E que joelhos tão grossos!

- É prova de que ainda hei-de crescer.

- Ora, parece-me que já é alto bastante, Sr. Pitou.

- Não importa, ainda hei-de crescer; não tenho senão dezessete anos e meio.

- E não tem barriga de perna.

- É verdade, não tenho nem sombra delas; mas hão-de nascer ainda.

-É de esperar - disse Catarina. - Não importa, no todo parece muito bem!

Pitou fez uma cortesia.

- Oh! Oh! - disse o tio Billot entrando e examinando também Pitou. - Como estás guapo, meu rapaz; desejava que a tua tia Angélica te visse assim.

- Também eu - disse Pitou.

- Imagino o que ela diria! - observou o lavrador.

- Talvez não dissesse coisa nenhuma; mas havia de ficar desesperada.

- Mas, papá - disse Catarina com certa inquietação - não tinha direito a chamá-lo outra vez a si.

- Se ela o pôs fora...

- E demais - disse Ângelo Pitou - os cinco anos já terminaram.

- Quais? - perguntou Catarina.

- Os cinco anos pelos quais o doutor Gilberto deixou mil francos.

- Ele tinha deixado mil francos à tua tia?

- Deixou, sim, senhora, para me fazer ensinar um ofício.

- Que homem aquele! - disse o lavrador.

- E lembra-me que todos os dias ouço dele coisas semelhantes. Por isso - acrescentou fazendo um gesto com a mão - a minha amizade para com ele, é para a vida e para a morte!

- Ele queria que eu aprendesse um ofício: - disse Pitou.

- E tinha razão. Aí está como se transtornam as boas intenções. Deixam-se mil francos para mandar ensinar um ofício a uma criança, e metem-na em casa de um padrecão, que quer fazer dele um seminarista. E quanto pagava ela ao abade Fortier?

- Quem?

- A tua tia.

- Nada.

- Então guardava para si o dinheiro do Sr. Gilberto?

- Provavelmente.

- Olha, queres um conselho, Pitou? Quando a velha beata de tua tia *esticar a canela*, vai logo examinar bem a casa, por toda a parte, nos armários, no enxergão, nos potes da conserva...

- Para quê? - perguntou Pitou.

- Porque hás-de achar algum tesouro; alguns velhos luíses metidos num pé de meia de lã. Ora! Sem dúvida, porque não terá achado bolsa grande bastante para guardar as suas economias.

- Julga isso?

- Estou certo do que te digo. Mas tornaremos a falar disso quando for tempo. Hoje trata-se de dar uma pequena volta. Tens o livro do doutor Gilberto?

- Trago-o na algibeira.

- Meu pai - disse Catarina - pensou bem?

- Não é preciso pensar para fazer boas obras, minha filha - disse o lavrador; - o doutor disse-me que mandasse ler o livro para propagar os princípios que ele contém, o livro há-de ser lido e os princípios propagados.

- E - disse Catarina com timidez - podemos ir à missa, eu e minha mãe?

- Podem ir à missa - disse Billot - são mulheres; nós, como somos homens, é coisa diferente, e não iremos; vem, Pitou, acompanha-me.

Pitou cortejou a Sr^a. Billot e Catarina e seguiu o lavrador; ia todo soberbo por lhe chamarem homem.

VII

Em que se demonstra que se umas
pernas compridas são desastradas
para dançar, podem ser úteis para
correr

A assembléia na granja era numerosa. Billot, como já dissemos, era muito considerado pelos seus servos, porque, se muito lhes ralhava, sustentava-os bem e pagava pontualmente.

Portanto, todos tinham prontamente acudido ao convite.

Além disso, naquela época grassava entre o povo essa febre estranha, que se apodera nas nações quando vão empreender um trabalho. Palavras singulares, novas, quase desconhecidas, saíam de bocas que nunca as tinham proferido. Eram as palavras de liberdade, independência, emancipação, e,

caso singular, não era só entre o povo que se ouviam pronunciar; estas palavras tinham sido pronunciadas pela nobreza primeiramente, e a voz que lhe respondia não passava de um eco.

Fora do ocidente que viera a luz, que devia alumiar a ponto de incendiar. Fora na América que se levantara aquele sol, que, terminando o seu giro, devia produzir na França um vasto incêndio, a cujo clarão as nações espantadas iam ler a palavra república escrita em letras de sangue.

Por isso, essas reuniões em que se tratava de negócios políticos eram menos raras do que se poderia presumir. Homens, vindos ninguém sabia donde, apóstolos de um Deus invisível, e quase desconhecidos, corriam pelas cidades e aldeias, semeando por toda a parte a palavra liberdade. O governo, até àquele momento cego, começava a abrir os olhos. Os que estavam à frente daquela grande máquina chamada causa pública, sentiam certas rodas pararem, sem

que pudessem compreender donde nascia o obstáculo. A opposição andava por toda a parte nos espíritos, se não andava já nas obras; invisível, mas presente, mas sensível, ameaçadora, e por vezes tanto mais ameaçadora, quanto, semelhante aos espectros, era impalpável, e todos a adivinhavam sem lhe poderem tocar.

Vinte ou vinte e cinco jornaleiros, todos dependentes de Billot, estavam reunidos na granja.

Billot entrou acompanhado por Pitou, Todos se descobriram, todos os chapéus voaram pelos ares. Era fácil compreender que aquella gente toda estava pronta a deixar-se matar a um sinal que o amo lhe fizesse.

O lavrador explicou aos aldeãos que a brochura que Pitou ia ler-lhes era obra do Dr. Gilberto. O Dr. Gilberto era muito conhecido naquella districto, onde tinha várias propriedades, sendo a principal delas o casal administrado por Billot.

Um tonel estava preparado para o leitor.

Pitou saltou para cima daquela tribuna improvisada e começou a leitura.

É de notar que a gente do povo, e ousarei quase dizer, os homens em geral, escutam tanto mais atentamente quanto menor é a sua compreensão. É evidente que o sentido geral da brochura escapava aos espíritos mais esclarecidos da rústica assembléia, até ao próprio Billot. Mas no meio daquela fraseologia obscura, passavam como raios no centro de um céu sombrio e carregado de electricidade, as luminosas palavras de independência, liberdade e igualdade. Não foi preciso mais, os aplausos rebentaram de todos os lados; os gritos de: Viva o Dr. Gilberto! foram unânimes. Fora lida coisa de uma terça parte da brochura, e decidiu-se que se havia de ler em três domingos.

Os auditores foram convidados a reunir-se no próximo domingo, e todos prometeram que haviam de estar presentes.

Pitou lera perfeitamente. Tomara

portanto o leitor a sua parte dos aplausos dirigidos à obra, e, experimentando a influência dessa ciência relativa, o Sr. Billot sentira nascer em si uma certa consideração pelo discípulo do abade Fortier. Pitou, que já fisicamente era grande, cresceu moralmente mais dez palmos.

Só lhe faltava uma coisa: a Sr^a. Catarina não tinha assistido ao seu triunfo.

Mas o tio Billot, encantado com o efeito que a brochura do doutor tinha produzido, apressou-se em dar parte desse sucesso à mulher e à filha.

A Sr^a. Billot não deu resposta: era mulher de pequena compreensão.

Mas Catarina sorriu tristemente.

- Então que é isso? - perguntou o lavrador.

- Meu pai! Meu pai! - disse Catarina - tenho receio que se comprometa.

- Ora adeus! Queres fazer de ave agoureira? Previno-te que gosto muito mais de pombos que de mochos.

- Meu pai, disseram-me que o prevenisse de que a autoridade o vigiava.

- E quem te disse semelhante coisa?

- Um amigo.

- Um amigo? Não há conselho que não deva agradecer-se. Como se chama o amigo? Quem é?

- Um homem que deve estar bem informado.

- Enfim, quem é ele?

- O Sr. Isidoro de Charny.

- Para que se mete aquele peralta comigo? Para que vem dar-me conselhos sobre o meu modo de pensar? Vou porventura dar-lhe conselhos sobre o modo como se há-de vestir? Parece-me contudo que também lhe poderia dizer alguma coisa.

- Meu pai, não estou para o enfadar. O conselho foi dado com boas intenções.

- Pois bem! Dar-lhe-ei outro conselho e podes transmitir-lho da minha parte.

- Qual é?

- É que ele e os seus camaradas devem

tomar conta em si; os senhores nobres estão sendo asperamente escovados na assembléia nacional, e por várias vezes se tem ali tratado dos validos e das validas. Que transmita este aviso a seu irmão, o Sr. Olivier de Charny, que está na cidade, e, segundo dizem, em grandes relações com a Austríaca.

- Meu pai - disse Catarina - a sua experiência é maior do que a nossa, faça o que julgar melhor.

- Com efeito - murmurou Pitou - para que vem o tal Sr. Isidoro meter-se com as vidas alheias?

Catarina não ouviu ou fingiu não ouvir, e a conversa ficou por ali.

O jantar teve lugar como era costume, e nunca pareceu tão longo a Pitou. Tinha pressa de mostrar todo o seu esplendor indo com Catarina pelo braço. Era para ele um grande dia o tal domingo, e prometeu a si mesmo que ficaria eterna na sua lembrança a data de 12 de Julho.

Partiram efectivamente às três horas.

Catarina estava encantadora. Era uma formosa loura de olhos pretos, delgada e flexível como os salgueiros, que espalhavam a sombra sobre a pequena fonte onde se ia buscar a água para o consumo da casa. Estava vestida com elegância natural, que faz sobressair todos os encantos da mulher, e a toucazinha, feita por ela mesma, como o confessara a Pitou, ficava-lhe maravilhosamente bem.

A dança, segundo era uso, só começava às seis horas. Quatro menestréis trepados sobre um estrado de tábuas faziam as honras daquela sala de baile ao ar livre, mediante uma leve retribuição por cada contradança. Enquanto se esperava que o relógio desse as seis horas, passeava-se por aquela famosa rua dos *Suspiros*, de que falara a tia Angélica, onde se ia ver os jovens senhores da cidade ou dos arredores jogarem a péla sob a direcção de mestre Farolet, jogador-mor de péla de Sua Alteza o senhor duque de Orleans. Mestre Farolet era muito

considerado, e as suas decisões em matéria de jogo eram recebidas com toda a veneração devida à sua idade e mérito.

Pitou, sem que soubesse porquê, teria desejado muito ficar na rua dos Suspiros; mas não era para estacionar à sombra dessa rua de carvalhos e faias que a menina Catarina se vestira com aquele luxo que, tanto maravilhava Pitou.

As mulheres são como as flores que o acaso fez nascer à sombra; procuram incessantemente a luz, e de um modo ou de outro, é preciso sempre que a sua corola fresca e embalsamada venha abrir-se ao sol, que as murcha e devora.

Só a violeta, segundo os poetas, tem a modéstia de se conservar escondida; mas ainda assim traz o luto da sua inútil formosura.

Catarina, pois, puxou tanto e tão bem pelo braço de Pitou, que tomaram o caminho do jogo da péla. É forçoso confessar que Pitou não se fez puxar muito pelo braço. Tinha

tanta vontade e tanta pressa de mostrar a casaca azul e o tricórnio casquilho, como Catarina a touca à Galateia e o corpo de vestido *peito de rola*.

Havia sobretudo uma coisa que muito lisonjeava o nosso herói e lhe dava certa primazia momentânea sobre Catarina. Como ninguém o conhecia, porque Pitou nunca fora visto com fato tão sumptuoso, tomavam-no por algum rapaz chegado da cidade, algum sobrinho, algum primo da família Billot, e até talvez algum noivo de Catarina. Mas Pitou estava muito empenhado em certificar a sua identidade para que o engano pudesse durar muito. Tantos sinais fez aos amigos, tantas vezes tirou o chapéu para cortejar os conhecidos, que afinal todos reconheceram no guapo aldeão o discípulo indigno do mestre Fortier, e uma espécie de clamor dizia:

-É o Pitou! Conhecem o Ângelo Pitou?

Este clamor chegou aos ouvidos da Sr^a. Angélica; mas como lhe afirmavam que o que diziam seu sobrinho era um guapo moço, que

andava de pés para fora e braços arqueados, a velha beata, que sempre vira Pitou com os pés metidos para dentro e os cotovelos unidos ao corpo, abanou a cabeça com incredulidade, e contentou-se com responder:

- Estão enganados, não pode ser o meu desastrado sobrinho.

Catarina e Pitou chegaram ao jogo da péla. Havia naquele dia desafio entre os jogadores de Soissons e os de Villers-Cotterets; de modo que a função era das mais animadas. Catarina e Pitou colocaram-se encostados à corda, mesmo no fim do declive; fora Catarina quem escolhera aquela posição como sendo a melhor.

Um instante depois, ouvia-se a voz de mestre Farolet, que bradava:

- A dois. Passemos.

Os jogadores efectivamente passaram, isto é, cada um deles foi defender o seu jogo e atacar o dos adversários. Um dos jogadores, ao passar, cortejou Catarina com um sorriso. Catarina respondeu fazendo uma medida e

corando de pejo; ao mesmo tempo Pitou sentiu no braço de Catarina, que se apoiava no dele, um pequeno tremor nervoso.

Alguma coisa de semelhante a uma angústia desconhecida oprimiu o coração de Pitou.

- É o Sr. de Charny? - perguntou ele, olhando para a sua companheira.

- É - respondeu Catarina; - conhece-o?

- Não o conheço - disse Pitou - mas adivinhei que era ele.

Com efeito, segundo as informações que na véspera lhe tinham dado, fora fácil a Pitou adivinhar que aquele mancebo era o Sr. de Charny.

O que tinha cortejado Catarina era um moço de vinte e três ou vinte e quatro anos; belo, bem constituído, elegante de figura e cheio de graça nos movimentos, como costumam ser todos os que, desde o berço, recebem uma educação aristocrática. Todos os exercícios do corpo, que só podem ser bem feitos quando tiverem sido estudados desde a

infância, executava-os o Sr. Isidoro de Charny com a mais notável perfeição; além disso, era daqueles cujo fato está sempre em harmonia com o exercício para que é destinado. Os seus fatos de caça eram citados pelo mais perfeito gosto; o vestuário de sala de armas poderia servir de modelo ao próprio Saint-Georges; enfim, os fatos de montar a cavalo eram, ou antes pareciam ser de um corte inteiramente particular, graças ao modo de vestir.

Naquele dia o Sr. de Charny, irmão mais novo do nosso antigo conhecimento, o conde de Charny, penteado com a negligência própria duma *toilette* de manhã, vestia uma espécie de calção justo, de cor clara, que fazia destacar a forma das pernas, delgadas e musculosas; elegantes sandálias, presas por meio de correias, substituíam momentaneamente o sapato de salto vermelho ou bota de canhão; um justilho de acolchoadinho branco cingia-lhe o corpo, como se estivesse preso num colete, e ali próximo estava o criado, tendo no braço uma

casaca verde com galões de ouro.

A animação dava-lhe naquele momento todo o encanto e toda a frescura da mocidade, que, apesar dos seus vinte e três anos, já tinha sido cerceada pelas vigílias prolongadas, pelas orgias nocturnas e pelas partidas de jogo, que o sol da madrugada sempre vinha alumiar.

Nenhuma destas circunstâncias, que Catarina sem dúvida já notara, escapara a Pitou. Vendo as mãos e os pés do Sr. de Charny, começou a ensoberbecer-se menos dessa prodigalidade da natureza, que lhe fizera alcançar uma vitória sobre o filho do sapateiro, e começou a pensar que essa mesma natureza poderia ter repartido de modo mais hábil, por todas as diferentes partes do seu corpo, os elementos de que estava composto.

Com efeito, com o que ele tinha de mais nos pés, nas mãos e nos joelhos, a natureza teria achado elementos para lhe fazer uma bonita perna. A diferença era que as coisas

não estavam nos seus lugares competentes; onde se queria finura, havia inchação, e onde se queriam cheios, havia vazios.

Pitou examinou as pernas, com um olhar semelhante àquele com que o veado da fábula contempla as suas.

- Que tem, Sr. Pitou? - perguntou Catarina.

Pitou não respondeu e contentou-se com suspirar.

A partida estava terminada. O visconde de Charny aproveitou o intervalo entre a partida acabada e a que ia começar, para vir cumprimentar Catarina. À medida que se aproximava, Pitou via o sangue subir ao rosto da donzela e sentia que o braço, que se apoiava no seu, se lhe tornava mais trémulo.

O visconde fez um sinal com a cabeça a Pitou, depois, com a familiar civilidade que os nobres daquela época sabiam empregar tão bem com as mocinhas das classes inferiores, perguntou a Catarina como estava, e pediu-lhe a primeira contradança. Catarina

concedeu-lha. O jovem nobre respondeu com um sorriso. A outra partida ia começar, chamaram-no. Cortejou Catarina e afastou-se com o mesmo desembaraço com que se aproximara.

Pitou sentiu toda a superioridade que sobre ele tinha um homem que falava, sorria, aproximava-se e se afastava daquele modo.

Um mês que empregasse em estudar os mais simples movimentos do Sr. de Charny, só teria conduzido Pitou a uma paródia, cujo ridículo recairia sobre ele.

Se o coração de Pitou fosse capaz de conhecer o ódio, teria, a datar daquele momento, odiado o visconde de Charny.

Catarina ficou vendo o jogo até que os jogadores chamaram os criados para lhes darem as casacas. Dirigiu-se então para a dança, com grande desespero de Pitou, que, naquele dia, parecia destinado a ir contra vontade a toda a parte.

O Sr. de Charny não podia esperar. Uma leve mudança no seu vestuário transformara

o jogador de péla num elegante cavalheiro para dançar. As rebecas deram o sinal, e ele foi oferecer a mão a Catarina, recordando-lhe a promessa que lhe fizera.

O que Pitou experimentou quando sentiu o braço de Catarina largar o dele e viu a rapariga toda corada avançar no círculo com o seu cavalheiro, foi talvez uma das sensações mais desagradáveis de toda a sua vida. Um suor frio lhe umedeceu a fronte, passou-lhe diante dos olhos uma nuvem, estendeu a mão e encostou-se à balaustrada, porque sentiu que os joelhos, apesar de sólidos como eram, lhe vergavam sob o peso do corpo.

Quanto a Catarina, parecia não ter, e mesmo provavelmente não tinha, idéia alguma do que se passava no coração de Pitou; sentia-se feliz e orgulhosa ao mesmo tempo; feliz de dançar, orgulhosa por ser com o mais belo cavalheiro dos arredores.

Se Pitou se tinha visto obrigado a admirar o Sr. de Charny como jogador de

péla, forçoso lhe foi fazer-lhe justiça na dança. Naquela época, ainda não era moda passear em vez de dançar. A dança era uma arte, que fazia parte da educação. Sem contar o Sr. de Lausun, que devera a sua fortuna ao modo por que tinha dançado na quadrilha do rei, mais de um gentil-homem devera a protecção de que na corte gozava ao modo por que estendia a perna e dobrava o bico do pé. Neste ponto, o visconde era um modelo de graça e de perfeição, e teria podido, como Luís XIV, dançar num teatro público, com probabilidade de ser aplaudido, apesar de não ser rei nem actor.

Pela segunda vez, Pitou examinou as suas pernas, e viu-se obrigado a confessar a si mesmo que salvo o caso de que nele se operasse alguma grande transformação naquela parte do corpo, devia renunciar à idéia de querer rivalizar com o Sr. de Charny.

A contradança acabou; para Catarina tinha apenas durado alguns segundos, mas a Pitou parecera um século. Vindo tomar o

braço do seu cavaleiro, Catarina viu a mudança que na fisionomia se lhe operara. Estava pálido; o suor orvalhava-lhe a fronte e uma lágrima meio devorada pelo ciúme lhe brilhava nos olhos.

- Ah! Meu Deus! - disse Catarina - que tem, Sr. Pitou?

- Tenho - respondeu o pobre rapaz - que nunca ousarei dançar consigo depois de a ter visto dançar com o Sr. de Charny.

-Ora adeus! - disse Catarina - não deve assim desanimar; dançará como puder, e não terei por isso menos prazer em dançar consigo.

- Ah! - disse Pitou - diz isso por comprazer, menina; mas eu faço justiça a mim mesmo, e repito que sempre terá muito mais prazer em dançar com aquele fidalgo do que comigo.

Catarina não respondeu, porque não sabia mentir, mas como era uma excelente criatura, e começava a notar que se passava alguma coisa estranha no coração do pobre

rapaz, fez-lhe muita festa; porém as carícias que lhe fez não puderam restituir a Pitou a alegria e o prazer perdidos. O tio Billot dissera a verdade; Pitou começava a ser um homem: padecia.

Catarina dançou ainda cinco ou seis contradanças, sendo uma delas com o Sr. de Charny. Desta vez sem que padecesse menos, Pitou parecia aparentemente mais tranqüilo. Seguia com os olhos cada movimento de Catarina e do seu par. Tentava, pelo movimento dos lábios, adivinhar o que diziam, e quando, nas figuras que eles executavam, as mãos se lhes encontravam, procurava adivinhar se se ajuntavam só ou se se apertavam também.

Era sem dúvida por esta segunda contradança que Catarina esperava, porque, apenas a acabou, a rapariga propôs a Pitou voltarem para casa. Nunca houve proposta recebida com maior satisfação; mas o golpe estava descarregado, e Pitou, dando passadas, que Catarina se via forçada a deter

de tempos a tempos, conservava o silêncio mais absoluto.

- Que tem? - lhe perguntou finalmente Catarina.

- Por que motivo não me fala?

- Não lhe falo, menina - disse Pitou - porque não sei falar como o Sr. de Charny. Que lhe poderia eu dizer depois das lindas coisas que ele lhe disse quando dançou com a menina?

- Como é injusto, Sr. Ângelo! Falava-me do senhor.

- De mim, menina, e a que propósito?

- Olhe, Sr. Pitou, se não se tornar a achar o seu protector, há-de ser preciso procurar-lhe outro.

- Então já não sirvo para a escrituração do casal? - perguntou Pitou suspirando.

- Pelo contrário, Sr. Ângelo; mas parece-me que a escrituração do casal é que não lhe convém. Com a educação que recebeu, pode aspirar a coisa melhor.

- Não sei ao que poderei aspirar, mas o

que lhe posso afirmar é que não quero aspirar a nada, se para isso me for preciso a protecção do Sr. visconde de Charny.

- E por que motivo recusaria a protecção dele? O irmão, o conde de Charny, segundo dizem, tem grande influência na corte, e casou com uma particular amiga da rainha. Estava-me dizendo que, se eu tivesse gosto nisso, trataria de lhe alcançar um lugar nos armazéns do sal.

- Obrigadíssimo, menina; mas repito-lhe, acho-me muito bem como estou, e salvo o caso de ser despedido por seu pai, ficarei no casal.

- E por que diabo te despediriam? - disse uma voz grossa, que Catarina, estremecendo, conheceu ser a de seu pai.

- Meu caro Pitou - disse Catarina em voz baixa - não fale do Sr. Isidoro, peço-lhe eu.

- Hem? Dize, responde - disse Billot.

- Não sei - disse Pitou muito perturbado - talvez me não encontre suficiente habilidade para lhe ser útil.

- Não te encontrar suficiente habilidade!
Ora essa! Tu que fazes contas como um matemático, que lê melhor do que o Sr. professor do sítio, que todavia se tem em grande conta; não, Pitou, é Deus que guia para a minha casa as pessoas que para ela entram, e uma vez que tenham entrado, deixam-se ficar enquanto Deus o quer.

Pitou regressou ao casal com esta sentença; mas, apesar de ser isso já alguma coisa, não era bastante; operara-se nele uma grande mudança entre a sua saída e a sua entrada; tinha perdido uma coisa que, quando se chega a perder, não se torna a achar: era a confiança em si. Pitou, contra o seu costume, dormiu mal. Nos seus momentos de insónia, lembrou-se do livro do doutor Gilberto: aquele livro era principalmente contra a nobreza, contra os abusos da classe privilegiada, contra a cobardia dos que a ela se submetem; pareceu a Pitou que só agora começava a compreender todas as coisas que de manhã

lera, e prometeu a si mesmo, logo que amanhecesse, ler de novo, e só para si, a obra-prima que tinha lido em voz alta para todos.

Mas, como Pitou tinha dormido muito mal, acordou tardíssimo. Não mudou por isso a resolução de executar o seu projecto de leitura. Eram sete horas; o lavrador só voltava às nove; e demais, ainda que voltasse, não poderia deixar de aprovar uma ocupação que ele mesmo tinha recomendado.

Desceu por uma pequena escada e foi assentar-se num banco debaixo da janela do quarto de Catarina. Seria o acaso que conduziu Pitou àquele lugar, ou conhecia as situações respectivas daquele banco?

O caso é que Pitou, vestido com o fato velho, que ainda não pudera ser substituído por outro, tirou do bolso a brochura e começou a ler.

Não ousaríamos dizer que o começo da leitura tivesse lugar sem que de vez em quando os olhos do leitor deixassem de se desviar do livro para a janela, guarnecida de

madressilva, mas nessa janela não se via nenhum busto de rapariga e os olhos de Pitou acabaram por se fixar invariavelmente no livro.

Verdade é que, como a mão não virava as folhas, e quanto mais profunda parecia a sua atenção, menos a mão se incomodava, poderia julgar-se que o seu espírito não estava ali e que meditava em vez de ler.

De repente pareceu a Pitou que uma sombra se projectava sobre as páginas do folheto, até ali alumadas pelo sol da manhã. Esta sombra, demasiadamente densa para ser de uma nuvem, só podia ser produzida por um corpo opaco; ora, há corpos opacos de tão doce encanto, que Pitou se voltou vivamente para ver qual era o que interceptava o sol.

Pitou enganava-se. Era efectivamente um corpo opaco que lhe roubava a parte de luz e de calor que Diógenes reclamava de Alexandre. Mas esse corpo opaco, longe de ser encantador, apresentava, pelo contrário, um aspecto bastante desagradável.

Era o de um homem de quarenta e cinco anos, mais comprido e mais delgado que Pitou, vestido com um fato quase tão safado como o deste, e que, inclinando a cabeça por cima do ombro do mancebo, parecia ler com uma curiosidade tão atenta, que fazia contraste com a distração de Pitou.

Pitou ficou muito admirado; um amável sorriso assomou aos lábios do homem vestido de preto, e mostrou uma boca, em que havia só quatro dentes, dois em cima e dois em baixo, cruzando-se e aguçando-se como as defesas de um javali.

- "Edição americana - disse o homem com uma voz fanhosa - formato em oitavo: *Da liberdade dos homens e da independência das nações*. - Boston, 1788".

À medida que o homem falava, Pitou abria os olhos com uma admiração progressiva, de modo que quando o homem cessou de falar, os olhos de Pitou tinham atingido o maior desenvolvimento a que podiam chegar.

- Boston, 1788. É exactamente isso, senhor! – repetiu Pitou.

- É o tratado do Dr. Gilberto? - disse o homem.

- É, sim senhor - respondeu Pitou com toda a urbanidade, e levantou-se, porque sempre ouvira dizer que não era boa criação deixar-se ficar assentado quando se falava a um superior; e no espírito ainda simples de Pitou, todo o homem lhe era superior. Mas, erguendo-se, Pitou viu na janela alguma coisa cor de rosa, que se movia, e que lhe fazia um sinal com os olhos. Essa coisa era a Sr^a. Catarina. A rapariga olhava para ele de um modo estranho e fazia-lhe sinais.

- Senhor, se não for indiscrição - perguntou o homem que tendo as costas voltadas para a janela, não podia ver os sinais que se faziam - diga-me a quem pertence esse livro?

E apontava com os dedos, mas sem lhe tocar, para a brochura que Pitou tinha na mão.

Pitou ia responder que o livro pertencia ao Sr. Billot, quando lhe chegaram aos ouvidos estas palavras proferidas por uma voz suplicante:

- Diga que é seu!

O homem vestido de preto, que concentrara nos olhos toda a sua atenção, não ouviu estas palavras.

- Senhor - disse majestosamente Ângelo Pitou - este livro é meu.

O homem ergueu a cabeça, porque começava a notar que por vezes o olhar admirado de Pitou se desviava dele para se ir fixar num ponto particular. Viu a janela, mas Catarina tinha adivinhado o movimento do homem, e, rápida como um pássaro, havia desaparecido.

- Por que está a olhar lá para cima? - perguntou o homem.

- Ora, senhor - disse Pitou sorrindo - permita que lhe diga que me parece muito curioso. *Curiosus*, ou antes *avidus cognoscendi*, como dizia o Sr. abade Fortier, meu mestre.

- Diz, pois - prosseguiu o interrogador, sem parecer por forma alguma intimidado por essa prova de ciência, que Pitou acabava de mostrar com a intenção de dar ao homem uma idéia mais elevada da sua pessoa, do que aquela que ao princípio concebera - diz, pois, que esse livro é seu?

Pitou colocou de novo o raio visual na direcção da janela. A cabeça de Catarina tornou a aparecer e fez um sinal afirmativo.

- Sim, senhor - respondeu Pitou. - Desejaria porventura lê-lo? *Avidus legendi libri ou legendae historiae.*

- Senhor - disse o homem vestido de preto - parece-me ser muito superior ao estado que o seu trajo indica: *Non dives vestitus sed ingenio.* E por consequência, está preso.

- Como! Estou preso? - disse Pitou com muito espanto.

- Sim, senhor; e portanto rogo-lhe o favor de me acompanhar.

Pitou olhou, não para cima, mas à roda de si, e viu dois sargentos que esperavam

ordens do homem, os quais pareciam ter saído naquele momento debaixo da terra.

- Lavremos o auto, meus senhores - disse o homem vestido de preto.

O cabo amarrou as mãos de Pitou com uma corda, e guardou o livro do doutor Gilberto.

Depois amarrou Pitou a uma argola, mesmo por baixo da janela. Pitou ia opor-se, mas ouviu aquela mesma voz, voz que tanto poder tinha sobre ele, bradar:

- Deixe-os fazer o que quiserem.

Pitou, portanto, deixou fazer tudo, com tanta docilidade, que encantou os sargentos e sobretudo o homem. De modo que, sem sombra de desconfiança, os dois sargentos, seguidos pelo homem vestido de preto, entraram em casa para procurarem... logo saberemos para quê.

Apenas o homem e os sargentos entraram na casa, ouviu Pitou a voz, que lhe dizia.

- Levante as mãos.

Pitou levantou não só as mãos, mas também a cabeça, e viu o rosto pálido e aterrado de Catarina, que tinha uma faca na mão.

- Levante mais... Ainda mais - disse ela com voz abafada.

Pitou ergueu-se nos bicos dos pés.

Catarina inclinou-se para fora; o ferro cortou a corda e Pitou ficou com as mãos livres.

- Pegue na faca - disse Catarina - e corte a corda que o prende à argola.

Pitou não esperou que lho repetissem; cortou a corda e achou-se inteiramente livre.

- Agora - disse Catarina - aqui está um dobrão de ouro; tem boas pernas; fuja; vá a Paris e conte tudo ao Sr. Dr. Gilberto.

Não pôde acabar; os sargentos apareciam e o luís de ouro caiu aos pés de Pitou.

Pitou levantou-o vivamente. Com efeito, os sargentos estavam no limiar da porta, onde ficaram um instante, admirados de

verem livre aquele que tão bem tinham amarrado havia apenas um momento. À sua vista os cabelos de Pitou eriçaram-se-lhe, e recordou-se confusamente do *in crinibus augues* das Euménides.

Permaneceram todos algum tempo na situação da lebre e do caçador, imóveis e olhando um para o outro. Mas, do mesmo modo que, ao mais leve movimento do cão, a lebre foge, aos primeiros movimentos dos sargentos, Pitou deu um salto prodigioso e achou-se do outro lado de um valado de silvas.

Os sargentos soltaram um grito, que fez acudir o beleguim, que trazia debaixo do braço um cofrezinho. O beleguim não perdeu o tempo em discursos inúteis e começou a correr atrás de Pitou. Os dois sargentos imitaram-lhe o exemplo. Mas como não eram destros em saltar como Pitou por cima de uma parede de três pés e meio de altura, viram-se na necessidade de sair pela porta aberta e para isso foram dar uma volta.

Mas quando chegaram à esquina da sebe, viram Pitou a mais de quinhentos passos na planície, correndo directamente para a floresta, que lhe ficava na distância de um quarto de légua, apenas, e onde ele chegaria em poucos minutos.

Neste momento Pitou voltou-se, e vendo os sargentos, que corriam atrás dele mais para descargo de consciência do que na esperança de o alcançarem, dobrou de velocidade e em breve desapareceu no bosque.

Pitou continuou a correr assim durante um quarto de hora; teria corrido duas horas se fosse necessário: tinha fôlego e velocidade de veado.

Mas no fim de um quarto de hora, julgando-se por instinto fora de perigo, parou, respirou, escutou, e tendo-se certificado que estava só, disse:

- É incrível que tantos acontecimentos tenham sucedido em três dias...

E olhando alternativamente para o

dobrão e para a faca, continuou:

- Oh! Tenho pena que me não chegasse o tempo para trocar este ouro e dar dois soldos à Sr^a. Catarina, porque receio muito que esta faca corte a nossa amizade. Não importa - acrescentou - como ela me disse que fosse a Paris, vamos lá.

E Pitou, depois de se ter orientado, conhecendo que se achava entre Boursonne e Yvors, meteu-se por uma azinhaga, que o devia conduzir em direitura à charneca de Gondreville, por onde atravessa a estrada de Paris.

VIII

Por que motivo tinha o homem vestido de preto entrado na casa ao mesmo tempo que os dois sargentos

Voltemos agora ao casal e contemos a catástrofe, de que o episódio de Pitou era apenas o desenlace.

Pelas seis horas da manhã, um agente de polícia de Paris, acompanhado por dois sargentos, chegara a Villers-Cotterets, e apresentara-se ao comissário para que lhe indicasse a morada do lavrador Billot.

A quinhentos passos do casal, o oficial de justiça encontrara um trabalhador, e chegara-se a ele perguntando-lhe se encontraria o Sr. Billot em casa. O trabalhador respondera-lhe que nunca Billot voltava antes das nove horas, isto é, à hora do almoço. Mas naquele momento, erguendo o

trabalhador casualmente os olhos, e designando com o dedo um cavalheiro que, a um quarto de légua de distância, conversava com um pastor, disse:

- Ah! Justamente, aí vem quem procura.

- O Sr. Billot?

- Sim.

- É aquele homem a cavalo?

- É, sim, senhor.

- Pois bem, meu amigo, quer dar gosto a seu amo?

- De boa vontade.

- Então vá dizer-lhe que um senhor chegado de Paris o espera em sua casa.

- Oh! - disse o trabalhador - será porventura o Dr. Gilberto?

- Vá sempre - continuou o oficial de justiça.

O aldeão não esperou que lho dissessem duas vezes; deitou a correr pelos campos, enquanto o beleguim e os dois sargentos se iam emboscar por detrás de um muro meio arruinado, situado quase em frente da porta

do casal.

Um instante depois, ouviu-se galopar um cavalo, era o que trazia Billot.

Entrou no pátio do casal, apeou-se, atirou com a rédea a um moço da cavalaria, e correu para a cozinha, persuadido de que a primeira pessoa que ia ver era o Dr. Gilberto, em pé, junto da lareira; mas só viu a Sr^a. Billot que, assentada no meio da casa, depenava uns patos com todo o cuidado e escrúpulo que tão difícil operação requer.

Catarina estava no seu quarto ocupada em arranjar outra touca para o seguinte domingo. Como se vê, Catarina não perdia tempo. É que as mulheres têm sempre grande prazer em se preparar como devem, e em cuidar dos seus atavios.

Billot parou no limiar da porta e olhou em volta de si.

- Quem é que me procura? - perguntou ele.

- Eu - respondeu uma voz aflautada.

Billot voltou-se e viu o homem vestido

de preto e os dois sargentos.

- Olá! - disse ele recuando três passos - que querem de mim?

- Oh! Meu Deus, quase nada, meu caro Sr. Billot - disse o homem da voz aflautada - só quero dar uma busca ao seu casal, nada mais.

- Uma busca! - disse Billot.

- Uma busca - repetiu o oficial de justiça.

Billot deitou um olhar para a sua espingarda, que estava pendurada por cima da chaminé.

- Desde que temos uma assembléia nacional - disse ele - julgava que os cidadãos não estavam expostos a semelhantes vexames, que pertencem a outro tempo e que cheiram a outro régimen. Que pretendem de mim, que sou um homem pacífico e leal?

Os agentes de todas as polícias do mundo têm de comum entre si nunca responderem às perguntas das suas vítimas; só dando buscas, prendendo e amarrando, alguns se mostram compadecidos; e esses são

os mais perigosos, apesar de parecerem os melhores.

Este, que entrara em casa de Billot, era da escola de Tapin de Desgrés, gente toda adocicada, e que sempre tem alguma lágrima para aqueles a quem perseguem, mas não distraem as mãos em enxugar os olhos.

O agente, soltando um suspiro, fez um sinal com a mão aos sargentos, que se aproximaram de Billot, o qual recuou outro passo e estendeu a mão para pegar na espingarda. Mas a mão foi-lhe desviada da arma duplamente perigosa naquele momento, porque podia matar ao mesmo tempo o que dela se servia, por duas mãozinhas fortes de terror e suplicantemente poderosas.

Era Catarina, que acudira à bulha e chegara a tempo para salvar o pai do crime de resistência à justiça.

Passado o primeiro momento, Billot não resistiu mais. O beleguim ordenou que fosse detido numa sala do pavimento térreo, e

Catarina numa casa do primeiro andar; quanto à Sr^a. Billot, tão inofensiva havia sido julgada, que não pensaram nela e deixaram-na continuar na cozinha. Depois do que, vendo-se senhor do campo, o beleguim começou a dar busca na secretária, armários e cómodas.

Billot, vendo-se só, quis fugir. Mas, como a maior parte das salas dos pavimentos térreos dos casais, o quarto em que ele havia sido encarcerado tinha grades. O beleguim tinha logo à primeira vista observado essa circunstância, enquanto Billot, que fora o próprio que ali as mandara pôr, não se recordava de tal.

Então, pelo buraco da fechadura, viu o beleguim e os seus dois acólitos, que revolviam tudo em casa.

- Olá! Meus amigos! - bradou ele - que fazem aí?

- Bem vê, meu caro Sr. Billot - disse o beleguim - procuramos alguma coisa, que ainda não pudemos achar.

- Mas são talvez bandidos, celerados, ladrões...

-Oh! Senhor - disse o oficial de justiça pelo buraco da fechadura - trata-nos com demasiado rigor; somos gente tão honrada como o senhor, com a diferença que somos assalariados por Sua Majestade, e por consequência, temos obrigação de cumprir as suas ordens.

- As ordens de Sua Majestade! - bradou Billot; - o rei Luís XVI deu-lhes ordem para assim revolverem a minha secretária e porem tudo em confusão nas minhas cómodas, nos meus armários?

- Tal qual.

- Sua Majestade - prosseguiu Billot - Sua Majestade que, nem no ano passado, quando a fome era tão terrível que pensámos em comer os nossos cavalos, nem há dois anos, quando a saraiva nos queimou a colheita, se dignou lembrar-se de nós, que tem agora que importar-se com o meu casal, que nunca viu, ou comigo, a quem não conhece?!

- Perdoe, senhor - disse o beleguim entreabrindo a porta com precaução e mostrando a sua ordem assinada pelo chefe da polícia, mas que, segundo o uso, era precedida por estas palavras: “Em nome de el-rei”. - Sua Majestade ouviu falar de si, e se o não conheço pessoalmente, não recuse a honra que lhe faz, e receba de um modo conveniente os que se apresentam em seu nome.

E o beleguim, com uma cortesia cheia de urbanidade e um pequeno sinal amigável com os olhos, tornou a fechar a porta e prosseguiu na diligência.

Billot calou-se e cruzou os braços, passeando pela casa, como um leão na jaula; sentia-se preso e em poder daqueles homens.

A busca prosseguiu silenciosamente. Aqueles homens pareciam ter caído do céu. Ninguém os vira senão o jornaleiro que lhes ensinara o caminho. Nos pátios os cães não tinham ladrado; o chefe da expedição devia por força ser um homem hábil entre os seus

colegas, não era provavelmente aquela a sua primeira façanha.

Billot ouvia os gemidos da filha, fechada na casa por cima da sua. Recordava-se das suas palavras proféticas, porque não se podia duvidar que a perseguição de que o lavrador era objecto não tivesse por causa o livro do doutor.

Entretanto, nove horas acabavam de soar, e Billot, pela sua janela de grades, podia contar um depois do outro os seus trabalhadores que vinham entrando. Essa vista fez-lhe compreender que em caso de conflito teria por si a força, à falta do direito. Esta convicção fazia-lhe ferver o sangue nas veias. Não teve coragem para se conter mais tempo, e agarrando a porta pela argola, de tal modo a abalou, que com mais um ou dois abalos semelhantes lhe teria feito saltar a fechadura.

Os agentes vieram logo abrir, e viram o lavrador aparecer no limiar da porta, em pé e ameaçador; tudo em casa estava revolvido.

- Mas enfim! - bradou Billot - que procuram em minha casa? Digam-mo, quando não, juro que os obrigarei a dizê-lo.

A chegada sucessiva dos trabalhadores não tinha escapado ao olhar perspicaz do beleguim. Tinha contado os criados do casal, e ficara convencido que em caso de conflito, correria perigo de não ficar senhor do campo. Aproximou-se depois de Billot com uma urbanidade mais pacífica que de costume, e cortejando-o respeitosamente, respondeu-lhe:

- Dir-lho-ei, meu caro Sr. Billot, apesar de ser isso contra os nossos usos. O que procuramos em sua casa é um livro subversivo, é uma brochura incendiária, condenada pelos censores régios.

- Um livro em casa de um lavrador que nem sequer sabe ler?

- Que haveria para admirar nisso, se é amigo do autor e este lhe tivesse mandado um exemplar?

- Não sou amigo do Dr. Gilberto - disse Billot - sou apenas seu humilde servo. Amigo

do doutor seria demasiada honra para um pobre aldeão como eu.

Esta resposta inconsiderada, em que Billot se traía confessando que conhecia não só o autor, o que era muito natural pois que era inquilino dele, mas também o livro, assegurou a vitória do agente. Endireitou-se, mostrou o seu modo mais amável, e batendo no braço de Billot, com um sorriso que parecia dividir-lhe transversalmente o rosto, disse:

- *Tu o nomeaste!* Conhece estes versos, meu caro Sr. Billot?

- Não conheço versos.

- São do Sr. Racine, um grande poeta.

- E daí! Que significam esses versos? - disse Billot com impaciência.

- Significam que acaba de se trair.

- Eu?

- O senhor mesmo.

- Como?

- Nomeando o Dr. Gilberto, que havíamos tido a prudência de não nomear.

- É verdade - murmurou Billot.

- Então confessa?

- Farei mais.

- Oh! Meu caro Sr. Billot, enche-nos de favor. Que será?

- Se o que procura é esse livro, e eu lhe disser onde ele está - prosseguiu o lavrador com um desassossego que não podia completamente dissimular - cessam de revolver aqui tudo, não é verdade?

O oficial de justiça fez um sinal significativo aos dois esbirros.

- Certamente - disse ele - pois que esse livro é o objecto da nossa busca. Somente - acrescentou ele com a sua risonha visagem - o que pode acontecer é que nos confesse a existência de um exemplar tendo dez.

- Só tenho um exemplar, juro-lho.

- É o que devemos examinar dando uma busca minuciosa, meu caro Sr. Billot - disse o oficial de justiça. - Tenha pois mais cinco minutos de paciência. Somos apenas uns pobres agentes, que recebemos ordens da

autoridade, e não quererá por certo opor-se a que gente honrada cumpra com os seus deveres.

O homem de preto tinha acertado. Assim é que era preciso falar a Billot.

- Pois bem, será como quiserem - disse ele - mas depressa.

E voltou-lhes as costas.

O oficial de justiça fechou brandamente a porta, mais levemente ainda lhe deu uma volta de chave. Billot deixou-o fazer tudo e encolheu os ombros, porque estava certo que se quisesse arrombaria a porta.

Do seu lado, o homem de preto fez um sinal aos sargentos, que prosseguiram na sua tarefa, e todos três, redobrando de actividade, num abrir e fechar de olhos, livros, papéis, roupas, tudo se abriu, examinou e desdobrou.

De repente, no fundo do um armário por eles despejado, viu-se um pequeno cofre de madeira de carvalho chapeado de ferro. O oficial de justiça caiu-lhe em cima como uma águia sobre a sua presa. Bastou-lhe

simplesmente ver e cheirar para conhecer sem dúvida o que procurava, porque ocultou vivamente o cofrezinho debaixo da capa safada e fez sinal aos dois esbirros de que a sua missão estava desempenhada.

Billot impacientava-se muito neste momento; parou diante da porta fechada.

- Digo-lhe que não o achará, se eu lhe não disser onde está - bradou ele. - Não vale a pena revolver-me tudo sem resultado. Com os diabos! Não sou nenhum conspirador! Vamos, ouvem-me? Respondam, quando não, com os diabos! Parto para Paris, e vou queixar-me ao rei, à assembléia, a toda a gente.

Naquela época ainda se pronunciava o nome do rei primeiro que o do povo.

- Sim, meu caro Sr. Billot, ouvimos o que diz, estamos prontos a ceder às suas excelentes razões. Vamos, diga-nos onde oculta esse livro, e como estamos agora convencidos de que efectivamente só tem esse exemplar, tomá-lo-emos e retiramo-nos;

nada mais.

- Pois bem! - disse Billot - esse livro está nas mãos de um honrado rapaz, a quem esta manhã o confiei para levar a um amigo.

- E como se chama esse honrado rapaz?
- perguntou docemente o homem de preto.

- Ângelo Pitou. É um pobre órfão, que por caridade recebi em minha casa, e que nem sequer sabe de que trata o livro.

- Agradecido, meu caro Sr. Billot - disse o oficial de justiça, e metendo de novo a roupa no armário, fechou-o. - Mas onde está esse amável rapaz, tem a bondade de no-lo dizer?

- Julgo tê-lo visto quando para aqui entrei, perto de uma latada, junto de um caramanchão. Vá, tire-lhe o livro, mas não lhe faça mal.

- Fazer-lhe mal, nós! Oh! Meu caro Sr. Billot, que mau conceito faz da gente! Não somos capazes de fazer mal nem a uma mosca.

E avançaram para o lugar indicado.

Quando lá chegaram viram Pitou, cuja grande estatura o fazia parecer mais temido do que na realidade era. Lembrando-se então que os dois sargentos precisariam talvez do seu auxílio para vencer aquele gigante, o oficial de justiça soltara a capa, embrulhara-lhe o cofrezinho dentro, e tinha ocultado tudo num recanto ao seu alcance.

Mas Catarina, que estava de ouvido à escuta, tinha vagamente ouvido as palavras *livro, doutor e Pitou*. Portanto, vendo iminente e próxima a rebentar a tempestade, que tanto temera, concebeu desde logo a idéia de lhe atenuar os efeitos. Foi então que ela disse a Pitou que se declarasse dono do livro. Já dissemos o que se passou, e de que modo Pitou, amarrado pelo oficial de justiça e pelos sargentos, fora posto em liberdade por Catarina, que aproveitou o momento em que os dois sargentos entravam para ir buscar uma mesa, e o homem vestido de preto para pegar na capa e no cofrezinho. Também dissemos de que modo Pitou fugira, saltando

um valado de silvas: mas o que não dissemos é que o oficial de justiça, como homem de juízo, aproveitara-se dessa fuga.

Com efeito, agora que estava cumprida a dupla missão recebida pelo oficial de justiça, a fuga de Pitou era para o homem vestido de preto e para os dois sargentos uma excelente ocasião para também fugirem.

O homem, apesar de não ter esperança alguma de apanhar o fugitivo, excitou os dois sargentos com a voz e com o exemplo por tal modo que, vendo-os voar todos três pela luzerna e pelos trigos, tomá-los-iam pelos mais encarniçados inimigos do pobre Pitou, abençoando intimamente as longas pernas do perseguido.

Mas apenas Pitou desaparecera, internando-se na floresta, e que passaram as primeiras árvores, pararam. Durante a corrida, tinham-se-lhes reunido a eles outros dois sargentos que haviam ficado escondidos nas proximidades do casal, e que só deviam prestar auxílio no caso de serem chamados

pelo chefe.

-Safa! - disse o beleguim - foi uma fortuna aquele velhaco não ter o cofre em lugar de ter o livro. Ser-nos-ia necessário correr a posta para o agarrar. Com os diabos! Aquilo não são pernas de homem, são pernas de veado.

- Mas não o tinha, não é verdade, Sr. Pas-de-Loup? - disse um dos sargentos; - pelo contrário, é o senhor que está de posse dele, não?

- Sou eu, sou, meu amigo, e ei-lo aqui - respondeu aquele, cujo nome acabamos de pronunciar pela primeira vez, diremos melhor cuja alcunha lhe fora dada pela ligeireza e obliquidade do seu modo de andar.

- Então, temos direito às alvíssaras que nos prometeram?

- Aqui estão - disse o oficial de justiça, tirando da algibeira quatro luíses de ouro, que distribuiu pelos seus quatro esbirros, sem preferência dos que tinham obrado sobre os

que tinham esperado.

- Viva o nosso chefe! - bradaram os sargentos.

- Não há mal nenhum em gritar: Viva o nosso chefe! - disse Pas-de-Loup; - mas sempre que se grita é preciso fazê-lo com discernimento. Não é o chefe quem paga.

- Então quem?

- É um dos seus amigos, ou uma das suas amigas, não sei bem qual, que deseja conservar o anónimo.

- Aposto que é aquele ou aquela para quem vai o cofre - disse um dos esbirros.

- Rigolot, meu amigo - disse o chefe - sempre afirmei que eras um moço muito perspicaz; mas enquanto essa perspicácia vai amadurecendo, parece-me que não andaríamos mal avisados em dar aos calcanhares; o diabo do lavrador não me parece homem de muito bom génio, e se der pela falta do cofre, poderia lembrar-se de nos soltar os moços e trabalhadores, e asseguro-lhes que são uns velhacos que sabem fazer

pontaria tão certa como o melhor Suíço da guarda de Sua Majestade.

Esta opinião foi sem dúvida a da maioria, porque, os cinco agentes continuaram a caminhar pela floresta, que os ocultava a todas as vistas, e dali a três quartos de légua acharam-se na estrada.

Não era inútil a precaução, porque apenas Catarina viu o homem vestido de preto e os dois sargentos desaparecerem correndo atrás de Pitou, cheia de confiança na agilidade daquele a quem perseguiam, agilidade que, salvo algum caso accidental, devia levá-lo longe, chamou os trabalhadores, que bem sabiam que se passava alguma coisa, mas que ignoravam o que fosse, para lhes dizer que lhe abrissem a porta. Os trabalhadores acudiram, e Catarina, já livre, apressou-se em ir soltar o pai.

Billot parecia sonhar. Em lugar de correr para fora do quarto, só caminhava com desconfiança e voltava da porta para o meio da casa. Dir-se-ia que não ousava ficar quieto

no seu lugar, e que ao mesmo tempo receava demorar as vistas sobre a sua mobília arrombada e os seus objectos revolvidos.

- Enfim - perguntou Billot - tiraram-lhe o livro, não é verdade?

- Creio que sim, meu pai, mas não o agarraram.

- A quem?

- A Pitou. Fugiu, e se têm continuado a correr atrás dele, devem estar agora em Caboclas ou em Vauciennes.

- Ainda bem! Pobre rapaz! Eu é que sou o culpado disso.

- Oh! Meu pai; pensemos em nós; o Pitou lá se há-de haver bem, fique descansado. Mas, que desordem, santo Deus! Olhe, minha mãe!

- Oh! O meu armário da roupa - exclamou a Sr^a. Billot. - Nem respeitaram o meu armário da roupa; são uns verdadeiros celerados!

- Mexeram no armário da roupa! - bradou Billot.

E avançou para o armário, que o beleguim, como dissemos, tinha cuidadosamente tornado a fechar, e metendo os braços entre os montões de guardanapos desdobrados, disse:

- Oh! Não é possível!

- Que procura, meu pai? - perguntou Catarina.

Billot olhou em volta de si com um modo espantado.

- Olha, vê se o achas em alguma parte! Mas, não; naquela cómoda, não; naquela secretária, também não; e daí, ele estava aí, aí... Eu mesmo aí o tinha guardado. Ainda ontem o vi. Não era o livro que aqueles miseráveis procuravam, era o cofre.

- Que cofre? - perguntou Catarina.

- Ora! Bem sabes qual.

- O cofrezinho do Dr. Gilberto? - perguntou a Sr^a. Billot, que nas circunstâncias supremas conservava o silêncio e deixava os outros trabalhar e falar.

- Sim, o cofrezinho do Dr. Gilberto -

bradou Billot levando aflitivamente as mãos à cabeça; - sim, esse cofrezinho tão precioso.

- Assusta-me, meu pai - disse Catarina.

- Desgraçado de mim! - bradou Billot com raiva - e nem sequer desconfiei disso! Não me haver lembrado daquele cofrezinho! Oh! Que dirá o doutor? Que pensará? Que sou um traidor, um cobarde, um miserável.

- Mas, meu Deus, que continha aquele cofrezinho, meu pai?

- Não sei; mas tinha-me responsabilizado por ele ao doutor, obrigando-me até a arriscar a minha vida para o defender.

Billot fez um gesto tão desesperado que a mulher e a filha recuaram de terror.

- Meu Deus! Meu Deus! Enlouquece, meu pai? - disse Catarina.

E começou a chorar.

- Responda-me! - bradou ela - pelo amor de Deus, responda-me!

- Pedro, meu amigo - dizia a Sr^a. Billot - responde a tua filha, responde a tua mulher.

- O meu cavalo! O meu cavalo! - bradou o lavrador - tragam-me o meu cavalo!

- Onde vai, meu pai?

- Vou avisar o doutor; é preciso a todo o transe que ele seja prevenido disto.

- Mas onde o encontrará?

- Em Paris; não leste na carta que te escreveu que ia para Paris? Deve lá estar. Venha o cavalo! O meu cavalo!

- E assim nos deixa, meu pai, deixa-nos em tal momento? Deixa-nos cheias de angústia e inquietação?

- É forçoso, minha filha, é forçoso - disse o lavrador agarrando a cabeça de sua mulher entre as mãos e chegando-a convulsivamente aos lábios. - "Se alguma vez perder o cofrezinho - disse-me o doutor - ou antes se lho roubarem, no momento em que der pela falta dele, parta, Billot, venha avisar-me disso em qualquer parte onde eu esteja; não hesite ante obstáculo nenhum, ainda que se trate da vida de um homem."

- Meu Deus! Que conterà aquele cofre?

- Não sei. Tudo quanto sei, é que mo tinham confiado, e que o deixei roubar. Ah! Aí está o meu cavalo. Pelo filho, que está no colégio, saberei onde está o pai.

E abraçando ainda uma vez mais mulher e filha, o lavrador montou a cavalo e partiu a galope na direcção da estrada de Paris.

IX

A caminho

Voltemos a Pitou.

Pitou era impelido pelos dois mais poderosos estimulantes deste mundo: o medo e o amor.

O medo tinha-lhe dito:

- Podes ser preso ou espancado: acautela-te, Pitou!

E bastava isso para o fazer correr como um gamo.

O amor dissera-lhe pela voz de Catarina:

- Fuja depressa, meu caro Pitou!

E Pitou tinha fugido.

Os dois estimulantes, como dissemos, faziam com que Pitou não corresse, mas que voasse.

Decididamente, Deus é grande; Deus é infalível.

Como as pernas compridas de Pitou,

que lhe pareciam nodosas, e os enormes joelhos, tão desengraçados num baile lhe pareciam úteis no campo, quando o coração, inchado pelo receio, batia com três pulsações por segundo!

Não era o Sr. de Charny, com os seus pés delicados, os seus joelhos delgados, e as barrigas das pernas simetricamente colocadas no seu lugar, que poderia correr assim.

Pitou recordou-se da antiga fábula do veado, que lamenta os seus galhos mirando-se na fonte, e apesar de não ter na fronte aquele ornamento que o quadrúpede considerava como compensação às pernas delgadas e compridas, censurava-se a si próprio por haver menosprezado o comprimento e magreza das suas.

Pitou continuava pois a correr pela floresta, deixando Coyolles à direita, Yvors à esquerda, voltando-se a cada curva para ver, ou antes para escutar, porque havia muito que nada via; os seus perseguidores ficavam-lhe muito longe, graças a essa velocidade de

que Pitou acabava de dar tão esplêndida prova, pondo logo entre si e eles uma distância de mil passos, distância que a cada instante crescia.

Porque era Atalante casada? Pitou teria concorrido, e decerto, para vencer Hipómenes, não lhe seria preciso empregar como ele o subterfúgio dos três pomos de ouro.

Verdade é, como já dissemos, que os agentes de Pas-de-Loup, contentes por estarem senhores do bolo, pouco se importavam com Pitou; mas este é que não sabia disso.

Cessando de ser perseguido pela realidade, continuava a ser perseguido pela sombra.

Quanto aos esbirros, tinham em si a confiança que torna a criatura preguiçosa.

- Corre! Corre! - diziam eles, metendo as mãos aos bolsos, e fazendo tinir a recompensa com que acabavam de ser gratificados por Pas-de-Loup; - corre, meu

velhaco, que nós te apanharemos quando quisermos!

O que, digamo-lo de passagem, longe de ser uma vaidosa fanfarronada, era uma verdade exactíssima.

Pitou continuava a correr, como se pudesse ter ouvido os *apartes* dos agentes do Sr. Pas-de-Loup.

Quando, depois de prosseguir na sua corrida, foi cruzando os caminhos para enredar as suas pegadas, como fazem os animais ferozes ao fugirem às matilhas, tendo-os cruzado e entrecortado em tantas direcções que nem o próprio Nemrod se poderia entender em semelhante labirinto, tomou subitamente o seu partido, que consistia em fazer uma curva para a direita e meter-se na estrada de Villers-Cotterets para Paris, ali pelas alturas da charneca de Gondreville.

Tomada esta resolução, correu através do bosque, cortou-o em ângulo direito, e no fim de um quarto de hora, viu a estrada com

as suas areias amarelas e árvores verdes.

Uma hora depois da sua partida do casal, achava-se na estrada real.

Tinha andado nessa hora pouco mais ou menos quatro léguas e meia. É quanto se pode exigir de um bom cavalo a trote largo.

Olhou para trás. Não o seguia viva alma.

Olhou para a frente. Viu duas mulheres a cavalo em burros.

Pitou apanhara uma mitologia com gravuras, que pertencia ao pequeno Gilberto.

Naquela época todos se ocupavam de mitologia.

A história dos deuses e das divindades do Olimpo grego formava parte activa da educação da mocidade. Com a continuação de olhar para as gravuras, tinha Pitou aprendido a mitologia; tinha visto Júpiter disfarçado em touro para conduzir Europa, em cisne para cometer impudicícias com a filha de Píndaro, vira, enfim, muitos outros deuses entregarem-se a transformações mais

ou menos pitorescas; mas o que nunca tinha visto era um agente da polícia de Sua Majestade disfarçar-se em burro! O rei Midas, mesmo de burro, só teve as orelhas, e era um rei e fazia ouro quanto queria, motivo porque podia comprar a pele dos quadrúpedes toda inteirinha.

Algum tanto Sossegado pelo que via, ou antes pelo que não via, Pitou assentou-se na relva do caminho, limpou com a manga o rosto avermelhado, e deitando-se sobre a fresca erva, entregou-se à voluptuosidade do descanso.

Mas as doces emanações da luzerna e da manjerona não podiam fazer esquecer a Pitou o toucinho da tia Billot e o quarto de pão de centeio do peso de arrátel e meio, que Catarina lhe concedia a cada refeição, isto é, três vezes ao dia.

Este pão, que então custava quatro soldos e meio cada arrátel, preço enorme, que equivalia pelo menos a nove soldos da nossa época; esse pão, que faltava na França inteira,

passava, quando era comível, pelo fabuloso bolo que a duquesa de Polignac dizia ou aconselhava aos Parisienses que comessem quando lhes faltasse a farinha.

Pitou dizia pois filosoficamente consigo que a menina Catarina era a princesa mais generosa do mundo, e que o casal do tio Billot era o palácio mais sumptuoso do universo.

Depois, como os Israelitas nas margens do Jordão, olhava com tristeza para leste, isto é, na direcção do bem-aventurado casal, e suspirava.

E demais, suspirar não é coisa desagradável para um homem que precisa tomar fôlego depois de uma corrida desordenada.

Pitou respirava suspirando, e sentia as suas idéias, um instante muito confusas e perturbadas, voltarem-lhe com o alento.

- Por que - disse ele então consigo - por que me sucederam tantos acontecimentos extraordinários em tão curto espaço de

tempo? Por que tive mais dissabores em três dias do que durante todo o resto da minha vida?

“É porque sonhei com gatos a brigarem”.

E fez um gesto, que significava que a fonte de todas as suas desgraças lhe era suficientemente conhecida.

- Sim - acrescentou Pitou depois de um momento de reflexão - mas não é uma lógica como a do meu venerável abade Fortier. Não foi por eu ter sonhado com um gato assanhado que me sucederam todas estas aventuras. O sonho foi enviado ao homem como simples aviso.

“É por isso, prosseguiu Pitou, que não sei que autor disse: “Sonhaste, acautela-te.” *Cave somniasti.*

“*Somniasti?* Observou Pitou horrorizado, terei soltado mais algum barbarismo? Ah! Não, só fiz uma elisão; em linguagem gramatical devera ter dito *somniavisti.*

“É pasmoso, prosseguiu Pitou admirado

de si mesmo, como sei o latim desde que não o aprendo!”

E com essa glorificação de si mesmo, pôs-se Pitou de novo a caminho.

Pitou caminhou a passos largos, se bem que mais sossegado. Era passo que podia dar bem duas léguas por hora.

Resultou daí que duas horas depois de se ter novamente metido a caminho, Pitou passara Nanteuil e encaminhava-se para Dammartin.

De repente, o ouvido, bem exercitado, transmitiu-lhe o som de ferraduras de cavalo soando no chão.

- Oh! Oh! - disse Pitou, proferindo o famoso verso de Virgílio:

Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula campum.

E olhou.

Mas não viu nada.

Seriam os burros que ele deixara em Levignan, que tinham metido a galope? Não, porque a unha de ferro, como diz o poeta,

soava no chão, e Pitou, em Haramont, e mesmo em Villers-Cotterets, só conhecera um burro ferrado, o da tia Sabot, e ainda isso era porque a tia Sabot fazia o serviço do correio entre Villers-Cotterets e Crespy.

Esqueceu portanto momentaneamente o ruído que ouvira, para voltar às suas reflexões.

Quem eram aqueles homens que o tinham interrogado sobre o Dr. Gilberto, que lhe tinham atado as mãos, que o tinham perseguido e a quem ele fugira?

Donde vinham aqueles homens inteiramente desconhecidos em todo o distrito?

Que tinham de particular a tratar com Pitou, que nunca os tinha visto, e que por conseqüência não os conhecia?

Como era que não os conhecendo, o conheciam eles? Por que motivo lhe tinha a menina Catarina dito que partisse para Paris, e por que motivo, a fim de facilitar a jornada, lhe tinha dado um luís de ouro de quarenta e

oito francos, isto é, duzentos e quarenta arráteis de pão, de quatro soldos o arrátel, o que chegava para comer durante oitenta dias, isto é, perto de três meses, por pouco que fizesse alguma economia em cada ração diária?

Supunha a menina Catarina que Pitou devesse ou pudesse ficar oitenta dias ausente do casal?

De repente Pitou estremeceu, e disse:

- Oh! Oh! Ainda ouço as ferraduras!

E endireitou-se.

- Desta vez - disse Pitou - não me engano, a bulha que ouço é de um cavalo a galope, e vai brevemente aparecer naquele alto.

Tinha apenas proferido estas palavras, apareceu um cavalo no ponto culminante de um pequeno outeiro, que Pitou acabava de deixar atrás de si, isto é, a coisa de quatrocentos passos.

Pitou, que não quisera admitir a possibilidade de um agente de polícia se

transformar em burro, admitiu perfeitamente a possibilidade de ter esse agente montado a cavalo, para mais rapidamente perseguir a presa que lhe fugia.

O medo, que por um instante o abandonara, apoderou-se novamente de Pitou e deu-lhe pernas mais compridas e mais intrépidas do que aquelas que tão maravilhoso serviço lhe tinham prestado duas horas antes.

E sem reflectir, sem olhar para trás, sem sequer tentar dissimular a fuga, contando com a excelência das suas pernas de ferro, Pitou, saltou para o outro lado do fosso que havia na estrada, e começou a fugir pelos campos na direcção de Ermenonville. Via no horizonte o cume de algumas árvores, e dizia consigo:

- Se alcanço aquelas árvores, que sem dúvida são a entrada de alguma floresta, estou salvo!

E dirigiu-se para Ermenonville.

Desta vez tratava-se de vencer um

cavalo na carreira. Já não eram pés que Pitou tinha, eram asas.

Tanto mais, que depois de ter andado alguns cem passos, pouco mais ou menos, Pitou olhara para trás, e tinha visto o cavaleiro obrigar o seu cavalo a dar o imenso salto que ele também dera por cima do fosso que havia na estrada.

A partir daquele momento, já não havia dúvida para o fugitivo que atrás dele é que o cavaleiro corria, e, portanto, dobrara de velocidade, não voltando já a cabeça para não perder tempo.

O que lhe apressava agora a corrida não era o som das ferraduras na calçada; esse ruído amortecia-se na luzerna e no mato; o que lho apressava a carreira era um grito que o perseguia, a última sílaba do seu nome pronunciada pelo cavaleiro, um *ou! ou!* que parecia o eco do seu nome e que, sibilando, atravessava os ares.

Mas, no fim de dez minutos de semelhante corrida desenfreada, Pitou sentiu

o peito inchar, e a cabeça tornar-se-lhe pesada. Os olhos começaram a vacilar-lhe nas órbitas. Pareceu-lhe que os joelhos lhe tomavam considerável desenvolvimento, ao passo que as costas se lhe enchiam de pedrinhas. De vez em quando tropeçava em algum rego de terra lavrada, ele, que ordinariamente levantava tão alto os pés quando corria, que se lhe viam todos os pregos das solas dos sapatos.

Enfim, o cavalo, que nasceu superior ao homem na arte de correr, ganhou terreno sobre o bípede Pitou, que ouviu ao mesmo tempo a voz do cavaleiro que gritava não já *ou! ou!* mas bem e claramente: *Pitou! Pitou!*

Não havia remédio, estava tudo perdido.

Entretanto, Pitou tentou continuar a correr; era uma espécie de movimento maquinal; ia levado pela força repulsiva; de repente, os joelhos faltaram-lhe, cambaleou soltando profundo suspiro, caiu redondamente com a face contra o chão.

Mas ao mesmo tempo que se deitava, bem decidido a não tornar a erguer-se, por sua vontade pelo menos, recebeu uma chicotada que lhe cingiu a cintura. Uma voz, que lhe não era desconhecida, bradou:

- Ora pois bruto; ora pois imbecil, juraste fazer rebentar o Cadete.

Este nome de Cadete acabou de fixar as irresoluções de Pitou.

- Ah! - exclamou ele voltando-se no chão de modo que em lugar de estar deitado sobre o ventre, ficou deitado de costas. - Ah! Ouço a voz do Sr. Billot.

Era, com efeito, o tio Billot. Quando Pitou se certificou bem da identidade do seu patrão, assentou-se.

O lavrador, da sua parte, tinha feito parar Cadete, que estava todo coberto de espuma branca.

- Ai, meu caro Sr. Billot - bradou Pitou - como é bom correr desse modo atrás de mim! Juro-lhe que, uma vez comido o dobrão de ouro da menina Catarina, teria voltado ao

casal. Mas, como está aí, receba de novo o seu dinheiro, porque no fim de contas é seu, e voltemos ao casal.

- Com os diabos! - disse Billot - não se trata agora do casal. Onde estão os esbirros?

- Os esbirros! - perguntou Pitou, que não compreendia bem a significação de semelhante palavra.

- Sim! Os esbirros - disse Billot - os homens vestidos de preto, se assim percebes melhor.

- Ah! Os homens de preto! Bem deve imaginar, meu caro Sr. Billot, que não me entretive em esperar por eles.

- Bravo! Então ficaram atrás.

- Disso me lisonjeio eu; parece-me que não poderia ser de outro modo, depois de uma corrida como esta.

- Então se estás seguro disso, por que fugias desse modo?

- Porque julgava ser o chefe, que para não ficar mal, me perseguia a cavalo.

- Ora vamos! Não és tão desastrado

como julgava. Então, uma vez que o caminho está desimpedido, eia! Eia! Para Dammartin.

- Como! Eia! Eia!

- Sim, levanta-te, e vem comigo.

- Vamos então a Dammartin?

- Vamos, sim, tomarei um cavalo em casa do compadre Lefranc. Deixarei lá o Cadete, que já não pode consigo, e iremos hoje ficar em Paris.

- Pois sim, Sr. Billot, pois sim.

- Então, levanta-te!

Pitou fez um esforço para obedecer.

- Bem quisera erguer-me, meu caro Sr. Billot, mas não posso.

- Não te podes erguer?

- Não, senhor.

- Mas pudeste ainda agora dar um belo salto.

- Oh! Ainda agora, não admira, ouvi a sua voz, e recebi ao mesmo tempo uma chicotada. Mas isso são coisas que só produzem efeito uma vez; agora estou acostumado à sua voz, e quanto ao chicote

fico certo que só o aplicará no pobre Cadete, que está quase tão cansado como eu.

A lógica de Pitou, que afinal era a mesma do abade Fortier, persuadiu e sensibilizou quase o lavrador.

- Não tenho tempo para lamentar a tua sorte - disse ele a Pitou. - Mas, vamos, faze um esforço, e salta para a garupa do Cadete.

- Mas - disse Pitou - desse modo vai o pobre animal rebentar!

- Ora! Daqui a meia hora estaremos em casa do tio Lefranc.

- Mas, meu caro Sr. Billot, parece-me que é absolutamente inútil que eu vá a casa do tio Lefranc.

- Por quê?

- Porque se tem alguma coisa que fazer em Dammartin, eu nada tenho que ir lá tratar.

- Sim, mas preciso que venhas a Paris. Em Paris hás-de servir-me. És dotado de punhos sólidos e fortes, e tenho por certo que não tardará muito que por lá haja grossa

pancadaria.

- Ah! Ah! - disse Pitou, pouco encantado com a perspectiva - parece-lhe isso?

E içou-se para cima do Cadete, puxando-o Billot para si como um saco de farinha.

O bom lavrador meteu de novo à estrada, e tanto fez com a rédea, os joelhos e as pernas, que em menos de meia hora, como ele dissera, estavam em Dammartin.

Billot entrara na vila por uma ruazinha conhecida dele. Dirigiu-se ao casal do tio Lefranc, e deixando Pitou e Cadete no meio do pátio, correu à cozinha, onde estava o tio Lefranc abotoando as polainas e preparando-se para uma volta pelo campo.

- Depressa, depressa, compadre - lhe disse ele, antes que este tornasse a si da sua admiração - o teu melhor cavalo.

- É Margot - disse Lefranc; - está aparelhado e pronto, pobre animal! Ia sair nele.

- Pois bem! Venha então o Margot; mas

deixa-me desde já prevenir-te de que pode muito bem acontecer que eu te rebente o cavalo.

- Ora, rebentares tu o Margot! E por quê, fazes favor de mo dizer?

- Porque preciso estar esta noite em Paris – disse Billot com ar triste.

E fez a Lefranc um gesto maçónico dos mais significativos.

- Rebenta Margot, nesse caso - disse o tio Lefranc; - tu me darás o Cadete.

- Está dito.

- Um copo de vinho.

- Dois.

- Mas não vens só, parece-me?

- Não, trago comigo um belo rapaz, e que está tão cansado que não teve forças para vir até aqui; manda-lhe dar alguma coisa.

- Já, já - disse Lefranc.

Em dez minutos ambos os compadres tinham despejado cada um uma garrafa, e Pitou engolira um pão de dois arrátéis, e meio arrátel de toucinho. Enquanto comia,

um moço da abegoaria esfregava Pitou com um punhado de luzerna fresca, como teria feito a um cavalo de estimação.

Depois de bem esfregado, e tendo acabado de comer, Pitou bebeu um copo de vinho, tirado de terceira garrafa, que foi despejada num instante pelos dois compadres. Depois disto, Billot montou em Margot, e puseram Pitou, muito teso, na garupa.

O bom animal, despertado pela espora, caminhou, com o dobrado peso, valentemente na direcção de Paris, sem cessar de enxotar as moscas com o rabo robusto, cujas espessas crinas sacudiam o pó nas costas de Pitou e lhe cingiam por vezes as pernas delgadas e metidas nas meias mal puxadas.

X

O que se passava no fim da estrada
que Pitou seguia, isto é, em Paris

De Dammarthi a Paris vão oito léguas. As quatro primeiras ainda se andaram facilmente, mas desde o Bourget, as pernas de Margot, apesar de serem estimuladas pelas pernas compridas de Pitou, acabaram por fraquejar. A noite ia escurecendo.

Chegados ao sítio da Villette, pareceu a Billot ver na direcção de Paris um grande clarão.

Fez notar a Pitou esse clarão vermelho no horizonte.

- Pois não vê - lhe disse Pitou - que é tropa acampada, e que acenderam fogueiras?

- Como! Tropa? - disse Billot.

- Assim como por aqui anda alguma, por que razão não andaria também por acolá?

Com efeito, olhando atentamente para o

lado direito, o tio Billot viu a planície de Saint-Denis semeada de grupos negros, que marchavam silenciosamente na sombra, infantaria e cavalaria.

Os armamentos brilhavam por vezes com o reflexo dos pálidos raios das estrelas.

Pitou, a quem os passeios nocturnos na floresta tinham acostumado a ver na escuridão, mostrou a seu amo peças de artilharia enterradas até meio das rodas das carretas, nos campos úmidos.

- Oh! Oh! - disse Billot. - Por aqui há novidade? Apressemos-nos, rapaz, apressemos-nos.

- Sim, sim, há fogo - disse Pitou erguendo-se na garupa de Margot. - Olhe! Olhe! Não vê as faíscas?

Margot parou. Billot apeou-se e chegando-se a um grupo de soldados vestidos de azul e amarelo, que acampava junto das árvores da estrada, perguntou:

- Olá, camaradas, sabem dizer-me o que haverá de novo em Paris?

Mas os soldados contentaram-se em lhe responder com algumas pragas, pronunciadas em língua alemã.

- Que diabo dizem eles? - perguntou Billot a Pitou.

- Não é latim, meu caro Sr. Billot - respondeu Pitou todo trémulo; - é tudo quanto lhe posso afirmar.

Billot reflectiu e olhou.

- Que pateta sou! - disse ele - em me haver dirigido aos Kaiserliks.

E, na sua curiosidade, ficava imóvel no meio da estrada.

Um oficial dirigiu-se a ele, e em mau francês disse-lhe:

- Siga depressa o seu caminho.

- Perdão, meu capitão - respondeu Billot - mas como vou para Paris...

- Que tem isso?

- Como o vejo no caminho, receio que não me deixem passar às portas.

- Deixam passar.

Billot montou de novo a cavalo e passou

com efeito.

Mas foi para cair no meio dos hussardos de Bercheny, que estavam em La Villette.

Desta vez, não estava com Alemães, mas com patrícios, e as suas perguntas tiveram melhor resultado.

- Senhor - perguntou ele - tem a bondade de me dizer o que há de novo em Paris?

- Os endiabrados Parisienses - disse um hussardo - querem por força o seu Necker, e atiraram sobre nós, como se tivéssemos alguma coisa com isso.

- Querem o seu Necker! -bradou Billot; - porquê? Acaso o perderam?

- Certamente, visto que o rei o demitiu.

- O rei demitiu o Sr. Necker! - exclamou Billot com o espanto de um adepto que brada sacrilégio; - o rei demitiu aquele grande homem?

- Demitiu, sim, meu amigo; e ainda há mais, é que o tal grande homem vai já no caminho de Bruxelas.

- Pois bem! Então agora vai ser bonito - bradou Billot com uma voz terrível, importando-se pouco com o perigo que corria em se mostrar assim a favor de uma insurreição no meio de mil e duzentas ou mil e quinhentas espadas realistas.

Billot tornou a montar em Margot, apressando-lhe o passo até chegar às portas da cidade.

À medida que avançava, via crescer o incêndio; uma grande coluna de fumo e de fogo elevava-se para o céu, tornando-o dum vermelho escuro.

Eram as casas da barreira que ardiam.

Uma multidão amotinada, furiosa, em que estavam muitas mulheres, que segundo o costume, ameaçavam e gritavam mais alto do que os homens, aticava a chama com fragmentos de madeira da casa e com a mobília e utensílios dos empregados da barreira.

Na estrada, os regimentos húngaros e alemães, de armas em descanso, olhavam

para essa devastação e nem se mexiam sequer.

Billot não parou naquele baluarte de fogo. Impeliu Margot através do incêndio. Margot passou valentemente pela barreira incandescente, mas, chegando ao outro lado da mesma, teve que parar diante de um ajuntamento compacto de povo, que fugia do centro da cidade para as extremidades, uns cantando, outros bradando: - Às armas!

Billot tinha a aparência do que era, isto é, um bom aldeão que vem a Paris tratar dos seus negócios. Talvez gritasse demasiadamente alto: - Arreda! Arreda! Mas Pitou repetia com tanta urbanidade depois dele: - Tenham a bondade de se arredar! Que um emendava o outro. Ninguém tinha interesse em impedir que Billot fosse tratar dos seus negócios; deixaram-no passar.

Margot cobrara novas forças; o fogo tisonara-lhe o pêlo; toda aquela vozeria, a que não estava acostumado, animara-o. Billot via-se obrigado a reprimir o génio feroso do

animal para não esmagar os numerosos ajuntamentos que havia diante das portas, e o grande número de curiosos, que deixavam estas para ir em chusma até à barreira.

Billot foi avançando como pôde, puxando Margot ora para a direita, ora para a esquerda até ao bulevar; mas ali teve de parar.

Imenso concurso de povo desfilava vindo da Bastilha e caminhando para o *Garde-Meuble*, esses dois nós de pedra que naquela época atavam o cinto nos flancos de Paris.

Esse cortejo, que enchia o bulevar, seguia um andor em que se ostentavam dois bustos: um coberto com fumo, o outro coroadado de flores.

O busto coberto de fumo era o de Necker, ministro demitido o outro era o do duque de Orleans, que na corte se declarara altamente a favor do grande economista de Genebra.

Billot indagou o que era aquela procissão; disseram-lhe que era uma

homenagem popular que se prestava ao Sr. Necker e ao seu defensor, o Sr. duque de Orleans.

Billot nascera numa terra onde havia século e meio que se venerava o nome do duque de Orleans, Billot pertencia à seita filosófica, e por consequência considerava Necker, não só como um grande ministro, mas como um apóstolo da humanidade.

Era mais do que o necessário para exaltar Billot.

Apeou-se da égua sem saber o que fazia, bradando:

- Viva o duque de Orleans! Viva Necker!
- e misturou-se com a multidão.

Uma vez ligado à multidão, desapareceu-lhe a liberdade individual. Como todos sabem, cessa o livre-arbítrio, quer-se o que a multidão quer, faz-se o que ela faz. Billot tinha aliás muito mais facilidade em se deixar arrastar, porque estava antes na frente do que na retaguarda do movimento.

O cortejo bradava furioso:

- Viva Necker! Não queremos tropas estrangeiras! Abaixo as tropas estrangeiras!

Billot uniu a sua voz poderosa a todas essas vozes.

Uma superioridade, qualquer que seja, é sempre apreciada pelo povo. O parisiense da cidade, de voz fraca ou roufenha, gasta pela inanição ou estragada pelo vinho, apreciou a voz sonora, fresca e vibrante de Billot e deu-lhe lugar: de modo que, sem ser muito apertado, empurrado, pisado ou sufocado, Billot pôde chegar ao pé do andor.

No fim de dez minutos, um dos que levavam o andor e a quem o entusiasmo excedia as forças, cedeu-lhe o lugar.

Billot, como se vê, tinha caminhado rapidamente.

Na véspera, simples propagador do livro do Dr. Gilberto, era no dia seguinte um dos instrumentos de triunfo de Necker e do duque de Orleans.

Mas, apenas chegou àquele posto, uma

idéia súbita o assaltou.

Que era feito de Pitou? Que era feito de Margot?

Sempre levando o andor, Billot olhou para trás, e ao clarão dos archotes que acompanhavam e alumiam a multidão, ao clarão dos lampiões que alumiam todas as janelas, viu, no meio do cortejo, uma espécie de eminência ambulante formada por cinco ou seis homens, que gesticulavam e gritavam.

No meio dessas gesticulações e desses gritos, era fácil distinguir a voz e reconhecer os braços compridos de Pitou.

Pitou fizera quanto lhe fora possível para defender Margot; mas apesar dos seus esforços a pobre égua tinha sido invadida. Margot já não trazia em cima Billot e Pitou, peso já muito sofrível para o pobre animal. Margot trazia todos quanto lhe podiam caber sobre o lombo, sobre as ancas, sobre a garupa e sobre o pescoço.

Margot parecia, com a noite, que sempre aumenta os vultos, conforme a imaginação,

um elefante carregado de caçadores, que se dirigia à montaria de tigres.

O vasto lombo de Margot tinha cinco ou seis energúmenos, que se haviam estabelecido sobre ele, bradando: - Viva Necker! Viva o duque de Orleans! Abaixo os estrangeiros!

Ao que Pitou respondia:

- Vão esmagar Margot.

A embriaguez era geral.

Billot teve por um momento idéia de ir acudir a Pitou e a Margot, mas reflectiu que se renunciasse um instante à honra que conquistara, de levar uma das varas do andor, não a tornaria decerto a alcançar. Depois pensou que, afinal de contas, segundo a troca, prometida ao tio Lefranc, do Cadete por Margot, Margot pertencia-lhe, e que, se lhe sucedesse alguma desgraça, era objecto de trezentas ou quatrocentas libras, e ele era bastante rico para fazer esse sacrifício à sua pátria.

Durante esse tempo, o cortejo ia

prosseguindo sempre, tinha obliquado à esquerda e descido pela rua Montmartre, até à praça das Vitórias. Chegado ao Palais-Royal, um grande ajuntamento impedia-lhe o passo, enorme multidão de homens com folhas verdes nos chapéus bradavam:

- Às armas!

Era indispensável um reconhecimento: aqueles homens, que tomavam toda a rua Vivienne, eram amigos ou inimigos? O verde era a cor do conde de Artois. Que significavam aqueles laços verdes?

Depois de um instante de conferência, explicou-se tudo.

Sabendo da demissão de Necker, um mancebo que saíra do café Foy, trepara a uma mesa, e mostrando uma pistola, bradara:

- Às armas!

A esse grito, todos os freqüentadores do Palais-Royal se haviam reunido em volta dele bradando também:

- Às armas!

Já dissemos, todos os regimentos

estrangeiros estavam acampados fora de Paris. Parecia uma invasão austríaca. Os nomes desses regimentos feriam os ouvidos franceses: eram Reynac, Salis Samade, Diesbach, Esterhazy, Roemer. Bastava nomeá-los para que a multidão compreendesse que se pronunciavam nomes inimigos. O mancebo nomeou-os: anunciou que os Suíços, acampados nos Campos-Elíseos com quatro peças de artilharia, deviam naquela mesma noite entrar em Paris precedidos pelos dragões do príncipe de Lambescq. Propôs um laço novo, que não fosse o deles, arrancou uma folha de castanheiro e pô-la no chapéu. No mesmo instante todos o imitaram. Três mil pessoas tinham em dez minutos desfolhado as árvores do Palais-Royal.

De manhã o nome do mancebo era ignorado, à noite todos o repetiam.

Esse mancebo chamava-se Camilo Desmoulins.

Reconheceram-se, confraternizaram,

abraçaram-se; e depois o cortejo continuou o seu caminho.

Durante o momento de interrupção que acabava de ter lugar, a curiosidade daqueles que nada podiam ver, mesmo erguendo-se nos bicos dos pés, tinha sobrecarregado Margot com um novo peso, no selim, nos estribos, na garupa, de modo que, ao continuar o caminho, o pobre animal deixou-se cair.

No canto da rua Richelieu, Billot olhou para trás. Margot desaparecera.

Soltou um suspiro dirigido à memória do infeliz animal; depois, reunindo todas as forças da sua voz, chamou três vezes Pitou, como os Romanos faziam nas exéquias dos seus parentes; pareceu-lhe ouvir do centro da multidão uma voz que lhe respondia. Mas essa voz perdia-se entre os clamores confusos que subiam ao céu, num misto de ameaças e de aclamações.

O cortejo continuava sempre.

Todas as lojas estavam fechadas; mas

todas as janelas estavam abertas, e delas saíam brados de animação que, cheios de embriaguez, caíam sobre a multidão.

Assim chegou tudo à Praça Vendôme.

Mas chegado ali, foi o cortejo detido por um obstáculo imprevisto.

Semelhante a esses troncos de árvores, arrastados pela cheia de um rio, que encontrando as colunas de uma ponte são repelidos contra os outros fragmentos que os seguem, o exército popular encontrou na praça de Vendôme um destacamento do Real-Alemão.

Estes soldados estrangeiros eram dragões, que vendo a inundação que subia pela rua Saint-Honoré, e que começara a trasbordar na praça Vendôme, soltaram a rédea aos cavalos, impacientes por ali estacionarem desde as cinco horas, e partiram a todo o galope, dando uma carga sobre o povo.

Os que levavam o andor receberam o primeiro choque e caíram debaixo do fardo.

Um Saboiano, que ia adiante de Billot, foi o primeiro a levantar-se, espetou num pau o busto do duque de Orleans, ergueu-o acima da sua cabeça, bradando: - Viva o duque de Orleans! que ele nunca tinha visto, ou: - Viva Necker! Que ele não conhecia.

Billot ia fazer o mesmo ao busto de Necker, mas fora antecipado por alguém. Um rapaz de vinte e quatro ou vinte e cinco anos, vestido com bastante elegância, que tinha seguido com os olhos todos os movimentos, o que lhe era mais fácil do que a Billot, que ia ao andar, assim que viu o busto no chão, correu para ele.

Foi portanto em vão que o aldeão procurou o busto de Necker no chão. Já estava espetado num pau, e trazido ao pé do busto do duque de Orleans, ajuntava ao redor de si boa parte do cortejo.

De repente, um clarão ilumina a praça. Ao mesmo tempo ouve-se uma detonação, as balas sibilam; um corpo pesado bate na frente de Billot, que cai, e no primeiro momento

julga-se morto.

Mas não perdera os sentidos e, a não ser uma forte dor de cabeça, não sente outro mal. Billot compreende que está simplesmente ferido, e compreende que tem apenas uma contusão na cabeça, e que as suas mãos estão ensangüentadas.

O mancebo bem trajado, que precedia Billot, acabava de receber uma bala no peito. Era esse o morto. Aquele sangue era seu. O choque experimentado por Billot, era do busto de Necker, que, perdendo o seu sustentáculo, lhe tinha caído na cabeça.

Billot solta um grito, meio de raiva, meio de terror.

Afasta-se do mancebo, que se debate nas convulsões da agonia. Os que o cercam afastam-se como ele, e o grito que ele soltou, repetido pela multidão, prolonga-se como um eco fúnebre até aos últimos grupos da rua de Saint-Honoré.

Esse grito é uma nova rebelião: ouve-se segunda descarga, e largos vácuos nos

grupos denunciavam a passagem de projecteis.

Levantar o busto que está todo sujo de sangue, erguê-lo acima da sua cabeça, protestar com a sua voz varonil mesmo em risco de ser morto como o belo mancebo, cujo corpo jaz a seus pés, é o que a indignação inspira a Billot, o que ele pratica no primeiro momento do seu entusiasmo.

Mas logo uma vigorosa mão encosta-se ao ombro do lavrador, e o carrega por tal forma, que se vê obrigado a vergar sob o peso. O lavrador quer livrar-se desse peso, mas outra mão não menos vigorosa do que a primeira cai-lhe sobre o outro ombro. Volta-se bramindo para ver com que espécie de antagonista tem a lutar.

- Pitou! - exclama ele.

- Sim, sim - respondeu Pitou - abaixe-se um pouco e verá.

E, dobrando de esforços, Pitou conseguiu deitar no chão ao pé de si o lavrador recalcitrante.

Apenas o tinha deitado com o rosto

contra o chão, ouviu-se uma nova descarga. O Saboiano que levava o busto do duque de Orleans, cai também ferido com uma bala numa perna.

Depois ouve-se o som de ferraduras na calçada. Os dragões dão segunda descarga. Um cavalo furioso e ardente como o do Apocalipse, passa por cima do desgraçado Saboiano, que sente o frio de uma lança penetrar-lhe no peito, e cai sobre Billot e Pitou.

A procissão passa, levando até ao fundo da rua, onde se abisma, o terror e a morte! Só os cadáveres ficam no chão. Tudo foge pelas ruas adjacentes. As janelas fecham-se. Lúgubre silêncio sucede aos gritos de entusiasmo e aos clamores de cólera.

Billot esperou um instante, sempre seguro pelo prudente Pitou; depois, sentindo que o perigo se afastava com a bulha, ergueu-se sobre um joelho, enquanto Pitou, à maneira das lebres nas tocas, começava a arrebitar, não a cabeça, mas as orelhas.

- Então! Sr. Billot - disse Pitou - parece-me que dizia a verdade, e que chegamos no momento próprio?

- Vamos, ajuda-me.

- A que, a fugir?

- Não; aquele casquilho está morto, mas o pobre Saboiano está só desfalecido, segundo creio. Ajuda-me a carregar com ele às costas; não o podemos deixar aqui, porque aqueles danados Alemães decerto vêm acabar com ele.

Billot falava uma linguagem que ia direita ao coração de Pitou, que nada soube responder, e obedeceu. Pegou no corpo do Saboiano desfalecido e ensangüentado, e, como se fosse um saco, pô-lo sobre os ombros do robusto lavrador, que, vendo a rua de Saint-Honoré livre e deserta na aparência, seguiu com Pitou pelo caminho do Palais-Royal.

XI

A noite de 12 para 13 de Julho

A rua parecera ao princípio deserta a Billot e Pitou, porque os dragões, perseguindo os fugitivos, tinham subido até ao mercado de Saint-Honoré, espalhando-se pelas ruas Louis-le-Grand e Gaillon; mas à medida que Billot avançava para o Palais-Royal, resmungando instintivamente e a meia voz a palavra vingança, apareciam homens nos cantos das ruas, nos limiares das portas, os quais, ao princípio mudos e espantados, olhavam em volta de si, e seguros da ausência dos dragões, faziam cortejo a essa marcha fúnebre, repetindo ao princípio a meia voz, depois em voz alta, e afinal em altos brados, a palavra: - Vingança! Vingança!

Pitou caminhava atrás do lavrador, levando na mão o barrete do Saboiano.

Assim chegou a fúnebre e terrível

procissão à praça do Palais-Royal, onde um povo inteiro, cheio de cólera, formava conselho e pedia o apoio dos soldados franceses contra os estrangeiros.

- Quem são aqueles homens de uniforme? - perguntou Billot chegando à frente de uma companhia, que de armas em descanso, estava postada na praça do Palais-Royal, desde a grande porta do palácio até à rua de Chartres.

- São os guardas franceses! - bradaram várias vozes.

- Ah! - disse Billot aproximando-se e, mostrando aos soldados o corpo do Saboiano, que já era cadáver. - Ah! São Franceses e deixam-se assassinar por Alemães!

Os guardas franceses deram um passo para trás.

- Morto! - murmuram algumas vozes nas fileiras.

- Sim, morto! Morto, assassinado, este e muitos outros.

- E por quem?

- Pelos dragões de Real-Alemão. Não ouviram aqui os gritos, os tiros, o galope dos cavalos?

- Sim, sim! -bradaram duzentas ou trezentas vozes - assassinaram o povo na praça Vendôme.

- E não são também do povo? Santo Deus! - bradou Billot dirigindo-se aos soldados; - é da sua parte uma grande cobardia deixar que assim assassinem seus irmãos!

- Uma cobardia! - murmuraram algumas vozes ameaçadoras.

- Sim... É uma cobardia! Disse-o e repito-o. Vamos - prosseguiu Billot dando três passos para o lado donde tinham saído as vozes ameaçadoras; - não querem agora matar-me a mim, para provar que não são cobardes?

- Bem! Está bem... Está bem... - disse um dos soldados; - é um valente, meu amigo, mas é paisano e pode fazer o que lhe aprouver; mas os militares são militares e têm

uma disciplina.

- De modo que, se recebessem ordem de atirar sobre nós - bradou Billot - isto é, de atirar sobre homens desarmados, faziam-no, vocês, os sucessores dos homens de Fontenoy, que tão valorosamente combateram contra os Ingleses.

- Eu por certo que não havia de atirar - disse uma voz das fileiras.

- Nem eu, nem eu - repetiram cem vozes.

- Tratem então de impedir que os outros atirem sobre nós - disse Billot. - Deixar-nos assassinar por Alemães, é o mesmo que sermos assassinados por vós.

- Os dragões! Os dragões! - bradaram várias vozes, ao mesmo tempo que a multidão, repelida, começava a crescer na praça, fugindo pela rua Richelieu.

E ouviu-se ainda ao longe, mas aproximando-se, o galope de uma cavalaria pesada soando na calçada.

- Às armas! Às armas! - gritavam os

fugitivos.

- Com mil diabos! - disse Billot deitando no chão o corpo do Saboiano, que ainda não havia largado - dêem-nos ao menos as espingardas, se delas não querem fazer uso.

- Pois bem, sim, com mil demónios, havemos de nos servir delas - disse o soldado, a quem Billot se havia dirigido, tirando das mãos do lavrador a sua espingarda, que este já havia agarrado. - Vamos, vamos, é carregar as armas, e se os Austríacos disserem alguma coisa a esta boa gente, veremos.

- Sim, sim, veremos - bradaram os soldados levando a mão à patrona e o cartucho à boca.

- Oh! Com mil raios! - bradou Billot batendo o pé - e eu que não trouxe a minha espingarda caçadeira! Mas por certo algum daqueles malvados Austríacos há-de morrer e tirar-lhe-ei a clavina.

- Entretanto - disse alguém - receba esta que está pronta e carregada.

E logo um desconhecido entregou a Billot uma rica espingarda.

Neste momento desembocavam os dragões na praça pisando e acutilando tudo quanto estava diante deles.

O oficial que comandava os guardas franceses deu quatro passos para a frente.

- Olá, senhores dragões, alto lá, se fazem favor - bradou ele.

Ou porque os dragões não ouvissem, ou porque fossem levados numa carreira demasiadamente violenta para parar, fizeram uma evolução na praça, e pisaram uma mulher e um pobre velho, que desapareceram debaixo dos cavalos.

- Fogo! - bradou Billot.

Como Billot estava perto do oficial, julgaram que a voz era dada por este. Os guardas franceses levaram as espingardas ao ombro, e deram uma descarga, que fez parar os dragões.

- Ah! Senhores guardas - disse um oficial alemão avançando na frente do

esquadrão em desordem - sabem que atiraram sobre nós?

- Pudera não - disse Billot.

E atirou sobre o oficial, que logo caiu.

Então os guardas franceses deram segunda descarga, e os Alemães, vendo que tinham que se haver, não já com paisanos, que fugiam à primeira cutilada, mas com os soldados, que os esperavam a pé firme, deram meia volta à direita e regressaram à praça Vendôme no meio de tão formidável explosão de bravos e gritos de triunfo, que grande número de cavalos se espantaram, indo despedaçar a cabeça contra as paredes das casas.

-Vivam os guardas franceses! - bradou o povo.

- Vivam os soldados da pátria! - bradou Billot.

- Obrigado - responderam estes - vimos o fogo, estamos baptizados.

- Também eu vi o fogo - disse Pitou.

- Então? - perguntou Billot.

- Ora! Não é tão medonho como imaginava.

- Agora - disse Billot, que tivera tempo de examinar a clavina, e que reconhecera nela uma arma de subido valor - a quem pertence esta espingarda?

- A meu amo - disse a mesma pessoa que já havia falado e que lha entregou. - Mas meu amo acha que está muito bem nas suas mãos para que a queira tornar a receber.

Billot voltou-se e viu um criado com a libré do duque de Orleans.

- E onde está o teu amo? - perguntou ele.

O criado mostrou-lhe uma janela com umas tabuinhas entreabertas, por onde o príncipe acabava de ver tudo o que se passara.

- Então está o teu amo por nós? - perguntou Billot.

- De alma e corpo - disse o criado.

- Nesse caso, mais uma vez, viva o duque de Orleans! - bradou Billot. - Amigos, o duque de Orleans está por nós, viva o

duque de Orleans!

E mostrou a janela por detrás da qual estava o príncipe.

Então as tabuinhas abriram-se de todo, e o duque de Orleans fez três cortesias.

Depois fechou-se de novo.

Por curta que fosse a aparição, tinha levado o entusiasmo ao auge.

- Viva o duque de Orleans! - vociferaram duas ou três mil vozes.

- Arrombemos as portas dos espingardeiros! - disse alguém dentre a multidão.

- Corramos aos Inválidos! - bradaram alguns velhos soldados. - Em Sombreuil há vinte mil espingardas.

- Aos Inválidos!

- À casa da câmara! - exclamaram várias vozes - o preboste dos mercadores, Flesselles, tem as chaves do depósito de armas dos guardas, e há-de dá-las.

- À câmara! - repetiram alguns dos assistentes.

E toda a multidão se dissipou rapidamente nas três direcções designadas.

Durante este tempo, os dragões tinham-se reunido em torno do barão de Bezenval e do príncipe de Lambescq, na praça de Luís XV.

É o que ignoravam Billot e Pitou, que não tinham seguido nenhum dos três corpos, e se achavam quase sós na Praça do Palais-Royal.

- Então, meu caro Sr. Billot, onde vamos nós? - perguntou Pitou.

- Bastante vontade tinha de acompanhar aquela boa gente - disse Billot - não à casa dos armeiros, porque tenho uma espingarda tão boa, mas à casa da câmara ou aos Inválidos. Entretanto, como não vim a Paris para me bater, mas para saber a morada do Sr. Gilberto, parece-me que deveria ir ao colégio de Luís-o-Grande, onde está o filho, ficando ao meu arbítrio, depois de falar com o médico, o lançar-me de novo no meio da multidão.

Os olhos do aldeão despediam faíscas de lume a todo o momento.

- Ir primeiramente ao colégio de Luís-o-Grande parece-me lógico - disse Pitou sentenciosamente - visto que viemos a Paris para isso.

- Então pega numa espingarda, numa espada, numa arma qualquer de um daqueles mandriões acolá deitados - disse Billot apontando para os cinco ou seis dragões que estavam estendidos no chão - e vamos ao colégio de Luís-o-Grande.

- Mas aquelas armas - disse Pitou hesitando - não são minhas.

- Então de quem são? - perguntou Billot.

- São do rei.

- São do povo - disse Billot.

Pitou, forte com a aprovação do lavrador, que ele conhecia como incapaz de prejudicar o seu vizinho nem num grão de milho, aproximou-se com toda a precaução do dragão que lhe parecia ficar mais perto, e, tendo-se primeiramente assegurado de que

estava bem morto, tirou-lhe então a espada, a clavina e a patrona.

Bastante vontade tinha Pitou de lhe tirar também o capacete, mas não estava bem certo se o que Billot dissera das armas ofensivas se entendia também com as armas defensivas.

Mas enquanto se armava, Pitou escutou para os lados da praça Vendôme.

- Oh! Oh! - disse ele - parece-me que aí volta o Real-Alemão.

Efectivamente ouvia-se a bulha de cavalaria a passo; Pitou inclinou-se para a esquerda do café da Regência, e com efeito percebeu, na altura do mercado Saint-Honoré, uma patrulha de dragões, que avançava com as clavinas na mão.

- Olá! Aviar... Aviar - disse Pitou - eles aí voltam.

Billot olhou em redor de si para ver se haveria meio de resistir. A praça estava quase deserta.

- Vamos ao colégio de Luís-o-Grande - disse ele.

E voltou para a rua de Chartres, seguido de Pitou, o qual ignorando o uso do cinturão, preso à cintura, levava a espada de rastos.

- Com mil demónios! - disse Billot - pareces assim um ferro-velho. Pendura essa espada.

- Onde? - perguntou Pitou.

- Ora! Onde! Aí - disse Billot.

E suspendeu a espada no cinturão, o que deu a Pitou uma celeridade de passos, que sem aquele expediente não poderia atingir.

O caminho fez-se sem grande inconveniente até à praça de Luís XV; mas ali, Billot e Pitou encontraram a coluna que marchava para os Inválidos e que fora ali detida.

- Que é isto, que sucedeu? - perguntou Billot.

- Não deixam passar pela ponte de Luís XV.

- E pelos cais?

- Também não.

- E pelos Campos-Elíseos?

- Também não.

- Então, voltemos atrás e vamos pela ponte das Tulherias.

A proposta era simples, e a multidão, seguindo Billot, mostrou que estava pronta a aceder; mas a meio do caminho das Tulherias, pouco mais ou menos, luziam umas espadas. O cais estava cortado por um esquadrão de dragões.

- Ora esta! Então estes malditos dragões estão em toda a parte - murmurou o aldeão.

- Olhe, meu caro Sr. Billot, parece-me que estamos tomados - disse Pitou.

- Ora adeus! - disse Billot - não se tomam assim cinco ou seis mil homens, e nós aqui estamos pelo menos cinco ou seis mil.

Os dragões do cais avançavam lentamente, a passo grave, é verdade, mas avançavam visivelmente.

- Ainda temos a Rua Real - disse Billot. - Anda por aqui, Pitou, anda.

Pitou seguiu o lavrador como se fosse a sombra dele.

Mas uma linha de soldados fechava a rua na altura da porta de Saint-Honoré.

- Ah! Ah! - disse Billot - parece-me que tinhas razão, amigo Pitou.

- Hem! - disse Pitou.

Mas esta simples palavra, pelo tom em que era pronunciada, exprimia toda a pena que acompanhava Pitou por se não ter enganado.

A multidão, pelas suas agitações e clamores, provava que não era menos sensível do que Pitou à situação em que se achava.

Com efeito, por uma hábil manobra, o príncipe de Lambescq acabava de cercar os curiosos e rebeldes, em número de cinco ou seis mil, e fechando a ponte de Luís XV, os cais, os Campos-Elíseos, a rua Real e os Feuillants, conservava-os encerrados num grande círculo de ferro, cuja porta era representada pelo muro do jardim das Tulherias, difícil de escalar, e pela grade do Pont-Tornant, quase impossível de arrombar.

Billot viu que a situação não era boa. Entretanto, como era homem de sangue-frio e cheio de expedientes no perigo, olhou em volta de si, e vendo um montão de madeira ao pé do rio, disse a Pitou:

- Tenho uma idéia, vem comigo.

Pitou seguiu Billot sem lhe perguntar qual era a idéia.

Billot avançou para o montão de madeira, agarrou uma viga e contentou-se em dizer a Pitou: ajuda-me!

Pitou, da sua parte, contentou-se com ajudar Billot, sem lhe perguntar em que o estava auxiliando; mas pouco lhe importava. Era tal a sua confiança no lavrador, que teria descido com ele ao inferno, sem sequer lhe observar que achava a escada comprida e o subterrâneo profundo.

O tio Billot pegara na viga de um lado, e Ângelo Pitou do outro.

Ambos se dirigiram ao cais, levando um peso, que cinco ou seis homens robustos a custo poderiam levar.

A força é sempre objecto de admiração, e a multidão, por mais compacta que estivesse, abriu-se diante de Billot e Pitou.

Depois, como sem dúvida conheceram que a manobra que se executava era de interesse geral, alguns homens caminharam adiante de Billot gritando: Arreda! Arreda!

- Diga-me, tio Billot - perguntou Pitou ao cabo de trinta passos - nós vamos muito longe assim?

- Vamos até à grade das Tulherias.

- Oh! Oh! - disse a multidão, que compreendeu o que se pretendia fazer.

Afastou-se mais depressa ainda, para deixar passar a viga.

Pitou olhou, e viu que do lugar onde estava até à grade havia apenas uns trinta passos.

- Irei! - disse ele com o laconismo de um pitagórico.

E demais, o trabalho de Pitou foi muito facilitado pela ajuda de cinco ou seis homens vigorosos que tomaram a sua parte no frete.

Resultou daí uma grande aceleração na marcha.

Em cinco minutos, estava em frente da grade.

- Vamos - disse Billot - união.

- Bom - disse Pitou - agora entendo; estivemos fazendo uma máquina de guerra. Os Romanos chamavam a isto um aríete.

E a viga, posta em movimento, bateu um golpe terrível na fechadura da grade.

Os soldados que estavam de guarda no interior das Tulherias acudiram para se oporem à invasão. Mas, ao terceiro embate, a porta cedeu girando com violência nos gonzos e nessa boca aberta e sombria engolfou-se a multidão.

Ao movimento que se fez, o príncipe de Lambescq conheceu que se tinha aberto uma saída aos que julgava seus prisioneiros. A cólera apoderou-se dele. Obrigou o cavalo a dar um salto para a frente, para melhor poder observar a situação. Os dragões, colocados atrás dele, julgaram que ia dar ordem de

carregar, e seguiram-no. Os cavalos, impelidos, já não puderam moderar a corrida; os homens, que queriam vingar a sua derrota do Palais-Royal, não tentaram segurá-los.

O príncipe, vendo que lhe seria impossível moderar o movimento, deixou-se levar, e uns clamores gerais, que soltavam as mulheres e as crianças, subiram ao céu para pedir vingança a Deus.

No meio da escuridão passou-se uma cena horrorosa. Aqueles em que a tropa carregava enlouqueceram de dor, os que os carregavam enlouqueceram de cólera.

Então uma espécie de defesa organizou-se de cima dos terraços, as cadeiras voaram para os dragões. O príncipe de Lambescq, ferido na cabeça, respondeu com uma espadeirada, sem pensar que feria um inocente em lugar de punir um culpado, e um ancião de setenta anos caiu.

Billot viu cair um homem e soltou um grito.

Ao mesmo tempo levou a clavina ao ombro, fez pontaria, um raio de fogo atravessou a escuridão, e o príncipe morreria infalivelmente, se o acaso não o tivesse, naquele mesmo instante, obrigado a desviar-se; o cavalo recebeu a bala no pescoço e caiu.

Julgaram todos que o príncipe estava morto. Então os dragões correram para as Tolherias, perseguindo os fugitivos a tiro de pistola.

Estes, senhores de um grande espaço, espalharam-se por entre as árvores.

Billot tornou a carregar sossegadamente a clavina.

- Parece-me que tinhas razão, Pitou - disse ele - acho que chegamos a Paris muito a tempo.

- Ora, se eu me saísse agora um valentão! - disse Pitou descarregando a sua clavina sobre um grupo de dragões; - parece-me que não é tão difícil como pensava.

- Sim - disse Billot; - mas a valentia inútil não é valentia. Anda por este lado, Pitou, e vê

si não se te embaraçam as pernas na espada.

- Espere um pouco, meu caro Sr. Billot. Se me perdesse de si, para onde iria? Não conheço Paris, nunca vim a esta grande cidade.

- Vem, vem - disse Billot; e seguiu pelo terraço à margem do rio, até passar além da linha da tropa, que avançava pelos cais com toda a rapidez de que era susceptível, para prestar auxílio aos dragões do príncipe de Lambescq, se necessário fosse.

Chegado à extremidade do terraço, Billot assentou-se no parapeito e saltou para o cais.

Pitou seguiu-lhe o exemplo.

XII

O que se passava na noite de 12 para 13 de Julho de 1789

Uma vez no cais, os dois provincianos, vendo brilhar nas pontes das Tulherias as armas da nova tropa, que segundo todas as probabilidades, não era tropa amiga, foram até à extremidade e desceram ao longo do Sena.

Davam onze horas e meia no relógio das Tulherias.

Quando se aproximaram das árvores que guarneciam as margens do rio, belos carvalhos e faias que banhavam as raízes na água, uma vez perdidos na escuridão da folhagem, o lavrador e Pitou deitaram-se na relva, e formaram conselho.

Tratava-se de saber, e a questão era posta pelo lavrador, se deveriam ficar onde estavam isto é, quase em segurança, ou se

deveriam de novo lançar-se no meio do tumulto, e tomar parte nessa luta, que parecia dever durar parte da noite.

Posta esta questão, Billot esperou a resposta de Pitou.

Este crescera muito em consideração no espírito do lavrador. Primeiramente pela ciência de que na véspera dera provas, depois pela coragem que naquele dia acabava de mostrar. O rapaz sentia isso instintivamente, mas longe de se ensoberbecer, mostrava-se agradecido ao bom lavrador. Era de natureza humilde o pobre órfão.

- Sr. Billot - disse ele - é evidente que o senhor é valoroso, e eu menos poltrão do que julgava. Horácio, que era homem de outra casta, pelo menos em poesia, arremessou para longe de si as armas e fugiu ao primeiro recontro. Eu conservo comigo a minha clavina, a patrona, e a espada, o que prova que sou mais valente do que Horácio.

- Afinal, que queres dizer?

- Quero dizer, meu caro Sr. Billot, que o

homem mais valente pode ser morto por uma bala.

- E depois? - disse o lavrador.

- Depois, meu caro senhor, eis aqui o caso. Como ao sair do casal mostrou o desígnio de vir a Paris para um objecto importante...

- Oh! Com a fortuna! É verdade, para o cofrezinho.

- Então, veio para o cofrezinho ou não?

- Vim para o cofrezinho, com mil demónios! E não para outra coisa.

- Se se deixar matar por uma bala, o negócio a que veio, não se poderá fazer.

- Na verdade, tens carradas de razão, Pitou.

- Ouve daqui o barulho que por lá vai? - prosseguiu Pitou animado; - o madeiro rasga-se como papel, o ferro torce-se como linho.

- É a cólera do povo!

- Mas - observou Pitou - parece-me que o rei também está bem encolerizado.

- O rei?

- Certamente, os Austríacos, os Alemães, os Kaiserliks, como lhes chama, são soldados do rei. Então, se dão descargas sobre o povo, é porque o rei lhes ordena que descarreguem. E para que o rei dê semelhantes ordens, é forçoso que ele também esteja encolerizado.

- Tens razão, e não a tens, Pitou.

- Isso não me parece possível, meu caro Sr. Billot, e não ousa dizer-lhe que se tivesse estudado lógica não avançaria semelhante paradoxo.

- Tens razão, e não a tens, Pitou, e vais já compreender-me.

- Estimarei muito, mas duvido.

- Olha, Pitou, há dois partidos na corte, o do rei, que gosta do povo, e o da rainha, que gosta dos Austríacos.

- É porque o rei é Francês e a rainha Austríaca - respondeu filosoficamente Pitou.

- Espera! No partido do rei estão o Sr. Turgot e o Sr. Necker; no da rainha estão o Sr. de Breteuil e os Polignac. O rei não tem força, pois que se viu na necessidade de despedir o

Sr. Turgot e o Sr. Necker. Portanto é a rainha quem governa, isto é, os Breteuil e os Polignac. E por isso os negócios vão mal. Vêtu, Pitou, o mal vem da Sr^a. *Déficit*. Esta senhora não é para graças, e é em seu nome que as tropas atiram sobre o povo; os Austríacos defendem a Austríaca, é natural.

- Perdão, Sr. Billot - disse Pitou - mas *déficit* é uma palavra latina que significa *falta*. Que é que falta?

- Falta dinheiro, com os diabos! E como falta, porque os favoritos da rainha o comeram, chamam à rainha a Sr^a. *Déficit*. Portanto não é o rei quem está encolerizado, é a rainha. O rei só está despeitado por ver que as coisas caminham tão mal.

- Agora entendo - disse Pitou; - mas o cofrezinho?

- É verdade, é verdade, Pitou; o diabo da política sempre me leva mais longe do que quisera ir. Sim, primeiro que tudo o cofrezinho. Tens razão, Pitou: depois de falar com o doutor Gilberto, voltemos à política. É

um dever sagrado.

- Não há nada mais sagrado do que os deveres sagrados - disse Pitou.

- Vamos pois ao colégio de Luís-o-Grande, onde está Sebastião Gilberto - disse Billot.

- Vamos - respondeu Pitou suspirando por ter de tirar-se de um leito de erva macio, a que se tinha acostumado. Além disso, apesar da terrível sobre excitação da tarde, o sono, assíduo hóspede das consciências puras e dos lombos moídos, descia com todo o seu poder sobre o virtuoso e derrancado Ângelo Pitou.

Billot já estava levantado e Pitou ia-se erguendo, quando soou meia hora.

- Mas - disse Billot - às onze horas e meia é provável que o colégio de Luís-o-Grande esteja fechado.

- Certamente - disse Pitou.

- Além disso, de noite pode-se cair numa emboscada; parece-me que vejo certos clarões para o lado do Palácio da Justiça; podem

prender-me e dar cabo de mim; tens razão, Pitou, é preciso que me não prendam, é preciso evitar que me matem.

Era a terceira vez, desde pela manhã, que Billot fazia soar aos ouvidos de Pitou estas duas palavras tão lisonjeiras para o orgulho humano:

- Tens razão.

Pitou achou que o melhor que tinha a fazer era repetir as palavras de Billot.

- Tem razão - repetiu ele deitando-se de novo na relva. - É preciso evitar que o matem, meu caro Sr. Billot.

E o fim desta frase sumiu-se na garganta de Pitou. *Vox faucibus hoedit*, poderia ele ter dito, se estivesse acordado, mas dormia.

Billot não se tinha apercebido disso.

- Ocorreu-me uma idéia - disse ele.

- Ah! - resmungou Pitou.

- Ouve-me, tenho uma idéia; apesar de todas as precauções que tomo, pode acontecer que me matem, que me matem de perto ou me firam de longe mortalmente e eu

morra em seguida; se isto suceder, é preciso que saibas o que em meu lugar deves dizer ao Dr. Gilberto; mas a mais ninguém, toma sentido.

Pitou não ouvia, e por consequência não respondeu.

- Se eu for mortalmente ferido e por isso não puder desempenhar a missão, vais em meu lugar procurar o Dr. Gilberto e dizes-lhe... Ah! Desgraçado! Estás ressonando...

Toda a exaltação de Billot caiu diante do sono do pobre Pitou.

- Bem, toca pois a dormir - disse ele.

Calou-se e estendeu-se ao lado de Pitou. Por mais acostumado que o lavrador estivesse à fadiga, a corrida do dia e os acontecimentos da noite não deixavam de ter nele influência soporífera.

O dia despontou depois de gozarem três horas de comprido sono ou antes de entorpecimento.

Quando abriram de novo os olhos, Paris nada tinha perdido do feroz aspecto que na

véspera apresentava.

A diferença estava em que não se viam soldados; havia só povo em toda a parte.

O povo estava armado de lanças feitas à pressa, de espingardas, de que a maior parte se não sabia servir, de armas magníficas de outro século, cujos ornamentos de ouro, marfim e madrepérula os portadores admiravam, sem lhes compreender o uso nem o mecanismo.

Logo que os soldados se retiraram, o povo roubara o *Garde-Meuble*.

Levara para a casa da câmara duas pequenas peças de artilharia.

Em Notre-Dame, na casa da câmara, em todas as freguesias tocavam a rebate. Viam-se sair, e ninguém sabia donde, talvez debaixo das pedras da calçada, legiões de homens e de mulheres pálidos, magros, nus, que ainda na véspera bradavam: *Pão!* e que hoje gritavam: *Armas!*

Nada tão sinistro como esses bandos de espectadores que, havia um ou dois meses,

iam chegando da província, e passando silenciosamente as barreiras se instalavam em Paris, como os abutres devoradores num cemitério.

Naquele dia, a França inteira, representada em Paris pelos esfaimados de cada província, gritava ao seu rei: Fazei-nos livres; ao seu Deus: Fartai-nos.

Billot, acordando primeiro, chamou Pitou, e ambos se encaminharam para o colégio de Luís-o-Grande, olhando trémulos em volta de si, aterrados com as sanguinolentas misérias.

À medida que avançavam para o que hoje se chama o bairro Latino, à medida que subiam pela rua La Harpe, à medida, enfim, que se aproximavam da rua Saint-Jacques, termo da sua jornada, viam, como no tempo da *Fronça*, levantarem-se numerosas barricadas. As mulheres e crianças transportavam para os andares superiores das casas livros em fólio, mobílias pesadas, mármore preciosos, destinados a esmagar os

soldados estrangeiros no caso de se atreverem a aventurar-se nas ruas tortuosas e estreitas da velha cidade de Paris.

De tempos a tempos, Billot via um ou dois guardas franceses formando o centro dalgum ajuntamento, que eles organizavam e ao qual, com maravilhosa rapidez, ensinavam o manejo da espingarda, exercício que as mulheres e as crianças contemplavam com curiosidade e quase com desejo de o aprenderem.

Billot e Pitou encontraram o colégio de Luís-o-Grande em plena insurreição; os estudantes tinham-se levantado e expulso os mestres. No momento em que o lavrador e o seu companheiro chegaram diante das grades, os estudantes assaltavam a grade com ameaças, a que o principal, aterrado, respondia com lágrimas.

O lavrador olhou um instante para aquela revolta intestina, e de repente, com uma voz de estentor, perguntou:

- Qual é dos senhores que se chama

Sebastião Gilberto?

- Eu - respondeu um mancebo de quinze anos, de formosura quase feminina, e que, auxiliado por três ou quatro dos seus camaradas, trazia uma escada para escalar o muro, vendo que não podia arrombar a grade.

- Aproxime-se de mim, meu filho.

- Que quer o senhor? - perguntou Sebastião Gilberto a Billot.

- Quer levá-lo daqui? - bradou o principal, espantado à vista daqueles dois homens armados, um dos quais, o que dirigira a palavra ao jovem Gilberto, estava todo coberto de sangue.

O mancebo, da sua parte, olhava com admiração para eles e procurava, mas inutilmente, reconhecer o seu colação Pitou, desmedidamente crescido desde que dele se separara e completamente transformado com o seu equipamento guerreiro.

- Levá-lo! - bradou Billot; - levar o filho do Sr. Gilberto, conduzi-lo para o túmulo,

expô-lo a algum perigo! Oh! Por certo que não!

- Vê, Sebastião - disse o principal - vê, estouvado, nem sequer os seus amigos o querem. Porque enfim, aqueles senhores parecem ser seus amigos. Vamos, senhores; vamos, meus discípulos; meus filhos - bradou o pobre principal - obedçam-me; obedçam-me, ordeno-lho; obedçam-me, rogo-lho.

- *Oro obtestorque* - disse Pitou.

- Senhor - disse Gilberto com firmeza extraordinária para uma criança da sua idade - pode deter os meus colegas, se for da sua vontade, mas pela minha parte, previno-o de que quero sair imediatamente.

Fez um movimento em direcção para a grade. O professor deteve-o.

Mas ele, sacudindo os belos cabelos castanhos sobre a fronte pálida, disse:

- Senhor, veja o que faz. Não estou na posição dos mais; meu pai foi preso, encarcerado; meu pai está em poder dos

tiranos!

- Em poder dos tiranos! - exclamou Billot - fale, meu filho, que quer dizer?

- Sim! Sim! - bradaram as crianças. - Sebastião tem razão; prenderam-lhe o pai, e como o povo abriu as prisões, quer que abram a prisão do pai.

- Oh! Oh! - disse o lavrador sacudindo as grades com os seus braços de Hércules - prenderam o Dr. Gilberto! Com os diabos! A Catarina tinha razão.

- Sim, senhor - prosseguiu o pequeno Gilberto prenderam meu pai e é por esse motivo que quero fugir, que quero pegar numa espingarda, que quero ir bater-me, até haver conseguido a liberdade de meu pai!

Estas palavras foram acompanhadas e sustentadas por cem vozes furibundas, que gritavam em todos os tons:

- Armas! Armas! Dêem-nos armas!

A estes gritos, a multidão, que se ajuntara na rua, animada também de heróico ardor, atirou-se contra as grades para dar a

liberdade aos estudantes.

O principal ajoelhou entre os estudantes e os invasores, e passou pelas grades os seus braços suplicantes.

- Oh! Meus amigos! Meus amigos! - bradava ele respeitem estas crianças!

- Decerto que as respeitaremos! - disse um guarda francês; - pudera não! São umas lindas crianças, que hão-de fazer exercício como uns anjos.

- Meus amigos! Meus amigos! Estas crianças são um depósito que me foi confiado pelos pais; respondo por elas; os pais contam comigo; devo-lhes a minha vida; mas em nome do céu, não mas levem daqui.

Uma apupada saída do fim da rua, isto é, das últimas fileiras da multidão, acolheu estas aflitivas súplicas.

Billot avançou, e opondo-se aos guardas franceses, à multidão, e até aos estudantes, bradou:

- Ele tem razão, é um depósito sagrado; que os homens se batam, que os homens se

exponham a morrer, com mil demónios, mas vivam as crianças; é preciso semente para o futuro.

Um murmúrio de descontentamento acolheu estas palavras.

- Quem é que murmura? - bradou Billot;
- por certo não é um pai. Eu que lhes estou agora falando, tive ontem dois homens mortos em meus braços; aqui está o seu sangue na minha camisa. Vejam-no!

E mostrou a véstia e a camisa ensangüentadas, com um movimento de grandeza que electrizou a assembléia.

- Ontem - prosseguiu Billot - batia-me no Palais-Royal e nas Tulherias; e esta criança também se bateu, mas esta criança não tem pai nem mãe, além disso é quase um homem.

E mostrava Pitou, que se endireitava.

- Hoje - prosseguiu Billot - ainda me tornarei a bater; mas não venham cá dizer-me: os habitantes de Paris não tinham força bastante contra os soldados estrangeiros, e chamaram em seu auxílio as crianças.

- Sim! Sim! - bradaram de todos os lados vozes de mulheres e de soldados. - Tem razão. Crianças, recolham-se à casa! Recolham-se!

- Oh! Muito obrigado, senhor, muito obrigado! - murmurou o principal, tentando através das grades pegar nas mãos de Billot.

- E sobretudo de entre todos, recomendo-lhe que guarde bem Sebastião - disse este.

- A mim! Que me guardem bem! Pois eu digo que me não guardarão - bradou o mancebo, lívido de cólera e lutando com os criados do colégio, que o levavam.

- Deixe-me entrar - disse Billot - que eu encarrego-me de o sossegar.

A multidão afastou-se. O aldeão puxou atrás de si Ângelo Pitou e penetrou no pátio do colégio.

Já três ou quatro guardas franceses estavam de sentinela às portas e tomavam todas as saídas aos jovens insurgentes.

Billot foi direito a Gilberto e tomando

nas suas mãos grossas e calosas as mãos brancas e finas de Sebastião, disse-lhe:

- Sebastião, não me conhece?

- Não.

- Sou o tio Billot, rendeiro de seu pai.

- Agora conheço-o.

- E aquele rapaz - disse Billot, apontando para o seu companheiro - conhece-o?

- Ângelo Pitou? - perguntou a criança.

- Sim, Sebastião, sim, sou eu, sou eu.

Pitou, chorando de prazer, deitou-se ao pescoço do seu colação e companheiro de estudos.

- Pois bem! - disse a criança sem desfranzir a testa - e depois?

- Depois?... Se lhe prenderam seu pai, eu lho restituirei, fique certo disso.

- O senhor?

- Sim, eu! Eu! E todos aqueles que aí andam comigo. Com os diabos! Ontem tivemos que fazer com os Austríacos, e vimos-lhe as patronas, isto é, fizemo-los

fugir.

- Tanto é certo termos visto as patronas, que aqui tenho uma delas - disse Pitou.

- Não é verdade que lhe libertaremos o pai? - disse Billot dirigindo-se à multidão.

- Sim, sim - bradaram todos; - nós o libertaremos.

Sebastião abanou a cabeça.

- Meu pai está na Bastilha - disse ele com tristeza.

- Isso que tem? - bradou Billot.

- Que tem?... A Bastilha não se pode tomar - respondeu a criança.

- Então, se tem essa convicção, que queria fazer?

- Queria ir à Praça da Bastilha; o povo lá há-de bater-se; talvez meu pai me pudesse ver pelas grades de alguma janela.

- É impossível!

- Impossível! E por que não? Um dia, passeando com todos os alunos do colégio, vi, numa janela, a cabeça de um prisioneiro. Se visse meu pai como vi aquele prisioneiro,

tê-lo-ia conhecido, e ter-lhe-ia gritado:
Sossegue, meu bom pai!

- E se os soldados da Bastilha o matassem?

- Matavam-me à vista de meu pai.

- Morte horrorosa! É um mau rapaz, Sebastião, ir fazer-se matar à vista de seu pai. Fazê-lo morrer de dor na prisão, ele que só o tem a si no mundo, ele que tanto o ama! Decididamente, tem mau coração, Gilberto.

Dito isto, o lavrador repeliu a criança.

- Sim, sim, mau coração! - repetiu Pitou banhado em lágrimas.

Sebastião não respondeu.

E enquanto meditava em silêncio, Billot admirava-lhe o nobre e claro rosto, os olhos de fogo, a boca irónica e fina, o nariz aquilino e a barba vigorosa, que denunciava ao mesmo tempo nobreza de alma e nobreza de sangue.

- Diz que seu pai está na Bastilha? - perguntou o lavrador afinal.

- Está, sim.

- Por quê?

- Porque meu pai é amigo de Lafayette e de Washington; porque meu pai combateu com a espada pela independência da América, e com a pena pela da França; porque meu pai é conhecido nos Dois Mundos pelo seu ódio à tirania; porque amaldiçoou a Bastilha, onde sofrem tantos... Também os cobardes tiranos o meteram lá...

- Quando?

- Há seis dias.

- Onde o prenderam?

- No Havre, onde acabava de desembarcar.

- Como sabe isso?

- Recebi uma carta dele.

- Datada do Havre?

- Sim.

- E foi mesmo no Havre que o prenderam?

- Em Lillebonne.

- Vamos, meu filho, não me queira mal e dê-me todos os esclarecimentos que sabe.

Juro-lhe que me ficarão os ossos na Praça da Bastilha, ou que tornará a ver seu pai.

Sebastião olhou para o lavrador, e vendo que parecia falar do íntimo de alma, sossegou.

- Pois bem - disse ele - em Lillebonne, teve tempo de escrever com lápis estas palavras num livro:

“Sebastião, prendem-me e levam-me para a Bastilha.

“Paciência. Espera e trabalha.

“Lillebonne, 7 de Julho de 1789.

“P. S. - Prendem-me pela liberdade.

“Tenho um filho no colégio de Luís-o-Grande, em Paris. À pessoa que achar este livro peço, em nome da humanidade, que o faça chegar às mãos de meu filho; chama-se Sebastião Gilberto.”

- E esse livro? - perguntou Billot muito comovido.

- Esse livro? Meteu-lhe dentro uma

moeda de ouro, atou-o com um cordel e deitou-o pela janela fora.

- E...?

- O pároco da vila achou-o. Escolheu dentre os seus fregueses um robusto rapaz, a quem disse:

“- Deixa doze francos à tua família, que não tem pão, e auxiliado com o resto, leva este livro a Paris, a um pobre rapaz, a quem prenderam o pai, porque ama muito o povo.”

- O mancebo chegou aqui ontem à tarde e entregou-me o livro. Foi assim que eu soube que meu pai fora preso.

- Vamos! Vamos! - disse Billot - isso dispõe-me um pouco a favor dos curas; infelizmente, nem todos são como esse. E o rapaz onde está?

- Tornou a partir ontem mesmo; espera levar ainda sete francos à família, como sobejo dos doze que consigo trouxe.

- Belo! Belo! - disse Billot chorando de prazer. - Oh! O povo tem acções belas, Gilberto!

- Agora sabe tudo.

- Sim.

- Prometeu-me, se falasse, que me restituiria meu pai. Falei, lembre-se da sua promessa.

- Disse-lhe que o salvaria; hei-de salvá-lo ou ficarei morto. Agora mostre-me o livro - disse Billot.

- Aqui está - disse a criança tirando da algibeira um volume do *Contrato social*.

- Onde está a carta de seu pai?

- Olhe! - disse a criança mostrando a carta do doutor.

O lavrador beijou-a.

- Agora - disse ele - sossegue. Vou buscar seu pai à Bastilha.

- Desgraçado! - disse o principal pegando nas mãos de Billot - como poderá aproximar-se de um prisioneiro do Estado?

- Tomando a Bastilha, com mil demónios!

Alguns guardas franceses riram-se. No fim dalguns momentos, as gargalhadas eram

gerais.

- Mas - bradou Billot, olhando em volta de si com os olhos chamejantes de cólera - então que é a Bastilha?

- São pedras - disse um soldado.

- É ferro - disse outro.

- É fogo - disse um terceiro. - Acautelese, meu amigo, porque queima.

- Sim! Sim! Queima - repetiu a multidão.

- Ah! Parisienses - bradou o lavrador - ah! Têm picaretas e temem as pedras; têm chumbo e temem o ferro: têm a pólvora e temem o fogo! São uns cobardes; os Parisienses, são máquinas de escravidão. Com mil demónios! Qual é o homem de honra que quer vir comigo e Pitou tomar a Bastilha do rei? Chamo-me Billot, sou lavrador na Ilha-de-França. Avante! Avante!

Billot acabava de elevar-se ao sublime da audácia.

A multidão, fremente e inflamada, estremecia em volta dele, bradando: - À Bastilha! À Bastilha!

Sebastião quis agarrar-se a Billot, mas este repeliu-o brandamente.

- Meu filho - perguntou ele - qual é a última palavra de seu pai?

- Trabalha - respondeu Sebastião.

- Pois então, *trabalhe* aqui; nós vamos *trabalhar* além, com a diferença que o nosso trabalho é destruir e matar.

O mancebo não respondeu palavra; ocultou o rosto entre as mãos, sem sequer apertar os dedos de Ângelo Pitou, que o abraçava, e caiu em tão violentas convulsões, que tiveram de o levar para a enfermaria do colégio.

- À Bastilha! - bradou Billot.

- À Bastilha! - bradou Pitou.

- À Bastilha! - repetiu a multidão.

Todos se encaminharam para a Bastilha.

XIII

O rei é tão bom! A rainha é tão boa!

Agora permitam-nos os nossos leitores que os ponhamos ao alcance dos principais acontecimentos políticos que se passaram depois da época em que, na nossa última publicação, abandonámos a corte de França.

As pessoas que conhecem a história daqueles tempos, ou aquelas a quem a história pura e simples enfastia, podem passar este capítulo, pois o seguinte, liga perfeitamente com o precedente, e este que aventuramos aqui é unicamente para uso dos espíritos exigentes, que querem saber quanto se passa.

Decorridos um ou dois anos, alguma coisa desconhecida, inopinada, alguma coisa vinda do passado e que ia precipitar-se no porvir, como que atroava os ares.

Era a revolução.

Voltaire havia-se erguido um instante na sua agonia, e estremecendo no seu leito de morte, vira por entre a própria noite, em que já dormia, esta fulgurante aurora.

Era porque a revolução, como o Cristo, donde derivava o pensamento, devia julgar tanto os vivos como os mortos.

Quando Ana de Áustria assumiu a regência, disse o cardeal de Retz, e todos à porfia proferiram estas palavras: *A rainha é tão boa!*

Um dia, Quesnoy, médico da Sr^a. de Pompadour, e que residia em casa dela, viu entrar Luís XV. Um sentimento, que não respeito, perturba-o a tal ponto, que treme e empalidece.

- Que tem? - pergunta-lhe a Sr^a. de Hausset.

- Cada vez que vejo el-rei - respondeu Quesnoy - digo comigo: Eis aqui um homem que pode mandar-me cortar a cabeça!

- Oh! Não há perigo - respondeu a Sr^a. de Hausset; - *O rei é tão bom!*

E com estas duas frases: *O rei é tão bom! A rainha é tão boa!* fez-se a revolução francesa.

Quando Luís XV morreu, a nação francesa respirou. Tinham-na desafrontado ao mesmo tempo do rei, das Pompadour, das Dubarry, e dos Parc-aux-Cerfs.

Os prazeres de Luís XV custavam caro à nação: custavam mais de três milhões por ano.

Felizmente havia um rei jovem, moral, filantropo e quase filósofo.

Um rei, que como o Emílio de João Jacques Rousseau, aprendera um ofício, ou antes três ofícios.

Era serralheiro, relojoeiro e maquinista.

Desta maneira, assustado pelo abismo à beira do qual pendia, o rei começou a recusar todos os favores que lhe pediam. Os cortesãos estremeceram. Felizmente uma coisa os tranqüilizou, por não ser ele que recusava, mas sim Turgot. Na rainha imperavam os mesmos motivos, e por consequência não podia ter num dia a

influência que poderia ter no seguinte.

Finalmente, em 1777, teve jus a essa influência tão esperada: a rainha foi mãe; o rei que era já tão bom rei, e tão bom esposo, deu esperanças de vir a ser também um bom pai.

Como seria possível recusar coisa alguma àquela que dava um herdeiro à coroa?

Não era tudo. O rei continuava ainda a ser o mesmo bom irmão. Todos sabem a anedota de Beaumarchais sacrificado ao conde de Provença; e o rei não gostava do conde de Provença, que era pedante.

Mas, em compensação, estimava muito o conde de Artois, esse tipo do espírito, da elegância e da nobreza francesa.

Estimava-o tanto, que, se às vezes recusava à rainha o que ela pedia, o conde de Artois não tinha mais do que juntar-se à rainha, e o rei não podia resistir-lhe.

Demais, esta é a regra dos homens amáveis. O Sr. de Callone, um dos homens

mais amáveis do mundo, era superintendente geral, e era quem dizia à rainha:

- “Senhora, se é possível, está feito; se é impossível, há-de fazer-se.”

A datar do dia em que esta encantadora resposta circulou pelos salões de Paris e de Versalhes, o livro vermelho, que se julgava fechado, abriu-se de novo.

A rainha comprou Saint-Cloud.

O rei comprou Rambouillet.

E no fim disto não era o rei que tinha favoritas, era a rainha; Diana e Júlia de Polignac custaram tão caro à França como a Pompadour e a Dubarry.

Se a rainha era tão boa!

Por aquele tempo houve alguém que propôs uma redução nos grandes vencimentos. Alguns foram desse partido. Mas um familiar do paço recusa obstinadamente deixar reduzir o seu. Foi o Sr. de Coigny. Encontra-se com o rei num corredor, faz-lhe cena entre duas portas. O rei foge-lhe e nessa noite, disse rindo:

- O certo é, que se não cedesse, creio que Coigny me batia.

Se o rei era tão bom!

Depois disto, os destinos de um reino dependem muitas vezes de bem pouca coisa, da demora de um pajem, por exemplo.

Morre Luís XV; quem sucederá ao Sr. de Aiguillon?

Luís XVI inclinava-se para Machaut, um dos ministros que sustiveram o trono já vacilante. Mas as tias do rei pendiam para o Sr. de Maurepas, que era tão divertido e que fazia tão lindas canções. Em Pontchartrain compusera três volumes, que intitulara as suas memórias.

É negócio de *steeple-chase*. Quem chegará primeiro: o rei e a rainha a Arnouville, ou as infantas a Pontchartrain?

O rei tem o poder nas mãos, portanto as probabilidades são todas por ele.

Apressou-se a escrever:

“Parta imediatamente para Paris. Estou

esperando-o.”

Meteu o despacho num sobrescrito, escrevendo-lhe:

“Ao Sr. conde de Machaut, em Arnouville.”

Um pajem da grande cavalaria é chamado, incumbem-no da régia carta, e ordenam-lhe que parta a toda a brida.

As tias do rei, as mesmas a quem seu pai, como se viu no *José Bálsamo*, chamava Locque, Chiffe e Graille, três nomes eminentemente aristocráticos, estavam colocadas junto à porta oposta àquela por onde o pajem devia sair, e esperavam que ele saísse.

Depois de sair o pajem do gabinete do rei, as tias podiam entrar.

Entram e dirigem súplicas ao rei em favor do Sr. de Maurepas. É questão de tempo, porque o rei não quer recusar nada a suas tias. *O rei é tão bom!*

Há-de conceder, mas quando o pajem estiver bem longe, de modo que não lho possam ir buscar ao caminho.

Luta contra suas tias com os olhos no mostrador do relógio. Meia hora lhe basta. O relógio não o enganará também; é o relógio de que ele pessoalmente trata.

Afinal, ao cabo de vinte minutos, o rei concede.

- Alcancem o pajem - disse ele - que tudo se fará.

As tias do rei correm; tudo monta a cavalo, rebentem um, dois, três, rebentem dez animais, contanto que o pajem seja alcançado.

É inútil; não é preciso tanto.

Ao descer, o pajem tropeçou num degrau e quebrou uma espora. Como poderia ele correr a posta só com uma espora?

Além disso o cavaleiro de Abzac é o estribeiro-mor, e por forma alguma deixaria montar um correio a cavalo, ele que passa miúdas inspecções aos correios, se não estivesse preparado de maneira que fizesse

honra às cavalariaças reais.

Disto resulta, que em vez de irem buscar o pajem a meio caminho, na entrada de Arnouville, correndo à rédea solta, foram dar com ele no pátio do castelo.

Já estava a cavalo e prestes a partir, de maneira que não havia nada que dizer-lhe.

Pedem-lhe a carta do rei: deixam-lhe o texto, que tanto serve para um como para outro. A diferença está que em lugar de escreverem no sobrescrito: “Ao Sr. de Machaut, em Arnouville”, as tias do rei escreveram: “Ao Sr. conde de Maurepas, em Pontchartrain”.

A honra das cavalariaças reais fica salva, mas a monarquia está perdida.

Com Maurepas e Calonne tudo corre às mil maravilhas: um canta, o outro paga; e daí, além dos cortesãos, há os arrematantes, que desempenham bem o seu ofício.

Luís XIV começou o seu reinado por fazer perder dois arrematantes, que lhe foram denunciados por Colbert; depois disso,

tomou a Lavallière por amásia e fez edificar Versalhes. A Lavallière não lhe custava nada.

Mas Versalhes, onde a queria alojar, custou-lhe caríssimo.

Depois, em 1685, a pretexto de serem protestantes, foram expulsos de França um milhão de homens.

Por isso em 1707, ainda no reinado do grande rei, Boisguilbert, falando de 1698, disse:

“Naquele tempo havia ainda disto, e havia ainda azeite na lâmpada; hoje tudo acabou exausto de alento.”

Que se dirá daqui a oitenta anos, quando as Dubarry e as Polignac houverem passado sobre tudo isto? Depois de se ter feito suar água ao povo, far-se-lhe-á suar sangue. É tudo.

E tudo isso sob formas encantadoras.

Antigamente os arrematantes eram duros, brutais e frios como as portas das prisões onde eles lançavam as suas vítimas.

Hoje são filantropos; com uma das mãos

desfalcam o povo, é verdade, mas com a outra edificam-lhe hospitais.

Um dos meus amigos, grande financeiro, assegurou-me já que dos cento e vinte milhões a que montam os impostos, os arrematantes guardam setenta e dois para si.

Desta sorte, numa reunião em que se exigia saber o estado das despesas, um conselheiro, tomando por alvo de zombaria a palavra, disse:

“Não é dos estados particulares que se deve tratar, é dos Estados Gerais.”

A faísca caiu sobre a pólvora, esta inflamou-se e produziu o incêndio.

Cada qual repetiu as palavras do conselheiro e os Estados Gerais foram chamados em altos brados.

A corte fixou a abertura dos Estados Gerais no 1.º de Maio de 1789.

Em 24 de Agosto de 1788, o Sr. de Brienne retirou-se. Fora mais um que manejara precipitadamente as finanças.

Contudo, ao retirar-se, ao menos, deu

um bom conselho, e foi que chamassem Necker.

Necker entrou no ministério e todos respiraram confiados nele.

Contudo, a grande questão das três classes debatia-se em toda a França.

Siéyès publicava a sua famosa obra, relativa ao Terceiro Estado.

O delfinado, cujos estados se reuniram a despeito da corte, decidia que a representação do Terceiro Estado devia ser igual à da nobreza e do clero.

Reconstituiu-se uma assembléia que durou trinta e dois dias, isto é, de 6 de Novembro a 8 de Dezembro de 1788.

Desta vez tomou à sua conta este negócio. Quando o látego dos reis não basta, o látego de Deus zune nos ares e faz caminhar os povos.

O Inverno veio acompanhado de fome.

A fome e o frio abriram as portas do ano de 1789.

Paris encheu-se de tropa, e as ruas de

patrulhas.

Duas ou três vezes as armas foram carregadas ante as turbas, que morriam de fome.

Depois das armas carregadas, chegada a ocasião de se servirem delas, não se serviram.

Uma manhã, em 26 de Abril, cinco dias antes da abertura dos Estados Gerais, um nome circulou naquelas turbas.

Esse nome foi acompanhado de maldições, tanto mais acerbas quanto era conhecido por ser o de um operário enriquecido.

Réveillon, director da famosa fábrica de papel do bairro de Santo António, disse, segundo o que se assegura, que era necessário abaixar a quinze *sous* os jornais dos operários.

Era a verdade.

Dizia-se geralmente que a corte ia condecorá-lo com o cordão negro, isto é, com a ordem de Saint-Michel.

Era o absurdo.

Nos tumultos populares há sempre alguns boatos absurdos. É de notar que é sempre atraídos por esses boatos que eles se formam, que aumentam, e que se tornam em revoluções.

A multidão faz um manequim, baptiza-o com o nome de Réveillon, condecora-o com o cordão negro, vai começar a queimá-lo diante da porta do próprio Réveillon, e acaba de o queimar na praça do Hôtel-de-Ville, aos olhos das autoridades municipais que o vêem arder.

A impunidade anima a multidão, que prevê que no dia seguinte, depois de ter feito justiça a Réveillon em efígie, lhe faria justiça real.

Era um desafio feito com todas as regras, dirigido ao poder.

O poder acudiu com trinta guardas franceses, e ainda assim não foi o poder que mandou, foi o coronel, o Sr. Biron.

Estes trinta guardas franceses foram as testemunhas do grande duelo, que não

podiam impedir. Viram espoliar a fábrica, arremessar os móveis pelas janelas, quebrar tudo e queimar tudo. No meio daqueles excessos foram roubados quinhentos luíses.

Beberam todo o vinho que estava nas adegas, e quando não houve mais vinho para beber, beberam as tintas da fábrica, julgando que fossem vinho.

Todo o dia 27 foi dado a esta vilania.

Em socorro dos trinta homens foram enviadas algumas companhias dos guardas franceses, que, a princípio, atiravam cargas de pólvora seca sobre a multidão e depois à bala. Os guardas franceses foram reunir-se, perto da noite, aos Suíços do Sr. de Bezenval.

Os Suíços não brincam quando se trata de revoluções.

Os Suíços esqueceram as balas nos cartuchos, e como são naturalmente caçadores, e até bons caçadores, uns vinte gatunos ficaram pelas custas.

Alguns deles tinham consigo a sua parte dos quinhentos luíses de que já falámos, e

que da secretária de Réveillon passaram para a algibeira dos gatunos, e da algibeira dos gatunos para a dos Suíços.

Bezenval fez tudo, e tudo tomara sob a sua responsabilidade.

O rei não lhe agradeceu, nem o repreendeu.

Ora quando o rei não agradece, repreende.

O parlamento abriu uma devassa.

O rei fechou-a.

O rei era tão bom!

Quem tinha, pois, instigado o povo? Ninguém o podia dizer.

Não se vêem muitas vezes, pelo Estio, incêndios espontâneos, sem causa aparente?

Alguém acusou o duque de Orleans.

Mas a acusação era absurda, e caiu por terra.

Em 29 Paris estava perfeitamente tranqüilo, ou pelo menos parecia estar.

O dia 4 de Maio chegou por fim e o rei e a rainha dirigiram-se com toda a corte para

Notre-Dame, a fim de ouvirem o *Veni-Creator*.

Gritou-se por toda a parte bastante *viva el-rei*, e sobretudo *viva a rainha*.

Se a rainha é tão boa!

Foi o último dia de paz.

No dia seguinte já se davam menos vivas à rainha, e davam-se mais ao duque de Orleans.

Estes vivas abalaram-na muito fortemente. Pobre senhora! Ela, que detestava o duque a ponto de o tratar de cobarde.

Como se alguma vez tivesse havido um cobarde na família de Orleans, desde o que ganhou a batalha de Cassel até ao duque de Chartres, que contribuiu para se ganhar a de Jammapes e de Valmy!

Tanto se possuiu disso, como íamos dizendo, que a pobre senhora pouco lhe faltou para desmaiar. Alguém a susteve, ao ver pender-lhe a cabeça. A Sr^a. Campan conta alguma coisa a este respeito nas suas memórias.

Porém aquela cabeça curvada ergueu-se

altiva e desdenhosa. As pessoas que viram a expressão dessa cabeça ficaram curadas para todo sempre de dizer: *A rainha é tão boa!*

Há três retratos da rainha: um pintado em 1776, outro em 1784, e outro em 1788.

Já vi todos três. Vejam-nos também.

Se em algum tempo estes retratos forem reunidos numa só galeria, ler-se-á neles a história de Maria Antonieta².

A reunião dos Três Estados, que devia formar um complexo, foi uma declaração de guerra.

- Três Estados! - disse Siéyès; - não, três nações!

Em 3 de Maio, na véspera da missa do Espírito Santo, o rei recebeu os deputados em Versalhes.

Algumas pessoas aconselharam-lhe cordialidade em vez de etiqueta.

Mas o rei não quis ouvir ninguém.

Recebeu o clero em primeiro lugar.

² Os três retratos estão em Versalhes.

A nobreza depois.

E por fim, o povo.

O povo tinha esperado largo tempo.

Portanto murmurava já.

Nas antigas assembléias, o povo falava de joelhos.

E não haveria meio de fazer ajoelhar os representantes do povo?

Decidiu-se que o povo não pronunciaria oração alguma.

Na sessão de 5, o rei cobriu-se.

A nobreza também se cobriu.

Nisto o povo quis-se cobrir também, mas o rei descobriu-se então. Antes quis estar com o chapéu na mão do que ver o povo coberto diante de si.

Na quarta-feira, 10 de Junho, Siéyès entrou na assembléia. Vira quase de todo constituído o povo.

O clero e a nobreza reuniram-se noutra parte.

“- Cortemos o nó górdio - disse Siéyès; - é já tempo.”

E propôs que se intimasse o clero e a nobreza para comparecerem dentro de uma hora sem dilação.

Na falta de cumprimento, proceder-se-ia contra os ausentes.

Um exército alemão e suíço rodeava Versalhes. Uma brigada de artilharia apontava as peças contra a Assembléia.

Siéyès não viu nada disso; só viu o povo que tinha fome. O povo, disseram a Siéyès, não pode formar por si só Estados Gerais.

- Tanto melhor - respondeu Siéyès - formará a Assembléia Nacional.

Os ausentes não se apresentaram; a proposta de Siéyès foi adoptada; o povo ficou-se chamando Assembléia Nacional com uma maioria de quatrocentas pessoas.

A 19 de Julho, o rei ordenou que a sala onde se reunia a Assembléia Nacional fosse fechada.

Porém, o rei, para levar a efeito um tal golpe de Estado, carecia de um pretexto.

A sala foi fechada, para nela se fazerem

os preparativos de uma sessão real, que devia ter lugar na segunda-feira.

Em 20 de Junho, às sete horas da manhã, o presidente da Assembléia Nacional soube que nesse dia não haveria reunião.

Às oito horas dirigiu-se para a porta da sala com grande número de deputados.

As portas estavam fechadas e guardadas por sentinelas.

A chuva caía.

Nisto tentaram arrombar as portas.

As sentinelas passaram a senha e calaram baionetas.

Um indivíduo propõe que se reúnam na Praça de Armas.

Outro em Marly.

Guillotin propõe que seja no Jogo da Péla.

Guillotin!

Estranha coisa é este Guillotin, cujo nome, ajuntando-lhe um E, se tornou tão célebre quatro anos depois! Que estranho homem é este Guillotin, que propõe o Jogo da

Péla!

O Jogo da Péla, nu, escangalhado,
exposto aos rigores do tempo.

É o presépio da irmã de Cristo! É o berço
da revolução!

A diferença está em que Cristo foi filho
de uma mulher virgem.

A revolução é filha de uma nação
violada.

A esta grande demonstração, o rei
responde com a palavra: *veto!*

O Sr. de Brézé foi enviado aos rebeldes,
para lhes ordenar que se dispersassem.

- “Nós estamos aqui pela vontade do
povo – disse Mirabeau - e não sairemos senão
com a baioneta no ventre.”

E não como se disse: *À força das
baionetas*. Porque atrás de um grande homem
há sempre um pequeno retórico, que estrofia
as frases a pretexto de as arranjar.

E por que estava esse retórico no Jogo da
Péla, atrás de Mirabeau?

E atrás de Cambronne em Waterloo?

A resposta foi levada a el-rei.

Sua Majestade passeou algum tempo com o ar de um homem agastado; depois disse:

- Eles não se querem retirar?

- Não, senhor.

- Pois bem! Então deixem-nos ficar.

Como se vê, a realeza vergava já sob a mão do povo.

De 23 de Junho a 12 de Julho, tudo pareceu assaz tranqüilo, mas tranqüilo como a tranqüilidade surda e sufocante que precede a tempestade.

Era um sonho de um mau sono.

No dia 11, o rei toma um partido, compelido pela rainha, pelo conde de Artois, pelos Polignac e por toda a camarilha de Versalhes; finalmente demite Necker. A 12 a notícia chega a Paris.

Viu-se já o efeito que ela produziu. No dia 13, à noite, Billot chegou para ver queimar as barreiras.

A 13, à noite, Paris defendia-se; a 14, de

manhã, estava prestes a atacar.

No dia 14 de manhã Billot bradava: À Bastilha! - e três mil homens, depois de Billot, repetiam o mesmo brado, que se tornou o de toda a população parisiense.

Era isto porque existia um monumento que, havia quase cinco séculos, pesava sobre o peito da França, como o rochedo infernal sobre os ombros de Sísifo.

A diferença estava em que, menos confiada que o Titã em suas forças, a França nunca tentara erguê-lo.

Esse monumento, selo do feudalismo impresso na fronte de Paris, era a Bastilha.

O rei era excessivamente bom, como dizia a Sr^a. de Haussei, para que mandasse cortar uma cabeça.

No entanto o rei mandava meter na Bastilha.

Aquele que entrava para a Bastilha por ordem do rei, era quase sempre esquecido, seqüestrado, enterrado e aniquilado.

Aí permanecia até que o rei se lembrasse

dele; mas os reis têm tantas coisas novas em que precisam pensar, que se esquecem das velhas muitas vezes.

Além de que, em França não havia só uma Bastilha, havia vinte Bastilhas, que se chamavam o Fort-l'Evêque, Saint-Lazare, o Châtelet, a Conciergerie, Vincennes, o castelo de la Roche, o castelo de If, as ilhas de Santa Margarida, Pignerolles, etc., etc.

A diferença que havia, é que a fortaleza da porta de Santo António chamava-se a *Bastilha*, pela mesma razão que *Roma* se chamava a cidade.

Era a Bastilha por excelência. Ela valia, só por si, todas as outras.

Durante perto de um século o governo da Bastilha andara numa única família.

O avô daqueles eleitos fora o Sr. de Chateaneuf. Sucedera-lhe o filho, Lavrillière, e depois o filho deste, Saint-Florentin. A dinastia fora extinta em 1777.

Durante este tríplice reinado, que decorreu em grande parte no tempo de Luís

XV, ninguém pode dizer a quantidade de mandados de prisão que foram assinados. Saint-Florentin assinou mais de cinquenta mil.

Sempre era uma grande renda a dos mandados de prisão!

Vendiam-se aos pais que queriam desfazer-se dos filhos.

Vendiam-se às mulheres, que queriam desfazer-se dos maridos.

E quanto mais bonitas eram as mulheres, menor era o preço dos mandados de prisão!

Entre elas e os ministros entabulava-se uma permutação de cortesias, e era tudo.

Depois do reinado de Luís XVI, todas as prisões do Estado, e sobretudo a Bastilha, estavam sob o domínio dos jesuítas.

Para prova da verdade, lembrem-se dos principais prisioneiros:

O Máscara de Ferro, Lauzun e Latude.

Os jesuítas eram confessores, e confessavam os prisioneiros para maior

segurança.

E para maior segurança ainda, os prisioneiros mortos eram enterrados com nomes supostos.

O Máscara de Ferro, todos se lembram que foi sepultado com o nome de Marchialy.

Estivera quarenta e cinco anos na prisão.

Lauzun permaneceu lá catorze anos.

Latude trinta anos.

Mas ao menos o Máscara de Ferro e Lauzun tinham cometido grandes crimes.

O Máscara de Ferro, irmão ou não irmão de Luís XVI, segundo se diz, parecia-se com ele a ponto de se confundirem.

Sempre é grande imprudência atrever-se qualquer a parecer-se com o rei!

Lauzun estivera a ponto de desposar, ou desposara mesmo uma princesa.

Sempre é grande imprudência casar com a sobrinha do rei Luís XIII, e neta do rei Henrique IV!

Mas Latude, pobre diabo, que fez ele?

Atreveu-se a apaixonar-se pela menina

Poisson, senhora de Pompadour, amásia do rei.

Escrevera-lhe um bilhete.

Esse bilhete, que qualquer mulher honrada devolveria a quem o tinha escrito, foi transmitido pela Sr^a. de Pompadour ao Sr. de Sartines.

E Latude preso, fugitivo, preso e represo, permanece trinta anos nos cárceres da Bastilha, de Vincennes e de Bicêtre.

Não era, portanto, sem motivo que a Bastilha era odiada.

O povo odiava-a como se fora um ser animado; tinha-a tomado por uma dessas feras de Gévaudan, que devoram desapiadadamente os homens.

Por aqui se pode ver bem qual foi a dor que sentiu o pobre Sebastião Gilberto quando soube que o pai jazia na Bastilha.

Por aqui se compreende a convicção de Billot, de que o doutor não tornaria a sair da prisão se não o tirassem à força.

Por aqui também se percebe qual seria o

ímpeto frenético do povo logo que Billot gritou: À Bastilha!

O que havia era algum tanto de insensato, como o tinham dito os soldados, no pensamento de tomar a Bastilha.

A Bastilha tinha víveres, uma guarnição e artilharia.

Tinha muralhas de quinze pés de largura, e quarenta de altura.

A Bastilha tinha um governador que se chamava o Sr. de Launay, que mandara depositar trinta mil quintais de pólvora dos subterrâneos, e prometera, em caso de ataque, fazer saltar pelos ares a Bastilha, e com ela metade do bairro de Santo António.

XIV

Os três poderes de França

Billot caminhava sempre, mas não era ele já que gritava. A multidão, cativada pelo seu ar marcial, reconhecia neste homem um dos seus; a multidão, comentando as suas palavras e ademanes, seguiu-o sempre, aumentando como as ondas de uma preia-mar.

Atrás de Billot, quando ele desembarcou no cais de Saint-Michel, havia já mais de três mil homens armados de machados, achas, chuços, e espingardas.

Todos à uma gritavam: Vamos à Bastilha! À Bastilha!

Billot concentrou-se em si mesmo. As reflexões que fizemos no fim do capítulo precedente, também ele as fez; e a pouco e pouco todo o vapor da sua exaltação febril desapareceu.

Foi então que a sua inteligência compreendeu bem.

A empresa era sublime mas insensata. Era fácil de perceber isto pelas fisionomias delirantes sobre que reflectia a impressão do brado: Vamos à Bastilha!

Mas ainda mais o certificava a resolução.

O que é facto é que Billot compreendera que as mães, as esposas e os filhos o tornariam responsável pela vida de todos esses homens que o seguiam, e por isso tomou todas as precauções possíveis.

Começou pois por conduzir toda a sua coorte para a Praça do Hôtel-de-Ville.

Ali nomeou um segundo comandante e oficiais, espécie de cães para conter o rebanho.

- Vejamos - disse Billot - se há um poder em França, se há dois, ou se há três.

Consultemos.

Entrou no Hôtel-de-Ville e perguntou quem era o presidente da municipalidade.

Responderam-lhe que era o preboste dos

mercadores, o Sr. de Flesselles.

- Oh! - -exclamou ele com ar pouco satisfeito; - o Sr. de Flesselles, um nobre, isto é, um inimigo do povo.

- Isso não é assim - respondeu-lhes um homem atilado.

Billot subiu a escada do Hôtel-de-Ville.

Na antecâmara encontrou um porteiro.

- Quero falar ao Sr. de Flesselles - disse Billot, logo que viu que o porteiro se aproximava dele para lhe perguntar o que queria.

- É impossível! - respondeu o porteiro. - Presentemente está ocupado em formar os quadros de uma milícia burguesa, que a cidade deverá organizar imediatamente.

- Oh! Isso vem o mais a propósito que é possível! - bradou Billot. - Também eu trato de organizar uma milícia, e como já tenho três mil homens arregimentados, valho tanto como o Sr. de Flesselles, que ainda não tem um soldado. Faça pois com que eu lhe fale a este respeito, e isto sem demora. Oh! Olhe da

janela, se quer, e veja.

O porteiro lançou efectivamente uma vista de olhos para o cais e viu os homens de Billot, portanto deu-se pressa em prevenir o preboste dos mercadores, ao qual mostrou, como apostila à sua mensagem, os três mil homens de que se trata.

Isto inspirou ao preboste um certo respeito pelo homem que lhe queria falar: saiu do conselho e foi à antecâmara, onde procurou com os olhos quem era o indivíduo que assim se lhe apresentava.

Afinal apercebeu Billot; logo viu do que tratava.

- É o senhor que me procura? - disse ele.

- É o Sr. de Flesselles, preboste dos mercadores? - replicou Billot.

- Sim, senhor. Que posso fazer para o servir? Apresse-se porque estou muito ocupado.

- Sr. preboste - perguntou Billot - quantos poderes há em França?

- Ora essa! Isso é segundo a maneira

como o entender, meu caro senhor - respondeu Flesselles.

- Mas diga-me como o entende o senhor?

- Se consultar o Sr. Bailio, dir-lhe-á que só há um, que é a Assembléia Nacional; se consultar o Sr. de Dreux-Brézé, dir-lhe-á também que há só um, mas que esse é el-rei.

- E qual é a sua opinião, Sr. preboste?

- A minha, neste momento, é também que não há mais do que um.

- A assembléia ou o rei? - perguntou Billot.

- Nem um, nem outro; a nação - atalhou Flesselles, amarrotando o gibão.

- Ah! A nação - acudiu o lavrador.

- Sim; quero dizer, esses senhores que esperam lá em baixo na praça com cutelos e espetos na mão; a nação quer dizer, a meu ver, todos.

- Talvez tenha razão, meu caro Sr. Flesselles - respondeu Billot. - Não é sem acerto que me disseram que o senhor é um

homem inteligente.

Flesselles inclinou-se.

- E qual desses poderes invocará, senhor? – perguntou Flesselles.

- Cá por mim, digo-lhe - continuou Billot - que é mais simples e melhor quando se trata de pedir alguma coisa importante, pedi-la logo a Deus e não aos santos.

- Que quer dizer? Que vai dirigir-se a el-rei?

- É essa a minha idéia.

- Não será indiscrição perguntar-lhe o que intenta pedir ao rei?

- A liberdade do Dr. Gilberto, que está preso na Bastilha.

- O Dr. Gilberto? - exclamou insolentemente Flesselles. - Não é um fabricante de panfletos?

- Diga um filósofo, senhor.

- É a mesma coisa, meu caro Sr. Billot. Creio que tem pouca probabilidade de obter isso de el-rei.

- Por quê?

- Em primeiro lugar, porque se el-rei mandou meter o Dr. Gilberto na Bastilha foi porque teve razões para isso.

- Muito bem - disse Billot; - ele me exporá as suas razões e eu lhe darei as minhas.

- Meu caro Sr. Billot, o rei está muito ocupado, e talvez que nem o receba.

- Oh! Se não me receber, encontrarei algum meio de entrar sem licença.

- Então, uma vez que tenta entrar assim, encontrará o Sr. de Dreux-Brézé, que o fará expulsar do palácio.

- Que me expulsará do palácio?

- Sim, como não teve a menor dúvida de o fazer à assembléia toda; é verdade que não o conseguiu, mas é mais uma razão para se enraivecer e tomar o seu despique contra o senhor.

- Então, visto isso, dirigir-me-ei à assembléia.

- O caminho de Versalhes está cortado.

- Irei com os meus três mil homens.

- Tome sentido, meu caro senhor, que na estrada encontrará quatro ou cinco mil Suíços e dois ou três mil Austríacos, que os farão em bocados tanto ao senhor como aos seus três mil homens, e isto num abrir e fechar de olhos.

- Então, que diabo havemos de fazer?

- Faça o que quiser; mas faça-me o favor de mandar retirar os seus três mil homens, que estão a bater com as suas alabardas no chão e a fumar. Nestes subterrâneos há sete ou oito mil quintais de pólvora e qualquer pode fazer-nos ir pelos ares.

- Visto isso, tenho reflectido: não me dirigirei ao rei nem à Assembléia Nacional, dirigir-me-ei à nação, e tomaremos a Bastilha.

- Com quê?

- Com essa porção de pólvora que me vai dar o Sr. preboste.

- Deveras? - disse Flesselles em tom chocarreiro.

- Tal qual. Dê-me as chaves dos subterrâneos, se faz favor.

- Hem! Brinca comigo? - replicou o preboste.

- Não, senhor, não brinco - respondeu Billot.

E agarrando Flesselles pelas abas da casaca, bradou-lhe:

- As chaves ou chamo a minha gente!

Flesselles tornou-se pálido como a morte. Os lábios e os dentes cerraram-se-lhe convulsivamente, mas sem que a voz sofresse a menor alteração e sem que deixasse o tom irónico que tomara, disse:

- Presta-me um grande serviço desembaraçando-me desta pólvora. Vou dar ordem para serem entregues as chaves, como deseja. O que lhe peço é que não se esqueça de que sou o seu primeiro magistrado, e que se o senhor tiver a desgraça de fazer, diante de todos, o que me fez a sós, uma hora depois será enforcado pelos guardas da cidade. Persiste afinal em querer a pólvora?

- Persisto - respondeu Billot.

- E será o senhor mesmo quem a

distribuirá?

- Eu mesmo.

- Quando?

- Já.

- Desculpe, mas gosto de entender. Estou ocupado ainda por um quarto de hora, e desejava muito, se isso lhe não importa, que a distribuição não começasse senão depois de ter-me retirado. Predisseram-me que havia de morrer de morte violenta, mas tenho uma enorme repugnância em saltar pelos ares, confesso.

- Seja; vá lá o quarto de hora. Mas agora cabe-me a mim um pedido.

- Qual é?

- Aproximemo-nos desta janela.

- Para quê?

- Quero torná-lo popular.

- Oh! Que favor! Mas de que maneira?

- Vai ver.

Billot conduziu o preboste à janela.

- Amigos - disse ele - sempre quereis tomar a Bastilha, não é verdade?

- Sim, sim, sim! - bradaram três ou quatro mil vozes.

- Mas falta-vos a pólvora, não é assim?

- Sim, pólvora! Pólvora!

- Pois bem, aqui está o Sr. preboste dos mercadores, que de bom grado nos dá a que está nos subterrâneos do Hôtel-de-Ville. Agradecei-lhe, portanto, meus amigos.

- Viva o preboste dos mercadores! Viva o Sr. de Flesselles! - bradou a multidão.

- Obrigado, por mim e por ele.

Depois, voltando-se para o preboste, disse:

- Agora, Sr. preboste, não careço de o agarrar pela casaca, nem de lhe falar a sós, nem diante de todos; porque, se não me der a pólvora da nação, como lhe chama, o povo fá-lo-á em pedaços.

- Aqui estão as chaves - disse o preboste; - tem uma tal maneira de pedir as coisas que é impossível recusar.

- Visto isso, o senhor anima-me - disse Billot, que parecia nutrir um novo projecto.

- Oh! Diabo! Terá ainda alguma coisa que exigir de mim?

- Tenho, sim. Conhece o governador da Bastilha?

- O Sr. de Launay?

- Não sei como se chama.

- Chama-se o Sr. de Launay.

- Será. Conhece-o?

- É meu amigo.

- Se assim é, não deseja que lhe aconteça mal nenhum?

- Seguramente que não.

- Pois então, o meio de não lhe acontecer mal nenhum, é ele entregar-me a Bastilha, ou pelo menos o Dr. Gilberto.

- Creio que não julga que eu tenha a influência necessária para que o induza a entregar-lhe o seu prisioneiro ou a Bastilha, não é verdade?

- Lá isso diz-me respeito; o que lhe peço é uma introdução junto dele.

- Meu caro Sr. Billot, previno-o de que, se entrar na Bastilha, entrará só.

- Muito bem.

- Previno-o, além disso, de que entrando lá só, não tornará a sair talvez.

- Belissimamente.

- Vou dar-lhe ordem de admissão na Bastilha!

- Fico esperando.

- Mais uma condição.

- Qual é?

- É que o senhor não virá amanhã pedir-me uma ordem de entrada na Lua. Previno-o de que não conheço pessoa alguma nesse mundo.

- Flesselles! Flesselles! - disse uma voz surda e retumbante, que se ouviu atrás do preboste - se tu continuas a ter duas caras, uma que ri aos aristocratas e outra que sorri ao povo, assinarás dentro em pouco, para ti mesmo, a ordem de passagem para um mundo donde ninguém volta.

O preboste voltou-se estremecendo.

- Quem me fala assim?

- Eu, Marat!

- Marat, o filósofo! Marat, o médico! - disse o lavrador surpreendido.

- Sim, Marat o filósofo! Marat o médico! - disse Flesselles - que como tal deve de boamente encarregar-se de curar os loucos, o que será para ele um meio de ter hoje menos má clientela.

- Sr. de Flesselles - respondeu o fúnebre interlocutor - este bom cidadão pede-lhe uma ordem de admissão junto do Sr. de Launay. Tenho a acrescentar que não é somente ele que espera, mas também mais três mil homens.

- Muito bem, senhor; já lha vou dar - disse já com pouca serenidade o preboste dos mercadores.

Flesselles aproximou-se de uma mesa, passou uma ou duas vezes uma das mãos pela frente, e com a outra depois de pegar na pena, escreveu rapidamente algumas linhas.

- Aqui tem a ordem de admissão - disse ele, apresentando o papel a Billot.

- Leia - disse Marat.

- Não sei ler - respondeu Billot.

- Pois dê cá, que eu leio.

Billot passou o papel para as mãos de Marat.

A ordem de admissão era concebida nestes termos:

“Nós, o preboste dos mercadores da cidade, vos enviamos o Sr. Billot, com o fim de conferenciar convosco acerca de interesses da mesma cidade.

“14 de Julho de 1789.

De Flesselles”.

- Bom - disse Billot.

- Acha bom assim? - atalhou Marat.

- Sem dúvida.

- Espere; o Sr. preboste vai aí acrescentar um *post-scriptum*, que tornará isso melhor.

E aproximou-se de Flesselles, que tinha permanecido em pé com a mão apoiada na mesa, olhando de um modo desdenhoso para os dois homens que tanto lhe davam que

fazer, e aos quais viera ajuntar-se um terceiro, meio nu, que acabava de aparecer à porta, encostado a um bacamarte.

Este terceiro era Pitou, que tinha seguido Billot, e que se conservava prestes a obedecer às ordens do lavrador, quaisquer que elas fossem.

- Senhor - disse Marat a Flesselles - o *post-scriptum* que deve aí ajuntar, e que tornará a ordem de admissão melhor, é o seguinte:

- Queira dizer, senhor Marat.

Marat pôs o papel sobre a mesa, e indicando com o dedo o lugar onde o preboste devia traçar o *post-scriptum* exigido, ditou:

“Ao cidadão Billot, em consequência de ter o carácter de parlamentar, fica-lhe garantida a segurança da vida, que coloco sob a vossa honra.”

Flesselles olhou para Marat como um

homem que tinha mais vontade de desfazer aquela cara com um murro, do que anuir ao que ele pedia.

- Tem dúvida, senhor? - perguntou Marat.

- Não - disse Flesselles - porque o senhor só pede uma coisa justa.

E escreveu o *post-scriptum* exigido.

- Contudo, senhores - disse ele - notem bem isto, não respondo pela segurança do Sr. Billot.

- Respondo eu por ele - atalhou Marat, tirando-lhe o papel das mãos - porque a sua liberdade, é a garantia da liberdade dele e a sua cabeça a da cabeça dele. Aqui tem, bravo Billot - disse Marat; - aqui tem a sua ordem de admissão.

- Labrie! - bradou então o Sr. de Flesselles - Labrie!

Um lacaios, vestido de grande libré, entrou.

- A minha carruagem - disse ele.

- Já está à espera no pátio, senhor

preboste.

- Desçamos - disse o preboste. - Não desejam mais nada, meus senhores?

- Não - responderam ao mesmo tempo Billot e Marat.

- Deixo passar? - perguntou Pitou.

- Meu amigo - disse Flesselles - tenho a observar-lhe que está mais que indecentemente vestido para guardar a minha câmara. Se teima em estar aí, passe a cartucheira para diante, e encoste-se à parede.

- Deixo passar? - repetiu Pitou olhando para o Sr. de Flesselles com um ar que demonstrava bem que lhe não agradava a galantaria de que acabava de ser alvo.

- Deixa - disse Billot.

Pitou arredou-se.

- Talvez faça asneira em deixar retirar este homem - disse Marat; - era uma excelente caução para conservar; mas em todo o caso, em qualquer parte que esteja, fique sossegado, que o encontrarei.

- Labrie - disse o preboste dos

mercadores subindo para a carruagem; - vai-se distribuir pólvora aqui. Se o Hôtel-de-Ville for pelos ares não quero ser apanhado pelos estilhaços: fora do alcance, Labrie! Fora do alcance!

A carruagem rodou por debaixo da abóbada, e apareceu na Praça, onde bramiam quatro ou cinco mil pessoas.

Flesselles temia que se interpretasse mal a sua partida, que podia ser tomada por uma fuga.

Deitou meio corpo fora da portinhola.

- Para a Assembléia Nacional! - gritou ele ao cocheiro.

Isto valeu-lhe da parte da multidão uma salva estrondosa de aplausos.

Marat e Billot estavam na varanda e tinham ouvido as últimas palavras de Flesselles.

- Aposto a minha cabeça contra a dele, em como não vai à Assembléia Nacional, mas sim ao palácio real.

- Conviria prendê-lo - disse Billot.

- Não - acudiu Marat com o seu hediondo sorriso; - esteja tranqüilo. Por mais depressa que ande, nós andaremos ainda mais rapidamente. Agora vamos à pólvora.

- Sim, à pólvora! - disse Billot.

E ambos desceram, seguidos de Pitou.

XV

O Sr. de Launay, governador da Bastilha

Conforme tinha dito o Sr. de Flesselles, havia uma grande porção de pólvora nos subterrâneos do Hôtel-de-Ville.

Marat e Billot entraram no subterrâneo com uma lanterna, que penduraram na abóbada.

Pitou comandava a guarda colocada à porta.

A pólvora estava em barris, os quais continham vinte arráteis, pouco mais ou menos, cada um. Por toda a escada foram dispostos homens armados com o fim de distribuição se fazer em ordem. Estes homens formavam uma espécie de cadeia, e assim se começou a condução dos barris.

Ao princípio houve alguma confusão. Julgava-se que a pólvora chegaria para todos,

e cada um correu a tomar o seu quinhão, mas os chefes nomeados por Billot, conseguiram fazer-se escutar, e a distribuição fez-se com muita regularidade.

Cada cidadão recebeu meio arrátel de pólvora, equivalente a trinta ou quarenta tiros, pouco mais ou menos.

Mas quando cada um teve a sua porção de pólvora, percebeu então que faltavam as espingardas; apenas quinhentos homens estavam armados. Enquanto a distribuição se efectuava, uma parte daquela multidão furiosa, que pedia armas, subiu à sala, onde os eleitores permaneciam em sessão. Estavam a ponto de organizar a guarda nacional de que o porteiro tinha falado a Billot. Tinham acabado de decretar que esta milícia deveria ser de quarenta e oito mil homens. Esta força não existia ainda senão no decreto e já se disputava a respeito da nomeação do general.

Foi, pois, em meio desta discussão que o povo invadiu o Hôtel-de-Ville. Havia-se organizado por si mesmo, e pedia já para

marchar, mas faltavam-lhe armas.

Neste momento ouviu-se o rodar de uma carruagem, que entrava no pátio. Era o preboste dos mercadores, a quem não tinham querido deixar passar, apesar dele mostrar a ordem do rei, que o mandava chamar a Versalhes, e que tornaram a levar à força ao Hôtel-de-Ville.

- Armas! Armas! - gritavam de toda a parte mal o avistaram.

- Armas! - disse ele; - não as tenho; se as há, é no Arsenal.

- Vamos ao Arsenal! Ao Arsenal! - bradou a multidão.

E cinco ou seis mil homens se reuniram no cais da Grève.

O Arsenal estava vazio.

Voltaram, apostrofando, para o Hôtel-de-Ville.

O preboste não tinha as armas, ou antes, não as queria dar. Apertado pois pelo povo, veio-lhe à cabeça enviá-lo a Chartreux.

Em Chartreux abriram-lhe as portas:

farejou-se por toda a parte, mas não se encontrou nem uma pistola de algibeira.

Entretanto, Flesselles, sabendo que Billot e Marat estavam ainda nos subterrâneos do Hôtel-de-Ville, e que faziam a sua distribuição de pólvora, propôs que se enviasse uma deputação de eleitores a Launay, para lhe propor que fizesse desaparecer das ameias a artilharia.

O que na véspera fizera gritar mais cruelmente a multidão era a artilharia, que alongava o seu colo através das ameias. Flesselles esperava que, fazendo com que desaparecesse a artilharia, o povo se contentaria com esta concessão e se retiraria satisfeito.

A deputação acabara de partir quando o povo voltava furioso.

Ao ouvirem os gritos que ele soltava, Billot e Marat subiram até à torre.

Flesselles de uma sacada inferior tentava serenar o povo. Propunha um decreto que autorizasse os distritos a mandar forjar

cinquenta mil chuços.

O povo estava prestes a aceitar.

- Decididamente este homem trai-nos - disse Marat. Depois, voltando-se para Billot, acrescentou:

- Vá à Bastilha fazer o que lá tem que fazer. Dentro de uma hora aí lhe enviarei vinte mil homens armados cada um com a sua espingarda.

Billot logo no primeiro momento tivera grande confiança naquele homem, cujo nome era tão popular, que lhe chegara aos ouvidos. Em vista disso, nem lhe perguntou como encontraria tais homens armados.

Junto com eles achava-se um padre, que partilhava do entusiasmo geral, e que bradava como todos: À Bastilha! À Bastilha! Billot não gostava de padres, mas este agradou-lhe, e encarregou-o de continuar a distribuição da pólvora, o que o padre aceitou de bom grado.

Então Marat subiu a um poial: o tumulto era medonho nesta ocasião.

- Silêncio! - bradou ele - sou Marat, e quero falar.

Todos se calaram como por magia: e todos os olhos se volveram para o orador.

- Querem armas? - disse ele.

- Sim! Sim! - responderam milhares de vozes.

- Para tomar a Bastilha?

- Sim! Sim! Sim!

- Pois bem, venham comigo e tê-las-ão.

- Aonde?

- Aos Inválidos. Há lá vinte e cinco mil armas. Aos Inválidos! Partamos!

- Aos Inválidos! Aos Inválidos! Aos Inválidos! - bradaram todos.

- Agora - disse Marat a Billot, que acabara de chamar Pitou - vai à Bastilha?

- Vou.

- Espere. Pode ser que antes da chegada da minha gente tenha precisão dela.

- Sim, pode muito bem ser - respondeu Billot.

Marat rasgou uma folha de papel de

uma pequena carteira, e escreveu as seguintes palavras com um lápis:

Da parte de Marat.

Depois traçou um sinal sobre o papel.

- Mas então - perguntou Billot - que quer que eu faça com este bilhete? Não tem o nome nem a direcção da pessoa a quem devo entregá-lo.

- Enquanto à direcção não é precisa; aquele a quem o recomendo não tem morada certa; enquanto ao nome, é bem conhecido; pergunte por Gouchon ao primeiro operário que encontrar, o Mirabeau do povo.

- Gouchon? Olha, Pitou, lembra-te deste nome.

- Gouchon ou *Gouchonius* - disse Pitou; - eu me lembrarei.

- Aos Inválidos! Aos Inválidos! - bradaram todos com ferocidade sempre crescente.

- Vamos, vá - disse Marat a Billot; - e que o génio da liberdade marche diante de si.

- Aos Inválidos! - bradou depois Marat.

E desceu ao cais da Grève seguido de mais de vinte mil homens.

Billot, pelo seu lado, levava após si quinhentos ou seiscentos: eram os que estavam armados.

No momento em que ia descer ao longo do rio, e o outro ia subir para o bulevar, o preboste dos mercadores chegou a uma janela.

- Meus amigos - disse ele - por que têm laços verdes nos chapéus?

Era a folha de tília de Camillo Desmoulins, que muitos homens tinham posto, vendo-a pôr aos outros, sem sequer saberem o que faziam.

- Esperança! Esperança! - bradaram algumas vozes.

- Sim; mas a cor da esperança é também a do conde de Artois. Querem fazer supor que trazem a libré de um príncipe?

- Não! Não! - bradaram em coro todas as vozes, e a de Billot acima de todas.

- Pois então mudem de laço, e se querem

trazer uma cor, que seja ao menos a da cidade de Paris, nossa mãe comum; tragam encarnado e azul, amigos, encarnado e azul³.

- Sim! Sim! - exclamaram todos - encarnado e azul.

A estas palavras, cada um pisa aos pés o laço verde, e pede um laço das novas cores. Então, como por encanto, as janelas abrem-se e laços encarnados e azuis chovem a montes.

Mas, apesar disso, chegaram apenas para mil pessoas.

No mesmo instante as cortinas, as saias de seda, os aventais, e tudo que se apresenta à mão, é reduzido a pedaços, e feito em laços, em rosetas e faixas. Cada qual trata de tomar a sua parte.

Depois disto, o pequeno exército de Billot põe-se em marcha.

Pelo caminho vai aumentando e recrutando; todas as artérias de Paris do lado

³ Mais tarde, Lafayette fez pela sua parte a observação que o azul e o encarnado eram também as cores das casas de Orleans, e ajuntou-lhes o branco, dizendo àqueles que o recebiam da mão dele: “Dou-vos um laço que fará o giro do mundo!”

do arrabalde de Santo António lhe enviam tudo que havia de mais quente e vivo do seu sangue popular.

Afinal consegue-se, com menos má ordem, chegar até à altura da rua Lesdiguirières, onde já uma chusma de curiosos, uns tímidos, outros sossegados e outros insolentes, olhavam para as torres da Bastilha devoradas por um sol ardente.

A chegada dos tambores populares pelo arrabalde de Santo António; a chegada de uns cem guardas franceses pelo bulevar; a chegada de Billot e da sua tropa, que orçaria por mil a mil e duzentos homens, mudou desde logo o carácter e o aspecto da multidão: os tímidos animaram-se, os sossegados exaltaram-se; e os insolentes começaram a ameaçar.

- Abaixo as peças! Abaixo as peças! – gritaram vinte mil vozes, ameaçando de punho cerrado a artilharia de grosso calibre, que alongava os seus colos de bronze através da cortina das plataformas.

De repente, e como se o governador da fortaleza obedecesse às intimações da multidão, os artilheiros chegaram-se às peças e fizeram-nas recuar até que desapareceram de todo à vista.

A multidão bateu palmas; era portanto uma potência, visto que cediam às suas ameaças.

Contudo as sentinelas continuaram a passear sobre as muralhas. Um Inválido cruzou com um Suíço.

Depois de ter gritado: abaixo as peças! A chusma gritou: Abaixo os Suíços! Era a progressão do grito da véspera: Abaixo os Alemães!

Mas os Suíços continuaram placidamente a cruzar com os Inválidos.

Um dos que gritavam impacientou-se; tinha uma espingarda na mão, apontou para a sentinela e desfechou.

A bala lascou a tostada muralha da Bastilha, um pé abaixo da cornija da torre, justamente em frente do lugar onde passava a

sentinela. A falha na pedra apareceu como um ponto branco, mas a sentinela não arredou um passo, nem sequer voltou a cara.

Um grande rumor se fez ouvir em volta daquele homem que acabava de dar o sinal de um ataque inaudito e insensato. Neste rumor havia decerto mais medo do que rancor.

Muitos ainda não se atreviam a pensar que não era já um crime de morte atirar um tiro à Bastilha.

Billot olhava para aquela mole verde-negra, que era semelhante a esses monstros fabulosos que a antiguidade nos mostra cobertos de escamas; contava as ameias onde as peças podiam, de um momento para o outro, tornar a aparecer: contava os arcabuzes de trincheira, que abriam os seus olhos sinistros para olharem através das seteiras.

Billot abanava a cabeça recordando-se das palavras de Flesselles e murmurava:

- Nunca lá entraremos!

- Por que não havemos de entrar? - disse

um indivíduo que estava ao pé dele.

Billot voltou-se e viu um homem de aspecto feroz, coberto de andrajos, cujos olhos cintilavam como duas estrelas.

- Porque me parece impossível tomar uma tal massa pela força.

- A tomada da Bastilha - disse o homem desconhecido - não é um acto de guerra, é um acto de fé: crê e conseguirás.

- Paciência - disse Billot procurando a sua ordem de admissão na algibeira; - paciência!

O homem julgou ser outra a sua intenção.

- Paciência? - lhe disse ele; - sim, eu bem te compreendo; aposto que és um lavrador?

- E sou efectivamente - respondeu Billot.

- Então já percebo porque tu dizes paciência. Tens tido toda a tua vida bastante que comer; mas olha um pouco para trás de ti, e vê esses espectros que nos rodeiam; olha para as suas veias áridas, conta-lhes os ossos através os farrapos que os vestem, e

pergunta-lhes se compreendem o que quer dizer paciência.

- Ora eis aqui um diabo que fala bem - disse Pitou; - mas quase que me mete medo.

- Pois a mim não - respondeu Billot.

E voltando-se para o estranho, disse:

- Sim, paciência, ainda por mais um quarto de hora.

- Ah! Ah! - exclamou o homem sorrindo - um quarto de hora! Em verdade não é muito. E que farás tu num quarto de hora?

- Num quarto de hora visitarei a Bastilha, saberei a senha da guarnição, saberei as intenções do governador, e conhecerei, finalmente, por onde se pode entrar melhor.

- Sim, sim; assim tu saibas por onde se possa sair.

- Se não sair, um homem virá que me há-de proteger.

- E esse homem quem é, podes dizermo, cidadão?

- Gouchon, o Mirabeau do povo.

O homem estremeceu e os olhos despediram chamas.

- Conhece-lo?

- Não.

- Então?

- Então, eu o conhecerei, pois me disseram que a primeira pessoa a quem me dirigisse na Praça da Bastilha me conduziria a ele: estás na Praça da Bastilha, conduze-me.

- Que lhe queres?

- Dar-lhe este papel.

- Da parte de quem?

- De Marat, o médico.

- De Marat! Conheces Marat! - exclamou o homem.

- Acabo de o deixar agora mesmo.

- Onde?

- No Hôtel-de-Ville.

- Que faz ele lá?

- Foi aos Inválidos armar vinte mil homens.

- Nesse caso, dá-me esse papel, porque eu sou Gouchon.

- És Gouchon? - perguntou-lhe este.

- Amigos - disse o homem esfarrapado - aqui está um homem que não me conhece, e que pergunta se é verdade que eu seja Gouchon.

A multidão desatou a rir. Àqueles homens parecia-lhes impossível haver alguém que não conhecesse o seu orador predilecto.

- Viva Gouchon! -bradaram duas ou três mil vozes.

- Então, tome - disse-lhe Billot, apresentando-lhe o papel.

- Amigos - disse Gouchon, depois de ter lido, e batendo sobre o ombro de Billot; - é um irmão nosso: Marat no-lo recomenda. Pode-se contar com ele. Como te chamas?

- Chamo-me Billot (*cepo*).

- E eu - disse Gouchon - chamo-me acha (*machado*); nós dois, segundo espero, havemos de fazer alguma coisa.

A multidão riu-se ao ouvir o singular jogo de palavras.

- Sim, sim, faremos alguma coisa - disse ele.

- Pois então que faremos? - perguntaram alguns homens dentre o tropel.

- Que faremos? - bradou Gouchon - iremos à Bastilha.

- Amém! - respondeu Billot; - isso é o que se chama falar. Escuta, esforçado Gouchon. De quantos homens podes dispor?

- De trinta mil, pouco mais ou menos.

- Trinta mil homens de que tu dispões, com vinte mil que nos chegarão dos Inválidos, e com dois mil que estão já aqui, é mais do que o necessário para vencer, ou então nunca venceremos.

- Assim o creio. Ora pois, reúne os teus trinta mil homens, que eu vou entrar na residência do governador para o intimar a que se renda. Se se render, tanto melhor, pouparemos sangue; se se não render, o sangue derramado cairá sobre ele: e seja em que tempo for, o sangue derramado por uma causa injusta, sempre trouxe desgraça

consigo. Perguntem-no aos Alemães.

- Quanto tempo te demorarás com o governador?

- O mais que puder, até que a Bastilha seja assaltada; se for possível quero, quando sair, que comece logo o ataque, entendes, amigo Gouchon?

- Está dito.

- Tu não desconfias de mim? - perguntou Billot a Gouchon estendendo-lhe a mão.

- Eu! - replicou Gouchon com um sorriso de desdém, e apertando a mão que lhe apresentava o robusto lavrador com uma força que não era de esperar de um corpo macilento e descarnado; - eu desconfiar de ti! Por quê? Quando eu quisesse, com uma palavra, com um pequeno gesto, far-te-ia pisar como vidro, ainda que estivesse ao abrigo dessas torres, que amanhã já não existirão; ou ainda que fosses protegido por aqueles soldados, que ainda esta noite hão-de ser por nós, ou deixarão de viver. Vai pois, e

conta com Gouchon como ele conta com Billot.

Billot ficou convencido, e pôs-se a caminho para a entrada da Bastilha, enquanto o seu interlocutor se embrenhava pelo bairro entre os gritos mil vezes repetidos de: Viva Gouchon! Viva o Mirabeau do povo!

- Não sei como é o Mirabeau dos nobres - disse Ângelo Pitou para o tio Billot - mas o nosso parece-me bem feito.

XVI

A Bastilha e o seu governador

Não tratemos de descrever a Bastilha, que seria coisa inútil.

Vive como eterna imagem, tanto na memória dos velhos como na das crianças.

Contentar-nos-emos com recordar que vista pelo lado do bulevar apresentava na praça da Bastilha duas torres irmãs, ao passo que as duas fachadas corriam paralelas às duas margens do canal, que ainda hoje se vê.

A entrada da Bastilha estava defendida, primeiro por um corpo de guarda, depois por duas linhas de sentinelas, e afinal por duas pontes levadiças.

Depois de se ter atravessado os diferentes obstáculos, chegava-se ao pátio de entrada da residência do governador.

Deste pátio, ia-se, por uma galeria, para os fossos da Bastilha.

Nesta alta entrada, que dava ainda sobre os fossos, encontrava-se uma outra ponte levadiça, um corpo de guardas e uma porta de ferro.

Logo na primeira entrada vieram deter Billot, mas este mostrou o seu *passe* de Flesselles, em vista do que o deixaram passar.

Billot percebeu então que Pitou o seguia. Pitou não tinha iniciativa própria, mas atrás do lavrador desceria ao inferno ou subiria à lua.

- Fica lá fora - disse-lhe Billot - porque se eu não tornar a sair, será bom que haja alguém que recorde ao povo que entrei.

- É justo - respondeu Pitou - e daqui a quanto tempo será bom recordar isso?

- Daqui a uma hora.

- E a caixinha? - perguntou Pitou.

- É verdade. Olha, se não tornar a sair, se Gouchon não tomar a Bastilha, ou, enfim, se depois de a ter tomado não me encontrar, dirás ao Dr. Gilberto, que naturalmente há-de aparecer, que uns homens idos de Paris me

roubaram a caixa que me havia confiado há cinco anos; que, em consequência disto, parti imediatamente para lho participar; que, ao chegar a Paris, soube que ele estava preso na Bastilha, o que me fez ter a idéia de a tomar, e por a querer tomar me custara a pele, que toda consagrei ao seu serviço.

- Está bom, tio Billot - disse Pitou; - o que me parece é que o recado é comprido, e tenho receio de que me esqueça.

- Do que te disse agora?

- Sim.

- Então repito-o.

- Não - disse alguém perto de Billot; - o melhor é escrevermos.

- Não sei escrever - disse Billot.

- Mas sei eu, que sou meirinho.

- Ah! O senhor é meirinho? - perguntou Billot.

- Estanislau Maillard, meirinho do Châtelet.

Dizendo isto, tirou da algibeira um grande tinteiro no qual havia uma pena,

papel e tinta, e tudo o mais que é preciso para escrever.

Era um homem de quarenta e cinco para cinqüenta anos, magro, grave, todo vestido de preto, como era próprio da sua profissão.

- Aqui está um homem que se parece diabolicamente com um gato-pingado - murmurou Pitou.

- O senhor disse que uns homens idos de Paris - perguntou o meirinho imperturbável - lhe roubaram uma caixinha, que lhe confiara o Dr. Gilberto?

- Sim.

- É um delito.

- Esses homens pertencem à polícia de Paris.

- Ladrões infames! - murmurou Maillard.

Depois, dando o papel a Pitou, acrescentou:

- Aqui tens, rapaz, a nota pedida; e se ele morrer - nisto apontou para Billot - e se tu morreres também, é de esperar que eu não

morra.

- E se o senhor não morrer, que fará? -
perguntou Pitou.

- Farei o que deverias fazer.

- Obrigado - disse Billot.

E deu a mão ao meirinho.

O meirinho apertou-lha com uma força que não era de esperar em corpo tão longo e magro.

- Então, conto com o senhor? -
perguntou Billot.

- Como contas com Marat e Gouchon.

- Bom - disse Pitou; - aqui está uma trindade, que certamente não encontrarei no paraíso.

- Ouviu, tio Billot, prudência, não é verdade?

- Pitou - respondeu o lavrador com a eloquência que era para admirar por vezes naquela natureza rude; - não esqueças uma coisa, e vem a ser, que a verdadeira prudência em França é a coragem.

Após estas palavras atravessou a

primeira linha de sentinelas, ao passo que Pitou voltava para a praça.

Ao chegar à ponte levadiça foi-lhe outra vez necessário parlamentar.

Billot tornou a mostrar a sua ordem de admissão: a ponte levadiça abaixou-se, e abriram-lhe imediatamente a grade.

Atrás da grade estava o governador.

Este pátio interior, onde o governador esperava Billot, era o recinto que servia para passearem os prisioneiros; era guardado por oito torres, quer dizer, por oito gigantes. Nenhuma janela dava para este pátio. O sol nunca penetrara até ao solo úmido e quase limoso; dir-se-ia, ao vê-lo, o fundo de um vasto poço.

Havia ali um relógio sustido por dois apoios chumbados à parede, o qual indicava as horas, deixando ouvir o ruído lento e pausado da pêndula, como numa prisão se ouve cair, nas lajes do pavimento, as gotas de água que ressumam da abóbada.

Naquele pátio, o prisioneiro, como que

perdido num abismo de pedra, contemplava um instante aquela inexorável nudez das pedras e não tardava em pedir para entrar novamente para a prisão.

Atrás da grade, que dava para o pátio, estava, como já dissemos, o Sr. de Launay.

O Sr. de Launay era um homem de quarenta e cinco para cinqüenta anos. Neste dia estava vestido com um fato de linho pardo: o laço vermelho da cruz de Saint-Louis via-se-lhe sobre o peito; na mão trazia uma bengala de estoque.

O Sr. de Launay era um mau homem: as memórias de Linguet tinham mostrado fielmente o seu carácter; era tão odiado como a própria prisão.

E com efeito, os Launay, assim como os Lavrillières e os Saint-Florentin, que conservavam os mandados de prisão de pais para filhos, sucederam-se também na Bastilha.

Sabe-se perfeitamente que não era o ministro da guerra quem nomeava os

guardas da prisão. Na Bastilha todos os lugares se compravam, inclusive o de governador e o de bicho-da-cozinha. O governador da Bastilha era um almoxarife em grande, um taberneiro de dragonas, que ajuntava aos seus sessenta mil francos de ordenado sessenta mil de extorsões e rapinas.

A respeito de avareza, o Sr. de Launay levava a palma aos seus predecessores. Talvez houvesse pago o lugar mais caro, e previsto que o ocuparia menos tempo.

Sustentava a sua casa à custa dos prisioneiros. Tinha reduzido as rações, e aumentara o preço de tudo.

O Sr. de Launay tinha o direito de fazer entrar em Paris cem pipas de vinho francês livre de direitos, e vendia metade deste direito a um taberneiro, que fazia entrar excelentes vinhos. Depois, com a segunda parte desse direito, comprava vinagre, que fazia beber aos seus prisioneiros.

Uma única consolação restava aos desgraçados presos na Bastilha: era um

pequeno jardim que havia sobre um baluarte, onde passeavam, e encontravam aí, por alguns instantes, um ar puro, flores, claridade, e finalmente a natureza.

Launay alugou esse pequeno jardim a um jardineiro por cinqüenta libras por ano, as quais embolsava. Desse mesmo desafogo haviam sido privados os prisioneiros.

Verdade é que para os prisioneiros ricos havia complacências infinitas: conduzia mesmo um deles a casa da sua própria amásia, que era considerada como móvel da Bastilha, e que desta maneira sustentava, sem que lhe custasse nada.

Queiram ler a *Bastilha devassada*, e aí encontrarão este facto e muitos outros ainda.

E contudo um tal homem era valente.

Desde a véspera a tempestade lhe fuzilava propínqua; desde a véspera sentia as vagas do tumulto popular, que vinha subindo sempre até quebrarem-se de encontro às muralhas.

Todavia, estava pálido mas sossegado.

É verdade que tinha atrás de si quatro peças de artilharia prestes a fazer fogo à primeira voz, em volta uma guarnição de Suíços e de Inválidos, e diante um só homem desarmado.

Porque ao entrar na Bastilha, Billot dera a clavina a guardar a Pitou.

Tinha percebido que além da grade havia um exército e que qualquer arma, por melhor que fosse, havia de ser-lhe mais perigosa do que útil.

Billot, num relance de olhos, notou a atitude tranqüila e quase ameaçadora do governador; os Suíços dispostos nos corpos das guardas; os Inválidos nas plataformas, e a silenciosa agitação dos artilheiros, que guarneciam de cartuchos os reservatórios dos carros da pólvora, tudo inculcava uma boa disposição militar.

As sentinelas estavam com as armas na mão; os oficiais tinham as espadas desembainhadas.

O governador permaneceu imóvel.

Billot viu-se obrigado a caminhar para ele. A grade fechou-se de novo atrás do parlamentado do povo com um ruído sinistro de ferro, que lhe fez, por mais valente que fosse, correr um calafrio pela medula dorsal.

- Que mais me quer? - perguntou Launay.

- Mais! - repetiu Billot. - Parece-me que é a primeira vez que o vejo, e que, por consequência, não tem de que estar enfadado com a minha presença.

- É que, ainda há pouco recebi uma deputação da municipalidade.

- Que veio fazer?

- Pedir-me a promessa de não começar o fogo.

- E o senhor prometeu?

- Prometi.

- E que mais?

- Veio exigir que fizesse recuar a artilharia.

- E mandou-a recuar. Bem sabia isso; estava na praça da Bastilha quando a

manobra se operou.

- E talvez acreditasse que obedecia às ameaças do povo?

- Pelo menos - respondeu Billot - pareceu-o bem.

- Não lhes dizia eu, senhores - exclamou Launay voltando-se para os oficiais; - não lhes dizia que nos julgariam capazes de tal fraqueza?

Depois, voltando-se para Billot, acrescentou:

- E o senhor da parte de quem vem?

- Da parte do povo - respondeu Billot com altivez.

- Está bom - disse sorrindo-se Launay - mas tem alguma outra recomendação, sem dúvida, porque com a que invoca não atravessaria a primeira linha das sentinelas.

- Tenho um salvo-conduto do Sr. de Flesselles, seu amigo.

- Flesselles! O senhor disse que ele é meu amigo? - replicou Launay olhando para Billot como se quisesse ler o que se lhe

passava no íntimo. - Como sabe que o Sr. de Flesselles é meu amigo?

- Suponho que o seja

- Ah! Supõe. Está bem. Vejamos o salvo-conduto.

Billot apresentou o papel.

Launay leu uma vez, depois segunda; abriu-o para ver se continha algum *post-scriptum* oculto entre as duas páginas; pô-lo ao ar, a fim de ver se ocultava algumas linhas traçadas entre as outras - E é isto só que ele me diz? - perguntou o governador por fim.

- Só!

- Está certo disso?

- Certíssimo.

- Nada de verbal?

- Nada.

- É singular! - disse - Launay, deitando um olhar para a Praça da Bastilha por uma das seteiras.

- Mas então que queria o senhor que ele lhe dissesse? - perguntou Billot.

Launay fez um movimento.

- Nada; em verdade, nada. Vamos, diga o que quer; mas despache-se porque tenho pressa.

- Pois bem, quero que entregue a Bastilha.

- Como? - disse Launay voltando-se com vivacidade, como se tivesse ouvido mal; - que diz?

- Digo que, em nome do povo, venho intimá-lo para entregar a Bastilha.

Launay encolheu os ombros, e disse:

- Em verdade, sempre é um animal bem singular o povo!

- Hem? - respondeu Billot.

- Que quer ele fazer da Bastilha?

- Quer demoli-la.

- Que diabo fez a Bastilha ao povo? Porventura foi nunca encarcerado nela algum homem do povo? O povo, ao contrário, devia benzer cada uma das pedras da Bastilha. Quem é que se mete na Bastilha? Filósofos, sábios, aristocratas, ministros, príncipes, isto é, os inimigos do povo.

- Muito bem, isso prova que o povo não é egoísta.

- Meu amigo - disse Launay com uma espécie de comiseração - é fácil de ver que não é soldado.

- Tem razão, porque sou lavrador.

- Que não é de Paris.

- Assim é; sou da província.

- Que não conhece verdadeiramente a Bastilha.

- Tem razão; não conheço senão o que tenho visto, quero dizer, os muros exteriores.

- Pois bem, venha comigo, que vou mostrar-lhe o que é a Bastilha.

- Oh! Oh! - disse Billot - ele vai fazer-me passar por algum alçapão, que se abrirá de repente debaixo dos pés, e depois boa noite, tio Billot.

Todavia, o audaz lavrador nem pestanejou, e deu-se pressa em seguir o governador.

- Em primeiro lugar, deve saber que tenho nos subterrâneos suficiente pólvora

para fazer ir pelos ares a Bastilha, e com a Bastilha metade do bairro de Santo António.

-Já sei isso - respondeu muito tranquilamente Billot.

- Bem. Vê agora estas quatro peças?

- Vejo, sim, senhor.

- Enfiam toda esta galeria, como vê; e aquela galeria é defendida, em primeiro lugar, por um corpo de guarda, depois por dois fossos, que se não podem atravessar senão por meio de duas pontes levadiças, e afinal por uma grade.

- Oh! Eu nunca disse que a Bastilha era mal defendida - acudiu Billot tranquilamente; - só o que digo é que será bem atacada.

- Continuemos - disse Launay.

Billot fez com a cabeça um gesto de assentimento.

- Eis aqui uma porta oculta que dá para os fossos - disse o governador; - veja a grossura das muralhas.

- Quarenta pés, pouco mais ou menos.

- Sim; quarenta em baixo, e quinze em

cima. Já vê que por melhores unhas que tenha o povo, hão-de quebrar-se-lhe nestas pedras.

- Ainda não disse - replicou Billot - que o povo demolirá a Bastilha antes de a tomar; disse que a demolirá depois de tomada.

- Subamos - disse Launay.

- Subamos.

Subiram trinta degraus.

O governador parou.

- Atente - disse ele; - eis aqui uma canhoneira que dá sobre a passagem pela qual querem entrar, aquela não é defendida senão por uma colubrina; mas tem a seu favor uma certa reputação. Sabe a ária:

Ó minha terna frauta

Frauta dos meus amores.

- Certamente que sei - disse Billot - mas não acredito que seja agora ocasião de a cantar.

- Pois saiba que o marechal de Saxe chamava a esta pequena peça a sua frauta, porque cantava, o melhor possível, a ária de

que ele mais gostava. É um episódio histórico.

- Não duvido - respondeu Billot.

- Subamos - disse o governador. E continuaram a subir.

Por fim chegaram à plataforma da torre de La Comté.

- Ah! Ah! - exclamou Billot.

- Que é? - perguntou Launay.

- O senhor não quer fazer apeaar a artilharia?

- Já a fiz recuar, e nada mais farei.

- Mas sabe que irei dizer ao povo que as peças estão aqui da mesma maneira?

- Pois diga.

- Não as quer apeaar, não é verdade?

- Não.

- Decididamente?

- A artilharia de el-rei está aqui por ordem de el-rei; só por uma ordem de el-rei será apeada.

- Sr. de Launay - disse Billot, sentindo em si crescer a audácia à altura da situação -

Sr. de Launay, o verdadeiro rei a quem lhe aconselho obedeça, é aquele que acolá vê na praça.

E mostrou ao governador a multidão, ensangüentada em certos sítios pelo combate da véspera, e que ondulava diante dos fossos, fazendo reluzir as armas ao sol.

- Senhor - disse também Launay, erguendo a cabeça para trás com ar de altivez - pode ser que o senhor conheça dois; porém, eu, governador da Bastilha, só conheço um, que é Luís XVI de nome; foi quem assinou o decreto, em consequência do qual eu comando aqui homens e coisas.

- Visto isso não é cidadão? - exclamou Billot colérico.

- Sou um fidalgo francês.

- Ah! É verdade, é um soldado, e até fala como um soldado.

- É esse o termo próprio, senhor - respondeu Launay inclinando-se. - Sou um soldado e cumpro a minha obrigação.

- E eu, senhor - disse Billot - sou

cidadão; e como o meu dever de cidadão está em oposição com a sua obrigação de soldado, um de nós morrerá: veremos se será aquele que cumpre o seu dever, se aquele que faz a sua obrigação.

- É provável, senhor.

- Visto isso, está decididamente disposto a fazer fogo sobre o povo?

- De modo nenhum, salvo se ele fizer fogo sobre mim. Dei a minha palavra aos enviados do Sr. de Flesselles. O senhor bem vê que já mandei recuar as peças para o meu castelo...

- Que fará então ao primeiro tiro?...

- Aproximar-me-ei de uma destas peças, desta por exemplo; chegá-la-ei eu mesmo até à ameia, farei eu próprio a pontaria, e até farei fogo com o morrão que está aqui.

- O senhor?!...

- Eu mesmo.

- Oh! Se acreditasse semelhante coisa - disse Billot - antes que cometesse um tal crime...

- Já lhe disse que sou soldado, e que só conheço, a minha obrigação.

- Pois bem. Olhe - atalhou Billot impelindo Launay até à cortina da muralha, e apontando alternativamente para os dois pontos diferentes do bairro e do bulevar - está ali quem lhe dará ordens de ora em diante.

E mostrou a de Launay duas massas negras, espessas, atroadoras, que, forçadas a recurvar-se em forma de meia-lua em torno do bulevar, onde ondulavam como enorme serpente, da qual a cabeça e o corpo se viam, mas os últimos anéis se perdiam por entre os acidentes do terreno sobre que se estendia.

E tudo que se via do gigante réptil ostentava escamas luminosas.

Era o duplo da tropa a que Billot dera para lugar de reunião a praça da Bastilha: uma parte era conduzida por Marat, a outra por Gouchon.

Avançava pelos dois lados, brandindo as suas armas e soltando gritos horríveis.

Launay empalideceu ao ver aquela perspectiva, e levantou a bengala.

- A postos! - bradou ele.

Depois caminhando para Billot com um grito de ameaça, disse:

- E o senhor, desgraçado, o senhor que vem aqui com o pretexto de parlamentar enquanto os outros atacam, sabe que merece a morte?

Nisto puxou metade do estoque que tinha a bengala.

Billot viu o movimento, e rápido como o relâmpago, travou de Launay pelo pescoço e pela cintura.

- E o senhor - disse-lhe ele erguendo-o ao ar - merecia que eu o atirasse por cima do parapeito ao fundo dos fossos, onde se despedaçasse. Mas, Deus louvado! Combatê-lo-ei de outra maneira.

Nisto um clamor imenso, universal, se ouviu debaixo até à altura dos terraplenos, e se espalhou pelos ares como uma tempestade; e o Sr. de Losme, major da

Bastilha, apareceu na plataforma.

- Senhor! - exclamou ele dirigindo-se a Billot - senhor, por favor mostre-se; todo este povo crê que lhe aconteceu algum mal, e reclama-o em altos brados.

Efectivamente o nome de Billot, espalhado por Pitou pela chusma, ouvia-se por entre os clamores gerais.

Billot largou o Sr. de Launay, que embainhou o estoque.

Depois, houve entre os três homens um momento de hesitação, durante o qual se ouviram gritos de vingança e de ameaça.

- Mostre-se, senhor - disse por fim de Launay. - Não é porque esses clamores me intimidem, mas para que se saiba que sou um homem leal.

Então Billot meteu a cabeça por uma das ameias, e fez sinal com a mão.

À sua vista o povo soltou infinitos aplausos. Era de algum modo a revolução que surgia da frente da Bastilha na pessoa daquele homem do povo, que fora o primeiro

a campear sobre os seus adarves como dominador.

- Está bom, senhor - disse então Launay;
- tudo entre nós está terminado. O senhor não tem que fazer aqui. Chamam-no lá em baixo; desça.

Billot compreendeu esta moderação da parte de um homem em poder de quem se achava, e desceu pela mesma escada por onde tinha subido; o governador acompanhou-o.

Enquanto ao major, ficou. O governador dera-lhe naquele mesmo instante em voz baixa algumas ordens.

Era evidente que o Sr. de Launay só tinha um desejo, era que Billot saísse o mais depressa possível.

Billot atravessou o pátio sem dizer uma única palavra, e viu os artilheiros, que estavam já a postos com os morrões acesos.

Billot deteve-se ante eles.

- Amigos! - lhes disse - lembrem-se de que vim pedir ao seu chefe que evitasse a

efusão de sangue, e que ele recusou.

- Em nome de el-rei, senhor! - bradou Launay batendo com o pé no chão - saia daqui!

- Tome sentido - replicou Billot - se me faz sair em nome de el-rei, entrarei em nome do povo.

Depois, voltando-se para o corpo da guarda dos Suíços, disse:

- Vejamos: de que partido são?

Os Suíços ficaram calados.

Launay apontou-lhe para a porta de ferro.

Billot quis ainda tentar um último esforço.

- Senhor - disse ele a Launay - em nome da nação! Em nome dos seus irmãos!

- De meus irmãos? Chama meus irmãos àqueles que estão a gritar: Abaixo a Bastilha! Morte ao seu governador! Serão seus irmãos, mas não o são meus.

- Então, em nome da humanidade!

- Em nome da humanidade, que o

compele a vir degolar milhares de infelizes soldados encerrados nestes muros?

- Ao contrário, entregando a Bastilha ao povo, salva-lhes a vida.

- E eu ficarei desonrado!

Billot calou-se; esta lógica de soldado aniquilava-o; porém, dirigindo-se de novo aos Suíços e aos Inválidos, exclamou:

- Entreguem-se, meus amigos; olhem que ainda é tempo. Daqui a dez minutos já será tarde.

- Se não sai imediatamente daqui, senhor - bradou também Launay - à fé de gentil-homem, que o mando fuzilar.

Billot parou um momento; cruzou os braços sobre o peito em sinal de desafio, depois arremessou-lhe ainda um olhar, que se encontrou com o de Launay, e saiu da Bastilha.

XVII

A Bastilha

A multidão estava esperando, queimada pelo sol ardente de Julho, fremente e fora de si. A gente de Gouchon acabava de se juntar com a de Marat. Os habitantes do arrabalde de Santo António reconheciam e saudavam os seus irmãos do arrabalde de Saint-Marceau.

Gouchon estava à testa dos seus compatriotas. Marat desaparecera.

O aspecto da praça era terrível.

À vista de Billot os gritos redobram.

- Que há de novo? - disse Gouchon caminhando para ele.

- O homem é valente.

- Que quer dizer com isso? - perguntou Gouchon.

- Quero dizer que teima.

- Não quer entregar a Bastilha?

- Não.

- E julga que a defende por muito tempo?

- Até à morte.

- Pois morrerá!

- Mas quanta gente vai morrer! - disse Billot, duvidando, naturalmente, que Deus lhe desse tanto direito como o que se arrogam os generais, os reis e os imperadores, homens decretados para derramarem sangue.

- Não tema - replicou Gouchon; - há bastante gente, e até de mais, visto que o pão não chega nem para metade da população. Não é assim, amigos? - continuou Gouchon voltando-se para a chusma.

- É assim, é! - exclamou a multidão com uma abnegação sublime.

- Mas os fossos? - perguntou Billot.

- Não têm necessidade de ser entulhados senão num só lugar - respondeu Gouchon; - e já calculei que metade dos nossos corpos entulhariam os fossos todos; não é assim, amigos?

- É, sim! Sim! - repetiu a multidão, com o mesmo ímpeto que da primeira vez.

- Está bom, assim será - disse Billot aflito.

Neste momento Launay apareceu num terraço, seguido do major Losme e de mais dois ou três oficiais.

- Começa! - bradou Gouchon ao governador.

Este voltou as costas sem lhe responder.

Gouchon, que talvez houvesse suportado a ameaça, não suportou o desprezo; meteu a clavina à cara, e um dos homens que seguia o governador caiu.

Cem tiros, mil tiros de espingarda partiram ao mesmo tempo, como se aguardassem unicamente este sinal, e marcaram de pontos brancos as torres pardacentas da Bastilha.

Um silêncio de alguns segundos sucedeu a esta descarga, como se a própria multidão tivesse ficado amedrontada do que tinha acabado de praticar.

Depois um jacto de fogo, perdido entre uma nuvem de fumo, coroou o cimo de uma torre; um estampido retumbou; gritos de dor se ouviram entre a multidão apinhada. O primeiro tiro de peça acabava de ser disparado da Bastilha; o primeiro sangue estava derramado. O combate tinha-se travado.

O que a multidão, um momento antes tão ameaçadora, sentia, assemelhou-se ao terror. A Bastilha, pondo-se em defesa, por este só facto, aparecia em toda a sua formidável inexpugnabilidade. O povo esperava, decerto, que entre as concessões, que se lhe faziam, aquela fosse mais uma e que tudo se passaria sem derramamento de sangue.

O povo enganava-se. Aquele tiro de artilharia, disparado sobre ele, apenas mostrava a medida da obra titânica que empreendera.

Uma descarga de mosquetaria bem dirigida, disparada da plataforma da

Bastilha, seguiu-se-lhe imediatamente.

Depois sucedeu-se um novo silêncio, interrompido por alguns gritos, gemidos e prantos, dispersos na chusma.

Viu-se então uma grande balbúrdia na imensa multidão: era o povo que apanhava os seus feridos.

Contudo, o povo não tratava de fugir, ou se pensava nisso, teve vergonha de o fazer ao ver o seu grande número.

E com efeito, os bulevares, a rua de Santo António, e o bairro do mesmo nome, formavam um vasto mar humano: cada vaga tinha uma cabeça, de olhos cintilantes e boca ameaçadora.

Num instante todas as janelas do bairro se guarneceram de atiradores, até as que estavam fora do alcance.

Se aparecia nos terraços ou nas ameias um Inválido ou um Suíço, era imediatamente tomado por alvo de cem espingardas, e uma saraivada de balas lascava os ângulos da pedra, atrás da qual se abrigavam os

soldados.

Mas dentro em pouco deixaram de atirar aos muros insensíveis. Era aos corpos que apontavam os tiros; era sangue que queriam ver jorrar ao contacto das balas, e não lascas de pedra.

No meio daquela grande confusão, cada um expendia o seu parecer.

Todos rodeavam o orador, e quando se percebia que a proposta era insensata, afastavam-se.

Um carpinteiro de carros propôs que se construísse uma catapulta, segundo o modelo das antigas máquinas romanas, e que se batesse em brecha a Bastilha.

Os bombeiros propunham que se apagassem com as bombas as escorvas das peças, e os morrões dos artilheiros, sem que percebessem que a maior das suas bombas não seria capaz de lançar água a dois terços da altura das muralhas da Bastilha.

Um cervejeiro, que comandava o povo do arrabalde de Santo António, e cujo nome

adquiriu depois uma fatal celebridade, propôs que se incendiasse a fortaleza, lançando-se-lhe óleo de cravo e de áspide, que tinha sido apanhado na véspera, e que se inflamaria por meio de fósforos.

Billot escutou, uma após outra, todas aquelas idéias. Ao ouvir a última, tomou um machado das mãos de um carpinteiro, e avançou por entre uma chuva de balas, que derrubavam e varavam em torno dele os homens apinhados como as espigas num campo de trigo; chegou a um pequeno corpo de guarda vizinho da primeira ponte levadiça, e no meio da metralha, que silvava e crepitava sobre o telhado, abateu as cadeias e fez cair a ponte.

Durante o quarto de hora que durou aquela empresa quase insensata, a multidão respirava ansiosa. A cada tiro esperava-se ver baquear o audacioso obreiro. O povo esquecia o perigo que corria, para só pensar no perigo a que se arriscava aquele homem. Quando a ponte caiu, a multidão soltou um

brado imenso e precipitou-se no primeiro pátio!

O movimento foi tão rápido, impetuoso e irresistível, que nem houve o intento da defesa.

Gritos de uma alegria frenética anunciaram a Launay aquela primeira vantagem alcançada pelo inimigo.

No meio do conflito, nem deram atenção a que ficara um homem sufocado debaixo daquela massa de madeira.

Então, como do fundo de uma caverna que alumiassem, as quatro peças de artilharia que o governador mostrara a Billot, dispararam ao mesmo tempo com estrondo terrível, e varreram todo o pátio.

A tempestade de ferro e fogo traçara por entre a multidão um longo sulco de sangue: dez ou doze mortos, e quinze ou vinte feridos, ficaram sob a passagem da metralha.

Billot deixara-se resvalar do telhado até ao chão; aí encontrou Pitou, que se achava em tal sítio sem saber como. Pitou estava sempre

de olho alerta: era costume de caçador. Vira os artilheiros aproximarem o morrão da espoleta; no mesmo momento agarrara Billot pelas abas da véstia e puxara-o com força para trás. Um ângulo da muralha pusera-os a ambos ao abrigo daquela primeira descarga.

Desde então o negócio tornou-se sério, o tumulto tomou proporções medonhas, e a peleja mortal; dez mil tiros de espingarda estrondeiam ao mesmo tempo em torno da Bastilha, mais perigosos para os assaltantes do que para os assaltados. Por fim, uma peça, servida pelos guardas franceses, vem ajuntar a sua denotação ao tiroteio da fuzilaria.

Era um ruído terrível, que desvairava a multidão; e esse ruído começava a amedrontar os sitiados, que se contavam, e que compreenderam que jamais poderiam fazer um estrondo semelhante àquele que os ensurdecia.

Os oficiais da Bastilha percebem, intuitivamente, que os seus soldados enfraquecem: tomam as armas e são os

próprios a atirar.

Naquele momento, no maior fragor do ruído de artilharia e fuzilaria, no meio dos berros da multidão, quando a turba em força se precipitava de novo para apanhar os mortos e fazer como que um reduto com os cadáveres, que bradavam vingança pela boca das feridas, naquela ocasião terrível, aparece à entrada do primeiro pátio uma pequena força de burgueses armados, mas sossegados. Fendem a turba e avançam prestes a sacrificar a vida, protegidos unicamente pela bandeira branca que os precede, e que os anuncia como parlamentários.

Era uma deputação do Hôtel-de-Ville. Os eleitores, sabendo que os hostilizados estavam em luta travada, queriam evitar a continuação do derramamento de sangue, e tinham compelido Flesselles a fazer novas proposições ao governador.

Aqueles deputados vinham, em nome da cidade, intimar o Sr. de Launay a que fizesse cessar o fogo, e, para garantir ao

mesmo tempo a vida dos cidadãos, a sua e a da guarnição, que recebesse cem homens da guarda burguesa no interior da fortaleza.

Eis aqui o que os pusera a caminho. O povo mesmo, amedrontado com a empresa a que metera ombros, vendo passar os feridos e os mortos em macas, estava pronto a apoiar a proposta; aceitasse de Launay uma meia derrota, visto que ele se contentava com meia vitória.

Ao seu aparecimento, o fogo do segundo pátio cessou; fez-se-lhes sinal de que podiam aproximar-se, e adiantaram-se, escorregando sobre o sangue, saltando por cima dos cadáveres, e estendendo a mão aos feridos.

O povo agrupou-se em torno deles. Cadáveres e feridos são levados dali para fora; só o sangue fica inundando de grandes manchas o chão dos pátios.

Do lado da fortaleza o fogo também cessara. Billot sai, a fim de fazer cessar o fogo dos assaltantes. À porta encontra Gouchon,

sem armas, expondo-se como um inspirado, e tranqüilo como se fora invulnerável.

- Então - disse ele a Billot - que é feito da deputação?

- Entrou na Bastilha - respondeu Billot; - faça cessar o fogo.

- É inútil - replicou Gouchon com a mesma certeza que teria se Deus lhe desse a faculdade de ler no futuro; - o povo não consentirá nisso.

- Não importa; respeitemos os hábitos da guerra, visto que nos tornamos soldados.

- Seja assim - disse Gouchon.

Depois, dirigindo-se a dois homens do povo que pareciam comandar, abaixo dele, todo aquele mar de gente, disse:

- Vá, Elias, vá, Hullin, e que se não dispare nem mais um tiro!

Os dois ajudantes de campo correram a toda a pressa, fendendo as turbas do povo à voz do seu chefe, e, dentro em pouco, o estrépito da fuzilaria diminuiu, até de todo se extinguir.

Um instante de repouso se estabeleceu, que foi aproveitado em pensar os feridos, cujo número chegava a trinta e cinco ou quarenta.

Durante este intervalo, ouviram-se dar duas horas. O ataque começara ao meio-dia; havia já duas horas que durava.

Billot tornou para o seu posto e daí a pouco também Gouchon o seguiu.

Volveu os olhos com inquietação para a grade da Bastilha; a sua impaciência era visível.

- Que tem? - lhe perguntou Billot.

- Se a Bastilha não é tomada dentro de duas horas, tudo está perdido.

- Por quê?

- Porque na corte se saberá da empresa em que nos metemos, e nos enviarão os Suíços de Bezenval e os dragões de Lambescq, e então seremos metidos entre dois fogos.

Billot viu-se obrigado a confessar que havia muita verdade no que Gouchon lhe

dizia.

Afinal, os deputados tornaram a aparecer; pelo seu aspecto via-se que nada tinham obtido.

- Então? - disse Gouchon radiante de alegria - que lhes dizia eu? A predição efectuar-se-á; a fortaleza maldita está condenada.

Depois, sem interrogar a deputação, precipitou-se para fora do primeiro pátio, bradando:

- Às armas, filhos! Às armas! O governador recusa.

E com efeito apenas o governador recebera a carta de Flesselles, o parecer desanuviara-se-lhe; e em vez de ceder às proposições feitas, gritara:

- Senhores Parisienses, quisestes o combate; agora já é tarde.

Os parlamentários insistiram; representaram-lhe toda a desgraça que a sua obstinação acarretaria, mas ele não quis atender a nada, e concluiu por lhes dizer o

que duas horas antes dissera a Billot:

-Saíam, ou mando-os fuzilar.

Os parlamentários saíram.

Desta vez foi Launay que tomou a ofensiva. Parecia cheio de impaciência. Antes que os deputados tivessem atravessado as portas do pátio, a *frauta* do duque ,de Saxe tinha cantado uma ária. Três pessoas caíram por terra; uma morta, as outras feridas.

Os feridos eram um guarda francês e um parlamentar.

À vista daquele homem, a quem o seu carácter tornava sagrado, e que foi levado dali coberto de sangue, a multidão exaltou-se de novo.

Os dois ajudantes de campo de Gouchon vieram outra vez tomar lugar a seu lado; mas cada um deles tinha tido tempo de ir a casa mudar de vestuário.

Verdade é que um morava perto do Arsenal e o outro na rua de Charonne.

Hullin, que noutro tempo fora relojoeiro em Genebra e depois caçador do marquês de

Conflans, voltou com a sua libré, que se parecia com uma farda de oficial húngaro.

Elias, ex-oficial do regimento da rainha, vestiu o seu uniforme, que inspirava mais confiança ao povo por lhe fazer acreditar que o exército era por ele e com ele.

O fogo começa de novo, e com mais força que nunca.

Neste momento o major da Bastilha, Sr. de Losme, aproximou-se do governador.

Era um valente e honrado soldado, mas como tinha ainda alguma coisa de cidadão e via com mágoa o que se passava e, sobretudo, o que ia passar-se, disse-lhe:

- Senhor, não temos mantimentos, como sabe.

- Bem sei - respondeu Launay.

- Também sabe que não temos ordem para proceder deste modo.

- Peço-lhe perdão, Sr. de Losme, mas tenho ordem de fechar a Bastilha, e foi por essa razão que me entregaram as chaves.

- Senhor, as chaves servem tanto para

abrir as portas como para as fechar. Tome sentido em que não vá causar a morte a toda a guarnição sem salvar o castelo. Dois triunfos no mesmo dia. Pense nesses homens que matámos, os quais jazem estendidos sobre a terra. Esta manhã só eram quinhentos, às duas eram dez mil, agora já são mais de sessenta mil, e olhe que amanhã serão cem mil. Quando a nossa artilharia se calar, e necessariamente há-de acabar por isso, eles estarão mais fortes para demolir a Bastilha com as próprias mãos.

- Não fala como militar, Sr. de Losme.

- Falo como francês. Digo que não nos tendo Sua Majestade dado nenhuma ordem... Que tendo o preboste dos mercadores mandado fazer uma proposição que era muito aceitável, qual a de deixar introduzir cem homens da guarda burguesa no castelo, o senhor podia, para evitar as desgraças que prevejo, anuir ás proposições do Sr. de Flesselles.

- Segundo o seu parecer, Sr. de Losme, o

poder representante da cidade é autoridade directa de Sua Majestade.

- Decerto; é esse o meu parecer.

- Pois então - disse o Sr. de Launay, chamando o major a um dos cantos do pátio - leia, Sr. de Losme.

E apresentou-lhe um pequeno quadrado de papel.

O major leu:

“Conserve-se; eu entretenho os Parisienses com laços e promessas. Antes do fim do dia, o Sr. de Bezenval lhe enviará reforço.

Flesselles.”

- E como chegou às suas mãos este bilhete, senhor? - perguntou o major.

- Vinha na carta que me trouxeram os senhores parlamentários. Eles julgaram trazer-me o convite para se render a Bastilha, e trouxeram-me a ordem de a defender.

O major inclinou a cabeça

- Vá para o seu posto, senhor - disse de Launay - e não o deixe sem que eu o mande

chamar.

O Sr. de Losme obedeceu.

O Sr. de Launay dobrou friamente a carta e meteu-a na algibeira; depois dirigiu-se aos artilheiros, a quem recomendou que fizessem as pontarias baixas e certas.

Os artilheiros obedeceram, como tinha obedecido o Sr. de Losme.

Mas o destino da fortaleza estava fixado. Nenhum poder humano lho podia evitar.

A cada tiro de artilharia o povo respondia: Queremos a Bastilha!

E enquanto as vozes exigiam, os braços manobravam.

Entre o número das vozes que exigiam o mais energicamente possível, e entre o número de braços que obravam com toda a eficácia, distinguiram-se as vozes e os braços de Billot e de Pitou.

A diferença estava em que cada um operava segundo a sua natureza.

Billot, corajoso e ousado, à maneira do cão de fila, arremessara-se no primeiro

repente, arrostando com as balas e a metralha.

Pitou, prudente e circunspecto, como a raposa, dotada no supra-sumo do instinto da conservação, utilizava todas as suas faculdades para espreitar os perigos e evitá-los.

Os olhos já conheciam as seteiras mais mortíferas, e distinguiam o imperceptível movimento da peça que ia disparar. Tinha até conseguido adivinhar o momento exacto em que a bateria e a fuzilaria se dispunham a jorrar a sua descarga de fogo através da ponte levadiça.

Então, depois dos olhos terem visto bem, competia às mais partes do corpo trabalharem a favor do dono.

Encolhia os ombros, contraía o peito, e todo o corpo apresentava uma superfície que não era mais considerável do que uma tábua vista de lado.

Neste momento o rechonchudo Pitou (ele só era magro de pernas) ficava como uma

aresta semelhante à linha geométrica: não havia largura nem grossura.

Tinha-se aproveitado, num recanto da passagem da primeira ponte levadiça para a segunda, de uma espécie de parapeito vertical formado pelas saliências da muralha. A cabeça estava defendida por uma dessas pedras, a barriga por outra, os joelhos por uma terceira; e Pitou aplaudia-se de que a natureza e a arte das fortificações fossem tão agradavelmente combinadas, que uma pedra se lhe apresentasse para defender cada uma das partes do corpo, onde qualquer ferida poderia ser mortal.

Do seu canto, onde estava achatado como um livro dentro do seu estojo, atirava de vez em quando o seu tiro por descargo de consciência, porque defronte dele não havia senão parede e pedaços de madeira; mas isso mesmo satisfazia o tio Billot, que lhe bradava:

- Atira, mandrião, atira!

Ele também, pela sua parte, interpelava algumas vezes o tio Billot, para acalmar o seu

ardor em vez de o excitar, dizendo-lhe:

- Não se exponha assim, tio Billot.

Ou então:

- Tome sentido em si, Sr. Billot, abrigue-se; olhe! Lá dispara a peça contra o senhor; lá canta a maldita cadela da *frauta*.

Efectivamente, apenas Pitou tinha acabado de pronunciar estas palavras cheias de previdência, a detonação ouvia-se, e a metralha varria a passagem.

Mas, não obstante estas intimações, Billot fazia prodígios de força e de agilidade sem cessar. Se não perdia sangue, o que não era por falta de se expor, corria-lhe o suor em grossas bagas por todo o corpo.

Dez vezes Pitou o agarrou pelas abas da véstia e o deitou, a seu pesar, por terra, no próprio momento em que a descarga estrepitava.

Mas Billot erguia-se de novo, mais forte do que dantes e com uma nova idéia.

Ora esta idéia consistia em ir sobre a própria prancha da ponte, arrancar as vigotas

que sustentavam as cadeias, como já fizera.

Então Pitou soltava tremendos berros para conter o lavrador; depois, vendo que os berros não eram atendidos, lançava-se fora do seu abrigo, exclamando:

- Sr. Billot, meu caro Sr. Billot, olhe que a Sr^a. Billot fica viúva, se o senhor morrer.

Nisto viam-se os Suíços colocarem obliquamente os canos das espingardas através da ameia da *frauta*, para alcançarem o audacioso, que se abalançava a fazer a ponte em pedaços.

Billot pedia artilharia para despedaçar a prancha da ponte; mas então a *frauta* cantou, os artilheiros recuaram, e Billot ficou só para servir a peça, o que obrigou ainda Pitou a sair do seu esconderijo.

- Sr. Billot - exclamava ele - Sr. Billot, em nome da menina Catarina; olhe que se morre, a menina Catarina fica órfã.

A esta razão, que parecia influir mais poderosamente no espírito de Billot do que a primeira, detinha-se.

Finalmente a imaginação fecunda do lavrador criou uma última idéia.

Correu para a praça, gritando:

- Uma carroça! Uma carroça!

Pitou reflectiu que tudo aquilo que era bom devia tornar-se excelente duplicando-se, e por isso seguiu Billot, bradando:

- Duas carroças! Duas carroças!

No mesmo momento apareceram dez carroças.

- Venha palha e feno seco - gritou Billot.

- Venha palha e feno seco - repetiu Pitou.

De repente duzentos homens trouxeram cada um o seu molho de palha ou de feno.

Outros amontoaram esterco seco sobre padiolas.

Afinal foi necessário gritar que já havia dez vezes mais do que era preciso. Dentro de uma hora poder-se-ia formar um monte de estrume igual à altura da Bastilha.

Billot pôs-se entre os varais de uma carroça carregada de palha, e em lugar de a

puxar, empurrou-a para diante.

Pitou fez outro tanto, pensando que era bom imitar o lavrador.

Elias e Hullin adivinharam o que Billot preparava: tomaram também cada um à sua conta a carroça, e impeliram-na para o pátio.

Tinham apenas passado as ombreiras da porta, quando foram acolhidos com metralha, e só então se percebeu que as balas se metiam com um ruído estridente na palha das carretas e na madeira das rodas, mas que não tocavam em nenhum dos assaltantes.

Tão depressa se deu esta descarga, duzentos ou trezentos fuzileiros se arremessaram atrás dos condutores das carroças, e fazendo um reduto deste abrigo, trataram de se colocar debaixo da própria carroça.

Aí, Billot tirou da algibeira isca e fuzil, preparou um mijarete de pólvora no meio de um papel, e deitou fogo à pólvora.

A pólvora incendiou o papel, e o papel incendiou a palha.

Nisto cada indivíduo pegou num molho de palha acesa, e as carretas inflamaram-se ao mesmo tempo.

Para apagar o fogo era necessário sair fora da praça, e todo aquele que saísse expunha-se a uma morte certa.

O fogo ganhou a prancha da ponte, ateou-se na madeira, e correu serpeando ao longo das vigas.

Um brado de alegria, partindo do pátio, foi repetido por toda a praça de Santo António. Já se via subir o fumo acima das torres. Todos pressentiam que alguma coisa fatal ia acontecer aos assediados.

E com efeito as cadeias abrasadas soltaram-se do tabuão da ponte; esta, meio queimada, meio quebrada, fumegante e crepitando, desabou por fim.

Os bombeiros correram às bombas. O governador determinou que se fizesse fogo, mas os Inválidos recusaram-se.

Só os Suíços obedeceram. Contudo, os Suíços não eram artilheiros, e por isso foi

necessário abandonar as peças.

Os guardas franceses, ao contrário, vendo que havia cessado o fogo de artilharia, assestaram a sua peça, e principiaram a fazer fogo; a terceira bala disparada quebrou a grade.

O governador estava na plataforma do castelo, para ver se os socorros prometidos chegavam, quando se viu de repente envolto em fumo. Foi então que desceu precipitadamente, e ordenou aos artilheiros que fizessem fogo.

A recusa dos Inválidos desesperou-o. A grade quebrada fez-lhe ver que tudo estava perdido.

O Sr. de Launay viu que era odiado, e por isso percebeu que para ele não havia salvação. Durante todo o tempo que tinha durado o combate, nutrira o pensamento de se sepultar debaixo das ruínas da Bastilha.

No momento em que percebeu que toda a defesa era inútil, arrancou um morrão das mãos de um artilheiro, e correu para o

subterrâneo, onde estavam as munições.

- A pólvora! - exclamaram vinte vozes amedrontadas - a pólvora! A pólvora!

Na mão do governador todos viram um morrão aceso. A intenção foi-lhe adivinhada. Dois soldados correram e calaram-lhe as baionetas contra o peito no momento em que ele abria a porta.

- Vocês podem matar-me - disse-lhes Launay - mas não me matarão tão depressa que não tenha tempo de deitar este morrão para cima dos barris, e então sitiados e sitiante todos irão pelo ar.

Os dois soldados detiveram-se, mas conservaram-se com as baionetas caladas sobre o peito de Launay; era ainda ele quem comandava, e era evidente que tinha a vida de todos nas suas mãos. Aquela acção fizera estacar todos nos seus lugares. Os assaltantes, percebendo que se passava alguma coisa importante, lançaram as vistas para o interior do pátio, e vêem o governador ameaçado e ameaçador.

- Escutem-me - disse Launay - bem vêem que tenho na mão a vida de todos, e se qualquer der um só passo para penetrar neste pátio, deitarei fogo aos paióis.

Aos indivíduos que ouviram estas palavras pareceu-lhes sentir já abalar-se o chão debaixo dos pés.

- Que quer? Que exige? - bradaram infinitas vozes com sinais de terror.

- Quero uma capitulação, mas uma capitulação honrosa.

Os assaltantes, porém, não tinham podido ouvir as palavras de Launay, e não sabiam deste acto de desespero; o que queriam era entrar. Billot estava à frente deles. De súbito Billot treme e empalidece; viera-lhe à lembrança o doutor Gilberto.

Enquanto Billot não pensara senão em si, pouco lhe importara que a Bastilha saltasse ou deixasse de saltar pelos ares, e nem o ser sepultado nas suas ruínas; mas quando se tratou do Dr. Gilberto, o seu pensamento foi outro e era que ele vivesse custasse o que

custasse.

- Detenham-se! - exclamou Billot, lançando-se ante Elias e Hullin - detenham-se em nome dos prisioneiros!

Estes homens, que não temiam a morte, recuaram pálidos e trémulos.

- Que quer? - perguntaram de novo ao governador, como a guarnição já havia feito.

- Quero que todos se retirem - disse Launay. - Não aceito nenhuma proposição enquanto houver um estranho dentro dos pátios da Bastilha.

- Mas - disse Billot - o senhor quer aproveitar-se da nossa ausência para se pôr em defesa?

- Se a capitulação for recusada, esteja certo que encontrará tudo no mesmo estado: o senhor a essa porta e eu aqui.

- Dá-nos a sua palavra de honra?

- À fé de fidalgo.

Algumas pessoas abanaram a cabeça.

- À fé de fidalgo! - repetiu Launay. - Haverá aí alguém que duvide quando um

fidalgo dá a sua palavra de honra?

- Não, não, ninguém! - repetiram quinhentas vozes.

- Que me tragam aqui uma pena, tinteiro e papel.

As ordens foram executadas no mesmo instante.

- Está bem - disse Launay.

Depois, voltando-se para os assaltantes, disse:

- Agora, senhores, retirem-se.

Billot, Hullin e Elias deram o exemplo, sendo os primeiros a retirarem-se.

Todos os mais os seguiram.

Launay pôs o morrão de parte, e começou a escrever a capitulação em cima do joelho.

Os Inválidos e os Suíços, percebendo que se tratava da sua salvação, olhavam para ele em silêncio e com respeitoso terror.

Launay voltou-se antes de assentar a pena no papel; os pátios estavam desertos.

Num instante soube-se fora tudo que se

tinha passado no interior do castelo.

Conforme o predissera o Sr. de Losme, a população surdia debaixo do chão: cem mil homens rodeavam a Bastilha.

Não eram somente operários, eram cidadão de todas as classes; não eram somente homens, eram crianças e mulheres.

E todos empunhavam uma arma; todos soltavam um brado.

De praça em praça, pelo meio dos grupos, via-se uma mulher lavada em lágrimas, desgrenhada, com os braços estorcidos, maldizendo a Bastilha, esse gigante de pedra, com um gesto de desespero.

Era alguma pobre mãe, cujo filho a Bastilha acabara de fulminar, alguma infeliz a quem matara o pai, ou alguma esposa, cujo marido tombara aos tiros da fortaleza maldita.

Mas havia já um instante que na Bastilha não se ouvia ruído algum, nem fogo, nem fumo; estava muda como um túmulo.

Seria inútil contar os sinais das telas que marcavam a sua superfície. Cada pessoa tinha querido atirar o seu tiro àquele monstro de granito, símbolo visível da tirania.

E por isso, logo que se soube que a terrível Bastilha ia capitular, e que o seu governador tinha prometido entregá-la, ninguém o queria acreditar.

No meio das dúvidas gerais, quando ainda ninguém ousava dar-se os parabéns, quando tudo aguardava em silêncio, viu-se passar por uma seteira, espetada na ponta de um chuço, uma carta.

Contudo entre a carta e os assaltantes havia o intermédio do fosso da Bastilha, largo, profundo, cheio de água.

Billot pediu que lhe dessem uma prancha. No mesmo momento aparecem três, e lançam-nas sobre o fosso, mas nenhuma o abarca, por serem muito curtas; finalmente trazem uma que chega à outra extremidade do fosso.

Billot dispõe-na o melhor possível, e

afoita-se, sem hesitar, a passar sobre a vacilante ponte.

Toda a multidão fica muda, todos os olhos se fixam naquele homem, que parece suspenso por cima do fosso, cuja água, estagnada, parecia a do Cocito. Pitou, trémulo, acocora-se e oculta a cabeça entre os joelhos.

O ânimo enfraquecia-lhe.

De repente, no próprio momento em que Billot conseguira percorrer dois terços da prancha, esta vacila, ele estende os braços, cai e desaparece no fundo do fosso.

Pitou solta um grito e precipita-se após ele como um cão da Terra Nova atrás do dono.

Então um homem acerca-se da prancha, do alto da qual Billot acabava de cair.

Depois, sem hesitar, toma o mesmo caminho. Esse homem era Estanislau Maillard, o meirinho do Châtelet.

Tendo chegado no momento em que Billot e Pitou se debatiam na água, olha um

instante por cima deles, e vendo que alcançariam a beira do fosso sãos e salvos, continua o seu caminho.

Meio minuto depois está no outro lado do fosso, e pega no bilhete, que lhe oferecem na ponta de uma espada.

Então, com a mesma tranqüilidade e firmeza que até a esse momento conservara, passa de novo por onde já tinha caminhado.

Porém, na ocasião em que todos se apinhavam em roda dele para ler o bilhete, uma saraivada de balas chove das ameias, ao mesmo tempo que um estrondo horrível atoa os ares.

Um só brado, mas destes brados que anunciam a vingança de um povo, saiu de todas as bocas.

- Fiem-se lá em tiranos! - grita Gouchon.

E sem mais tratar de capitulação, sem mais pensar em pólvora, sem cuidar de si, nem tão pouco dos prisioneiros, sem desejar, sem anelar, sem exigir outra coisa senão vingança, o povo arremessa-se aos pátios,

não por centenas de homens mas por milhares.

O que impedia ao povo de entrar não era o fogo da fuzilaria, era a estreiteza das portas.

A esta detonação os dois soldados, que não haviam deixado o Sr. de Launay, precipitam-se sobre ele, um terceiro apodera-se do morrão e apaga-o debaixo dos pés.

Launay desembainha o estoque e quer matar-se, mas quebram-lho nas mãos.

Percebe então que não lhe resta mais do que esperar, e espera.

O povo precipita-se para o castelo, a guarnição estende-lhe os braços, e a Bastilha é tomada de assalto, à viva força e sem capitulação.

Desde cem anos que a fortaleza real não encerrava só a matéria inerte, encerrava também o pensamento. O pensamento tinha feito desabar a Bastilha, e o povo entrara pela brecha.

Quanto à descarga, feita no meio do

silêncio, e durante a suspensão de armas; quanto a esta agressão imprevista, impolítica, mortal, ninguém soube nunca quem a ordenara, quem a excitara, quem a cumprira.

Há momentos em que o futuro de toda uma nação se pesa na balança do destino. Num dos pratos da balança está o alvo dos desejos de todos, que lhes parece vê-la prender a seu favor; mas quando mal se pensa, mão invisível deixa cair no outro prato a lâmina de um punhal ou a bala de uma pistola; então tudo muda, só se ouve um grito geral e unânime: Ai dos vencidos!

XVIII

O doutor Gilberto

Enquanto o povo se lançava, rugindo ao mesmo tempo de cólera e de alegria, nos pátios da Bastilha, dois homens patinhavam na água lodosa dos fossos.

Eram Billot e Pitou.

Pitou sustinha Billot; nenhuma bala os tinha tocado, nem tiro algum os alcançara, mas a queda atordoara algum tanto o bom lavrador.

Afinal deitaram-lhes cordas, e lançaram-lhes varas para subirem.

Pitou deitou mão a uma das varas, e Billot a uma corda.

Cinco minutos depois, acompanhados de grandes aplausos, foram levados em triunfo e abraçados, apesar de estarem cheios de lodo.

Um homem dá a Billot um copo de

aguardente; outro dá a Pitou salsichão e vinho.

Um terceiro acaricia-os e leva-os para o sol.

De repente uma idéia, ou antes uma lembrança, ocorre à mente de Billot, que furtando-se àqueles cuidados desvelados, se precipita para a Bastilha.

- Vamos aos presos! - grita ele correndo
- aos presos!

- Sim, aos presos! - brada também Pitou, correndo igualmente atrás do lavrador.

A multidão, que até então não tinha pensado senão nos algozes, estremece lembrando-se das vítimas, e repete num grito uníssonos:

- Sim, sim, sim, aos presos!

Um novo rio de assaltantes rompe os diques, e parece alargar os flancos da fortaleza para ali levar a liberdade.

Um espectáculo terrível se oferece então aos olhos de Billot e de Pitou. A multidão ébria, enraivecida e furiosa, tinha-se arrojado

com ímpeto invencível aos pátios, e o primeiro soldado que lhe caiu nas mãos fê-lo em pedaços.

Gouchon olhava impassível. Pensava, talvez, que a cólera do povo é como o curso dos grandes rios: faz mais estragos se tentam detê-la do que se a deixam tranquilamente desabafar.

Elias e Hullin, ao contrário, haviam querido impedir a mortandade, por isso rogavam, suplicavam, dizendo - sublime mentira! - que tinham prometido salvar a vida à guarnição.

A chegada de Billot e Pitou foi um reforço para eles.

Billot, a quem a multidão vingava supondo-o morto, estava vivo, e sem qualquer ferimento ; a prancha havia-se-lhe voltado debaixo dos pés, e nada mais. Tinha apenas tomado um banho de lodo.

Era sobretudo aos Suíços a quem se tinha mais vontade, mas não encontravam nenhuns. Tinham tido tempo de vestir

camisolas de pano pardo, e foram por isso tomados por criados da fortaleza, ou por presos.

O primeiro feito da multidão foi despedaçar o relógio do pátio; depois tratou de trepar ao alto das torres para insultar aquela artilharia que tinha vomitado a morte contra ele. A multidão agarrava-se às pedras, e ensangüentava as mãos querendo arrancá-las.

O clamor erguia-se sobre Paris e repetia-se por toda a França como uma águia em vôo rápido:

“A Bastilha foi tomada!”

A este brado, os corações exultaram, os olhos verteram lágrimas de prazer, os braços abriram-se, e não houve mais partidos opostos, nem raças contrárias; todos os homens compreenderam que eram livres.

Um milhão de homens se estreitou num mútuo abraço.

Billot e Pitou haviam entrado atrás de uns precedendo outros; o que eles queriam

não era a sua parte no triunfo, era a liberdade dos presos.

Ao atravessarem o pátio do governador, passaram junto de um homem vestido de pardo, que se conservava sossegado, encostado a uma bengala de castão de ouro.

Era o governador. Aguardava tranquilamente que os seus amigos o salvassem, ou que os seus inimigos o matassem.

Billot logo à primeira vista o conheceu, soltou um grito e foi direito a ele.

Launay também o conheceu imediatamente. Cruzou os braços e esperou, olhando para Billot como para lhe dizer.

- Vejamos, será o Sr. que me dará o primeiro golpe?

Billot percebeu e deteve-se, dizendo consigo:

- Se lhe falo, faço-o conhecer; e se for conhecido, é morto.

Todavia, como seria possível encontrar o Dr. Gilberto no meio daquele caos? Como

arrancar à Bastilha o segredo fechado nas suas entranhas?

Toda aquela hesitação, todo aquele escrúpulo heróico, foi perfeitamente percebido por Launay.

- Que quer? - perguntou em voz baixa o governador.

- Nada - disse Billot mostrando-lhe com o dedo a porta, como para indicar que a fuga era ainda possível; - nada. Eu saberei muito bem achar o Dr. Gilberto.

- Na terceira *Bertaudière* - respondeu o governador com voz branda e quase comovida.

E ficou no mesmo lugar.

De repente, atrás de Billot ouviu-se pronunciar estas palavras:

- Ah! Aqui está o governador!

Conquanto estas palavras fossem pronunciadas com voz sossegada, percebia-se que cada uma delas era como um punhal aguçado voltado contra o peito de Launay.

O homem que falara era Gouchon.

A estas palavras, como compelidos por um toque de rebate, todos aqueles homens desvairados pela vingança, estremeceram, olharam com olhos chamejantes, avistaram Launay e precipitaram-se sobre ele.

- Salvem-no - disse Billot passando perto de Elias e de Hullin - ou estará perdido.

- Ajude-nos - responderam os dois homens.

- Não posso; preciso ficar aqui, porque tenho também que salvar alguém.

E num abrir e fechar de olhos, Launay, agarrado por mil mãos, foi arrastado e levado dali.

Elias e Hullin correram após ele, bradando:

- Suspendam; nós prometemos salvá-lo a vida.

Não era verdade; mas esta mentira sublime brotou ao mesmo tempo daqueles dois nobres corações.

Num instante, Launay, seguido de Elias e de Hullin, desapareceu pela passagem que

dava saída à Bastilha, por entre os gritos de:
Ao Hôtel-de-Ville!

Launay, como presa viva, valia bem, para certos conquistadores, a presa morta da Bastilha vencida.

Porque, a não ser ele, era um estranho espectáculo o triste e silencioso monumento, visitado desde quatro séculos pelos guardas e carcereiros, e por um sombrio governador unicamente, tornado presa do povo, que corria pelos pátios, subia e descia pelas escadas sussurrando como um enxame de abelhas e enchendo o cortiço de granito de movimento e de balbúrdia.

Billot seguiu por alguns momentos com a vista Launay, que, antes levado do que conduzido, parecia pairar sobre a multidão.

Mas bem depressa desapareceu à vista. Billot soltou um suspiro, olhou em volta de si, viu Pitou e correu para uma torre gritando: À terceira *Bertaudière*.

Um carcereiro muito trémulo apresentou-se no caminho a Billot.

- Onde é a terceira *Bertaudière*? -
perguntou este.

- Por aqui, senhor - respondeu o
carcereiro - mas não tenho as chaves dela.

- Onde estão?

- Tiraram-mas.

- Cidadão, empreste-me esse machado -
disse Billot a um aldeão.

- Dou-to - respondeu este; - já não tenho
mais necessidade dele, visto que a Bastilha
está tomada.

Billot pegou no machado e correu para
uma escada conduzido pelo carcereiro.

O carcereiro parou diante de uma porta.

- É a terceira *Bertaudière*? - perguntou
ele.

- É sim, senhor, é aqui.

- O prisioneiro que está neste quarto
chama-se Dr. Gilberto?

- Não sei.

- Chegado aqui há cinco ou seis dias
unicamente?

- Não sei, senhor.

- Pois então - replicou Billot - vou sabê-lo eu.

Dizendo isto, vibrou na porta grandes golpes de machado.

Era de carvalho, mas aos golpes do robusto lavrador a madeira voou em estilhaços.

Um instante depois a vista pôde penetrar no pequeno cubículo.

Billot aplicou os olhos pela abertura, e mergulhou o olhar na prisão.

Na mesma direcção da claridade que entrava na masmorra pela janela engradada da torre, estava um homem em pé, um pouco inclinado para trás, em posição de defesa, tendo numa das mãos uma das barras arrancadas ao leito.

Percebia-se perfeitamente que aquele homem estava disposto a matar a primeira pessoa que entrasse.

Apesar da barba comprida, do rosto pálido, e dos cabelos cortados, Billot conheceu o Dr. Gilberto.

- Doutor! Doutor! - exclamou Billot; - é o senhor?

- Quem me chama? - perguntou o prisioneiro.

- Eu, eu, Billot, o seu amigo.

- Billot?

- Sim, sim! Ele! Ele! Nós! Nós! - bradaram vinte vozes de homens que tinham parado no patamar, ao ouvir os golpes terríveis que desfechava Billot.

- Quem são os senhores?

- Somos os vencedores da Bastilha, que está tomada, e o senhor está livre.

- A Bastilha está tomada, e eu estou livre! - exclamou o doutor Gilberto.

E lançando as mãos à abertura, sacudiu tão fortemente a porta, que os gonzos e a fechadura pareceram quebrar-se, e um pedaço desta, já abalada por Billot, estalou, partiu-se e ficou nas mãos do prisioneiro.

- Espere, espere - disse Billot ao ver que um segundo esforço semelhante esgotaria as forças do doutor um instante sobre excitadas;

- espere.

E redobrou os esforços.

E, com efeito, através da abertura, que cada vez ia aumentando mais, pôde ver o prisioneiro, que tinha caído assentado sobre um escabelo, pálido como um espectro e incapaz de erguer a travessa de madeira, que jazia por terra ao pé dele, semelhante a um Sansão que não pudera abalar a Bastilha.

- Billot! Billot! - murmurou ele.

- Sim, sim; e eu também, eu, que sou Pitou, Sr. doutor. O senhor há-de lembrar-se muito bem do pobre Pitou, que pôs em casa da tia Angélica, Pitou, quem vem livrá-lo.

- Mas eu posso já passar por esse buraco? - perguntou o doutor.

- Não! Não! - responderam todas as vozes; - espere.

E cada um dos assistentes reuniu as suas forças num comum esforço, uns metendo um pé-de-cabra entre a parede e a porta, outros fazendo manobrar uma alavanca no lugar da fechadura, outros, enfim, impelindo-a com os

ombros, até que, afinal, ela deu um último estalo, e a parede desabou, e todos então, como uma torrente, se precipitaram no interior da prisão.

Gilberto achou-se entre os braços de Pitou e de Billot.

Gilberto, o pequeno aldeão do castelo do barão de Taverney, que deixámos banhado em sangue numa gruta dos Açores, era então homem de trinta e quatro para trinta e cinco anos, de tez pálida sem ser doentia, de cabelos pretos, de olhos pequenos e vivos. O olhar nunca se perdia ao acaso, nem divagava pelo espaço; quando não se fixava em algum objecto determinado, fixava-se no próprio pensamento, e então tornava-se mais carregado e profundo: o nariz era direito, unindo-se à testa por uma linha recta; por entre os lábios desdenhosos, deixava ver o esmalte brilhante dos dentes. Ordinariamente a sua maneira de vestir era simples e severa como a de um *quaker*; mas essa severidade tocava a elegância simplesmente pelo

extremado asseio. A estatura, um pouco acima da mediana, era bem desenvolvida; quanto à sua força, toda nervosa, ainda há pouco se viu onde poderia ir no primeiro momento de excitação, quando esse movimento tivesse por causa a cólera ou o entusiasmo.

Posto que preso havia cinco ou seis dias, o prisioneiro tinha tido consigo os mesmos cuidados: a barba, bastante comprida, fazia-lhe tanto melhor sobressair a palidez da cor e indicava unicamente certa negligência, que não provinha do preso, mas de lhe haverem recusado uma navalha para se barbear.

Quando teve Billot e Pitou apertados nos braços, voltou-se para os circunstantes que lhe atulhavam a prisão. Depois, como se um instante bastasse para cobrar todas as suas forças, disse:

- O dia que eu tinha previsto é pois chegado. Agradeço-lhes, meus amigos, e agradeço ao génio eterno que vela pela liberdade dos povos.

E estendeu as mãos à multidão, que reconhecendo nele, pela elevação do olhar e pela dignidade da voz, um homem superior, mal ousou tocá-las.

E saindo da masmorra, marchou adiante de todos aqueles homens, encostado ao ombro de Billot e seguido de Pitou e dos seus libertadores.

O primeiro momento tinha sido consagrado por Gilberto à amizade e ao reconhecimento, e o segundo tinha estabelecido a distância que havia entre o sábio doutor e o ignorante lavrador, o bom Pitou e toda aquela chusma de gente que acabara de o livrar.

Tendo chegado à porta, Gilberto parou ante a luz do céu, que se difundia sobre ele; depois cruzando os braços sobre o peito, e erguendo os olhos para o alto, exclamou:

- Eu te saúdo, bela liberdade; vi-te nascer em outro pólo; já somos amigos antigos. Eu te saúdo, bela liberdade!

E o sorrir do doutor dizia efectivamente

que não era coisa nova para ele os gritos que ouvia de todo um povo ébrio de independência.

Depois, concentrando-se por alguns momentos, disse:

- Billot, o povo venceu afinal o despotismo?

- Venceu, sim, senhor.

- E o senhor veio para combater?

- Vim para o libertar.

- Como soube da minha prisão?

- Foi seu filho que mo disse esta manhã.

- Pobre Emílio! Viu-o?

- Vi, sim, senhor.

- Passa bem no colégio?

- Deixei-o debatendo-se com quatro enfermeiros.

- Está doente? Está delirante?

- Queria vir combater connosco.

- Ah! - disse o doutor, e um sorriso de triunfo lhe assomou aos lábios. O filho coroa-lhe as mais fagueiras esperanças.

- E então disse-lhe?... - perguntou ele a

Billot.

- Disse-lhe que, visto o Dr. Gilberto estar na Bastilha, a tomaríamos. Presentemente a Bastilha está tomada; mas não é tudo.

- Que há mais? - perguntou o doutor.

- Aquela caixinha foi-me roubada.

- A caixinha que eu lhe tinha confiado?

- Sim.

- Por quem?

- Por homens vestidos de escuro que se me introduziram em casa, sob o pretexto de levar o seu livro em brochura, os quais me prenderam e encerraram na adega enquanto passaram busca à casa, e como encontrassem a caixinha, levaram-na.

- Em que dia?

- Ontem.

- Oh! Oh! A coincidência é evidente entre a minha prisão e o roubo. Foi seguramente a mesma pessoa que me mandou prender, que mandou ao mesmo tempo roubar a caixa. Sabendo quem é o autor da prisão, sei logo quem é o autor do

roubo. Onde é o arquivo? - continuou o Dr. Gilberto, voltando-se para o carcereiro.

- No pátio do governador, senhor - respondeu este.

- Então vamos ao arquivo, meus amigos; vamos ao arquivo - bradou o doutor.

- Senhor - acudiu o carcereiro detendo-o - deixe-me segui-lo e recomende que não me aconteça mal algum.

- Seja assim - disse Gilberto.

Então, voltando-se para a multidão, que o cercava cheia de curiosidade e respeito, disse:

- Amigos, recomendo-lhes este bravo homem; o seu mister era abrir e fechar as portas; mas não era áspero para com os presos; peço-lhes que não lhe façam mal nenhum.

- Não, não - exclamou-se de toda a parte; - não, nada tema; não tenha medo, pode vir connosco.

- Obrigado, senhor - disse o carcereiro; - mas se querem ir ao arquivo, apressem-se,

pois creio que tratam de queimar os papéis.

- Oh! Então não se perca um momento – exclamou Gilberto - ao arquivo!

E correu para o pátio do governador, arrastando após si a multidão, à frente da qual marchavam sempre Billot e Pitou.

XIX

O triângulo

À porta da sala do arquivo havia efectivamente um imenso fogo de papelada.

Infelizmente um dos primeiros cuidados do povo, depois da vitória, é a destruição.

O arquivo da Bastilha fora invadido.

Formava uma vasta sala atulhada de registos e de projectos; e os autos de todos os prisioneiros presos desde cem anos na Bastilha ali estavam confusamente arquivados.

O povo rasgava aqueles papéis com raiva; parecia-lhe sem dúvida que, rasgando todos aqueles registos e assentos, dava legalmente a liberdade aos Franceses.

Gilberto entrou. Ajudado por Pitou, pôs-se a examinar os registos que ainda se podiam ver; o registro do ano corrente não se encontrava.

O doutor, homem pacífico e frio, empalideceu e impaciente bateu com o pé no chão.

Neste mesmo momento Pitou avistou um daqueles garotos, como sempre aparecem no meio das vitórias populares, que levava à cabeça, correndo para o fogo, um volume de forma e encadernação semelhantes àquele que folheava o Dr. Gilberto.

Pitou correu para ele, e graças às suas longas pernas, dentro em pouco o alcançou.

Era o registro do ano de 1789.

A negociação não foi longa. Pitou fez-se conhecer como vencedor, explicou a necessidade que um preso tinha daquele registro em consequência do que lhe foi cedido pelo garoto, que se consolou dizendo:

- Deixá-lo! Queimarei outro.

Pitou abriu o registro; procurou, folheou, leu, e chegando à última página, achou estas palavras:

“Hoje, 9 de Julho de 1789, entrou o Sr. G..., filósofo e publicista perigosíssimo:

deverá ser metido no segredo mais apertado.”

Levou o registro ao doutor.

- Aqui está, Sr. Dr. Gilberto; não é isto que procura?

- Oh! - exclamou o doutor agarrando no registro; - é isto, é.

Em seguida leu as palavras que ficam ditas.

- Agora vejamos de quem é a ordem.

E procuraram na margem.

- Necker! - exclamou ele. - A ordem de me prender assinada por Necker, pelo meu amigo! Oh! Seguramente aqui há algum caso estranho.

- Necker é seu amigo? - exclamou a multidão com respeito, porque se lembrou da considerável influência que este nome tinha no povo.

- Sim, sim, é meu amigo, afirmo-o - disse o doutor; - e estou convencido de que Necker ignorava a minha prisão. Mas vou já saber isto dele mesmo.

- Onde vai? -perguntou Billot.

- A Versalhes.

- O Sr. Necker não está em Versalhes; foi exilado.

- Para onde?

- Para Bruxelas.

- E sua filha?

- Ah! Não sei dela - exclamou Billot.

- A filha reside no campo de Saint-Ouen
- disse alguém de entre a multidão.

- Obrigado - disse Gilberto, sem sequer saber a quem dirigia o seu agradecimento.

Depois, voltando-se para os incendiários, disse:

- Amigos, em nome da história, que encontrará nestes arquivos a condenação dos tiranos, basta de devastação, suplico-lhes. Demulam a Bastilha pedra por pedra, que dela não fique vestígio, mas respeitem os papéis, respeitem os registros, porque a luz do futuro está neles.

Apenas a multidão acabou de ouvir estas palavras, imediatamente as pesou na

sua suprema inteligência.

- O doutor tem razão - bradaram mais de cem vozes; - nada mais de devastação! Vamos ao Hôtel-de-Ville levar todos os papéis.

Um bombeiro, que naquele momento entrara no pátio com cinco ou seis dos seus companheiros, arrastou uma bomba, e dirigiu a agulheta para o fogo, que, semelhante ao de Alexandria, estava próximo a devorar o arquivo.

- A pedido de quem foi preso? - perguntou Billot.

- É justamente o que procuro, mas não posso saber, porque o nome está em branco.

Depois, após um instante de reflexão, disse:

- Mas hei-de sabê-lo.

Arrancou a folha que lhe dizia respeito, dobrou-a em quatro e meteu-a na algibeira. Depois, dirigindo-se a Billot e a Pitou, disse-lhes:

- Amigos, saiamos; aqui não temos mais

nada que fazer.

- Saíamos - disse Billot; - a diferença está em que a coisa é mais fácil de dizer do que executar.

Efectivamente a turbamulta do povo, arremessando-se ao interior dos pátios pela curiosidade, afluía à entrada da Bastilha, de maneira tal que a obstruía. Era porque à entrada da Bastilha estavam outros presos.

Oito prisioneiros, compreendendo Gilberto, tinham sido libertados.

Chamavam-se eles: João Bechade, Bernardo Laroche, João Lacaurège, António Pujado, White, o conde de Solage e Tavernier.

Os primeiros quatro inspiravam um interesse secundário; eram acusados de falsificar uma letra de câmbio, sem que jamais tivesse havido a menor prova contra eles, o que fazia acreditar que a acusação era falsa. Estavam na Bastilha havia apenas dois anos.

Os outros eram o conde Solage, White e Tavernier,

O conde de Solage era um homem de trinta anos, pouco mais ou menos, cheio de alegria e de expansão, abraçava os libertadores, exaltava a sua vitória e narrava-lhes o seu cativeiro. Preso em 1782 e encerrado em Vincennes em consequência de mandado de prisão obtido por seu pai, transportaram-no para a Bastilha, onde lá permaneceu cinco anos sem ter visto um juiz, sem ter sido interrogado uma única vez. Havia dois anos que seu pai morrera e ninguém ainda se tinha lembrado dele.

Se a Bastilha não fosse tomada, era provável que ficasse em esquecimento.

White era um velho de sessenta anos, e pronunciava com acento estrangeiro palavras incoerentes. Às perguntas que se lhe faziam, respondia que ignorava há quanto tempo se achava preso. Lembrava-se que era primo do Sr. de Sartines, e mais nada. Um chaveiro, chamado Guyon, tinha efectivamente visto o Sr. de Sartines entrar uma vez na prisão de White e fazer-lhe assinar uma procuração.

Mas o preso tinha-se inteiramente esquecido desta circunstância.

Tavernier era o mais velho de todos: contava dez anos de reclusão nas ilhas de Santa Margarida, e trinta de cativo na Bastilha; era homem de noventa anos, de cabelos e barbas brancas; tinha os olhos habituados à escuridão, e via sempre através de uma nuvem. Quando entraram na sua prisão não percebeu logo o que lá iam fazer: quando se lhe falou em liberdade, abanou a cabeça; depois, enfim, quando se lhe disse que a Bastilha estava tomada, prorrompeu:

- Oh! Oh! Que dirão a esse respeito o rei Luís XV, a Sr^a. de Pompadour, e o duque de La Vrillière?

Ao menos Tavernier não estava louco como White, estava idiota.

A alegria desses homens era terrível, porque bradava por vingança, tanto ela se assemelhava ao furor. Dois ou três pareciam próximos a expirar no meio daquele tumulto composto de cem mil clamores reunidos; eles,

que havia tempo imenso não ouviam as vozes de dois homens a falarem ao mesmo tempo, que já não estavam acostumados senão ao ruído lento e misterioso do sobrado úmido, que trepidava sob os seus passos, ao da aranha que, inapercebida, tecia a sua teia com um ruído semelhante ao de uma pêndula invisível, ou ao de um rato perseguido, que rói e foge.

No momento em que Gilberto apareceu, os entusiastas propuseram levar os prisioneiros em triunfo, proposição que foi acolhida por unanimidade.

Gilberto desejava muito escapar-se a esta ovação, mas não pôde, pois era já conhecido como amigo de Billot e Pitou, - portanto queriam festejá-lo.

Os brados de: vamos ao Hôtel-de-Ville! Ao Hôtel-de-Ville! retumbaram, e Gilberto sentiu-se erguido aos ombros de vinte pessoas ao mesmo tempo.

Debalde o doutor lhes queria resistir, debalde Billot e Pitou distribuíram a seus

irmãos os mais pungentes murros, a alegria e o entusiasmo tinham endurecido a epiderme popular. Murros, pauladas, chuçadas, coronhadas de armas, pareceram aos vencedores doces e suaves como carícias, serviram tão somente para lhes redobrar a exaltação.

Foi, pois, forçoso ao Dr. Gilberto deixar-se levar sobre o pavês.

O pavês era uma tábua no meio da qual estava cravada uma lança, destinada a servir de ponto de apoio ao triunfador.

O doutor dominou o undoso oceano de cabeças da Bastilha até à arcada de Saint-Jean, mar cheio de tempestades, cujas vagas levavam, no meio de lanças, baionetas e armas de toda a espécie, de toda a forma e de todas as épocas, os primeiros triunfadores.

No meio daquele mar terrível e irresistível, revolvia-se um grupo de tal sorte cerrado e compacto que parecia uma ilha. Era o grupo que conduzia Launay prisioneiro.

Em roda desse grupo ouviam-se

milhares de gritos, não menos entusiásticos que os que acompanhavam os prisioneiros; não eram porém de triunfo, eram de ameaça e de morte.

Gilberto do ponto elevado em que se achava não perdia nenhuma das circunstâncias daquele terrível espectáculo.

Só, de entre todos os prisioneiros, a quem acabavam de dar a liberdade, gozava da plenitude das suas faculdades. Cinco dias de cativo não lhe eram mais que um ponto obscuro na vida. Os olhos não tinham tido tempo de afrouxar ou enfraquecer na obscuridade da Bastilha.

De ordinário o combate não torna os homens desapiedados senão durante o tempo que dura. Em geral os que saem do fogo, onde acabam de arriscar a vida, ficam cheios de mansidão para com os seus inimigos. A majestade da Bastilha transmitia a uns o respeito que impunha a outros.

Mas nos grandes tumultos populares, como em França se tem visto tantos desde a

Jacquerie até nossos dias, as turbas, que o medo conteve longe do combate, que o ruído irritou, ao mesmo tempo ferozes e fracas, buscam após a vitória tomar uma parte qualquer que seja, nesse combate com que não ousaram arrostar.

A parte que toma é na vingança.

Desde a saída da Bastilha, a marcha do governador fora o começo do seu suplício.

Elias, que tomara a vida do governador debaixo da sua responsabilidade, marchava à frente, escudado pelo seu uniforme e pela admiração popular, que o vira primeiro a marchar para o fogo. Levava na mão, na ponta da espada, o bilhete que o Sr. de Launay havia feito passar ao povo por uma das ameias da Bastilha, e que lhe dera Maillard.

Atrás dele vinha o guarda dos impostos reais, que levava na mão as chaves da fortaleza; depois Maillard, conduzindo o estandarte, e atrás de tudo seguia um rapaz, apresentando a todas as vistas o regulamento

da Bastilha atravessado por uma baioneta, escrito odioso em consequência do qual tantas lágrimas tinham corrido!

Afinal, via-se o governador protegido por Hullin e por dois ou três outros indivíduos, mas que desapareciam no meio dos punhos ameaçadores, das espadas agitadas, e das lanças frementes.

Ao lado desse grupo, caminhando quase paralelo a ele, na grande artéria da rua de Saint-Antoine, que comunica os bulevares com o rio, distinguia-se outro não menos ameaçador, não menos terrível; era o que arrastava o major Losme, que vimos aparecer por um instante para lutar com a vontade do governador, e que por fim curvara a cabeça à determinação tomada por ele de defender-se.

O major Losme era um belo, valente e excelente rapaz. Bastantes angústias lhe tinham custado alguns alívios que desde que estava na Bastilha alcançara para os prisioneiros. O povo ignorava isso. O povo encontrara-o com as armas na mão, e pelo seu

brilhante uniforme, tomara-o pelo governador, ao passo que este, graças ao seu casaco singelo, sem bordados, e do qual tirara a fita de Saint-Louis, se refugiava em certa dúvida protectora, que só poderia ser esclarecida pelos que o conheciam.

Tal era o espectáculo, sobre que cambiava o olhar sombrio de Gilberto, olhar sempre observador e sereno, até no meio dos perigos, que eram pessoais àquela poderosa organização.

Hullin, ao sair da Bastilha, invocara a si os seus amigos mais seguros e dedicados, os mais valentes soldados populares daquele dia, e quatro ou cinco haviam anuído à sua chamada e tentavam coadjuvá-lo no seu generoso intento, protegendo o governador. Foram três homens, cuja lembrança a história imparcial conservou; chamavam-se Arné, Chollat e Lépine.

Esses três homens, precedidos, como fica dito, por Hullin e Maillard, tentavam pois defender a vida de um homem, cuja

morte era pedida por cem mil vozes.

Em roda deles haviam-se agrupado alguns granadeiros das guardas francesas, cujo uniforme, tornado mais popular havia três dias, era objecto de veneração para o povo.

O Sr. de Launay escapara aos golpes, porque os braços dos seus generosos defensores tinham podido aparar esses golpes; mas não pudera escapar às injúrias e ameaças.

À esquina da rua de Jouy já se não viam nenhuns dos cinco granadeiros das guardas francesas, que se haviam ajuntado ao acompanhamento logo à saída da Bastilha. Um a um tinham sido repelidos no caminho pelo entusiasmo da multidão, e talvez também pelo cálculo dos assassinos. Gilberto tinha-os visto desaparecer a pouco e pouco como as contas que se desenfiavam de um rosário.

Desde logo previra que a vitória ia enlutar-se com sangue: quisera saltar daquela

tábua, que lhe servia de pedestal, mas braços de ferro o tinham ali seguro. No meio da impossibilidade que o acompanhava, movera Billot e Pitou à defesa do governador, e ambos haviam obedecido à sua voz, fazendo todos os esforços para atravessar pelo meio daquelas vagas humanas e chegar até ele.

Efectivamente o grupo dos defensores tinha precisão de socorro. Chollat, que nada comera desde a véspera, vira as suas forças exaurirem-se, e caíra desfalecido; com grande custo o tinham posto de pé e obstado a que fosse pisado no tropel.

Mas isto era uma brecha na muralha, uma rotura no dique.

Um homem arremeteu por essa brecha, e com o cano da espingarda descarregou um golpe terrível na cabeça do governador.

Mas Lépine, que vira abaixar a coronha, teve tempo de se lançar com os braços estendidos entre Launay e ele, e recebeu na fronte a pancada destinada ao prisioneiro.

Atordado pelo golpe, e cego pelo

sangue que lhe inundava a cara, meio trémulo, levou as mãos ao rosto, e quando pôde abrir os olhos estava longe do governador.

Foi no momento em que Billot chegara perto dele, levando consigo Pitou a reboque.

Percebeu logo que o sinal pelo qual o governador era conhecido, era sem dúvida, por ser o único que ia descoberto.

Billot tirou o chapéu, estendeu o braço e pô-lo na cabeça do governador.

Launay voltou-se e reconheceu Billot.

- Obrigado - disse ele; - mas por mais que faça não me salvará.

- Se conseguirmos chegar ao Hôtel-de-Ville - disse Hullin - respondo pelo resto.

- Sim - disse Launay - mas chegaremos lá?!...

- Com a ajuda de Deus, nós o tentaremos ao menos - respondeu Hullin.

E com efeito, podia-se ter esperança antes de desembocar na praça do Hôtel-de-Ville; mas essa praça estava apinhada de

homens de braços nus, agitando espadas e lanças. O boato que percorria as ruas anunciara que conduziam o governador e o major da fortaleza, e como uma matilha, longo tempo retida, de focinho afilado e dentes arreganhados, esperavam por eles.

Logo que viram aparecer o acompanhamento, voltara-se para ele.

Hullin percebeu que era então o perigo supremo, a última luta; se pudesse conseguir fazer subir a escadaria exterior a Launay e abrigá-lo no interior, o governador estava salvo.

- A mim, Elias; a mim, Maillard; a mim todos os homens que tenham coração - bradou ele; - nisto cabe honra a todos.

Elias e Maillard ouviram a chamada, e tratavam de abrir caminho por entre o povo; mas se o povo se afastava com facilidade ante eles, também se cerrava logo após a sua passagem.

Elias e Maillard viram-se separados do grupo principal, a que não puderam juntar-

se.

A multidão, vendo que tinha conseguido aproximar-se, fez um furioso esforço. Como uma boa gigantesca, envolveu o grupo nos seus anéis. Billot foi erguido, arrastado e arrebatado; Pitou, quase ligado a Billot, deixou-se levar no mesmo turbilhão. Hullin alcançou os primeiros degraus do Hôtel-de-Ville e caiu. A primeira vez ainda se ergueu, mas foi para tornar a cair, e desta vez Launay seguiu-o na queda.

O governador conservou-se da mesma maneira como até então; até ao derradeiro momento não soltou uma queixa, nem pediu auxílio: só bradava com uma voz estridente:

- Ao menos, tigres, não me façam penar; matem-me imediatamente.

Nunca ordem alguma foi executada com mais pontualidade do que aquele pedido; num instante, em torno de Launay, que jazia por terra, se inclinaram umas poucas cabeças ameaçadoras, e se ergueram braços armados. Por algum tempo nada mais se viu do que

mãos contraídas e ferros mergulhados; depois uma cabeça apareceu separada do tronco, e ergueu-se, escorrendo em sangue, na ponta de uma lança: conservava o seu sorriso lívido e desprezador.

Foi a primeira.

Gilberto vira todo aquele espectáculo, e dessa vez tentara ainda lançar-se em socorro da vítima, mas duzentos braços lho haviam impedido.

Voltou o rosto e suspirou.

Elevaram aquela cabeça, com os olhos abertos, como para saudar Flesselles com o último olhar, justamente em frente da janela onde ele estava rodeado e protegido pelos eleitores.

Seria difícil dizer qual das faces estava mais pálida, se a do morto se a do vivo.

De repente um imenso rumor surdiu do lugar onde jazia o corpo de Launay. Tinham-lhe passado revista ao fato e esquadrinhado as algibeiras, e na da vestia encontraram o bilhete que lhe dirigira o preboste dos

mercadores, e que aquele mostrara a Losme.

O bilhete era concebido nestes termos:

“Conserve-se; eu entretenho os Parisienses com laços e promessas. Ao fim do dia, o Sr. de Bezenval lhe enviará reforço.

Flesselles.”

Uma horrível blasfêmia saiu dentre a multidão e elevou-se até à janela do Hôtel-de-Ville, onde estava Flesselles.

Sem adivinhar a causa, o preboste compreendeu a ameaça e fugiu para trás.

Mas tinha já sido visto e sabiam aonde ele estava. A multidão precipitou-se pelas escadas, e desta vez com um movimento tão geral, que os homens que levavam o Dr. Gilberto, abandonaram-no para seguir essa maré, que subia impelida pelo sopro da cólera popular.

Gilberto também quisera entrar no Hôtel-de-Ville, não para ameaçar, mas para proteger Flesselles. Já tinha galgado os primeiros três ou quatro degraus da escada, quando se sentiu violentamente agarrado por

detrás. Voltou-se repentinamente para se livrar deste novo embaraço, quando viu que era Billot e Ângelo Pitou.

- Oh! - exclamou Gilberto, que do lugar elevado em que estava dominava toda a praça; - que se passa lá em baixo?

E indicou com a mão a rua de Tixéranderie.

- Venha, doutor, venha - disseram ao mesmo tempo Billot e Pitou.

- Oh! Oh! Os assassinos! - exclamou o doutor - os assassinos!...

Efectivamente naquele momento o major de Losme caiu ferido com um golpe de machado. O povo confundia na sua cólera o governador egoísta e bárbaro, que fora o perseguidor dos desgraçados presos, com o homem generoso, em que tinham constantemente encontrado apoio.

- Sim, sim - disse ele; - vamo-nos, porque já começo a estar envergonhado de ter sido salvo por semelhantes homens.

- Doutor - disse Billot - esteja tranqüilo.

Os que combateram lá, não são os que assassinam aqui.

Mas no próprio momento em que o doutor descia os degraus, que havia pouco subira para correr em auxílio de Flesselles, as ondas de povo que se tinham amontoado debaixo das abóbadas foram repelidas pelo mesmo peijamento da multidão. No meio desta torrente debatia-se um homem, que a multidão arrastava.

- Ao Palais-Royal! Ao Palais-Royal! - bradava a turbamulta.

- Sim, meus amigos, sim, meus bons amigos, ao Palais-Royal - respondia este homem.

E revolviam-se na direcção do rio, como se a inundação humana quisesse, não levá-lo ao Palais Royal, mas arrastá-lo para o Sena.

- Ah! - exclamou Gilberto - ainda mais outro que querem degolar; tratemos de salvar este ao menos.

Porém, apenas tinham sido pronunciadas estas palavras, ressoou um tiro

de pistola, e Flesselles desapareceu entre o fumo.

Gilberto cobriu os olhos com as mãos com um movimento de sublime cólera: maldizia aquele povo, que, sendo tão grande, não tinha a força bastante para se conservar puro, e que poluía a sua vitória com um tríplice assassinio.

Depois, quando desvelou os olhos, viu três cabeças nas pontas de três lanças.

A primeira era a de Flesselles, a segunda a de Losme, e a terceira a de Launay.

Uma erguia-se sobre os degraus do Hôtel-de-Ville; outra no meio da rua Tixéranderie, e a terceira estava no cais de Pelletier.

Pela posição figuravam um triângulo.

- Oh! Bálsamo! Bálsamo! - murmurou o doutor soltando um suspiro; - é pois com um tal triângulo que se simboliza a liberdade!

- E meteu-se pela rua da Vannerie, arrastando consigo Billot e Pitou.

Sebastião Gilberto

À esquina da rua Planche-Mibray, o doutor encontrou um carrinho; mandou-o parar e subiu para ele acompanhado de Billot e de Pitou, que se assentaram a seu lado.

- Para o colégio de Luís-o-Grande - disse Gilberto, e após estas palavras encostou-se para o fundo do carro, onde caiu em profunda insensibilidade, que Billot e Pitou respeitaram.

Depois de atravessarem o Pont-au-Change, tomaram pela rua da Cité, rua de Saint-Jacques, e por fim chegaram ao colégio de Luís-o-Grande.

Toda a cidade de Paris estava em alvoroço. As notícias dos últimos acontecimentos tinham chegado a toda a parte; os boatos dos assassinios da Grève misturavam-se com as narrações da tomada

da Bastilha, via-se reflectir nos semblantes as diversas impressões que experimentavam como lampejos de alma que transpareciam traindo as intenções.

Gilberto, em todo o trânsito, não tinha metido a cabeça pela portinhola uma vez sequer, nem havia pronunciado uma única palavra. Há sempre um lado ridículo nas ovações populares, e o Dr. Gilberto via o seu triunfo por este lado.

Depois parecia-lhe, conquanto tivesse feito esforços para evitar o derramamento de sangue, que algumas gotas espirraram sobre ele.

O doutor apeou-se à porta do colégio e fez sinal a Billot que o seguisse.

Enquanto a Pitou, ficou discretamente no carrinho.

Sebastião estava ainda na enfermaria. O director em pessoa, ao saber da chegada do doutor, foi o próprio recebê-lo.

Billot, por menos observador que fosse, conhecia o carácter do pai e do filho, e por

isso examinou com atenção a cena que se passou à sua vista.

Tanto a criança se tinha mostrado fraca, irritável e nervosa no desespero, quanto se ostentou serena e reservada na alegria.

Ao avistar o pai empalideceu, e as palavras embargaram-se-lhe na boca. Um pequeno estremecimento lhe correu pelos lábios.

Depois foi lançar-se ao pescoço de Gilberto, soltando um único grito de alegria, semelhante a um brado de dor, e conservou-o terna e silenciosamente estreitado nos braços.

O doutor respondeu com o mesmo silêncio àquele silencioso abraço, e depois de ter estreitado contra si o filho, olhou para ele por largo tempo com um sorriso mais triste do que satisfeito.

Qualquer observador mais perspicaz, que não fosse Billot, diria consigo que existia uma desgraça ou um crime entre aquela criança e aquele homem.

O rapaz conteve-se menos com Billot.

Logo que pôde ver outra coisa além do pai, o qual tinha absorvido toda a sua atenção, correu ao bom do lavrador, e abraçou-o também, dizendo-lhe:

- Sempre é um homem bem valente, Sr. Billot: cumpriu a sua palavra e eu agradeço-lho.

- Oh! Oh! - disse o camponês - não foi sem custo, vamos lá, Sr. Sebastião. Seu pai estava muito bem fechado, e foi preciso fazer alguns estragos antes de o pôr cá fora.

- Sebastião - perguntou o doutor - estás de boa saúde?

- Estou, sim, meu pai - respondeu o mancebo; - ainda que lhe pareça o contrário, por me achar na enfermaria.

Gilberto sorriu.

- Bem sei porque estás aqui - replicou-lhe.

O mancebo também sorriu.

- Não te falta nada aqui? - continuou o doutor.

- Nada, graças ao meu bom pai.

- Vou, pois, meu caro amigo, fazer-te sempre a mesma recomendação, a mesma e única: trabalha.

- Sim, meu pai.

- Sei que esta palavra para ti não é um som vão e monótono; se não o soubesse, não ta diria mais.

- Meu pai, não é a mim que compete responder-lhe a esse respeito - replicou Sebastião; - é ao Sr. Bérardier, nosso excelente director.

O doutor voltou-se para o Sr. Bérardier, o qual fez sinal de que tinha alguma coisa que dizer-lhe.

- Espera, Sebastião - disse o doutor.

E caminhou para o director.

- Senhor - perguntou Sebastião com interesse - aconteceu porventura algum mal a Pitou? O pobre rapaz não veio.

- Está no carrinho, que espera à porta.

- Meu pai - disse Sebastião - permite que o Sr. Billot traga aqui Pitou? Folgaria muito em o ver.

Gilberto fez um aceno com a cabeça, e Billot saiu.

- Que quer dizer-me? - perguntou Gilberto ao abade Bérardier.

- Queria dizer-lhe que não é o trabalho que é mister recomendar àquele menino, é a distracção.

- Por que, Sr. abade ?

- Porque é um excelente rapaz, estimado aqui por todos como um filho, ou como um irmão, mas...

O abade calou-se.

- Mas o quê? - perguntou o pai inquieto.

- Se não toma cuidado com ele, há uma coisa que o matará.

- Então que é? - replicou vivamente Gilberto.

- O trabalho.

- O trabalho?

- Sim, senhor, o trabalho. Se o visse à carteira, de braços cruzados, sempre com o nariz sobre o dicionário, com os olhos fitos...

- Trabalhando ou pensando? -

perguntou Gilberto.

- Trabalhando, senhor, buscando os melhores termos, a frase antiga, a forma grega ou latina, procurando-a horas inteiras, e... Olhe! Agora mesmo, neste momento...

Efectivamente, o mancebo, conquanto o pai se tivesse afastado dele havia cinco minutos, posto que Billot houvesse fechado a porta naquele momento, o mancebo caíra numa espécie de distracção, que se parecia com o êxtase.

- Está muitas vezes assim? - perguntou Gilberto com inquietação.

- Senhor, asseguro-lhe que quase se pode dizer que é aquele o seu estado habitual. Veja como ele está.

- Tem razão, Sr. abade - disse Gilberto; - quando o vir assim, é preciso distraí-lo.

- Isso será trabalho baldado, porque se sai destas lides, vê-lo-á nas composições, que farão um dia grande honra ao colégio de Luís-o-Grande. Presumo que daqui a três anos aquele mancebo ganhará todos os

prémios dos exames.

- Tome sentido - repetiu o doutor - aquela espécie de absorção do pensamento em que vê Sebastião imerso é mais depressa prova de fraqueza que de força, sintoma de doença que de saúde. Tinha razão, Sr. Abade, não é preciso recomendar-lhe muito o trabalho, ou ao menos convém distinguir o trabalho da distracção.

- Senhor, asseguro-lhe que ele trabalha.

- Quando está assim?

- Sim; e a prova é que a sua obrigação está sempre pronta antes que a dos outros. Não o vê mexer com os lábios? Repete as suas lições.

- Pois bem, quando repetir as suas lições assim, Sr. Bérardier, queira distraí-lo; não saberá nunca as suas lições, mas ao menos passará melhor.

- Crê isso?

- Creio, sim, senhor.

- Então - disse o bom abade - o Sr. que o diz é porque o sabe, o senhor, a quem os srs.

de Condorcet e Cabanis proclamaram como um dos homens mais sábios que existem no mundo.

- A diferença está - disse Gilberto - em que quando o distrair de pensamentos semelhantes, tome todos os cuidados; fale-lhe baixo, depois mais alto.

- Para que?

- Para o trazer gradualmente a este mundo que ele deixara.

O abade olhou para o doutor com pasmo, e pouco faltou que não o tomasse por louco.

- Olhe - disse o doutor - vai ver a prova do que lhe digo.

Neste momento entraram Billot e Pitou. Em três pernadas chegou Pitou ao pé de Gilberto.

- Perguntaste por mim, Sebastião? - disse Pitou pegando no braço do mancebo. - És um bom rapaz!

E aproximou a sua grande cabeça da cara do mancebo.

- Olhe! - disse Gilberto, agarrando o braço do abade.

Com efeito, Sebastião, tirado brutalmente do seu embevecimento pelo cordial contacto de Pitou, cambaleou, o rosto passou-lhe do descorado à palidez, e a cabeça pendeu-lhe como se o pescoço não tivesse já a força suficiente para sustê-la. Um suspiro doloroso lhe saiu do peito, e depois um vivo rubor lhe coloriu as faces.

Abanou a cabeça e sorriu.

- Ah! És tu, Pitou - disse ele. - Sim é verdade, perguntei por ti.

Depois olhou para ele.

- Com que então bateste-te?

- Bateu-se, sim, e como um valente rapaz que é - disse Billot.

- E por que não me levou também consigo? - perguntou o mancebo em tom de argüição; - ter-me-ia batido igualmente, e ao menos teria feito alguma coisa a favor de meu pai.

- Sebastião - acudiu Gilberto

aproximando-se também, e apoiando a cabeça do filho de encontro ao coração - podes ainda fazer mais por teu pai do que combatendo por ele; podes escutar os seus conselhos, segui-los, e tornar-te um homem distinto, e até célebre.

- Como meu pai - disse o mancebo com orgulho. - Oh! É exactamente o que desejo.

- Sebastião - continuou o doutor - agora que já abraçaste Billot e Pitou, teus bons amigos, queres vir conversar algum tempo comigo no jardim?

- Com todo o gosto, meu pai. Duas ou três vezes em minha vida, tenho podido estar só consigo, e esses momentos estão, por todos os motivos, presentes sempre na minha memória.

- O Sr. abade dá licença? - perguntou Gilberto.

- Essa é boa! - disse o abade.

- Billot e Pitou, meus amigos, têm talvez precisão de comer alguma coisa?

- Efectivamente - disse Billot; - desde

esta manhã que não como, e creio que a Pitou acontece outro tanto.

- Perdão - observou este - eu comi, pouco mais ou menos, um merendeiro com dois ou três salsichões, um momento antes de o tirar da água! Mas um banho sempre abre o apetite.

- Pois então, venham ao refeitório - disse o abade Bérardier; - lá se lhes dará de jantar.

- Oh! Oh!... - exclamou Pitou.

- Teme talvez que lhe dêem o passadio do colégio? - acudiu o abade. - Tranquilize-se; tratá-lo-ão como convidado. Além de que, parece-me - continuou o abade - que não é só o estômago que tem em mau estado, meu caro Sr. Pitou.

Pitou lançou sobre si um olhar de pudor.

- E que se lhe oferecer um barrete e uma vestia ao mesmo tempo que o jantar...

- Aceito sem a menor dúvida, Sr. abade - disse ele.

- Pois então, venha, tudo está ao seu

dispor.

E conduziu Billot e Pitou por um lado, ao passo que, fazendo-lhe sinal com a mão, Gilberto e o filho se afastavam pelo outro.

Os dois atravessaram o pátio destinado ao recreio, e chegaram a um pequeno jardim, que era para passeio dos professores, lugar fresco e sombrio, para onde o venerando abade Bérardier ia ler Tácito e Juvenal.

Gilberto assentou-se num banco de madeira, que estava à sombra de clematites e briónias; depois, chamando Sebastião para junto de si, e afastando-lhe com a mão os longos cabelos, disse:

- Meu filho, eis-nos finalmente reunidos. Sebastião ergueu os olhos para o céu.

- Por um milagre de Deus, sim, meu pai. Gilberto sorriu.

- Se há algum milagre - disse Gilberto - foi o valente povo de Paris que o praticou.

- Meu pai - respondeu o mancebo - não separe Deus do que acaba de se passar, porque eu, quando o vi, instintivamente, foi a

Deus que agradecei.

- E Billot?

- Billot está depois de Deus, assim como a clavina está depois dele.

Gilberto reflectiu.

- Tens razão - disse ele. - Deus é motor de todas as coisas. Mas tratemos agora de ti, e conversemos um pouco, antes de nos separarmos de novo.

- Pois ainda nos tornaremos a separar?

- Não há-de ser por muito tempo, segundo julgo. Mas uma caixinha, que continha papéis de importância, desapareceu de casa de Billot na mesma ocasião que me encerraram na Bastilha; importa, pois, que eu saiba quem foi que me mandou prender, e quem roubou a caixa.

- Está bom, meu pai: para o tornar a ver, esperarei que as suas indagações estejam terminadas.

E o mancebo soltou um suspiro.

- Estás triste, Sebastião? - perguntou o doutor.

- Estou.

- Por quê?

- Não sei; parece-me que a vida não é para mim como para os outros rapazes.

- Que dizes, Sebastião?

- A verdade.

- Explica-te.

- Todos têm distracções e prazeres, e eu não os tenho.

- Pois tu não tens distracções nem prazeres?

- Quero dizer, meu pai, que não encontro divertimento nos brinquedos da minha idade.

- Toma cuidado, Sebastião; lamento bastante que tenhas um tal carácter, Sebastião, os espíritos que prometem um futuro brilhante são como os bons frutos enquanto crescem; têm amargor, ácido e verdor antes de consolar o paladar com o sabor que lhes é próprio quando estão maduros. Acredita que é bom ser rapaz, meu filho.

- Se não sou alegre, a culpa não é minha
- respondeu o mancebo com um sorriso melancólico.

Gilberto, tomando as mãos do filho entre as suas, e cravando os seus nos olhos dele, continuou:

- A tua idade, meu amigo, é de semear: nada daquilo que o estudo tem despontado em ti deve por ora aparecer. Aos catorze anos, Sebastião, a gravidade procede de orgulho ou de doença. Perguntei-te se estavas bom de saúde, respondeste-me que sim; agora vou perguntar-te se és orgulhoso, trata pois de me responder que não.

- Meu pai - respondeu o mancebo - tranquilize-se. O que me entristece, não é nem a doença nem tão-pouco o orgulho, é um desgosto.

- Um desgosto! Pobre rapaz!... Qual é o desgosto que te atribula, diz-me?

- Não, meu pai, não; hei-de dizer-lho, mas há-de ser mais tarde. Disse-me que só se demoraria um quarto de hora, por

conseguinte falemos de outro objecto, e não das minhas loucuras.

- Não, Sebastião; retirar-me-ia inquieto, se não me declarasses o motivo dos teus pesares.

- Em verdade, meu pai, não me atrevo a dizer-lho.

- Que temes tu?

- Temo passar a seus olhos por um visionário, ou talvez de lhe falar em coisas que o aflijam.

- Guardando o teu segredo, ainda mais me afligirias, meu filho.

- Bem sabe que nunca tive segredos para meu pai.

- Então fala.

- Não me atrevo.

- Sebastião, tu que tens a pretensão de ser já um homem...

- É justamente por isso.

- Então, ânimo.

- Pois bem, meu pai, é um sonho.

- Um sonho que te atribula?

- Sim e não; porque quando tenho este sonho não me sinto aflito, mas sim como que transportado a um outro mundo.

- Explica-te.

- Sempre, desde criança, tenho tido destas visões. Bem sabe que duas ou três vezes me tenho perdido nos grandes bosques, que circundam a aldeia em que fui criado.

- Assim mo têm dito.

- Pois bem, numa dessas ocasiões segui uma coisa como um fantasma.

- Que dizes?... - perguntou Gilberto olhando para seu filho com pasmo, que semelhava o terror.

- Sossegue, meu pai; eis o que aconteceu. Brincava como as mais crianças na aldeia, e enquanto eu estava ali, ou tinha alguns rapazes ao pé de mim, não via nunca outra coisa; mas se me afastava deles, se saía dos últimos jardins, sentia então perto de mim como o roçar de um vestido; estendia os braços para o agarrar, mas abraçava o ar. Porém, à medida que este rumor aumentava,

o fantasma tornava-se visível. Era um vapor ao começo transparente como uma nuvem; depois tornava-se espesso e tomava a forma de uma mulher, que antes resvalava do que caminhava, e que se tornava tanto mais visível quanto mais se embrenhava nos lugares mais sombrios da floresta.

“Então um poder desconhecido, estranho, irresistível, me arrastava após os seus passos. Perseguia-a com os braços estendidos e mudo como ela. Por muitas vezes intentei chamá-la e nunca a minha voz pôde formar um som, e perseguia-a assim sem que ela parasse, sem que a pudesse alcançar, até que por fim o prodígio que me anunciava a sua presença me assinalava também a sua partida. Então aquela mulher desfazia-se a pouco e pouco; a matéria convertia-se em vapor, o vapor volatilizava-se, e tudo desaparecia por fim. E eu, cansado e esbaforido, caía no mesmo sítio onde ela tinha desaparecido. Era aí que Pitou me encontrava algumas vezes no mesmo dia,

outras vezes no dia seguinte.”

Gilberto continuou a olhar para o filho com visíveis sinais de inquietação. Tendo a mão fixa no pulso de Sebastião, este percebeu o sentimento que agitava o doutor.

- Oh! Não se inquiete, meu pai, bem sei que não há nada de real em tudo isto; sei que é uma visão, e nada mais.

- Que aspecto tem essa mulher? - perguntou o doutor.

- Oh! Majestoso como o de uma rainha.

- E já lhe viste o rosto algumas vezes, meu filho?

- Já.

- Quando? - perguntou o doutor estremecendo.

- Quando estive aqui só - respondeu o mancebo.

- Mas em Paris não tens a floresta de Villers-Cotterets, nem as grandes árvores fazendo uma sombria e misteriosa abóbada de verdura. Em Paris não tens tão-pouco o silêncio, a solidão, esse elemento dos

fantasmas.

- Tenho, sim, meu pai, tenho tudo isso.

- Onde?

- Aqui.

- Como aqui? Este jardim não é reservado para os professores?

- É, sim, meu pai, mas duas ou três vezes me tem parecido ver a mesma mulher resvalar pelo pátio do jardim. Todas as vezes que isto tem acontecido, tentei segui-la, mas a porta, sempre fechada, não mo permitiu. Um dia, que o abade Bérardier, em extremo satisfeito por um tema feito por mim, me perguntou o que desejaria, pedi-lhe que me deixasse ir passear algumas vezes com ele ao jardim, o que me foi concedido. Efectivamente, vim, e aqui, neste mesmo sítio, a visão tornou a aparecer!

Gilberto estremeceu, e disse consigo:

- Estranha alucinação, mas muito possível numa natureza nervosa como a sua.

Depois, dirigindo-se ao filho:

- E viste-lhe o rosto?

- Vi, sim, meu pai.

- Recordas-te dele?

- Recordo.

- E estendeste a mão a essa visão?

- Estendi, e foi então que ela desapareceu.

- E segundo o teu parecer, meu filho, quem é essa mulher?

- Parece-me que é minha mãe.

- Tua mãe! - exclamou Gilberto empalidecendo.

E levou a mão ao coração, como para estancar o sangue de uma dolorosa ferida que nele houvesse.

- Isso é um sonho - apressou-se a dizer - e eu sou quase tão louco como tu.

O mancebo calou-se, ergueu para seu pai um olhar pensativo.

- E que dizes a isso? - continuou o doutor.

- Que é possível que seja um sonho, mas sei também que a realidade do meu sonho existe.

- Que dizes?

- Digo que nas últimas festividades da Páscoa, levaram-nos de passeio aos bosques de Satory, junto de Versalhes, e lá, enquanto estava distraído...

- Apareceu-te a mesma visão?

- Apareceu, mas desta vez foi numa carruagem tirada por quatro magníficos cavalos. Nessa ocasião era bem real, bem radiante e viva, e não desfaleci.

- Por quê?

- Não sei.

- Dessa nova aparição que impressão te ficou?

- Que não era minha mãe que eu via aparecer-me em sonhos, pois que aquela mulher era a mesma da minha aparição, e que minha mãe morrera.

Gilberto ergueu-se e passou a mão pela testa. Estranha perturbação se apoderou dele.

O mancebo notou essa perturbação e atemorizou-se ao ver a palidez do pai.

- Ah! - disse ele - vê, meu pai, fiz mal em

lhe contar todas estas loucuras.

- Não, meu filho, não; pelo contrário - disse o doutor; - fala-me disso muitas vezes, todas as vezes que me vires, e assim trataremos de te curar.

Sebastião abanou a cabeça.

- Curar-me, e para quê? Habituei-me a este sonho, que se tornou uma parte da minha vida. Amo essa visão, posto que ela me fuja, e que por vezes me pareça repelir-me. Não me cure, pois, meu pai. Pode deixar-me outra vez, pode viajar, ou voltar à América, que eu com esta visão não fico de todo só.

- Enfim... - murmurou o doutor.

E apertando Sebastião contra o peito, continuou:

- Até à vista, meu filho; espero que não nos tornaremos a separar; porque, se eu partir, tratarei de arranjar as coisas de modo que possas ir comigo.

- Minha mãe é bela? - perguntou o mancebo.

- Oh! É linda - respondeu o doutor com uma voz abalada.

- E ama-o tanto como eu?

- Sebastião! Sebastião! Não me fales nunca de tua mãe! - exclamou o doutor.

E aplicando uma última vez os lábios sobre a fronte do mancebo, saiu do jardim.

Em vez de o seguir, Sebastião ficou triste e acabrunhado sobre o banco.

Gilberto encontrou no pátio Billot e Pitou perfeitamente restaurados de forças, e narrando ao abade Bérardier os pormenores da tomada da Bastilha.

Fez ao reitor nova recomendação a respeito do filho, e subiu para o carro com os dois companheiros.

A senhora de Stael

Gilberto, quando se assentou no carrinho ao lado de Billot e em frente de Pitou, estava pálido e via-se correr-lhe o suor da fronte.

Não era para o carácter daquele homem o persistir curvado ao poder de uma comoção qualquer. Movia-se no carrinho, e levava as mãos à cabeça, como se quisesse comprimir os pensamentos, e, depois de um instante de imobilidade, afastou as mãos, e em lugar do semblante atribulado, mostrou uma fisionomia completamente serena.

- Dizia, então, meu caro Billot - disse ele por fim - que o rei dera a demissão ao barão de Necker?

- Deu, sim, Sr. doutor.

- E que os tumultos de Paris provêm em parte dessa desgraça?

- Não padece dúvida.

- E disse também que o Sr. de Necker partira imediatamente para Bruxelas?

- Recebeu a carta quando estava a jantar, uma hora depois partiu a caminho de Bruxelas.

- Onde reside agora, não?

- Assim o creio.

- Não ouviu dizer que parasse no caminho?

- Ouvi; parou em Saint-Ouen, para dizer adeus à filha, a Sr^a. baronesa de Stael.

- E a Sr^a. de Stael iria também com ele?

- Ouvi dizer que ele tinha ido só com a mulher.

- Cocheiro - disse Gilberto - pára ao pé do primeiro alfaiate que encontrares.

- Quer mudar de fato? - disse Billot.

- Quero. Cheiro muito às paredes da Bastilha, e não quero ir visitar, vestido desta maneira, a filha de um ministro caído em desagrado. Procure nas suas algibeiras, e veja se encontra alguns luíses.

- Oh! Oh! - disse o lavrador - parece que deixou a bolsa na Bastilha.

- Era do regulamento - disse sorrindo Gilberto; - todos os objectos de valor ficavam depositados no cartório.

- E lá ficavam para sempre - respondeu o lavrador.

Depois, abrindo a mão, que continha uns vinte luíses, acrescentou:

- Aí tem, doutor.

Gilberto pegou em dez luíses. Momentos depois, o carrinho parava diante de uma loja de algibebe.

Era então ainda o uso.

Gilberto mudou o fato coçado pelas paredes da Bastilha por outro preto, muito decente, e tal como usavam então os representantes do povo na assembléia nacional.

Um chapeleiro e um sapateiro completaram o vestuário do doutor.

O cocheiro conduziu-o a Saint-Ouen pelos bulevares exteriores, que iam dar por

detrás do parque de Monceaux.

Gilberto desceu diante da casa do Sr. de Necker, em Saint-Ouen, no momento em que davam sete horas da tarde no relógio da catedral de Dagoberto.

Em volta desta casa, ainda há pouco tão procurada e tão freqüentada, reinava profundo silêncio, que só foi alterado pela chegada do carrinho de Gilberto.

Todavia, aquilo nada tinha da melancolia dos castelos abandonados, nem da tristeza das casas fulminadas pela desgraça.

As grades fechadas, e os terraços desertos anunciavam a ausência dos donos da casa, mas nenhum traço se via de dor ou de precipitação.

Além de que, numa das partes do castelo, do lado de oeste, estavam as persianas abertas, e assim que Gilberto se dirigiu para ali, um laçao com a libré do Sr. de Necker dirigiu-se para ele.

Então teve lugar, através da grade, o

diálogo seguinte:

- O Sr. de Necker está em casa?

- Não senhor; partiu no sábado para Bruxelas.

- E a Sr^a. baronesa?

- Foi com o senhor.

- Mas a Sr^a. de Stael?

- A Sr^a. de Stael ficou aqui, mas não sei se pode receber, porque é a hora do seu passeio.

- Vá saber onde está, e anuncie-lhe o Dr. Gilberto.

- Vou saber se a senhora está ou não nos seus quartos. Se estiver, pode ficar certo de que o receberá, mas se andar passeando, então tenho ordem de não a perturbar.

- Está bem; vá ver.

O lacaios abriu a grade e Gilberto entrou.

Ao fechar a grade, o lacaios deitou um olhar inquisitorial para o trem que conduzia o doutor, e para as estranhas figuras dos seus companheiros.

Depois partiu abanando a cabeça como

um homem, cuja inteligência é acanhada, mas que desafia qualquer outro a que perceba aquilo que parece obscuro. Gilberto ficou esperando.

Passados cinco minutos, tornou a aparecer o lacaio.

- A Sr^a. baronesa anda a passear - disse ele.

E inclinou-se como para despedir Gilberto.

O doutor não se deu por satisfeito.

- Olhe - disse ele ao lacaio - Peço-lhe que infrinja por um pouco os seus deveres, e vá dizer à Sr^a. Baronesa que sou um amigo do Sr. marquês de Lafayette.

Um luís passado para a mão do criado acabou de vencer os escrúpulos, que o nome que acabara de pronunciar o doutor tinha já quase desfeito.

- Entre, senhor - disse o lacaio.

Gilberto seguiu-o; mas em vez de o fazer entrar em casa, o criado conduziu-o ao parque.

- Este é o sítio predilecto por onde costuma passear a Sr^a. baronesa - disse o criado indicando a Gilberto a entrada de uma espécie de labirinto. - Espere um momento aqui.

Teriam decorrido dez minutos quando se ouviu um ruído entre a folhagem, e uma mulher de vinte e três para vinte e quatro anos, alta, de formas mais nobres que graciosas, appareceu aos olhos de Gilberto.

Pareceu ficar surpreendida ao ver um homem ainda tão moço, quando por certo esperava encontrar sujeito de mais idade.

Gilberto era efectivamente um homem verdadeiramente notável para não atrair a atenção, no primeiro relancear de olhos, de uma observadora da força da Sr^a. de Stael.

Poucos homens tinham o rosto formado de linhas tão correctas; e estas haviam tomado, pelo exercício de uma vontade omnipotente, um carácter de extraordinária inflexibilidade. Os olhos belos e pretos, sempre tão expansivos, encovados e

fortalecidos pelo trabalho e pelo sofrimento, tinham perdido a inquietação, que é um dos encantos da mocidade.

Uma ruga, profunda e graciosa ao mesmo tempo, lhe sulcava nos cantos dos lábios delgados essa cavidade misteriosa, na qual os fisionomistas colocam a sede da circunspecção. Parecia que o tempo unicamente e uma velhice prematura tinham dado a Gilberto esta qualidade, que a Natureza não lhe concedera.

Na fronte espaçosa e bem desenvolvida, ligeiramente inclinada, assentavam os belos cabelos pretos, que desde longo tempo os pós tinham deixado de embranquecer; encerrava simultaneamente a ciência e o pensamento, o estudo e a imaginação. Em Gilberto, assim como no seu mestre Rousseau, a saliência dos sobrolhos derramava-lhe uma sombra espessa sobre os olhos, onde fuzilava o ponto luminoso que revela a vida.

Gilberto, apesar do seu fato modesto, apresentou-se aos olhos da futura autora de

Corinna debaixo de um aspecto notavelmente belo e distinto, distinção que se completava pelas mãos compridas e brancas, pelos pés delicados e pelas pernas finas e nervosas.

A Sr^a. de Stael demorou-se alguns momentos a examinar Gilberto.

Gilberto empregou o tempo num cumprimento lacônico e que recordava um pouco a civilidade modesta dos *quakers* da América, os quais não concedem às mulheres senão a fraternidade que tranqüiliza, em vez do respeito que sorri.

Depois, com um olhar rápido também, analisou o todo daquela senhora, já célebre, e cujas feições inteligentes e cheias de expressão eram falhas inteiramente de encanto: cabeça de rapaz insignificante e trivial, mais depressa do que cabeça de mulher sobre um corpo cheio de voluptuosa sensualidade.

Tinha na mão um ramo de romeira, do qual, levada pela distracção, se entretinha a mastigar as flores.

- É o Sr. Dr. Gilberto?

- Sim, minha senhora.

- Tão novo ainda e já adquiriu tão grande reputação, ou porventura essa reputação pertence a seu pai ou algum parente mais idoso que o senhor?

- Não conheço outro Gilberto senão eu, minha senhora. E se com efeito existe, como diz, alguma reputação ligada a este nome, tenho todo o direito a reivindicá-la.

- Serviu-se do nome do marquês de Lafayette para me falar; efectivamente o marquês falou-me do senhor e da sua ciência inexaurível.

Gilberto inclinou-se.

- Ciência tanto mais notável, e tanto mais cheia de interesse sobretudo - continuou a baronesa quanto parece que o senhor longe de ser um clínico vulgar ou um prático como os outros, tem sondado todos os mistérios da ciência da vida.

- O Sr. marquês de Lafayette ter-lhe-ia dito, segundo vejo, que eu era quase feiticeiro

- replicou Gilberto sorrindo - e se lho disse, reconheço-lhe bastante espírito para lho ter provado, se quisesse.

- Efectivamente, falou-me de curas maravilhosas, que o senhor fez tanto no campo de batalha, como nos hospitais americanos, em indivíduos desesperados já de salvação; disse-me que os dominava de uma morte factícia tão semelhante à morte real, que por vezes chegava a iludir.

- Essa morte factícia, minha senhora, é o resultado de uma ciência desconhecida, confiada hoje unicamente a alguns adeptos, mas que há-de tornar-se vulgar.

- Fala do mesmerismo, não é verdade? - perguntou a Sr^a. de Stael sorrindo.

- Sim, minha senhora.

- Tomaria porventura lições do próprio mestre?

- Mesmer, minha senhora, o próprio Mesmer não era senão um discípulo. O mesmerismo, ou antes o magnetismo, era uma ciência conhecida dos Egípcios e dos

Gregos. Perdera-se no oceano da idade média. Shakespeare adivinhou-a no *Macbeth*. Urbano Grandier encontrou-a, e morreu por a ter encontrado. Mas o mestre supremo, o meu mestre, foi o conde de Cagliostro.

- Um charlatão! - disse a Sr^a. de Stael.

- Minha senhora, não julgue como os contemporâneos, julgue antes como a posteridade. A esse charlatão devo a minha ciência, e talvez o mundo lhe deva a sua liberdade.

- Seja assim - disse a Sr^a. de Stael, sorrindo. Falo sem saber, e o senhor fala com conhecimento de causa. É natural que tenha razão e que eu erre... Mas tratemos de si. Por que se conservou tanto tempo ausente de França? Por que não veio tomar o seu lugar entre os Lavoisier, os Cabanis, os Condorcet, os Bailly e os Louis?

A este último nome Gilberto corou imperceptivelmente.

- Tinha ainda muito que estudar, minha senhora, para me colocar, assim de relance,

entre os mestres.

- Enfim, até que chegou, mas chegou numa má ocasião para nós; meu pai, que muito folgará, estou certa, de lhe ser prestável, está fora da graça e ausentou-se há três dias.

Gilberto sorriu.

- Sr^a. baronesa - disse ele inclinando-se levemente - há seis dias que por ordem do barão de Necker fui encerrado na Bastilha.

A Sr^a. de Stael desta vez também corou.

- Em verdade, surpreende-me. O senhor na Bastilha?

- Eu mesmo, minha senhora.

- E que fez para isso?

- Só as pessoas que me mandaram prender poderão dizê-lo.

- Mas afinal saiu?

- Porque já não há Bastilha.

- Como! Já não há Bastilha? - soltou Stael admirada.

- Não ouviu tiros de artilharia?

- Sim; mas tiros de artilharia são tiros de

artilharia e nada mais.

- Mas, permita-me que lhe diga, minha senhora, que me parece impossível que a Sr^a. de Stael, filha do Sr. de Necker, ignore ainda que a Bastilha foi tomada pelo povo.

- Asseguro-lhe, senhor - respondeu enleada - que sou estranha a todos os acontecimentos, e desde a partida de meu pai, não me ocupo senão em deplorar a sua ausência.

- Minha senhora - disse Gilberto abanando a cabeça - os correios do Estado estão tão habituados ao caminho do castelo de Saint-Ouen, que parece impossível que não tenha aqui chegado um pelo menos, quando há já quatro horas que a Bastilha capitulou.

A baronesa viu que lhe era impossível responder sem mentir positivamente. A mentira repugnava-lhe, e por isso mudou de conversação.

- A que devo, pois, a honra da sua visita?

- Desejava ter a honra de falar ao Sr. de Necker.

- Mas já sabe que não está em França!

- Minha senhora, parece-me de tal sorte extraordinário que o Sr. de Necker se tenha ausentado e de tal maneira impolítico, que não tenha observado os acontecimentos...

- Que...

- Que eu contava com a Sr^a. baronesa, confesso-o sinceramente, para me indicar o lugar onde o poderei encontrar.

- Encontrá-lo-á em Bruxelas.

Gilberto fitou na baronesa um olhar escrutador.

- Obrigado, minha senhora - disse ele inclinando-se - vou, pois, partir para Bruxelas, porque tenho que dizer coisas de alta importância ao Sr. de Necker.

A Sr^a. de Stael fez um movimento de hesitação, depois replicou:

- Felizmente conheço-o - disse ela - e sei que é um homem sério, porque essas coisas tão importantes perderiam bastante do seu

valor noutra boca... Que poderá haver de importante para meu pai depois da desgraça, depois do passado?

- Há o futuro, minha senhora. E talvez que eu não deva ser de todo sem influência no futuro. Mas tudo isto é inútil. O que é importante para mim e para ele é que eu o veja... A Sr^a. baronesa diz que está em Bruxelas?

- Sim, senhor

- Dedicarei vinte horas para fazer a viagem. A Sr^a. baronesa sabe o que são vinte horas em tempo de revolução, e quantos anos se podem passar em tal espaço? Oh! Que imprudência cometeu o Sr. de Necker, minha senhora, em pôr vinte horas entre ele e os acontecimentos, entre a mão e o alvo!

- Em verdade, senhor, atemoriza-me - disse a Sr^a. de Stael - e começo a crer que efectivamente meu pai cometeu uma imprudência.

- Mas que quer, minha senhora, se as coisas são assim, não é verdade? Só tenho a

pedir-lhe as minhas humildes desculpas pelo incómodo que lhe causei. Adeus, minha senhora.

Nisto a baronesa deteve-o.

- Digo-lhe, senhor, que me atemoriza - replicou ela; - tem que me explicar tudo isso; diga-me alguma coisa que me tranqüilize.

- Ah! Minha senhora - respondeu Gilberto - tenho neste momento tantos interesses pessoais sobre que velar, que me é absolutamente impossível pensar nos outros. Nisto vai a minha vida e a minha honra, como também iria a vida e a honra do Sr. de Necker, se ele pudesse ter aproveitado de pronto as palavras que eu lhe poderei dizer daqui a vinte horas.

- Senhor, permita-me que me lembre de uma coisa, de que me esqueci por muito tempo, é que semelhantes questões não devem tratar-se à luz do dia, num parque, ao alcance de todos os que quiserem ouvir.

- Minha senhora - disse Gilberto - estou em sua casa, e permita-me que lhe diga que

foi a Sr^a. Baronesa mesma que escolheu o lugar onde nos achamos. Que quer pois? Estou às suas ordens.

- Que faça o obséquio de terminar esta conversação no meu gabinete.

- Ah! Ah! - disse Gilberto consigo - se não temesse enleá-la, perguntava-lhe se o seu gabinete era em Bruxelas.

Mas sem nada perguntar, contentou-se em seguir a baronesa, que se pôs a andar apressadamente para o lado do castelo.

Ante a fachada da casa encontraram o mesmo lacaio que recebera Gilberto. A Sr^a. de Stael fez-lhe um aceno, ela própria abriu as portas e conduziu Gilberto ao seu gabinete, encantador retiro, mais masculino no todo do que feminino, e cuja segunda porta e as duas janelas davam para um pequeno jardim, inacessível não só às pessoas estranhas, mas até às suas próprias visitas.

Tendo chegado ali, a Sr^a. de Stael fechou a porta e voltando-se para Gilberto, disse:

- Senhor, em nome da humanidade,

rogo-lhe que me diga qual é o segredo útil a meu pai que o trouxe a Saint-Ouen?

- Minha senhora - disse Gilberto - se seu pai pudesse ouvir-me aqui, se pudesse saber que eu sou o homem que enviou ao rei as memórias secretas intituladas: *Sobre o estado das idéias e do progresso*, estou certo de que o Sr. barão de Necker apareceria de repente e me diria: “Dr. Gilberto, que pretende de mim?”

Gilberto tinha apenas acabado de proferir estas palavras, quando uma porta oculta num painel pintado por Vanloo se abriu sem bulha, e o barão de Necker apareceu sorrindo, sobre o patim de uma pequena escada em espiral, no alto da qual se via bruxulear a luz de uma lâmpada.

Então a baronesa de Stael fez uma cortesia a Gilberto e abraçando o pai, tomou o caminho que acabara de percorrer, e subiu a escada, fechou o painel e desapareceu.

Necker adiantou-se para Gilberto, e estendeu-lhe a mão, dizendo:

- Eis-me aqui, senhor Gilberto; queira dizer o que pretende de mim?

Ambos tomaram assento.

- Sr. barão - disse Gilberto - acaba de ouvir um segredo que revela todas as minhas idéias. Fui eu que há quatro anos fiz prevenir o rei, por uma Memória, acerca da situação geral da Europa, assim como lhe enviei depois, dos Estados Unidos, diferentes Memórias, que ele recebeu, relativas a todas as questões de conciliação e de administração, que se têm levantado em França.

- Memórias de que Sua Majestade - respondeu o Sr. de Necker inclinando-se - nunca me falou sem muita admiração e profundo terror.

- Sim, porque diziam a verdade. Não era porque a verdade fosse então terrível de ouvir, mas porque hoje, que se tornou um facto, é mais terrível de ver.

- É incontestável, senhor - respondeu Necker.

- O rei participou-lhe que tinha recebido essas memórias? - perguntou Gilberto.

- Nem todas; falou-me de duas unicamente: uma sobre as finanças, e nela era o senhor do meu parecer, posto que com pequenas diferenças; mas apesar disso, fazia-me muita honra.

- Isso não é tudo: havia uma em que lhe anunciava todos os acontecimentos materiais que têm ocorrido.

- Ah!

- Sim.

- E que acontecimentos eram?

- Dois dentre outros: um era a obrigação em que o rei se veria de o despedir, em presença de certos compromissos contraídos.

- Vaticinou-lhe a minha queda?

- Exactamente.

- Eis o primeiro acontecimento; qual era o segundo?

- A tomada da Bastilha.

- Vaticinou-lhe a tomada da Bastilha?

- Sr. barão, a Bastilha era mais do que a

prisão da realeza, era o símbolo da tirania. A liberdade começou por destruir o símbolo, a revolução fará o resto.

- Tem já calculado bem a gravidade das palavras que diz, senhor?

- Por certo.

- E não teme levar tão alto semelhante teoria?

- Temer! O quê?

- Que lhe aconteça alguma desgraça.

- Sr. de Necker - disse Gilberto sorrindo - quando se sai da Bastilha não se tem medo de coisa nenhuma.

- Quê! O senhor saiu da Bastilha?

- Hoje mesmo.

- Por que estava na Bastilha?

- Sou eu que lho pergunto.

- A mim?

- Decerto.

- Por que o pergunta a mim?

- Porque foi o senhor que lá me mandou encerrar.

- Eu é que o mandei lá encerrar?

- Há seis dias: a data, como vê, não é muito antiga, e deve lembrar-se.

- É impossível.

- Reconhece a sua assinatura?

E Gilberto mostrou ao ex-ministro o registro da Bastilha e o mandado de prisão que se lhe achava junto.

- É verdade, não há dúvida, aí está o mandado de prisão. O Sr. sabe que eu assinava disso o menos possível e que assim mesmo esse menos possível chegava a quatro mil por ano. Além de que, agora me recordo de que na ocasião da minha partida me fizeram assinar alguns em branco. O seu, com grande pesar meu, há-de ser um desses.

- Isso quer dizer que não devo atribuir-lhe por maneira alguma a minha prisão?

- É verdade.

- Mas enfim, Sr. barão - disse Gilberto sorrindo - o senhor compreende a minha curiosidade: é necessário que eu saiba a quem devo o meu cativo; o senhor é assaz bom para que mo oculte.

- Oh! Nada mais fácil. Nunca deixei, por precaução, as minhas cartas no ministério, e todas as noites as trazia para aqui. As deste mês estão na gaveta deste bufete: procuremos no maço a letra G.

Necker abriu a gaveta e folheou um maço enorme, que poderia conter quinhentas ou seiscentas cartas.

- Não guardo senão as cartas - disse o ex-ministro - que possam servir para pôr a coberto a minha responsabilidade. Uma prisão que mandava fazer era um inimigo que eu criava. Devia portanto pôr-me em defesa do golpe; o contrário admirar-me-ia bastante. Vejamos a letra G... G, é esta. Sim, Gilberto. A coisa proveio da casa da rainha, meu caro senhor.

-Ah! Ah! Da casa da rainha?

- Sim, pedem um mandado de prisão contra o nome de Gilberto. Nada de profissão, olhos pretos e cabelos da mesma cor; segue o resto da descrição, vinda do Havre para Paris, e é tudo o que há. Então

este Gilberto era o senhor?

- Era eu. Pode confiar-me a carta?

- Não, mas posso dizer-lhe por quem é assinada.

- Diga.

- Pela condessa de Charny.

- Pela condessa de Charny? - repetiu Gilberto; - não a conheço nem nunca lhe fiz nada.

E ergueu pausadamente a cabeça como para procurar na sua memória.

- Há aqui uma pequena apostila sem assinatura, mas é letra minha conhecida. Veja.

Gilberto inclinou-se, e leu na margem da carta:

“Faça sem delonga o que lhe manda pedir a condessa de Charny.”

- É singular - disse Gilberto - a rainha... Percebo, isto é talvez devido ao que disse dela e dos Polignac na minha memória. Mas

essa Sr^a. de Charny...

- Não a conhece?

- É de certo nome que figura aqui de empréstimo. Afinal, não admira que as notabilidades de Versalhes sejam para mim desconhecidas. Há quinze anos que estou ausente de França, nunca aqui voltei senão duas vezes, e da segunda vez, haverá uns quatro anos que saí. Quem é pois essa condessa de Charny, Sr. barão?

- A amiga e confidente, a íntima da rainha, mulher excessivamente adorada do conde de Charny; uma beleza e uma virtude ao mesmo tempo; um prodígio enfim.

- Pois sinto muito, mas a verdade é que eu não conheço esse prodígio.

- Se assim é, meu caro doutor, estou certo de que é vítima de alguma intriga política. Não me falou já no conde de Cagliostro?

- Falei.

- Conheceu-o?

- Foi meu amigo; mais que meu amigo,

meu mestre, meu salvador.

- Pois bem, a Áustria, ou a Santa Sé terão exigido a sua encarceração. Escreveu alguns livros?

- Escrevi, sim, senhor.

- Pois todas essas pequenas vinganças tendem para a rainha como a agulha para o pólo e o ferro o íman. Conspiraram contra o senhor, e fizeram-no seguir. A rainha encarregou a Sr^a. de Charny de assinar a carta, a fim de afastar as suspeitas: aqui tem o mistério esclarecido.

Gilberto reflectiu por alguns momentos.

Este instante de reflexão trouxe-lhe à memória a caixa roubada de casa de Billot, em Pisseleux, e com a qual nem a rainha, nem a Áustria, nem a Santa Sé tinham que ver. Esta lembrança colocou-o em bom caminho

- Não - disse ele - não é nada disso, não pode ser tal; mas não importa, passemos a outras coisas.

- A quais?

- Tratemos do Sr. barão.

- De mim? Que tem a dizer-me?

- O que sabe melhor do que ninguém, e é que antes de três dias vai ser reintegrado nas suas funções, e que então governará a França tão despoticamente quanto quiser.

- Acredita isso? - disse Necker sorrindo.

- E o senhor também, porque não está em Bruxelas.

- Muito bem; e o resultado qual será? - replicou Necker - porque é ao resultado que é necessário atender.

- Eu lho digo: o senhor é estimado dos Franceses e passará a ser adorado. A rainha está já cansada de o ver estimado, e o rei há-de cansar-se de o ver adorado: hão-de querer ganhar popularidade à sua custa, e o senhor não lho sofrerá. Então também o senhor se tornará impopular. O povo, meu caro Sr. de Necker, é um leão esfaimado, que não lambe senão a mão que lhe dá de comer, seja ela de quem for.

- E depois?

- Depois cairá no esquecimento.

- Eu! No esquecimento?

- Oh! Com certeza.

- Que me fará cair no esquecimento?

- Os acontecimentos.

- À fé de minha palavra de honra que o senhor fala como um profeta.

- É porque tenho a desgraça de o ser nalgumas coisas.

- Vejamos; que acontecerá?

- Oh! O que acontecerá não é difícil de predizer, porque o que há-de acontecer está em gérmen na Assembléia. Um partido surgirá, que dorme neste momento, ou antes que vela, mas oculta-se. Esse partido tem por chefe um princípio, e por arma uma idéia.

- Compreendo: fala do partido orleanista?

- Não; desse diria que tem por chefe um homem e por arma a popularidade. Falo-lhe de um partido, cujo nome não tem sido sequer pronunciado, do partido republicano.

- Do partido republicano! Ah! Desse?...

- Não acredita nele?

- Quimera.

- Sim, quimera com goelas de fogo, que os devorará a todos.

- Pois bem, far-me-ei republicano, ou antes já o sou.

- Republicano de Genebra, perfeitamente.

- Mas parece-me que um republicano é sempre um republicano?

- Eis no que está o erro, Sr. barão. Entre nós, os nossos republicanos não se parecem com os republicanos dos outros países; os nossos republicanos terão de princípio os privilégios que devorar, depois a nobreza, depois a realaleza. O senhor partirá juntamente com os nossos republicanos, mas hão-de chegar sem o senhor, porque não quererá segui-los até onde hão-de seguir. Não, Sr. barão de Necker, engana-se, o Sr. não é republicano.

- Oh! Se o entende assim, então não sou; eu estimo o rei.

- E eu também - disse Gilberto; - e todos

neste momento o estimam assim como nós. Se eu dissesse isto a um homem de espírito menos elevado que o seu, ou me odiaria, ou me injuriaria: mas acredite no que lhe digo, Sr. de Necker.

- Não quisera outra coisa melhor, se houvesse alguma probabilidade; mas...

- Conhece as sociedades secretas?

- Tenho ouvido falar muito nelas.

- E acredita nelas?

- Creio na sua existência, mas não creio na sua universalidade.

- É adepto de alguma?

- Não.

- É ao menos de alguma loja maçónica?

- Não.

- Pois bem, senhor ministro, sou eu.

- Adepto.

- Sim, de todas, Sr. ministro. Creio que é uma imensa rede, que envolve todos os tronos; é um punhal invisível, que ameaça todas as monarquias... Somos três milhões de irmãos pouco mais ou menos, espalhados por

todos os países, e derramados por todas as classes da sociedade. Temos amigos entre o povo, entre a burguesia, e entre os próprios soberanos. Creia, Sr. de Necker, o príncipe, diante do qual se irritar, é talvez um adepto; tome cuidado. O criado que se inclina ante o senhor é talvez um adepto. A sua vida, a sua fortuna, e até a própria honra não lhe pertencem. Tudo isto é de uma potência invisível, contra a qual não poderá combater, porque não a conhece, e que pode perdê-lo ao senhor porque o conhece. Ora pois, estes três milhões de homens fizeram já a república americana, note bem; tentam fazer a república francesa, e depois tentarão fazer a república européia.

- Mas - disse o Sr. de Necker - a sua república dos Estados Unidos não atemoriza muito, e aceito de bom grado esse programa.

- Sim, mas da América a nós vai um abismo. A América é um país novo, sem preconceitos, sem privilégios, sem realeza, com um solo abençoado, terras fecundas e

florestas virgens; a América está situada entre o mar que é um desembocadouro do seu comércio, e a solidão, que é recurso para a sua população, ao passo que a França... Veja o que não há que destruir em França, antes que nos assemelhemos à América!

- Mas finalmente, que conclui daí?

- Concluo o que é, infelizmente. Mas quisera que chegássemos a isso sem recuar, pondo o rei à testa do movimento.

- Como um estandarte?

- Não, como um escudo.

- Como um escudo? - retorquiu Necker sorrindo; - o senhor não conhece o rei, visto que lhe quer fazer representar semelhante papel.

- Não tem dúvida, sei tudo isso. Conheço-o e mais que conheço; é um homem tal como vi mil à testa dos pequenos distritos da América; um homem, sem majestade, sem resistência, sem iniciativa, mas que quer? Ainda que não seja senão tudo pelo título sagrado que tem, servirá ao menos de reduto

contra esses homens de que acabo de lhe falar; e por mais fraco reduto que seja, estimá-lo-ão mais do que a ninguém. Lembra-me que em nossas guerras com as tribos selvagens passávamos noites inteiras atrás de um rosal; o inimigo do outro lado da ribeira e atirava sobre nós. Um rosal era bem pouca coisa, não é verdade? Pois bem, apesar disso, senhor, declaro-lhe, que o meu coração batia mais à vontade atrás daqueles ramos verdejantes, que uma bala cortava como fios, do que se eu estivesse em campo aberto. Já vê que o rei é o meu rosal; ele permite-me que veja o inimigo, mas obsta a que o inimigo me veja. Aí está a razão porque sendo republicano em Nova Iorque ou em Filadélfia, sou realista em França. Lá, o nosso ditador chamava-se Washington, aqui Deus sabe como se chamará, se punhal, se cadafalso.

- Vê as coisas cor de sangue, doutor?

- O senhor vê-las-ia da mesma cor, se se tivesse achado hoje como eu na praça de

Grève.

- Sim, é verdade; disseram-me que houve carnificina?

- O povo é uma bela coisa, sim... Mas é quando ele é bom. Ó tempestades humanas! - exclamou Gilberto - quando ides adiante das tempestades do céu!

Necker tornou-se pensativo.

- Que não possa tê-lo perto de mim, doutor! - disse ele - servir-me-ia de conselheiro, em caso de necessidade.

- Perto do Sr. barão, não lhe seria tão útil, e sobretudo não seria útil à França, como no país aonde desejo ir.

- Aonde quer ir?

- Escute-me, Sr. barão. Perto do trono há um grande inimigo do rei; é a rainha. Pobre senhora! Ela esquece que é filha de Maria Teresa, ou só se lembra disso sob o ponto de vista do seu orgulho; crê salvar o rei, e deita a perder mais do que o rei; perde a realeza. Em vista disto, cumpre-nos amar o rei; nós que prezamos a pátria, cumpre que nos

combinemos para se neutralizar esse poder e aniquilar essa influência.

- Pois então, faça o que lhe digo, senhor, fique junto de mim e ajude-me.

- Se fico junto do senhor, não teremos senão um único e idêntico meio de acção: o senhor será eu e eu serei o senhor. Convém que nos separemos, senhor, e então teremos a força de um duplo peso.

- E no fim de tudo isso que alcançaremos?

- Retardar a catástrofe, talvez, mas nunca impedi-la; posto que eu responda pelo poderoso auxílio do marquês de Lafayette.

- Lafayette é republicano?

- Como pode Lafayette ser republicano? Se nos é indispensável passar absolutamente por baixo do nível da igualdade, escolhemos o dos grandes; eu estimo a igualdade que eleva e não a que humilha.

- E o senhor responde-nos por Lafayette?

- Se não exigir dele senão honra,

coragem e dedicação, seguramente que respondo.

- Está bom; vejamos, fale; que deseja?

- Uma carta de introdução para Sua Majestade el-rei Luís XVI.

- Um homem da sua valia não carece de carta de introdução; apresenta-se por si.

- Não; convém-me ser tido por criatura sua: entra nos meus projectos ser apresentado pelo senhor.

- E qual é a sua ambição?

- Ser um dos médicos particulares de el-rei.

-Oh! Nada mais fácil. Mas a rainha?

- Estar perto de el-rei, é esse o meu intento.

- Mas não lhe parece que é um mau precedente para vir a ser médico de el-rei, ter estado encarcerado na Bastilha?

- Então farei com que el-rei tenha vontade própria.

- Vontade própria el-rei? Será mais que um homem se conseguir tal.

- Aquele que se propõe a dirigir o corpo não será nada se não conseguir um dia dirigir o espírito.

- Mas se ela o perseguir?

- Ao contrário, é uma grande recomendação. Não fui, segundo pensa, perseguido por crime de filosofia?

- Assim me parece.

- Pois então, el-rei reabilita-se e populariza-se tomando para seu médico um discípulo de Rousseau, um partidário das novas doutrinas, um preso saído da Bastilha. A primeira vez que lhe falar, pondere-lhe tudo isto.

- Não há dúvida que tem razão. Mas se conseguir estabelecer-se junto de el-rei, posso contar consigo?

- Completamente, não se afastando da linha política que adoptarmos.

- Que me promete?

- Preveni-lo no momento em que seja necessário retirar-se.

Necker olhou para Gilberto por alguns

momentos; depois com voz alterada, disse:

- Efectivamente é o maior serviço que pode fazer um amigo zeloso a um ministro, porque é o último.

E assentou-se à mesa para escrever ao rei.

Durante esse tempo Gilberto relia a carta, dizendo:

- A condessa de Charny! Quem será essa Sr^a. Condessa de Charny?

- Aqui tem, senhor - disse Necker poucos momentos depois, apresentando a Gilberto o que acabava de escrever.

Gilberto pegou na carta.

Dizia assim:

“Senhor.

“Vossa Majestade deve ter necessidade de um homem de confiança com quem possa conversar a respeito dos seus negócios. O meu último mimo, o meu último serviço ao deixar o rei é a oferta que lhe faço do Dr. Gilberto. Direi, além disso a Vossa Majestade, ao apresentar-lhe o Dr. Gilberto, que não só é

um dos médicos mais distintos que existe no mundo, mas que é o autor das *Memórias Administrativas e Políticas*, que tão vivamente interessaram a Vossa Majestade.

“Aos pés de Vossa Majestade

“*Barão de Necker.*”

Necker não pôs a data na carta e deu-a ao Dr. Gilberto selada com selo volante.

- E presentemente - ajuntou ele - estou em Bruxelas, não é verdade?

- Oh! Por certo, e mais que nunca. Amanhã de manhã saberá notícias minhas a respeito do resto.

O barão tocou em certo ponto da moldura do painel e a Sr^a. de Stael tornou a aparecer, com uma única diferença que desta vez, além do ramo de romeira, trazia na mão a obra do Dr. Gilberto.

Mostrou-lhe o título com uma espécie de galantaria lisonjeira.

Gilberto despediu-se do Sr. de Necker e beijou a mão da baronesa, que o conduziu até

à saída do gabinete.

Gilberto dirigiu-se ao carrinho, onde Billot e Pitou dormiam nos bancos da frente, o cocheiro na almofada, e os cavalos, tendo-se apenas nas pernas trémulas de cansaço e sono, também dormiam em pé.

XXII

Luís XVI

A conferência de Gilberto, da Sr^a. de Stael e do de Necker durara cerca de hora e meia. Gilberto entrou de novo em Paris às nove horas e um quarto, e mandou que o conduzissem directamente à posta, onde alugou cavalos e uma carruagem; e enquanto Billot e Pitou descansavam das suas fadigas, numa pequena hospedaria da rua de Thiroux, onde Billot tinha o costume de se apear, quando vinha a Paris, Gilberto tomava a galope o caminho de Versalhes.

Era já tarde, mas isso pouco importava a Gilberto. Nos homens da sua têmpera a actividade é uma necessidade. Talvez a sua viagem fosse inútil, mas antes queria isso do que permanecer estacionário. Nas organizações nervosas a incerteza é um suplício pior do que a mais aterradora

realidade.

Chegou a Versalhes às dez horas e meia, onde em tempo ordinário tudo estava recolhido e mergulhado no mais profundo sono. Mas naquela noite ainda ninguém dormia. Acabava de receber-se lá o choque do abalo que ainda fazia tremer Paris.

As guardas francesas, as guardas reais e os Suíços, formados em pelotões e agrupados em todas as bocas das ruas principais, conversavam entre si ou com os cidadãos cujo realismo lhes inspirava confiança.

Versalhes fora em todo o tempo uma cidade realista. A religião da monarquia ou dos monarcas, estava engastada no coração dos seus habitantes como uma das qualidades do terreno. Tendo vivido perto dos reis e pelos reis, à sombra das suas maravilhas; tendo sempre respirado o inebriante perfume das flores-de-lis, visto brilhar o ouro das galas e os sorrisos dos semblantes, os habitantes de Versalhes, a quem os seus reis tinham feito uma cidade de

mármore e de pórfiro, sentiam-se quase reis; e ainda hoje, que nas físgas dos degraus vegeta a hera, que o musgo lhe cobre os mármores; hoje, que o ouro está quase a desaparecer das paredes, que a sombra dos parques é mais solitária que a dos túmulos, Versalhes, ou mente à sua origem, ou deve olhar-se como um fragmento de realeza caída, que não possuindo já o orgulho do poderio e da riqueza, conserva ao menos a poesia da saudade e o encanto soberano da melancolia.

Conforme dissemos, Versalhes, naquela noite de 14 a 15 de Julho de 1789, agitava-se confusamente para saber como o rei de França tomaria o insulto feito à sua coroa e o golpe dado no seu poder.

Mirabeau, na sua resposta dada ao Sr. de Dreux-Brézé, ferira a realeza na face.

Com a tomada da Bastilha o povo tinha-a ferido também no coração.

Todavia, para as inteligências limitadas, para as vistas curtas, a questão estava

resolvida. Aos olhos dos militares sobretudo, habituados a verem só nos acontecimentos um triunfo ou uma derrota da força bruta, tudo se resolvia com uma marcha sobre Paris. Trinta mil homens e vinte peças de artilharia reduziriam a nada dentro em pouco o orgulho e a fúria vitoriosa dos Parisienses.

Nunca a realeza teve mais conselheiros, e cada qual expendia o seu parecer alta e publicamente.

Os mais moderados diziam:

- Isto é bem simples.

Note-se que esta frase é quase sempre aplicada quando justamente a situação é mais difícil.

“Isto é bem simples, diziam eles; comece-se por obter da Assembléia Nacional uma sanção, que decerto não recusará. A sua atitude é há algum tempo tranqüilizadora para todos: não quer os partidos violentos que, surdindo de baixo pelo abuso, se erguem demasiado alto.

“A Assembléia declarará abertamente

que a insurreição é um crime; que os cidadãos, que têm representantes para expor as suas queixas ao rei, e para lhes fazer justiça, fazem mal em recorrer às armas e em derramar sangue.

“Armado com esta declaração, que se obterá por certo da Assembléia Nacional, el-rei não pode dispensar-se de castigar Paris como bom pai, isto é, severamente.

“Então a borrasca afastar-se-á; a realeza entrará de novo no primeiro dos seus direitos; os povos desempenharão o seu dever, que é a obediência, e tudo prosseguirá na sua marcha costumada.”

Era deste modo que se arranjavam em geral os negócios na corte e nos bulevares.

Mas na praça de armas e nos arredores dos quartéis havia outra linguagem.

Ali viam-se homens desconhecidos no sítio: homens de cara inteligente e olhos perspicazes, que semeavam por todos os lados alvitre misterioso, exagerando as notícias já de si grandes, e fazendo

propaganda quase pública por meio das idéias sediciosas, que havia dois meses perturbavam Paris, sublevavam os arrabaldes, e ameaçavam apoderar-se de toda a França.

À roda desses homens formavam-se grupos sombrios, hostis, animados, compostos de gentes a quem se recordava a sua miséria, os seus sofrimentos e o desprezo brutal pelos infortúnios populares. Diziam-lhes:

“Há oito séculos que o povo luta: que tem obtido? nenhuns direitos sociais nem políticos: o da vaca do lavrador, à qual se tira o vitelo para o levar ao matadouro, o leite para o vender no mercado, a carne para a levar ao açougue e a pele para curtir. Enfim, constrangida pela necessidade, a monarquia cedeu, e convocou os três estados; mas hoje, que os três estados estão reunidos, que faz a monarquia? Desde o dia da sua convocação que pesa sobre eles. Se a Assembléia Nacional se formou, foi contra a vontade da

monarquia. Neste caso, visto que os nossos irmãos de Paris acabam de nos dar um tal impulso, empurremos a Assembléia Nacional para diante; cada passo que der no terreno político em que a peleja está travada, é uma vitória para nós, é o aumento do nosso campo, é incremento da nossa fortuna, e a consagração dos nossos direitos. Avante! avante! cidadãos! A Bastilha é o posto avançado da tirania. A Bastilha está tomada; resta a praça.”

Nos sítios mais recônditos formavam-se outras reuniões e pronunciavam-se outras palavras. Os que as pronunciavam eram homens, que evidentemente pertenciam a uma classe superior, e tinham procurado no vestuário do povo um disfarce, que tanto a alvura das mãos como o seu porte e a sua linguagem fina desmentiam.

“Povo, diziam esses homens, repara que te desvariavam: uns mandam que tornes para trás; outros impelem-te para diante. Falam-te de direitos políticos e de direitos sociais, e

estás mais feliz depois que te permitem votar pelo órgão dos teus delegados? Estás mais rico depois que és representado? Tens menos fome depois que a Assembléia Nacional promulga decretos? Não; deixa, pois, a política e as teorias às pessoas que sabem ler. Não é uma frase ou uma máxima escrita que te serve para nada. É pão: e depois do pão, é o bem-estar dos teus filhos, e a doce tranqüilidade das tuas mulheres. Quem te poderá dar isso? Um rei firme de carácter, moço de espírito e de generoso coração. Esse rei não é Luís XVI, que reina sob o jugo da mulher, a Austríaca de coração de bronze; é... procura bem em volta do trono, procura aquele que pode tornar a França feliz e que a rainha detesta justamente porque faz sombra ao quadro, porque ele estima a nação e é amado por ela."

Era assim que se manifestava a opinião em Versalhes, e assim se ateava por toda a parte a guerra civil.

Gilberto ouviu o que se dizia em dois ou

três desses grupos; depois, tendo reconhecido o estado dos ânimos, caminhou direito para o palácio, que estava guardado por muitas sentinelas. Para quê? Não se sabia.

Apesar de todas essas sentinelas, Gilberto sem dificuldade alguma atravessou os primeiros pátios e chegou até aos vestíbulos, sem que ninguém perguntasse para onde ia.

Tendo chegado ao salão de *d'Oeil-de-Boeuf*, um guarda real deteve-o. Gilberto tirou da algibeira a carta do Sr. de Necker, cuja assinatura mostrou. A ordem era rigorosa, e como as ordens mais rigorosas são sempre aquelas que têm mais precisão de serem interpretadas, o guarda real disse a Gilberto:

- Senhor, a ordem de não deixar entrar pessoa alguma nos aposentos de el-rei é formal, mas como evidentemente o caso de um enviado do Sr. de Necker não foi previsto, e como segundo toda a probabilidade o senhor traz algum aviso importante para Sua Majestade, entre, que eu

tomo a responsabilidade da infracção.

Gilberto entrou.

O rei não estava nos seus aposentos; estava na sala do conselho. Recebia naquele momento uma deputação da guarda nacional que fora pedir-lhe uma remessa de tropas, a formação de uma guarda burguesa e a sua presença em Paris.

Luís tinha-a escutado friamente, e respondera que a sua situação precisava de ser esclarecida, e que deliberaria sobre essa situação com o seu conselho.

Estava pois deliberando.

Durante esse tempo os deputados esperavam na galeria, e através dos vidros baços das portas, viam o jogo das sombras avultadas dos conselheiros reais e o movimento ameaçador das suas atitudes.

Pelo estado daquela fantasmagoria, podiam adivinhar que a resposta seria má.

Efectivamente, o rei contentou-se com responder que nomeava os chefes para a milícia burguesa e que ordenava às tropas do

Campo-de-Marte que se reunissem.

Quanto à sua presença em Paris, não queria fazer esse favor a uma cidade rebelde senão quando ela se submetesse.

A deputação rogou, insistiu, conjurou; o rei respondeu que o seu coração estava contristado, mas que nada mais podia fazer.

E satisfeito com aquele triunfo momentâneo, com aquela manifestação de um poder que já não tinha, El-rei voltou para os seus aposentos.

Aí encontrou Gilberto. O guarda real estava ao lado dele.

- Que me querem? - perguntou o rei.

O guarda real aproximou-se, e enquanto se desculpava com Luís XVI por ter faltado à sua obrigação, Gilberto, que havia muitos anos não via el-rei, examinava em silêncio aquele homem, que Deus dera por piloto à França na ocasião da mais forte tempestade por que aquele reino passara.

Aquele corpo baixo e sem flexibilidade, aquela cabeça frouxa de formas e estéril de

expressão, aquela mocidade amortecida em luta com uma velhice prematura, aquela relutância desigual de uma matéria potente contra uma inteligência medíocre, à qual o orgulho de classe apenas dava um valor intermitente; tudo isto para o fisionomista que estudara Lavater, para o magnetizador que lera no futuro com Bálsamo, para o filósofo, que pensara com João Jacques Rousseau, e para o viajante, que passara em revista todas as raças humanas, tudo isto significava: degeneração, bastardia, impotência e ruína.

Gilberto foi tomado não de respeito, mas de dor, ao contemplar aquele triste espectáculo.

O rei caminhou para ele.

- É o senhor - perguntou-lhe - que me traz uma carta do Sr. de Necker?

- Sou, sim, senhor.

- Ah! - exclamou como se duvidasse; - dê-ma depressa.

E pronunciou estas palavras com o tom

de um homem que se afoga e que brada:

- Um cabo!

Gilberto apresentou-lhe a carta. Luís pegou-lhe logo e leu-a precipitadamente; depois, com um gesto que não era isento de certa nobreza de mando, disse para o guarda real:

- Deixe-nos, Sr. de Varicourt.

Gilberto ficou só com el-rei.

O aposento era unicamente alumiado por uma lâmpada. Dir-se-ia que Luís XVI moderara a luz para que se lhe não pudesse ler na fronte anuviada, ou antes pensativa, todas as idéias que dele se apoderavam.

- O senhor - disse fitando em Gilberto um olhar mais claro e observador do que este não lhe poderia supor - o senhor é efectivamente o autor das Memórias, que tanto me têm impressionado?

- Sou eu, senhor.

- Que idade tem?

- Trinta e dois anos; mas o estudo e a desgraça dobram a idade. Tratam-me como

um velho.

- Por que não se me apresentou há mais tempo?

- Porque não tinha necessidade de dizer verbalmente a Vossa Majestade o que lhe escrevia mais livremente e mais a meu cómodo.

Luís XVI reflectiu.

- Não tem outras razões? - disse ele suspeito.

- Não, senhor.

- Todavia, ou eu me engano, ou certas particularidades devem tê-lo instruído da minha benevolência a seu respeito.

- Vossa Majestade quer referir-se à espécie de conferência que tive a temeridade de pedir a el-rei, logo que, depois da minha primeira Memória, lhe roguei, haverá cinco anos, que houvesse por bem pôr uma luz junto à vidraça de uma janela, às oito horas da noite, para me certificar de que havia lido a minha obra?

- Justamente... - disse o rei satisfeito.

- E à mesma hora e na mesma noite a luz foi posta efectivamente onde eu tinha pedido a Vossa Majestade que a pusesse.

- Depois?

- Depois do que, vi-a erguer e baixar três vezes.

- E depois?

- Depois li na *Gazeta* estas palavras:

“Aquele a quem a luz chamou três vezes, pode apresentar-se em casa daquele que a ergueu igual número de vezes, e será recompensado.”

- Essas são as próprias palavras do anúncio, não há dúvida - disse el-rei.

- Eis o próprio anúncio - disse Gilberto, tirando da algibeira a gazeta onde estava o anúncio que ele acabava de repetir, e que fora inserto cinco anos antes.

- Bem, muito bem - disse el-rei; - depois disso, esperei-o por muito tempo. Agora chega no momento em que já não o esperava. Seja bem-vindo, porque chega como os bons soldados no momento da peleja.

Depois, olhando para Gilberto ainda com mais atenção, disse:

- Sabe que não é uma coisa ordinária para um rei a ausência de um homem a quem disse: venha receber uma recompensa, e que não vem?

Gilberto sorriu.

- Nasci francês, e amando o meu país, cioso pela sua prosperidade, confundindo a minha individualidade com a de trinta milhões de homens meus concidadãos, trabalhava para mim, trabalhando para eles. Não sou digno de recompensa, senhor, porque não sou egoísta.

- Paradoxo! O senhor tem outra razão.

Gilberto nada replicou.

- Diga-a, que desejo sabê-la.

- Talvez acertasse, senhor.

- Não é isto? - perguntou o rei com inquietação; - achava que a situação era grave, e por isso reservava-se...

- Para outra mais grave ainda. Sim, senhor; Vossa Majestade adivinhou

perfeitamente.

- Prezo a franqueza - disse o rei, que não pôde dissimular a sua perturbação, porque era de natureza tímida, e corava facilmente. - O senhor - continuou Luís XVI - vaticinou a queda ao rei, e tem receio de estar muito próximo do desabamento?

- Não, real senhor; pois é justamente na mesma ocasião da queda iminente que venho aproximar-me do perigo.

- Sim, sim. Acaba de deixar Necker, e vem falar-me como ele. O perigo, o perigo sem dúvida, há perigo neste momento em aproximarem-se de mim. Onde está Necker?

- Pronto, segundo creio, para receber as ordens de Vossa Majestade.

- Tanto melhor; hei-de precisar dele - disse o rei dando um suspiro. - Em política não deve haver pertinácias: crê-se muitas vezes fazer bem, e faz-se mal, e quantas se faz bem, e um concurso de circunstâncias destrói os resultados; os mesmos planos são muitas vezes bons, e contudo tem-se o desgosto de

ser iludido.

O rei tornou a suspirar; Gilberto foi-lhe em auxílio.

- Senhor - disse ele - Vossa Majestade discorre admiravelmente; mas o que lhe convém fazer agora é prever melhor o futuro do que o faz presentemente.

O rei ergueu a cabeça, e foi fácil ver franzir-se-lhe ligeiramente o sobrolho.

- Senhor, perdoe-me - acudiu Gilberto - sou médico. Quando o mal é grande, sou breve.

- Pelo que vejo, dá grande importância ao tumulto de hoje?

- Senhor, não é um tumulto, é uma revolução.

- E quer que eu pactue com rebeldes, com assassinos? Porque, por mais que digam, tomaram a Bastilha à viva força, o que é um acto de rebelião, e mataram os srs. de Launay, de Losme e de Flesselles, o que são actos de assassinos.

- Convém que distinga uns dos outros,

senhor; os que tomaram a Bastilha são heróis, e os que mataram os srs. de Flesselles, de Losme e de Launay são assassinos.

A estas palavras, o rei corou ligeiramente; e assim que este rubor desapareceu, os lábios tremeram-lhe e algumas gotas de suor lhe borbulharam na testa.

- Tem razão. O senhor é efectivamente médico, ou antes cirurgião, porque retalha em carne viva. Mas tratemos de si. Chama-se o doutor Gilberto, não é verdade? Ou pelo menos é com esse nome que as suas Memórias são assinadas.

- Senhor, é uma grande honra para mim que Vossa Majestade tenha tão boa memória, que essa honra me custe um pouco cara.

- Por quê?

- Porque decerto o meu nome deve ter sido pronunciado mais de uma vez, há bem pouco tempo, diante de Vossa Majestade.

- Não o entendo.

- Há seis dias que fui preso e metido na

Bastilha. Ora, tenho ouvido dizer que nunca se fazia uma prisão, fosse qual fosse, sem que o rei soubesse.

- O senhor na Bastilha! - disse o rei abrindo muito os olhos.

- Eis aqui o certificado extraído do registro, senhor... Tendo sido metido na cadeia há seis dias, por ordem de el-rei, saí hoje por volta das três horas, graças ao povo.

- Hoje?

- Sim, senhor; Vossa Majestade não ouviu o fogo de artilharia?

- Não há dúvida.

- Pois foi a artilharia que me abriu as portas.

- Ah! - murmurou o rei - folgaria com isso, se a artilharia desta manhã não atirasse ao mesmo tempo sobre a realeza.

- Oh! Senhor, não faça de uma prisão o símbolo de um princípio: diga antes, senhor, que se felicita de que a Bastilha fosse tomada, porque não se cometerão, em nome de el-rei, que decerto o ignora, mais injustiças como a

que me vitimou.

- Mas enfim, senhor, a sua prisão deve ter tido uma causa.

- Nenhuma, que eu saiba, senhor! Prenderam-me na minha entrada em França, e encarceraram-me, nada mais.

- Em verdade, senhor - disse Luís XVI com doçura - não haverá algum egoísmo da sua parte em vir falar-me disso, quando tenho toda a precisão de que se fale de mim?

- Senhor, é porque tenho necessidade de que Vossa Majestade me responda a uma só palavra.

- Qual é?

- Se Vossa Majestade fez ou não alguma coisa para a minha prisão?

- Não sabia do seu regresso a França.

- Muito estimo essa resposta, senhor; à vista dela, posso declarar altamente que Vossa Majestade, no que se fazia de mal era sempre iludido, e àqueles que disso duvidarem eu me citarei por exemplo.

O rei sorriu.

- Como médico - disse ele - o senhor tem o cuidado de aplicar bálsamo à chaga.

- Oh! Senhor, derramarei bálsamo às mãos cheias, e se quiser, curarei essa ferida; respondo por isso.

- Decerto quero.

- Mas é necessário que o queira com firmeza, senhor.

- Querê-lo-ei com toda a firmeza.

- Antes de se comprometer para comigo - disse Gilberto - sirva-se Vossa Majestade ler esta linha escrita à margem no registro da prisão.

- Que linha? -perguntou o rei com inquietação.

- Queira ver.

Gilberto apresentou o papel a el-rei, este leu:

“Por mandado da rainha...”

O rei franziu o sobrolho.

- Da rainha! - repetiu. - Terá o senhor

por acaso caído no desagrado da rainha?

- Senhor, estou certo de que Sua Majestade me conhece ainda menos do que Vossa Majestade me conhecia.

- Todavia, o senhor deve ter necessariamente cometido alguma falta, porque para a Bastilha não se ia sem motivo.

- Parece que assim deve ser, mas também é certo que acabo de sair de lá.

- Mas o Sr. de Necker envia-o para mim, e o mandado de prisão está assinado por ele.

- Assim é.

- Então explique-se melhor. Recorde-se dos actos da sua vida, e veja se encontra alguma circunstância de que se tenha esquecido.

- Recordar-me da minha vida! Sim, senhor, fá-lo-ei bem alto e depressa; esteja Vossa Majestade sossegado, que não leva muito tempo. Desde a idade de dezesseis anos que trabalho sem descanso: como discípulo de Rousseau; companheiro de Bálamo, amigo de Lafayette e de

Washington, não tenho tido nunca de que arrepender-me desde o dia em que deixei a França; nem de faltas, nem de um erro sequer. Quando a ciência adquirida me permitiu tratar as feridas ou os doentes, sempre curei de pensar que devia dar conta a Deus de cada uma das minhas idéias e de cada um dos meus actos. Visto ter-me Deus dado a missão de curar as criaturas, como cirurgião, derramava sangue por humanidade, pronto a dar o meu para suavizar ou para salvar os meus doentes, como médico. Quinze anos se passaram assim. Deus abençoou os meus esforços, pois vi volver à vida a maior parte dos que sofriam. Os que morreram, estavam já condenados por Deus. Digo-o com toda a certeza, senhor: desde o dia em que deixei a França, haverá quinze anos, não tenho coisa alguma de que me deva arrepender.

- O senhor, na América, deu-se de alma e coração com os inovadores, e os seus escritos propagaram os seus princípios.

- Sim, senhor, e esqueci esse título em reconhecimento para com os reis e para com os homens.

O rei calou-se.

- Senhor - continuou Gilberto - agora a minha vida é conhecida de Vossa Majestade. Nunca ofendi nem agravei pessoa alguma, desde a mais insignificante criatura até Sua Majestade a rainha, e por isso venho perguntar a Vossa Majestade por que razão fui castigado.

- Falarei à rainha, Sr. Gilberto. Mas acredita que o mandado de prisão venha directamente da rainha?

- Não digo isso, senhor; julgo até que a rainha não fez mais do que apostilá-lo.

- E julga bem - disse Luís muito alegre.

- Sim, mas Vossa Majestade ignora que, quando uma rainha apostila, manda.

- De quem é a carta apostilada? Vejamos.

- Ei-la, senhor - disse Gilberto.

E apresentou-a a el-rei.

- Condessa de Charny! - exclamou o rei.
- Como! Pois foi ela que pediu a sua prisão!
Mas então o que fez o senhor à pobre condessa de Charny?

- Não a conheço, a não ser pelo nome, e isso mesmo data desta manhã.

Luís XVI, como pessoa que duvida, passou uma das mãos pela testa.

- Charny - murmurou ele - Charny, a doçura, a virtude, a própria castidade!

- Vossa Majestade bem vê - disse o Dr. Gilberto rindo - que fui metido na Bastilha a pedido de três virtudes teológicas.

- Oh! - exclamou el-rei com vivos sinais de dor - tenho o coração dilacerado!

E dizendo isto, puxou apressadamente pelo cordão da campainha.

Apareceu um porteiro.

- Vejam se a Sr^a. condessa de Charny está com a rainha - perguntou Luís.

- Senhor - respondeu o porteiro - a Sr^a. Condessa neste mesmo instante atravessou a galeria para se ir meter na carruagem.

- Corra - disse Luís - e peça-lhe que venha ao meu gabinete para um negócio de importância.

Depois, voltando-se para Gilberto, perguntou:

- É isto que deseja?

- É, sim, senhor - respondeu Gilberto - e muito o agradeço a Vossa Majestade.

XXIII

A Condessa de Charny

Gilberto, logo que ouviu dar a ordem para ser chamada a Sr^a. de Charny, retirou-se para o vão de uma janela.

Enquanto a el-rei, passeava por toda a extensão da sala de *l'Oeil-de-Boeuf*, preocupado, já com os negócios públicos, já com a insistência de Gilberto, do qual, a seu pesar, sofria a influência estranha naquele momento, em que coisa nenhuma lhe devia interessar senão as notícias de Paris.

De repente abriu-se a porta do gabinete, o porteiro anunciou a condessa de Charny, e Gilberto, através das cortinas, pôde ver uma mulher, cujo vestido amplo e acetinado roçou pelos batentes da porta.

Vestia, segundo a moda do tempo, um vestido de seda cinzenta de riscas de diferentes cores, e uma espécie de chale, que,

cruzando-se sobre o estômago, ia unir-se atrás da cintura, fazendo sobressair extraordinariamente a beleza de um peito opulento e bem assente.

Um chapelinho, elegantemente atado no topo de um penteado alto, chapins de salto elevado, que lhe faziam realçar a finura dos artelhos, braços torneados e mãos delicadas, compridas e perfeitamente aristocráticas, calçando finíssimas luvas, compunham o resto da pessoa tão ansiosamente esperada por Gilberto, e que acabava de entrar no quarto de Luís XVI.

O rei foi ao seu encontro.

- Ia sair, condessa?

- É verdade, senhor - respondeu a condessa; - ia agora mesmo meter-me na carruagem, quando me deram a ordem de Vossa Majestade.

Ao som desta voz acentuada com firmeza, os ouvidos de Gilberto encheram-se de um ruído terrível, o sangue afluíu-lhe às faces, e mil arrepios lhe percorreram o corpo.

A seu despeito, deu um passo para fora do abrigo das bambinelas, onde estava oculto, e murmurou:

- Ela!... Ela!... Andréa!...

- Condessa - continuou o rei que, assim como ela, não dera por aquela comoção de Gilberto, que continuava oculto na sombra - mandei-lhe pedir que viesse aqui para me dar um esclarecimento.

- Estou pronta para satisfazer a Vossa Majestade.

O rei inclinou-se para o lado de Gilberto como para o advertir.

Este, conhecendo que a ocasião de se mostrar ainda não chegara, retirou-se mais para o escuro das cortinas.

- Senhora - disse el-rei - há uns oito ou dez dias foi entregue um mandado de prisão ao Sr. de Necker...

Gilberto, através da abertura quase imperceptível das bambinelas, fitou o seu olhar em Andréa, que estava pálida, febril, inquieta, e como curvada ao peso de uma

secreta obsessão, que ela própria não ousava perscrutar.

- A condessa bem me entende, não é verdade? – perguntou Luís XVI, vendo que a Sr^a. de Charny hesitava em responder.

- Sim, meu senhor.

- Sabe então o que lhe quero dizer e pode responder à minha pergunta?

- Procuro recordar-me - respondeu Andréa.

- Permita que ajude a sua memória, condessa. O mandado de prisão foi pedido pela condessa, e a exigência era apostilada pela rainha.

A condessa em vez de responder abandonou-se cada vez mais a uma abstracção febril, que parecia arrastá-la para fora dos limites da vida real.

- Mas, responda-me, condessa - disse o rei, que começava a impacientar-se.

- É verdade - disse ela muito trémula; - é verdade que escrevi a carta, e Sua Majestade a rainha apostilou-a.

- Então - perguntou Luís - diga o crime que cometeu o indivíduo contra quem reclamou semelhante ordem.

- Meu senhor - replicou Andréa - não posso dizer qual é o crime, mas posso dizer a Vossa Majestade, que o crime foi grande.

- Oh! Pois não mo pode dizer a mim!...

- Não, meu senhor.

- Ao rei?

- Não, meu senhor; desculpe-me Vossa Majestade, mas não posso.

- Nesse caso, di-lo-á ao próprio - retorquiu el-rei; - porque o que recusa a Luís XVI não o recusará ao Dr. Gilberto!

- Ao Dr. Gilberto! - exclamou Andréa. - Grande Deus! Senhor, onde está ele?

O rei afastou-se para dar lugar a Gilberto; as cortinas abriram-se e o doutor apareceu quase tão pálido como Andréa.

- Ei-lo aqui, senhora - disse el-rei.

Ao aspecto do doutor, a condessa cambaleou, as pernas tremeram-lhe sob o peso do corpo, e dobrou-se para trás, como

quem vai desmaiar, podendo apenas ficar de pé com a ajuda de uma poltrona em que se apoiou na atitude insensível e quase moribunda de Eurídice no momento em que lhe chegava ao coração o veneno da serpente.

- Minha senhora - repetiu Gilberto inclinando-se com humilde cortesia - permita-me que lhe repita a pergunta que acaba de lhe dirigir Sua Majestade.

Os lábios de Andréa moveram-se, mas não produziram som algum.

- Que fiz eu, senhora, para que uma ordem sua me fizesse meter numa medonha prisão?

Andréa, àquela voz, saltou como se sentisse despedaçar-se-lhe o coração.

Depois, de súbito, abaixando sobre Gilberto um olhar aterrador como o da serpente, disse:

- Não o conheço, senhor.

Mas, enquanto ela pronunciava estas palavras, Gilberto, pelo seu lado, havia olhado com tal firmeza e tinha carregado o

fulgor dos olhos com tão invencível audácia, que a condessa abaixou os seus no mesmo instante, curvando a cabeça sobre o peito.

- Condessa - disse el-rei em tom de suave censura - veja onde se irá parar com este abuso de assinar ordens de prisão sem mais nem menos. Aqui está este senhor que não conhece, segundo acaba de confessar, e que é um patriota, um médico, um sábio, um homem a quem a senhora nada tem de que argüir.

Andréa ergueu a cabeça e fulminou Gilberto com um olhar de desprezo.

Ele persistiu sereno e altivo.

- Digo, pois - continuou el-rei - que não havendo nada contra o Dr. Gilberto, visto que se persegue outro que não é ele, fizeram recair o castigo sobre um inocente. Condessa, isto é mau.

- Senhor! - disse Andréa.

- Oh! - interrompeu o rei que tremia já com receio de agastar a favorita da rainha - bem sei que não tem mau coração, e que se

perseguiu alguém com o seu ódio, era porque o merecia; mas em todo o caso, para o futuro, compreende, convém que não se repitam casos destes.

Depois, voltando-se logo para o Dr. Gilberto, perguntou:

- Que quer, doutor, a falta é mais do tempo que dos homens. Nascemos na corrupção e aí morremos; mas tratemos ao menos de melhorar o futuro para a posteridade e o senhor há-de ajudar-me nessa obra; conto com isso, Dr. Gilberto.

E Luís deteve-se, crendo ter dito bastante para agradar às duas partes.

Pobre rei! Se tivesse pronunciado semelhante frase na Assembléia Nacional, não só teria sido ali aplaudido, mas até no dia seguinte a veria reproduzida em todos os jornais da corte.

Porém, àquele auditório de dois inimigos encarniçados, pouco agradou a sua conciliadora filosofia.

- Com licença de Vossa Majestade -

replicou Gilberto - pedirei à Sr^a. condessa que repita o que já disse, isto é, que não me conhece.

- Condessa - disse o rei - quer fazer o que pede o doutor?

- Não conheço o Dr. Gilberto - repetiu Andréa com voz firme.

- Então conhece outro Gilberto, meu homónimo, aquele cujo crime pesa sobre mim?

- Conheço - disse Andréa - e tenho-o por um infame.

- Senhor, não é a mim que compete interrogar a Sr^a. condessa - disse Gilberto. - Digne-se perguntar-lhe o que lhe fez esse homem infame.

- Condessa, a senhora não pode recusar-se a tão justa exigência.

- Que fez? - disse Andréa - a rainha sabia-o decerto, visto que autorizou com o seu punho a carta em que eu pedia a prisão do infame.

- Mas - disse el-rei - não é só necessário

que a rainha esteja convencida; seria bom que também eu o estivesse. A rainha é a rainha, mas eu sou o rei.

- Pois bem, senhor, o Gilberto do mandado de prisão é um homem que há perto de dezesseis anos cometeu um crime horrível.

- Vossa Majestade quer ter a bondade de perguntar à Sr^a. condessa que idade poderá ter agora esse homem?

O rei fez a pergunta.

- Trinta, para trinta e dois anos - disse Andréa.

- Senhor - repetiu Gilberto - se o crime foi cometido há dezesseis anos, então não foi cometido por um homem, mas sim por uma criança; se depois de dezesseis anos o homem tiver deplorado o seu crime de criança, não merecerá esse homem alguma indulgência?

- Mas - perguntou el-rei - conhece porventura o Gilberto de que se trata?

- Conheço, sim, senhor - respondeu o doutor.

- E não cometeu outra falta senão a da sua mocidade?

- Não sei que depois do dia em que cometeu, não direi essa falta, porque sou menos indulgente que Vossa Majestade, mas esse crime, não sei que pessoa alguma no mundo tenha coisa nenhuma que reprovar-lhe.

- Não, se não se falasse em que tem molhado a sua pena em veneno e composto odiosos libelos.

- Senhor, pergunte à Sr^a. condessa - disse o doutor - se a verdadeira causa da prisão do tal Gilberto não foi o facilitar aos seus inimigos, ou antes à sua inimiga, meio de apoderar-se de certo cofre, que encerra uns papéis que podem comprometer uma grande dama, uma dama da corte.

Andréa estremeceu e murmurou:

- Senhor!

- Condessa, que cofre é esse? - perguntou el-rei, a quem o estremecimento e a palidez da condessa não escaparam.

- Oh! Senhora - exclamou Gilberto, sentindo que dominava a situação; - nada de rodeios, nada de subterfúgios. Já basta de enganar de parte a parte. Eu sou o Gilberto do crime; sou o Gilberto dos libelos; sou o Gilberto do cofre; e a senhora é a grande dama, a dama da corte. Tomo el-rei por juiz da nossa causa, aceite-o, e diremos a este juiz, ao rei, a Deus, dir-lhe-emos tudo o que se passou entre nós, e o rei decidirá enquanto Deus não decide.

- Diga o que quiser, senhor - replicou a condessa - mas eu não posso dizer nada, porque não o conheço.

- E não conhece também o cofre?

A condessa retorceu as mãos e mordeu os lábios pálidos a ponto de fazer sangue.

- Não - respondeu ela - não o conheço, assim como não conheço o senhor.

Mas o esforço que fez para pronunciar estas palavras foi tal, que cambaleou, como num tremor de terra faria uma estátua sobre o pedestal.

- Senhora - disse Gilberto - tome sentido; sou, não o pode ter esquecido, o discípulo de um homem chamado José Bálsamo; o poder que ele tinha sobre a senhora foi-me transmitido por ele. Pela última vez, quer responder a esta pergunta: O meu cofre?

- Não - disse a condessa assaltada de uma perturbação inexplicável e fazendo um movimento para fugir daquele aposento; - não e não!

- Pois então - disse Gilberto empalidecendo também e erguendo um braço ameaçador - natureza de aço, coração de diamante, dobra-te, despedaça-te e rebenta sob a pressão irresistível da minha vontade. Não queres falar, Andréa?

- Não, não! - exclamou a condessa aterrada. - Acuda-me, senhor, acuda-me!

- Pois hás-de falar - bradou Gilberto - porque nenhum poder, seja de el-rei, seja de Deus, te subtrairá ao meu; hás-de falar, e abrirás toda a tua alma à augusta testemunha desta cena solene, patenteando tudo que há

nos recônditos da tua consciência, tudo o que só Deus pode ler nas trevas das almas profundas. Vossa Majestade vai saber dela mesma o que recusa revelar. Durma, Sr^a. condessa de Charny, e fale! Assim o quero!

Apenas estas palavras foram pronunciadas, a condessa parou de súbito, e embargando-se-lhe na garganta um grito, estendeu os braços, procurou um ponto de apoio para o corpo desfalecido, foi cair nos braços de el-rei, que, também tremendo, se assentou numa poltrona.

- Oh! - disse Luís XVI - tinha ouvido falar nisto, mas nunca vi coisa semelhante. Não é ao sono magnético que ela acaba de ceder?

- É, sim, senhor, queira pegar na mão da Sr^a. condessa de Charny e perguntar-lhe por que razão me fez prender - respondeu Gilberto, como se a ele unicamente pertencesse o domínio do mundo.

Luís XVI, todo espavorido por aquela cena maravilhosa, deu dois passos para trás,

a fim de se convencer de que ele próprio não dormia, e que aquilo que se passava à sua vista não era um sonho. Depois, tomando interesse no que via como um matemático na descoberta de uma solução nova, aproximou-se da condessa, pegou-lhe na mão, disse:

- Saibamos, condessa, sempre foi a senhora que fez prender o Dr. Gilberto?

Mas, apesar de profundamente adormecida como estava, a condessa fez um último esforço, retirou a mão da de el-rei, e reunindo em si todas as forças, bradou:

- Não; não falarei.

O rei olhou para Gilberto como para lhe perguntar qual das duas predominaria, se a vontade dele, se a de Andréa.

Gilberto sorriu.

- Há-de falar! - disse ele.

E com os olhos fitos em Andréa adormecida, deu um passo para a poltrona.

Andréa estremeceu.

- Com que então não quer falar?! - ajuntou ele dando um outro passo, que mais

encurtou o intervalo que o separava da condessa.

O corpo de Andréa estorceu-se todo numa suprema reacção.

- Ah! Ainda não quer falar! -disse ele dando um terceiro passo, que o colocou mesmo ao lado de Andréa, sobre cuja cabeça pôs a mão estendida; - com que então não quer falar?!

Andréa estorceu-se em violentas convulsões.

- Tome sentido, doutor - exclamou Luís XVI - tome sentido que a mata.

- Não tema nada, senhor: é somente a alma que está em acção: a alma luta, mas há-de ceder.

Depois, abaixando a mão, disse:

- Fale!

Andréa estendeu os braços e fez um movimento para respirar, como se estivesse sob a pressão de uma máquina pneumática.

- Fale! - repetiu Gilberto abaixando mais a mão.

Nisto, todos os músculos da condessa pareceram próximos a despedaçar-se. Um floco de espuma lhe apareceu sobre os lábios e um começo de epilepsia a abalou dos pés à cabeça.

- Doutor, doutor - disse o rei - tome sentido.

Mas Gilberto, sem o atender, abaixou terceira vez a mão e tocando-lhe com ela no alto da cabeça, disse:

- Fale, quero-o eu!

Andréa, ao contacto da mão, deu um suspiro; e os braços caíram ao longo do corpo; a cabeça, inclinada para trás, pendeu para diante docemente reclinada sobre o peito, e lágrimas copiosas se filtraram através das pálpebras fechadas.

- Meu Deus! Meu Deus! - murmurou ela.

- Invoca Deus? Assim seja, porque aquele que opera em nome de Deus não o teme.

- Oh! - disse a condessa - odeio-o!

- Odeie-me, muito embora, mas fale!

- Senhor, senhor - exclamou Andréa - diga-lhe que me queima, que me devora, que me mata.

- Fale! - disse Gilberto.

Depois fez sinal a el-rei de que podia interrogá-la.

- Visto isso, condessa - perguntou o rei - aquele que a senhora queria fazer prender, e que fez efectivamente prender, é o doutor?

- É.

- E nisso não haverá erro ou engano?

- Não.

- E o cofre? - perguntou o rei.

- Então - articulou surdamente a condessa - O cofre terei de dar-lho?

Gilberto e o rei trocaram um olhar.

- E foi a senhora quem lho fez subtrair?
- perguntou Luís XVI.

- Fui.

- Oh! Então conte-me isso, condessa - disse o rei esquecendo toda a etiqueta e ajoelhando diante de Andréa; - foi a senhora que mandou subtrair-lho?

- Fui.

- Onde e como?

- Soube que Gilberto, que no decurso de dezesseis anos tem feito duas viagens a França, ia fazer terceira, e desta vez para ficar aqui de todo.

- Mas o cofre? - perguntou el-rei.

- Soube pelo perfeito da polícia, o Sr. de Crosne, que ele tinha, numa das suas viagens, comprado terras nos arredores de Villers-Cotterets, e que o rendeiro que fazia essas terras gozava de toda a sua confiança, em consequência do que me convenci de que o cofre estava em casa dele.

- Como se convenceu disso?

- Fui a casa de Mesmer, fiz-me adormecer e vi-o.

- Então estava...

- Num grande armário, no rés-do-chão, oculto debaixo da roupa.

- É maravilhoso! - disse el-rei. - E depois... Depois?... Diga.

- Voltei a casa do Sr. de Crosne que, com

recomendação da rainha, me concedeu um dos seus mais hábeis agentes.

- Como se chama o agente? - perguntou Gilberto.

Andréa estremeceu como se um ferro em brasa lhe tivesse tocado.

- Pergunto-lhe o nome do agente? - repetiu Gilberto.

Andréa tentou ainda resistir.

- O nome, exijo que o diga! - bradou o doutor.

- Pas-de-Loup - disse ela.

- Depois? - continuou el-rei.

- Ontem de manhã esse homem apoderou-se do cofre. Eis tudo.

- Não, isso não é tudo - atalhou Gilberto;
- agora trata-se de dizer a el-rei onde está o cofre.

- Oh! - exclamou Luís XVI - exige muito.

- Não, senhor.

- Mas, por Pas-de-Loup, pelo Sr. de Crosne, poder-se-á saber...

- Mas saber-se-á melhor e mais depressa

pela Sr^a. condessa.

Andréa, por um movimento convulsivo, que tinha sem dúvida por fim impedir que as palavras lhe saíssem dos lábios, cerrou os dentes a ponto de quase os quebrar.

Gilberto sorriu.

Depois, tocando com o dedo polegar e com o índice na parte inferior do rosto de Andréa, cujos músculos se distenderam imediatamente, acrescentou:

- Em primeiro lugar, Sr^a. condessa, diga a el-rei que o cofre pertence ao Dr. Gilberto.

- Sim, sim, é dele - disse a sonâmbula com raiva.

- Onde está neste momento? - perguntou o doutor; - depressa, despache-se; el-rei não tem tempo para esperar.

Andréa hesitou um instante, mas por fim disse:

- Em casa de Pas-de-Loup.

Gilberto notou esta hesitação, e exclamou:

- A senhora mente! Ou antes tenta

mentir. Onde está o cofre? Quero sabê-lo.

- Em minha casa em Versalhes - disse Andréa, debulhando-se em lágrimas e com um tremor convulsivo, que lhe abalava todo o corpo. - Em minha casa, onde Pas-de-Loup me espera esta noite às onze horas, conforme foi combinado.

Nesta ocasião dava meia-noite.

-E ainda a espera?

- Ainda.

- Em casa?

- Na sala.

-Em que sítio?

- Está de pé encostado ao fogão.

- E a caixa?

- Em cima de uma mesa diante dele.

- Quê?

- Despachemo-lo, senhor, façamo-lo sair depressa. O Sr. de Charny, que só devia voltar amanhã, chega ainda esta noite por causa dos acontecimentos. Vejo-o: está neste momento em Sèvres. Faça Vossa Majestade sair Pas-de-Loup para que o conde não o

encontre em casa.

- Vossa Majestade ouviu? Onde mora em Versalhes a Sr^a. de Charny?

- Onde mora, condessa?

- No bulevar da Rainha, senhor.

- Bem.

- Senhor, Vossa Majestade ouviu-a, o cofre pertence-me. El-rei ordena que me seja entregue?

- Imediatamente.

E o rei, puxando para diante da condessa de Charny um biombo, a fim de impedir que fosse vista, chamou um empregado de serviço e deu-lhe em voz baixa uma ordem.

XXIV

Filosofia real

Aquela preocupação estranha de um rei, cujos súbditos lhe minavam o trono; aquela curiosidade de sábio aplicada a um fenómeno físico, na ocasião em que se desenvolvia com toda a sua gravidade o mais importante dos fenómenos políticos que jamais se operou em França, isto é, a transformação da monarquia absoluta em democracia; aquele espectáculo de um rei, que se esquecia de si próprio no maior fragor da tempestade, teria feito por certo sorrir os grandes espíritos da época, imersos havia três meses na solução do problema.

Enquanto a revolta estourava fora, Luís, esquecendo os terríveis acontecimentos daquele dia, a Bastilha tomada, Flesselles, Launay e Losme assassinados, a Assembléia Nacional prestes a revoltar-se contra o rei;

Luís concentrava-se naquela especulação toda privada, e a revelação daquela cena desconhecida absorvia-o da mesma maneira que os profundos interesses do seu governo.

Em vista disto, assim que deu as ordens, que já mencionámos, ao seu capitão das guardas, tornou para junto de Gilberto, que tratava de afastar da condessa o excedente de fluido de que a tinha carregado, a fim de a entregar, em vez de ser a um sonambulismo convulsivo, a um sono tranqüilo.

Ao cabo de alguns momentos, a respiração da condessa estava sossegada e igual, como a de uma criança. Então Gilberto, com um só aceno, abriu-lhe os olhos e pô-la em êxtase.

Foi neste momento que se pôde ver em todo o seu esplendor a maravilhosa beleza de Andréa. Completamente desafrontada de toda a influência terrestre, o sangue que por instantes lhe tinha subido ao rosto e que momentaneamente lhe havia colorido as faces, refluía de novo ao coração, cujas

pulsações acabavam de tomar o seu curso moderado; o rosto tornara-se-lhe pálido, mas da bela palidez das mulheres do Oriente; os olhos, abertos um pouco além do ordinário, estavam voltados para o céu, e deixavam por baixo nadar a pupila no branco madrepérola do globo; o nariz, ligeiramente dilatado, parecia aspirar uma atmosfera mais pura; finalmente, os lábios, que tinham conservado o natural carmim, posto que as faces houvessem perdido um pouco do seu, conservando-se ligeiramente apartados, descobriam um fio de pérolas, a que suave umidade realçava o brilhantismo.

A cabeça estava um pouco inclinada para trás com uma graça inexprimível e quase angélica.

Dir-se-ia, ao vê-la, que aquele olhar imóvel, dobrando a sua extensão pela fixidez, penetrava até aos pés do trono de Deus.

O rei ficou como que desvairado e Gilberto voltou o rosto suspirando. Não tinha podido resistir ao desejo de conceder a

Andréa o grau de beleza sobre-humana; e então, como Pigmalião, e ainda mais desgraçado do que Pigmalião, porque conhecia a insensibilidade da bela estátua, aterrava-se da sua própria obra.

Fez outro aceno, sem sequer voltar a cara para Andréa, e ela fechou os olhos.

O rei quis que lhe fosse explicado pelo Dr. Gilberto este estado maravilhoso no qual a alma se desliga do corpo e divaga livre, feliz e divina, sobranceira às misérias terrestres.

Gilberto, como todos os homens incontestavelmente superiores, sabia pronunciar essa frase, que tanto custa a dizer à mediocridade: “Não sei.” Confessou a el-rei a sua ignorância, dizendo-lhe que produzia um fenómeno que não podia definir. O facto existia: a explicação do facto é que não.

- Doutor - disse o rei ao ouvir esta confissão de Gilberto; - aqui está mais um dos segredos que a Natureza guarda para os sábios de outra geração, e que será

aprofundado como muitos outros mistérios, que se julgam insolúveis. Nós chamamos-lhes mistérios, e nossos pais chamavam-lhes sortilégios ou feitiçarias.

- Sim, senhor - respondeu Gilberto sorrindo - e eu teria a honra de ser queimado na Praça da Grève, para maior glória de uma religião que não era compreendida, por sábios sem ciência e por padres sem fé.

- Debaixo da direcção de quem estudou essa ciência? - replicou el-rei; - foi com Mesmer?

- Oh! Senhor - disse Gilberto sorrindo - vi os mais pasmosos fenómenos desta ciência dez anos antes que o nome de Mesmer fosse pronunciado em França.

- Diga-me, com franqueza, esse Mesmer que revolucionou toda a cidade de Paris, era na sua opinião um charlatão? Parece-me que opera mais simplesmente do que ele. Ouvi contar as experiências de Deslon e do Puységur. O senhor há-de saber tudo o que se disse a esse respeito, tanto de disparatado

como de verdadeiro.

- Estou ao facto de todo esse debate, senhor.

- Então que julga da famosa selha?

- Digne-se Vossa Majestade desculpar-me se respondo com dúvida a tudo quanto respeita à arte magnética. O magnetismo não é ainda uma arte.

- Ah!

- É unicamente uma potência terrível, porque aniquila o livre-arbítrio; alheando a alma do corpo, põe o corpo do sonâmbulo nas mãos do magnetizador, sem que aquele possa conservar nem o poder da vontade de se defender. Enquanto a mim, senhor, tenho visto operar fenómenos admiráveis, tenho-os operado eu próprio, e contudo, duvido ainda.

- Como assim! Pois duvida? Opera milagres e duvida deles?

- Não; não duvido, não duvido. Agora, por exemplo, tenho a prova de um poder inaudito e incógnito debaixo dos olhos; mas quando esta prova desaparece, quando estou

só no meu aposento, em frente da minha biblioteca, em presença do que toda a ciência humana tem escrito há três mil anos; quando a ciência me diz não, quando a própria razão me diz não, então duvido.

- E o seu mestre também duvidava, doutor?

- Talvez, mas como era menos franco de que eu, não o dizia.

- Era Deslon, ou Puységur?

- Não, senhor; nenhum desses. O meu mestre era um homem muito superior a todos que Vossa Majestade se tem dignado nomear. Vi-lhe fazer a respeito de feridas, sobretudo, coisas maravilhosas; nenhuma ciência lhe era desconhecida. Tinha-se impregnado das teorias egípcias e havia penetrado os arcanos da antiga civilização assíria. Era um sábio profundo, um filósofo temível, que tinha a experiência da vida unida à perseverança da vontade.

- Conheci-o? - perguntou el-rei.

Gilberto hesitou um instante.

- Pergunto-lhe se o conheci?

- Conheceu, sim, senhor.

- Chamava-se?...

- Senhor - disse Gilberto - pronunciar esse nome ante el-rei é talvez expor-me a desagradar-lhe. Ora neste momento, sobretudo, em que grande parte dos Franceses ludibriam a Majestade real, não quisera por modo algum suscitar uma dúvida a respeito do acatamento que todos devemos a Vossa Majestade.

- Nada receie, diga o nome desse homem, Dr. Gilberto, e esteja persuadido de que tenho a minha filosofia de muito boa têmpera para que possa sorrir-me de todos os insultos do presente e de todas as ameaças do futuro.

Gilberto, apesar disto, hesitou ainda.

El-rei aproximou-se dele.

- Senhor - lhe disse ele sorrindo-se - nomeie Satanás se lhe aprouver, porque achará contra ele uma couraça, aquela que os seus dogmatizadores não têm, e que não

terão nunca, a que neste século talvez só eu possuo e visto sem vergonha: a religião!

- Vossa Majestade crê como S. Luís. Bem o sei, senhor - disse Gilberto.

- E nela é que está toda a minha força, confesso-o, doutor. Prezo a ciência, adoro os resultados do materialismo; sou matemático, bem o sabe, e sabe perfeitamente que um total de adição, uma fórmula algébrica me encham de alegria. Mas para me opor às inteligências que levam a álgebra até ao ateísmo, reservo a minha fé íntima, inexaurível, eterna: a minha fé, que me põe um grau acima e abaixo deles: acima, pelo bem; abaixo, pelo mal. Assim, bem vê, doutor, que sou um homem a quem se pode dizer tudo, e um rei que tudo pode ouvir.

- Senhor - disse Gilberto com uma espécie de admiração; - agradeço a Vossa Majestade o que acaba de dizer-me, porque é quase uma confiança de amigo com que acaba de me honrar.

- Oh! Quisera que toda a Europa me

ouvisse falar assim. Se os Franceses lessem no meu coração toda a força e ternura que ele encerra, estou certo de que me resistiriam menos.

A última parte desta frase, que mostrava a prerrogativa real irritada, prejudicava Luís XVI no conceito de Gilberto, que disse:

- Senhor, visto que assim o quer, dir-lho-ei; o meu mestre foi o conde de Cagliostro.

- Oh! - exclamou Luís corando - esse empírico!...

- Esse empírico... Sim, senhor - respondeu Gilberto. - Vossa Majestade sabe muito bem que a palavra que acaba de empregar é uma das mais nobres de que a ciência se serve. *Empírico* quer dizer *homem que ensaia*. Ensaiair tudo e sempre, senhor, para um pensador, para um prático, para todo o homem, enfim, é fazer tudo que Deus permite aos mortais que façam de mais belo e de maior. O homem deve ensaiair durante toda a sua vida e terá toda a vida ocupada.

- Ah! Senhor, esse Cagliostro que

defende – disse o rei – era um grande inimigo dos reis.

Gilberto lembrou-se do negócio do colar.

- Não será talvez das rainhas que Vossa Majestade quer falar?

Luís estremeceu a seu pesar.

- Sim - disse el-rei; - ele portou-se no negócio do príncipe de Rohan de uma maneira mais que equívoca.

- Senhor, nisso como em tudo, Cagliostro desempenhava a sua missão humana: ensaiava para si. Em ciência, em moral e em política não há bem nem mal; há só fenómenos estabelecidos e factos adquiridos. Todavia, pense a respeito dele como lhe aprouver. Torno a repetir, como homem pode ter merecido muitas vezes censura, e talvez que essa mesma seja um dia um elogio, porque a posteridade revê as sentenças dos homens; mas eu não estudei com o homem, senhor, estudei com o filósofo, com o sábio.

- Bem, bem - atalhou el-rei, que sentia ainda sangrar-lhe a duplicada chaga do seu orgulho e do seu coração; - bem, nós vamos esquecendo da condessa, e talvez que esteja sofrendo.

- Vou acordá-la, senhor, se Vossa Majestade o deseja; mas antes quisera que o cofre chegasse aqui durante o sono.

- Por que?

- Para a poupar a uma lição mais dura.

- Eis que chega - disse el-rei. - Espere.

Efectivamente, a ordem de el-rei havia sido pontualmente executada; o cofre foi encontrado no palácio de Charny em poder do esbirro Pas-de-Loup e acabava de aparecer no gabinete real ante os olhos da própria condessa, que não o via.

O rei fez um sinal de ter ficado satisfeito ao oficial que trouxera o cofre, o qual saiu depois.

- Então? - disse Luís XVI.

- Então, senhor, então, eis o cofre que me foi roubado.

- Abra-o - disse el-rei.

- Senhor, abri-lo-ei, se Vossa Majestade o deseja, mas devo prevenir Vossa Majestade de uma coisa...

- Qual?

- Senhor, como disse a Vossa Majestade, este cofre só contém papéis fáceis de ler, e dos quais depende a honra de uma mulher.

- Que é a condessa?

- Sim, senhor; mas a honra não lhe ficará manchada por estar no domínio da consciência de Vossa Majestade. Abra, senhor - disse Gilberto, aproximando-se do cofre e apresentando a chave a el-rei.

- Senhor - replicou friamente Luís XVI - pode levar o cofre, visto que é seu.

- Obrigado, senhor. Que faremos à condessa?

- Oh! Não a acorde por forma alguma aqui. Quero evitar-lhe as surpresas e a dor.

- Senhor - respondeu Gilberto - a Sr^a. condessa não acordará senão no lugar para onde Vossa Majestade a mandar conduzir.

- Seja assim; irá para os aposentos da rainha.

Luís tocou uma campainha; entrou um oficial.

- Sr. capitão - disse ele - a Sr^a. condessa acaba de desmaiar aqui ao saber as notícias de Paris; faça-a conduzir aos aposentos da rainha.

- Quanto tempo será necessário para efectuar esse transporte? - perguntou Gilberto a el-rei.

- Uns dez minutos.

Nisto Gilberto estendeu a mão sobre a condessa e disse:

- Acorde daqui a um quarto de hora.

Dois soldados, mandados pelo oficial, entraram e levaram-na sobre duas poltronas.

- Agora, Sr. Gilberto, que mais deseja? - perguntou el-rei.

- Senhor, um favor, que me aproxima de Vossa Majestade e que me proporciona ao mesmo tempo ocasiões de lhe ser útil.

O rei pensou.

- Explique-se - disse ele.

- Quisera ser médico privado de el-rei - disse Gilberto; - não farei sombra a ninguém: é um emprego honorífico, mas mais de confiança que de ostentação.

- Concedido - respondeu el-rei. - Adeus, Sr. Gilberto. Ah! A propósito, muitas recomendações a Necker. Adeus.

Depois, indo a sair:

- A minha ceia! - bradou Luís XVI, a quem nenhum acontecimento podia fazer esquecer a sua ceia.

Nos aposentos da rainha

Enquanto Luís XVI pretendia combater filosoficamente a revolução, fazendo um curso de ciências ocultas, a rainha, filosofando mui diversamente, reunia em volta de si, no seu gabinete, todos os indivíduos a quem chamava os seus fiéis, sem dúvida por que ainda se não tinha proporcionado ocasião a nenhum deles de experimentar ou ensaiar a sua fidelidade.

Nos aposentos da rainha também fora narrado o terrível acontecimento daquele dia com todas as suas circunstâncias.

Ela mesmo tinha sido a primeira a sabê-lo, porque a pessoa que lhe dera a notícia não pusera dúvida em a prevenir do perigo.

Em volta da rainha viam-se oficiais, cortesãos, padres e mulheres.

À entrada das portas, e por detrás dos

reposteiros que os ocultavam, viam-se grupos de jovens oficiais, alardeando valor e ousadia, que consideravam todas aquelas revoltas como ocasião de há muito esperada para ostentarem, como num torneio, grandes cometimentos de armas em presença das damas.

Todos, tanto familiares como servos, haviam escutado com atenção as notícias de Paris, relatadas pelo Sr. de Lambescq, o qual, tendo assistido aos acontecimentos, correra a Versalhes com o seu regimento ainda coberto de pó da areia das Tulherias, para dar a realidade por consolação às pessoas assombradas, algumas das quais, pareceralhe ainda há pouco, exageravam a sua desgraça.

A rainha estava assentada diante de uma mesa.

Não era já a doce e bela noiva, anjo protector da França, que vimos aparecer no começo desta história, atravessando a fronteira do norte com um ramo de oliveira

na mão; não era tão-pouco a bela e graciosa princesa, que vimos entrar uma noite com a princesa de Lamballe na misteriosa morada de Mesmer e aproximar-se, risonha e incrédula, da selha simbólica, a que ia pedir uma revelação do futuro; não! Era a rainha altiva e resoluta, de sobrolho franzido e lábios desdenhosos; era a mulher, cujo coração deixara escapar uma porção do seu amor para receber em lugar deste doce e vivificante sentimento, as primeiras gotas do fel, que devia converter-se em sangue à força de o percorrer; era, finalmente, a mulher do terceiro retrato da galeria de Versalhes, isto é, não já Maria Antonieta, não já a rainha de França, mas a pessoa que principiava a designar-se só com o nome de Austríaca.

Atrás dela estava, meio deitada na sombra, uma mulher nova, imóvel, com a cabeça reclinada para trás sobre o coxim de um sofá e com a mão na testa.

Ao avistar o Sr. de Lambescq, a rainha fizera um desses gestos de alegria

desesperada, que querem dizer:

- Finalmente vamos saber tudo!

O Sr. de Lambescq inclinara-se com a expressão de quem pede perdão por se apresentar com as botas enlameadas, o fato coberto de poeira, e a espada torcida a ponto de não poder entrar completamente na bainha.

- Então, Sr. de Lambescq - disse a rainha - vem de Paris?

- Venho, sim, minha senhora.

- Que faz o povo?

- Mata e queima.

- Por vertigem ou por ódio?

- Por nenhuma dessas coisas; por ferocidade.

A rainha reflectiu, como se estivesse disposta a participar daquele parecer a respeito do povo. Depois, abanando a cabeça, disse:

- Não, príncipe, o povo não é feroz, sem razão, pelo menos. Não me oculte, portanto, coisa nenhuma. Diga-me, o que o move é o

delírio? É o ódio?

- Pois bem, direi a Vossa Majestade que é o ódio levado ao ponto de delírio, minha senhora.

- Ódio a quem? Ah! Ainda hesita, príncipe?... Tome sentido, se continuar a contar as coisas desse modo, em vez de me dirigir ao senhor, como faço, enviarei um dos meus picadores a Paris; bastará uma hora para lá chegar; uma hora para se informar do que se passa, e uma hora para voltar, e dentro de três horas me contará os acontecimentos pura e genuinamente como um arauto de Homero.

O Sr. de Dreux-Brézé adiantou-se com o sorriso nos lábios.

- Mas, minha senhora - disse ele - que importa a Vossa Majestade a raiva do povo? Não pode de modo algum dizer respeito a Vossa Majestade.

A rainha nem sequer notou a lisonja, e continuou dirigindo-se ao Sr. de Lambescq:

- Vamos, príncipe, fale!

- Pois bem, minha senhora, o povo é impelido pela raiva.

- Contra mim?

- Contra todos os que o dominam.

- Ora aí está: essa é a verdade, e eu percebo-a – disse resolutamente a rainha.

- Sou soldado, minha senhora - apressou-se a dizer o príncipe.

- Bem, bem; fale-nos portanto como soldado. Vejamos, o que cumpre fazer?

- Nada, minha senhora.

- Como! Nada? - exclamou a rainha, aproveitando-se do murmúrio levantado por estas palavras dentre os fatos bordados e espadas de ouro dos seus cortesãos. - O senhor, um príncipe loreno, vem dizer isso à rainha de França, no momento em que o povo, segundo disse, mata e queima: vem dizer-me que não há nada a fazer?

Novo murmúrio, mas aprovador desta vez, acolheu as palavras de Maria Antonieta.

Voltou-se e abrangeu com um olhar todo o círculo que a envolvia, e entre todos

aqueles olhos cintilantes buscou os que despediam mais chamas, crendo ver neles mais fidelidade.

- Nada - replicou o príncipe - porque, deixando os Parisienses tranquilizarem-se, eles se tranqüilizarão; eles não são belicosos senão quando os exasperam. Para que servirá dar-lhes a honra de uma luta e arriscar a probabilidade de um combate? Conservemo-nos sossegados, e dentro de três dias não haverá mais de semelhante coisa em Paris.

- Mas a Bastilha, senhor?

- A Bastilha fechará as portas, e os que estão presos, presos ficarão; eis tudo.

Alguns frémitos de riso se fizeram ouvir dentre o grupo silencioso.

A rainha replicou:

- Tome cuidado, príncipe; olhe que assim tranquiliza-me de mais.

E, pensativa, com o mento apoiado na palma da mão, dirigiu-se para a Sr^a. de Palignac, que, pálida e triste, parecia absorvida em si mesma.

A condessa ouvira todas aquelas notícias com visível terror, e só se sorriu quando a rainha se deteve em frente dela e lhe sorriu, e ainda assim o sorriso era pálido e descorado como uma flor emurchecida.

- Então, condessa - perguntou a rainha - que diz a tudo isto?

- Ai de mim! Minha senhora - não digo nada - replicou ela.

- Como! Nada?

- Nada, minha senhora.

E abanou a cabeça com expressão de inexplicável descoroçoamento.

- Vamos, vamos - disse em voz baixa a rainha inclinando-se ao ouvido da condessa - a minha Diana é uma preguiçosa.

Depois em voz alta:

- Mas onde está a Sr^a. de Charny, aquela intrépida? Temos necessidade dela para nos tranqüilizar.

- A condessa ia a sair - disse a Sr^a. de Misery - quando a chamaram por ordem de el-rei ao aposento real.

- Ah! Ao aposento real - respondeu distraidamente Maria Antonieta.

E foi só então que a rainha deu pelo singular silêncio que se fizera em torno dela.

Era que aqueles acontecimentos inauditos, incríveis, cujas notícias sucessivamente haviam chegado até Versalhes, como tiros redobrados, tinham aterrado os mais firmes corações, mais ainda pelo pasmo do que pelo temor.

A rainha percebeu que era conveniente erguer todos aqueles espíritos abatidos.

- Então, ninguém me dá um conselho? - disse ela. - Pois aconselhar-me-ei comigo mesma.

Todos se acercaram de Maria Antonieta.

- O povo - disse ela - não é perverso; está desvairado. Odeia-nos porque não nos conhece; portanto aproximemo-nos dele.

- Para o castigar - disse uma voz - porque ousou duvidar dos seus senhores, o que é um crime.

A rainha olhou para o lado donde

partira a voz, e viu o barão de Bezenval.

-Oh! É o senhor - disse ela; - vem dar-nos algum bom parecer?

- O parecer está dado, minha senhora - disse Bezenval, inclinando-se.

- Pois seja - disse a rainha; - el-rei castigará, mas como bom pai.

- Quem bem ama bem castiga - continuou o barão.

Depois, voltando-se para o lado do Sr. de Lambescq, disse:

- Não é do meu parecer, príncipe? O povo cometeu assassínios...

- Do que ele se lembra, meu Deus de represálias - disse de mansinho uma voz doce e cheia de frescura, ao som da qual a rainha se voltou.

- Tem razão, princesa; é justamente nisso que consiste o erro, minha cara Lamballe; portanto, seremos indulgentes.

- Mas - replicou a princesa com a sua voz tímida - antes de saber se se deve castigar, importa saber, segundo creio, se é

possível vencer.

Um brado geral rebentou, brado de veemente protesto contra a verdade que acabava de sair daquela nobre boca.

- Vencer! E os Suíços? - disse um.

- E os Alemães? - disse outro.

- E as guardas reais? - disse um terceiro.

- Há quem suspeite do exército e da nobreza? - exclamou um mancebo, que trazia o uniforme de tenente dos hussardos de Bercheny. - Merecemos porventura semelhante opróbrio? Pense, minha senhora, que de amanhã em diante, se quiser, el-rei pode pôr em marcha quarenta mil homens, fazê-los acometer Paris, e destruir a capital. Veja bem que quarenta mil homens de tropa fiel valem por meio milhão de Parisienses revoltados!

O mancebo que acabava de falar assim tinha por certo um sem-número de boas razões que dar ainda, mas deteve-se logo ao ver os olhos da rainha fitarem-se nele; conversava no centro de um grupo de

oficiais, e o seu zelo levaria-o mais longe do que o seu posto e as conveniências lho permitiam.

Conteve-se, portanto, como já dissemos, todo enleado do efeito que produzira.

Todavia, era já tarde, porque a rainha reparara nas palavras que soltara.

- Conhece a situação, senhor? - perguntou ela com bondade.

- Conheço, sim, minha senhora - disse o mancebo corando; - estava nos Campos-Elíseos.

- Então não receie falar; aproxime-se, senhor.

O mancebo atravessou muito corado as alas que se abriam diante dele e adiantou-se para a rainha.

A este movimento o príncipe de Lambescq e o Sr. de Bezenval recuaram, como se lhes parecesse abaixo da sua dignidade assistir àquela espécie de conselho.

Mas a rainha não pareceu dar por tal coisa.

- Dizia então o senhor que el-rei tem quarenta mil homens? - perguntou ela.

- Disse, sim, minha senhora.

- Em roda de Paris?

- Em Saint-Denis, em Saint-Mandé, em Montmartre e em Grenelle.

- Especialize, senhor, especialize - exclamou a rainha.

- Minha senhora, os srs. de Lambescq e de Bezenval podem dizê-lo muito melhor do que eu.

- Continue, senhor; apraz-me ouvir esses pormenores da sua boca. Esses quarenta mil homens às ordens de quem estão?

- Em primeiro lugar, debaixo das ordens dos srs. de Bezenval e de Lambescq, depois, debaixo das do Sr. príncipe de Condé, do Sr. de Narbonne-Fritzlar e do Sr. Salkenaym.

- Isto é verdade, príncipe? - perguntou a rainha voltando-se para o Sr. de Lambescq.

- É, sim, minha senhora - respondeu o príncipe inclinando-se.

- Em Montmartre - disse o mancebo -

está um parque de artilharia; dentro de seis horas todos os bairros dominados por Montmartre podem ser reduzidos a cinzas. Dê Montmartre o sinal de fogo, responda-lhe Vincennes, apresentem-se dez mil homens pelos Campos-Elíseos, outros dez mil pela barreira de Enfer, outros dez mil pela Rua de Saint-Martin, outros dez mil pela Bastilha, e ouvindo-se em Paris o fogo de fuzilaria pelos quatro pontos cardeais, assevero a Vossa Majestade que se não sustentará talvez vinte e quatro horas.

- Ora aqui está um que fala com franqueza: eis um plano breve. Que diz a isto, Sr. de Lambescq?

- Digo - respondeu desdenhosamente o príncipe - que o Sr. tenente de hussardos é um general perfeito.

- Ao menos - atalhou a rainha que via o jovem oficial empalidecer de cólera - ao menos é um soldado que não desespera.

- Obrigado, minha senhora - respondeu o mancebo inclinando-se. - Não sei o que

decidirá Sua Majestade, mas o que lhe suplico, é que me considere como um dos que estão prontos a morrer por Vossa Majestade; e que nisso não faço, peço-lhe que assim o acredite, senão o que quarenta mil soldados estão prestes a fazer, sem contar com os nossos chefes.

A estas últimas palavras o jovem oficial saudou cortésmente o príncipe, que o tinha quase insultado.

Esta cortesia abalou ainda mais a rainha do que o protesto de dedicação que a precedera.

- Como se chama? - perguntou ela ao oficial.

- Barão de Charny, minha senhora - respondeu ele inclinando-se.

- Charny! - exclamou Maria Antonieta corando a seu pesar; - é parente do conde de Charny?

- Sou irmão dele minha senhora.

E o mancebo inclinou-se graciosamente, ainda mais do que o havia feito já.

- Devia - disse a rainha erguendo a voz acima do borborinho e lançando um olhar seguro em volta de si - devia ter conhecido, logo às primeiras palavras que proferiu, um dos meus mais fiéis servidores. Obrigado, barão. Mas, por que razão é agora a primeira vez que o vejo na corte?

- Minha senhora, meu irmão mais velho ordenou-me que permanecesse no regimento, e durante os sete anos em que tenho tido a honra de servir nos exércitos de el-rei, não vim a Versalhes senão duas vezes.

Maria Antonieta fixou por algum tempo as vistas no mancebo:

- Parece-se com seu irmão - disse ela. - Hei-de ralar com ele por ter esperado que se apresentasse de moto-próprio na corte.

E a rainha voltou-se para a condessa sua amiga, que enquanto durara esta cena não saíra da sua imobilidade.

Mas às demais pessoas que ali se achavam não acontecia o mesmo. Os oficiais, electrizados pelo acolhimento que a rainha

acabava de fazer àquele mancebo, exageravam à porfia o entusiasmo pela causa real, e em cada grupo se ouviam expressões de um tal heroísmo, que seria sem dúvida bastante para domar toda a França.

Maria Antonieta tratou de se aproveitar daquelas disposições, que afagavam, evidentemente o seu secreto pensamento.

Preferira lutar a sofrer, queria antes morrer do que ceder. Portanto, logo às primeiras notícias que tinham chegado de Paris, opinara por uma resistência pertinaz contra o espírito de rebelião, que ameaçava engolir todas as prerrogativas da sociedade francesa.

Se há força cega, se há força insensata, é seguramente a dos algarismos e a da esperança.

Um algarismo, à direita do qual se aglomeram cifras, depressa ultrapassa todos os recursos do universo.

Da mesma forma acontece com os desejos de um conspirador ou de um

déspota; sobre os entusiasmos erguidos por eles mesmos sobre imperceptíveis esperanças, acendem-se pensamentos gigantescos, que a um fraco sopro se evaporam em menos tempo do que fora necessário para se conglobarem e condensarem em espessa névoa.

Pelas poucas palavras proferidas pelo barão de Charny, no excesso de entusiasmo soltado pelos assistentes, Maria Antonieta viu-se em perspectiva à testa de um poderoso exército. Ouvia já rodar a sua artilharia inofensiva, via marcharem sobre a revolucionada capital as suas hostes aguerridas, e regozijava-se do terror que deveria inspirar aos Parisienses, como de uma vitória decisiva.

Em volta dela, homens e mulheres, ébrios de beleza, de confiança e de amor, contavam os brilhantes hussardos, e os esforçados dragões, os Suíços terríveis, os artilheiros ardentes, e riam dos grosseiros chuços feitos de madeira tosca, sem

pensarem de que no topo dessas armas vis deviam erguer-se algumas das mais nobres cabeças de França.

- Eu - murmurou a princesa de Lamballe - tenho mais medo de um chuço que de uma espingarda.

- É por ser mais feio, minha cara Teresa - replicou a rainha sorrindo. - Mas, em todo o caso, tranquiliza-te. Os nossos alabardeiros parisienses não são comparáveis com os famosos alabardeiros suíços de Morat, e os Suíços hoje têm mais armas do que alabardas; têm também arcabuzes com que atiram muito bem, graças a Deus!

- Oh! Lá por isso respondo eu - apressou-se a dizer o Sr. de Bezenval.

A rainha voltou-se outra vez para a Sr^a. de Polignac, para ver se todas aquelas seguranças a teriam tranqüilizado; mas a condessa parecia cada vez mais pálida e mais trémula.

A rainha, aquela cuja ternura extrema fazia que sacrificasse muitas vezes à amiga a

sua dignidade real, solicitou debalde um semblante mais risonho a condessa.

Mas aquella desanimação não operava outra influência senão contristar a rainha. O entusiasmo conservava-se na mesma força entre os moços officiaes, e todos reunidos, fora os chefes principais, que estavam juntos com o seu camarada, o barão de Charny, discutiam os seus planos de batalha.

No meio daquela animação febril, entrou el-rei sorrindo, só e sem se ter feito preceder de aviso algum.

A rainha, assaz radiante pelas comoções que acabara de mover em volta de si, adiantou-se para el-rei.

Ao aspecto do rei cessara toda a conversação e estabelecera-se o mais profundo silêncio; esperavam todos ouvir as palavras do seu amo, palavras que electrizam e subjugam.

Quando os vapores estão suficientemente carregados de electricidade, ao menor choque sai determinada chama.

Aos olhos dos cortesãos, o rei e a rainha, caminhando um para o outro, eram as duas potências eléctricas donde devia despedir-se o raio.

Nesta suposição, todos escutavam, todos tremiam, ou aspiravam as palavras que deviam sair da boca real.

- Senhora - disse Luís XVI - no meio de todos estes acontecimentos esqueceram-se de me servir a ceia no meu quarto; faça pois Vossa Majestade o obséquio de mandar que me dêem de cear aqui.

- Aqui? - exclamou a rainha estupefacta.

- Se a isso se não opõe?

- Mas... Senhor...

- Quer conversar, não é verdade? Pois bem, irei ceando e conversando.

A simples palavra cear gelara todo o entusiasmo. Mas às palavras: irei ceando e conversando, a própria Maria Antonieta não pôde acreditar que tanto sossego não disfarçasse algum heroísmo.

O rei queria sem dúvida, pela sua

tranqüillidade, impor a todos o terror da situação.

Oh! Não padece dúvida: Maria Antonieta, a filha de Maria Teresa, não podia acreditar em tal momento que o neto de S. Luís persistisse submetido às necessidades materiais da vida ordinária.

Mas a rainha enganava-se. O rei tinha vontade de cear, e nada mais.

XXVI

Como el-rei ceou na noite de 14 de Julho de 1789

A uma palavra de Maria Antonieta, o rei foi servido numa pequena mesa, no mesmo gabinete da rainha.

Aconteceu, porém, inteiramente, o contrário do que esperava a princesa. Luís XVI fez calar todos, mas foi só para não poder ser distraído na sua ceia.

Enquanto Maria Antonieta se esforçava por atear o entusiasmo, o rei devorava.

Os oficiais não acharam a cena gastronómica digna de um descendente de S. Luís, e formaram grupos, cujas intenções não eram porventura tão respeitosas como as circunstâncias o exigiam.

A rainha corou; a impaciência manifestava-se-lhe em todos os movimentos. Aquela natureza fina, aristocrática e nervosa

não podia compreender uma tal dominação da matéria sobre o espírito. Aproximou-se do rei, a fim de atrair junto dele todas as pessoas que se tinham afastado.

- Senhor - disse ela - tem algumas ordens que dar?

- Ah! Ah! - respondeu o rei com a boca cheia que ordens, minha senhora? Vamos a ver, será Vossa Majestade a nossa Egéria nesta ocasião crítica?

E dizendo estas palavras, atacava com denodo uma perdiz recheada.

- Senhor - replicou a rainha. - Numa era um rei pacífico. Mas presentemente todos crêem que é um rei belicoso que se precisa, e se Vossa Majestade quer moldar-se pela antiguidade, e não pode ser Tarquínio, seja segundo Rómulo.

O rei sorriu com uma tranqüilidade que participava o seu tanto de bem-aventurança.

- E estes senhores também são belicosos? - perguntou ele.

E nisto voltou-se para o grupo dos

oficiais, e os seus olhos, animados pelo calor da ceia, pareceram aos circunstantes resplandecentes de coragem.

- Sim, senhor! - clamaram todos a um tempo; - a guerra! Só pedimos a guerra!

- Senhores, senhores - disse el-rei - dão-me em verdade o maior prazer provando-me que na ocasião oportuna poderei contar com todos. Mas presentemente tenho um conselho e um estômago: o primeiro diz-me o que devo fazer, e o segundo ensina-me o que estou fazendo.

E nisto pôs-se a rir, dando ao oficial do paço que o servia o prato com os restos da ceia para que lhe trouxessem outro limpo.

Um murmúrio de estupor e de cólera passou como um arrepio por aquela chusma de fidalgos, que a um sinal do rei decerto derramariam todo o seu sangue.

A rainha voltou a cara e bateu o pé.

O príncipe de Lambescq foi-lhe ao encontro.

- Veja, minha senhora - disse ele - Sua

Majestade pensa decerto como eu, que é melhor esperar. Convém que haja prudência, e conquanto este não seja o meu natural, desgraçadamente a prudência é uma virtude necessária no tempo em que vivemos.

- Sim, senhor, sim; é uma virtude muito necessária - respondeu a rainha mordendo os beiços até fazer sangue.

E, mais triste que a morte, foi-se encostar ao fogão, com os olhos fitos na escuridão, e a alma mergulhada no desespero.

Aquela disposição diferente do rei e da rainha foi notada por todos. A rainha retinha as lágrimas a custo, e o rei continuava a cear com o apetite proverbial dos Bourbons.

Em vista disto, a sala foi-se gradualmente despejando. Os grupos desfizeram-se, como aos raios do sol se derrete nos jardins a neve, debaixo da qual vai aparecendo num e noutro ponto a terra negra e árida.

A rainha, ao ver dispersarem-se aqueles

grupos belicosos, em que fundava as suas esperanças, julgou ver dissipar-se todo o seu poder, como noutro tempo se haviam desfeito a um sopro do Senhor os grandes exércitos dos Suíços e Amalecitas, que uma noite ou um mar engolira para todo sempre em seus abismos.

Saiu daquela espécie de torpor ao sentir a doce voz da condessa Júlia, que se aproximara dela com Diana de Polignac, sua cunhada.

Ao som daquela voz, o futuro, já proscrito, apareceu de novo, com as suas flores e palmas, no coração daquela mulher orgulhosa: uma amiga sincera e verdadeiramente solícita valia mais do que dez reinos.

- Ó minha amiga, minha cara amiga! – murmurou ela apertando a condessa Júlia nos seus braços – ainda me resta uma amiga!...

E as lágrimas, longo tempo contidas, brotaram-lhe das pálpebras deslizando pelas faces e inundando-lhe o colo. Mas em vez de

serem amargas, aquelas lágrimas eram doces, e em vez de a constrangerem, desafojavam-lhe o peito.

Reinou um momento de silêncio, durante o qual a rainha continuou a apertar a condessa nos braços.

Foi a condessa que, pegando na mão da cunhada, rompeu o silêncio.

- Senhora - disse ela com voz tão sumida, que quase parecia envergonhada - não creio que Vossa Majestade reprove o projecto que tenho de submeter à sua real aprovação.

- Que projecto? -perguntou a rainha atenta; - fale, duquesa, fale.

E para ouvir a duquesa Diana, a rainha apoiou-se no ombro da condessa, sua valida.

- Minha senhora - prosseguiu a duquesa - a opinião, que tinha a expender, vem de uma pessoa cuja autoridade não deve ser suspeita a Vossa Majestade; vem de Sua Alteza Real a Sr^a. infanta Adelaide, tia de el-rei.

- Que de preâmbulos, cara duquesa - disse alegremente a rainha; - diga, diga o que é.

- Minha senhora, as circunstâncias são tristes. Muito se tem exagerado o favor de que goza a nossa família junto de Vossa Majestade; a calúnia macula a augusta amizade que Vossa Majestade se digna conceder-nos em paga da nossa respeitosa dedicação.

- Muito bem, duquesa - disse a rainha um pouco admirada - julga porventura que não tenho sido bastante corajosa? Não tenho mantido energicamente as minhas amizades a despeito da corte, do povo e até do próprio rei?

- Oh! Minha senhora! Certamente, e até Vossa Majestade tem defendido os seus afeiçoados, a ponto de se expor por eles a muitos desgostos, de modo que hoje, que o perigo é grande, terrível até, os seus afeiçoados, tão nobremente defendidos por Vossa Majestade, seriam uns ingratos e

desleais servidores se negassem todo o auxílio que devem à sua rainha.

- Ah! Muito bem, muito bem! - disse Maria Antonieta com grande entusiasmo, abraçando a condessa e apertando a mão à Sr^a. de Polignac.

Estas, porém, empalideceram, em vez de erguerem altivas a cabeça ao receberem aquelas significativas carícias da sua soberana.

Júlia de Polignac fez um movimento para se desprender dos braços da rainha.

- Mas - balbuciou Diana de Polignac - Vossa Majestade talvez não compreenda bem o que temos a honra de lhe dizer, e que tende unicamente a desviar os golpes que ameaçam o seu trono, a sua real pessoa, e quem sabe se a causa é a amizade com que nos honra? É um meio doloroso, um sacrifício amargo para nossos corações, mas devemo-lo sofrer, porque nos é imposto pela necessidade.

A estas palavras, que fizeram descorar todos em volta da rainha, percebeu esta que

naquele exórdio, e sob o véu daquela reserva tímida, transparecia, não já uma amizade forte e fiel, mas o medo.

- Vejamos - disse ela; - fale duquesa, qual é esse sacrifício?

- Oh! O sacrifício diz-nos em tudo respeito, minha senhora - respondeu aquela. - Somos, e só Deus sabe porque, execradas em França; afastando-nos do trono, restituir-lhe-emos todo o esplendor, todo o calor do amor do povo, amor extinto ou interceptado pela nossa presença.

- Afastarem-se de mim! - exclamou a rainha com explosão. - Quem foi que disse isso? Quem pediu semelhante coisa?

E proferindo estas palavras, olhou desvairada para a condessa Júlia, repeliu-a brandamente com a mão e abaixou a cabeça.

- Pela minha parte - disse a condessa - desejo, pelo contrário, ficar.

Mas estas palavras eram proferidas num tom, que queria, manifestamente, dizer que, se a condenasse a partir, partiria.

Ó santa amizade, santa cadeia, que pode fazer de uma rainha e de uma serva dois corações indissoluvelmente unidos. Ó santa amizade, que pode originar mais heroísmo do que o amor e a ambição, nobres enfermidades do coração humano! Aquela rainha quebrou contudo o altar adorado que te havia erguido em seu coração; bastou-lhe um olhar, um único, para ver o que em dez anos não pudera ver: frieza e cálculo, desculpáveis, justificáveis e legítimos, talvez; mas que desculpa, justifica, ou legitima o abandono aos olhos de um quando o outro cessa de amar?

Maria Antonieta só se vingava da dor que experimentava por um olhar frio que fitava na sua amiga.

- Ah! Duquesa Diana, é esse o seu parecer? - disse ela apertando o peito com a mão febril.

- Ai de mim! Senhora - respondeu esta - não é por minha vontade, não, não é a minha vontade que dita o que devo fazer, é a ordem

do destino.

- Sim, duquesa - disse Maria Antonieta. E voltando-se para a condessa Júlia, continuou: - E a senhora o que diz?

A condessa respondeu com uma lágrima ardente como um remorso; mas toda a força exaurira-se-lhe no esforço que acabava de fazer.

- Bem - respondeu a rainha - bem; é grato ao meu coração ver quanto sou amada. Obrigada, minha cara condessa; sim, a condessa corre aqui perigos, não há dúvida; a raiva do povo não conhece freio; sim, tem razão, só eu sou a louca. Pede para ficar, mas isso é excesso de amizade; não aceito esse excesso.

A condessa Júlia ergueu os belos olhos para a rainha; mas desta vez, longe de ler neles a consagração da amiga, só viu a fraqueza da mulher.

- Visto isso, duquesa, está decidida a retirar-se?

E acentuou estas palavras.

- Estou, sim, minha senhora.

- Naturalmente para alguma das suas terras... Afastada... Bem longe...

- Minha senhora, para partir, para deixar a Vossa Majestade, cinqüenta léguas são tão dolorosas de fazer como duzentas.

- Vai talvez para país estrangeiro?

- Ai de mim! Sim, minha senhora!

Um suspiro despedaçou o coração da rainha, mas não lhe saiu dos lábios.

- Para onde vai?

- Para as margens do Reno, minha senhora.

- Muito bem; a senhora fala alemão, condessa - disse a rainha com o sorriso de uma indefinível tristeza - e fui eu que lho ensinei. A amizade da sua rainha serviu-lhe ao menos para isso, e muito me apraz.

E nisto voltando-se para a condessa Júlia, continuou:

- Não quero separá-las, minha cara condessa. Deseja ficar, e eu aprecio muito esse desejo; mas temendo que lhe sobrevenha

algun mal, quero que parta, ordeno-lhe que parta.

E deteve-se, sufocada pelas sensações que, apesar do seu heroísmo, não teria força para reprimir, se de repente a voz de el-rei, que nenhuma parte tomara no sucesso, não lhe soasse aos ouvidos.

Sua Majestade estava à sobremesa.

- Senhora - dizia ele - não está aqui ninguém?

- Mas - acudiu a rainha, abjurando todo o sentimento que não fosse o da sua dignidade real - tem algumas ordens que dar? Aqui não estão senão três pessoas, mas são justamente aquelas a quem compete recebê-las: são os srs. de Lambescq, de Bezenval e de Broglie. As suas ordens, senhor, as suas ordens!

O rei ergueu os olhos pesados e hesitantes, e perguntou:

- O que pensa de tudo isto, Sr. de Broglie?

- Senhor - respondeu o velho marechal -

se Vossa Majestade afasta o seu exército da presença dos Parisienses, dirão que os Parisienses o bateram. Se o conserva na presença deles, então cumpre que o seu exército os bata.

- Muito bem dito! - atalhou a rainha apertando a mão ao marechal.

- Muito bem! - disse o Sr. de Bezenval.

O príncipe de Lambescq contentou-se com abanar a cabeça.

- Muito bem; e depois? - disse o rei.

- Ordene Vossa Majestade que marchemos - continuou o velho marechal.

- Sim, que marchem - acudiu a rainha.

- Então, visto que assim o querem todos, marchem! - exclamou o rei.

Nesta ocasião vieram trazer à rainha um bilhete concebido nestes termos:

“Em nome do céu, senhora, nada de precipitação; espero uma audiência de Vossa Majestade.”

- É letra dele! - murmurou a rainha.

Depois, voltando-se, acrescentou:

- Pois o Sr. de Charny está aqui? -
perguntou ela.

- Chegou neste momento todo
enlameado, e parece-me que salpicado de
sangue - respondeu a confidente.

- Esperem um instante, meus senhores -
disse a rainha aos srs. de Bezenval e de
Broglie; - esperem-me aqui, que volto já.

E dirigiu-se ao seu aposento.

Esta cena nem sequer tinha feito voltar a
cabeça ao rei.

XXVII

Olivier de Charny

Ao entrar no seu camarim, a rainha encontrou a pessoa que escrevera o bilhete, que lhe fora entregue pela criada grave.

Era um homem de trinta e cinco anos, de estatura elevada, manifestando no rosto força e resolução; os olhos, entre pardos e azuis, vivos e penetrantes como os da águia, o nariz recto, a barba bem delineada, davam-lhe à fisionomia um carácter marcial, que fazia realçar ainda a elegância com que trajava o uniforme de tenente da guarda real.

As mãos, ainda trémulas, estavam encobertas pelos punhos de cambraia rasgados e amarrotados.

A espada fora torcida e não entrava toda na bainha.

Quando chegou a rainha, o personagem que acabamos de descrever passeava

apressadamente pelo camarim, entregue a mil pensamentos de febril agitação.

Maria Antonieta foi direita a ele.

- O Sr. de Charny! - exclamou ela; - o Sr. de Charny! O senhor aqui!

E vendo que a pessoa que assim era interpelada se inclinava respeitosamente, segundo a etiqueta, fez um aceno à criada, que se retirou imediatamente fechando a porta.

Ainda a porta não se tinha fechado de todo, a rainha, agarrando com força na mão do Sr. de Charny, exclamou:

- Conde, por que motivo está aqui?

- Porque me pareceu que era este o meu dever, minha senhora.

- Não; o seu dever era fugir de Versalhes, era imitar o exemplo de todos os meus amigos, que têm seguido a minha fortuna. O seu dever era não sacrificar coisa alguma ao meu destino, o seu dever era afastar-se de mim.

- Afastar-me de Vossa Majestade! - disse

ele.

- Sim, fugir de mim.

- Fugir de Vossa Majestade! E quem é que foge de Vossa Majestade, minha senhora?

- As pessoas de juízo.

- Estou convencido que ainda me conservo em meu juízo, minha senhora, e foi essa a razão porque vim para Versalhes.

- E donde vem?

- De Paris.

- De Paris sublevado?

- De Paris, que está a arder, ébrio e ensangüentado.

A rainha cobriu o rosto com as mãos.

- Oh! - disse ela - não há um sequer, que venha trazer-me uma boa notícia!

- Minha senhora, nas circunstâncias em que nos achamos, não exija dos seus mensageiros senão uma única coisa, que lhe digam a verdade.

- E a verdade é o que acaba de dizer-me!

- Como sempre, minha senhora.

- Tem uma alma honrada, senhor, e um

valente coração.

- Sou um súbdito fiel, minha senhora, nada mais.

- Pois bem! Tenha dó de mim, neste momento, Sr. de Charny, não me diga mais nada. Chegou agora a ocasião em que sinto despedaçar-se-me o coração; os meus afeiçoados, hoje pela primeira vez, oprimem-me com o peso dessa verdade, que o senhor sempre me disse. Oh! E essa cruel verdade, conde, que já não podem ocultar-me, aparece em tudo: no céu que está vermelho, no ar que está cheio de rumores sinistros, na fisionomia dos palacianos que andam pálidos e sérios. Não! Não! Conde, pela primeira vez na sua vida não me diga a verdade.

O conde olhou com espanto para a rainha.

- Sim, sim - disse ela - sabe quanto sou animosa e por isso se admira, não é assim? Oh! Ainda não há-de parar aqui o seu espanto.

O Sr. de Charny fez um gesto de

interrogação.

- Verá dentro em pouco - disse a rainha com uma risada nervosa.

- Vossa Majestade está incomodada? - perguntou o conde.

- Não! Não, senhor! Venha assentar-se junto de mim, e nem mais uma palavra acerca dessa detestável política... Faça com que me esqueça.

O conde obedeceu com um triste sorriso.

Maria Antonieta pôs-lhe a mão na testa.

- A sua fronte está abrasada - disse ela.

- É verdade, tenho um vulcão na cabeça.

- A sua mão está gelada.

E apertou a mão do conde entre as suas.

- Sinto um frio de morte no coração - disse.

- Pobre Olivier! Bem lhe dizia eu; esqueçamos. Já não sou rainha, já não sou ameaçada, já não sou odiada. Não, já não sou rainha. Sou mulher, e nada mais. Que me importa a mim o universo? Basta-me um coração que me tenha amor.

O conde ajoelhou diante da rainha e beijou-lhe os pés com o respeito que os Egípcios tinham pela deusa Isis.

- Oh! Conde, meu único amigo - disse a rainha forcejando por fazê-lo erguer - quer saber o que fez a duquesa Diana?

- Vai emigrar - respondeu Charny sem hesitar.

- Adivinhou - exclamou Maria Antonieta; - adivinhou! Ai de mim! Pois podia-se adivinhar semelhante procedimento?

- Oh! Por certo, minha senhora - respondeu o conde; - neste momento tudo se pode imaginar.

- Porém o senhor e os seus - exclamou a rainha por que motivo não emigram, se é coisa tão natural?

- Pela parte que me toca, minha senhora, não emigro, porque sou demasiadamente afeiçoado a Vossa Majestade, e prometi a mim mesmo que não a abandonaria um único instante durante a tempestade que está para

desabar. Meus irmãos também não emigrarão, porque a minha conduta lhes servirá de exemplo para regularem a sua; finalmente, a Sr^a. de Charny não emigrará tão-pouco, porque, segundo me persuado, é sinceramente amiga de Vossa Majestade.

- Sim, Andréa tem um coração nobilíssimo - disse a rainha com visível frieza.

- Eis o motivo por que não abandonará Versalhes - respondeu o Sr. de Charny.

- Visto isso, tê-lo-ei sempre a meu lado - disse a rainha no mesmo tom glacial com que procurava encobrir o ciúme ou o desdém.

- Vossa Majestade fez-me a honra de me nomear tenente da guarda real - disse o conde de Charny; - nesta qualidade o meu lugar é em Versalhes; e decerto não teria abandonado o meu posto, se Vossa Majestade me não houvesse incumbido da guarda das Tulherias. “É um degredo necessário”, disse-me Vossa Majestade e parti imediatamente para esse degredo. Ora, em tudo isto, sabe

Vossa Majestade que a condessa de Charny não só não emitiu opinião, mas nem sequer foi consultada.

- É verdade - respondeu a rainha, sempre com a mesma frieza.

- Porém hoje - prosseguiu o conde com intrepidez - estou persuadido que o meu posto já não deve ser nas Tulherias, mas sim em Versalhes; e por isso arrisquei-me a desagradar à rainha, escolhendo o serviço, faltando às minhas instruções, e eis-me aqui. Quer a Sr^a. de Charny tenha, quer não tenha medo dos acontecimentos, quer queira, quer não queira emigrar, fico junto da rainha... Se a rainha não rejeitar a minha espada, porque nesse caso, se bem que ficarei privado do direito de combater e de morrer por ela nas salas de Versalhes, sempre me restará a faculdade de ser morto à porta ou na estrada.

O mancebo proferiu com tal expressão de valor e lealdade estas palavras singelas, ditadas pelo coração, que a rainha pôs de parte todo o orgulho com que quisera ocultar

um sentimento mais próprio da humanidade do que da realeza.

- Conde - exclamou ela - não torne a proferir essas palavras, não quero ouvir-lhe dizer que há-de morrer por mim, porque estou bem convencida de que é capaz de fazer o que diz.

- Oh! Bem pelo contrário, hei-de dizê-lo sempre - exclamou o Sr. de Charny. - Hei-de dizê-lo a todos, e em toda a parte; hei-de dizê-lo e tornar a dizê-lo, porque me parece que está chegado o tempo em que têm de morrer quantos têm sido affectos aos reis da terra.

- Conde! Conde! Donde lhe vem esse tão fatal pressentimento?

- Ai, minha senhora! - respondeu Charny abanando a cabeça - na época da malfadada guerra da América, também eu fui acometido da febre de independência que atacou toda a sociedade; também eu quis tomar uma parte activa na emancipação dos escravos, como se dizia naquele tempo, e fiz-

me pedreiro-livre; filiei-me numa sociedade secreta, com os Lafayette, os Lameth e outros. Quer Vossa Majestade saber qual era o fim da tal sociedade, minha senhora? A destruição dos tronos. Quer saber qual era a divisa? Três letras: L. P. D.

- E que significavam essas três letras?

Lilia pedibus destrue: Calca aos pés as flores-de-lis.

- E o senhor que fez?

- Retirei-me airoosamente; mas, por cada um que se retirava, entravam vinte. Minha senhora, o que hoje está acontecendo é prólogo do grande drama que há vinte anos se está preparando em silêncio e nas trevas. À frente dos homens que fizeram revoltar a cidade de Paris, que governam nos paços da municipalidade, que ocupam o Palais-Royal e tomaram a Bastilha, reconheci as caras dos meus antigos irmãos e filiados. Não se iluda, minha senhora, os sucessos que acabam de passar-se não são simples obra do acaso, são levantamentos preparados com muita

antecedência.

- Oh! Julga isso! Julga isso, meu amigo! - exclamou a rainha desatando a chorar.

- Não chore, minha senhora, e compreenda as coisas como são - disse o conde.

- Pois quer que eu compreenda! - prosseguiu Maria Antonieta; - que eu, a rainha, senhora de vinte e cinco milhões de homens, possa compreender que haja um motivo que autorize esses vinte e cinco milhões de súbditos, que são feitos para me obedecer, a rebelarem-se e a matarem os meus amigos! Não, nunca tal poderei compreender.

- E, todavia, minha senhora, é necessário que o compreenda, porque esses súbditos, esses homens, que nasceram para lhe obedecer, ficaram-na considerando como sua inimiga desde o instante em que a obediência se lhes tornou pesada, e enquanto não têm força para a devorar, para o que já estão aguçando os dentes famintos, hão-de devorar

os seus amigos, que detestam ainda mais do que a Vossa Majestade.

- Aposto que é de parecer que eles têm razão, Sr. filósofo? - exclamou imperiosamente a rainha, com os olhos dilatados e as ventas trémulas.

- Infelizmente, sou, sim, minha senhora; têm razão - disse o conde com voz suave e afectuosa - porque quando eu passeio pelas ruas da capital nos meus magníficos cavalos ingleses, com a minha farda coberta de ouro e os meus lacaios com librés agaloadas de prata, que importam em mais dinheiro do que seria preciso para sustentar três famílias, o povo, isto é, esses vinte e cinco milhões de homens esfaimados, perguntam uns aos outros para que lhe sirvo eu, sendo, como sou, um homem igual a eles.

- Serve-lhes com isto - exclamou a rainha agarrando no punho da espada do conde; - serve-lhes com esta espada, que seu pai empunhou como um herói em Fontenoy, o seu avô em Steinkerque, o seu bisavô em

Lens e Rocroy, e seus antepassados em Ivry, em Marignan, em Azincourt. A nobreza serve o povo francês na guerra; foi na guerra que a nobreza ganhou, em troca do seu sangue derramado, o ouro com que, são bordadas as suas fardas, e a prata com que são agaloadas as librés dos seus criados. Não torne, portanto, a perguntar, Olivier, para que serve ao povo o senhor, que maneja com tanto valor essa espada, herdada dos seus avós!

- Minha senhora! Minha senhora! - disse o conde abanando a cabeça - não fale tanto no sangue da nobreza; o povo também tem sangue nas veias; e veja-o correndo em massa no largo da Bastilha; e conte os mortos estendidos na calçada ensangüentada, e saiba que os seus corações, que já não batem, palpitarão com tanto denodo como o de qualquer fidalgo, no dia em que a sua artilharia trovejara contra eles; no dia em que, brandindo uma arma nova para as suas mãos inexperientes, cantavam debaixo da metralha, façanha de que nem sempre se

puderam gabar os nossos melhores granadeiros. Oh! Minha senhora! Oh! Minha rainha! Suplico-lhe que não olhe para mim com esse gesto de cólera. Que é um granadeiro? É uma farda azul posta sobre um daqueles corações em que falei. Que importa à bala, que fura e mata, que o coração esteja coberto de pano azul ou de uns farrapos de algodão? Que importa ao coração que se despedaça, que a couraça que o protegia seja de algodão ou de pano? Está chegado o tempo de pensar em tudo isto, minha senhora, já não tem vinte e cinco milhões de escravos em França, já não tem vinte e cinco milhões de súbditos, nem, sequer tem já vinte e cinco milhões de homens, tem vinte e cinco milhões de soldados.

- Prontos a combaterem contra mim, conde?

- Sim, minha senhora, porque eles combatem pela liberdade, e Vossa Majestade está entre eles e a liberdade.

Seguiu-se um longo silêncio às palavras

do conde.

A rainha foi a primeira a interrompê-lo, dizendo:

- Afinal, sempre acabou por me dizer essa verdade, que lhe suplicava me não dissesse.

- Infelizmente, minha senhora - replicou Charny - sempre havia de aparecer, ainda que a minha afeição procurasse encobri-la, ou o meu respeito abafá-la: a meu pesar, e a pesar de Vossa Majestade, terá de a ver, de a ouvir, de a sentir, de a tocar, de pensar nela e de sonhar com ela! A verdade está aí, minha senhora, eternamente aí, e já não a poderá apartar de si, por muito grandes que sejam os esforços que para isso faça. Durma, durma para se esquecer dela, e ainda assim ela irá assentar-se-lhe à cabeceira da cama, para ser o fantasma dos seus sonhos, a realidade do seu acordar.

- Oh! Conde - disse a rainha com altivez - sei de um sono que ela não interromperá.

- Esse sono, minha senhora - disse

Olivier - não o temo mais do que Vossa Majestade, e pode ser que tenha iguais desejos de o ver chegar.

- Oh! - exclamou a rainha com desesperação - na sua opinião é esse o nosso único refúgio?

- É, sim; mas nada de precipitação, minha senhora, não caminemos mais apressadamente do que os nossos inimigos, e lá iremos encontrar o sono que ambicionamos ao cabo das fadigas resultantes de tantos dias tempestuosos.

E os dois interlocutores entregaram-se a um silêncio ainda mais triste do que o primeiro.

Estavam assentados um ao lado do outro. Tocavam-se, e contudo havia entre eles um abismo; era que os seus pensamentos corriam divididos por sobre as ondas do futuro.

A rainha foi a primeira que tornou ao assunto, mas buscou um rodeio. Olhou atentamente para o conde, e disse:

- Ora vamos, senhor, uma última palavra a nosso respeito; e... E há-de dizer-me tudo, tudo, tudo, tudo, percebe-me bem?

- Estou ouvindo, minha senhora.

- Jura-me que foi unicamente por minha causa que voltou aqui?

- Oh! Pois duvida que assim fosse!

- Jura-me que a Sr^a. de Charny não lhe escreveu?

- Ela?

- Atenda-me: Sei que ela estava para sair, sei que tinha formado um projecto qualquer... Jura-me, conde, que não foi por causa dela que voltou?

Naquele instante bateram, ou por melhor dizer, arranharam à porta.

- Entre - disse a rainha.

Tornou a aparecer a criada do quarto.

- Minha senhora - disse ela - el-rei já ceou.

O conde olhou muito admirado para Maria Antonieta.

- Então - disse ela encolhendo os ombros

- que admiração é essa? Por que não havia de el-rei cear?

Olivier franziu o sobrolho.

- Diga a el-rei - prosseguiu a rainha sem se mexer donde estava - que estou recebendo notícias de Paris, e, que logo que as tiver ouvido, irei comunicar-lhas.

E depois, voltando-se para Charny, disse:

- Continuemos: agora que el-rei ceou, é justo que também digira.

XXVIII

Olivier de Charny (Continuação)

A interrupção apenas suspendera momentaneamente a conversação, mas em nada alterara o duplo sentimento do ciúme que naquele momento animava a rainha; ciúme de amor como mulher, e ciúme de poder como rainha.

Portanto, a conversação, que parecia ter-se esgotado naquele primeiro período, fora, pelo contrário, apenas encetada, e ia reanimar-se com mais energia do que nunca, do mesmo modo que numa batalha, depois de ter cessado o primeiro fogo, que serviu para empenhar a acção em alguns pontos, principia em toda a linha o fogo geral, que dela decide.

E demais, parecia que o conde, chegadas as coisas àquele ponto, desejara uma

explicação tanto como a rainha; por isso, logo que se fechou a porta, foi ele o primeiro que tomou a palavra.

- Perguntava-me se era por causa da Sr^a. de Charny que eu tinha voltado - disse ele. - Vossa Majestade esqueceu-se acaso das promessas que nos ligam, e que sou um homem honrado?

- Sim - disse a rainha inclinando a cabeça - sim, estamos ligados por promessas, sim, é homem honrado, sim, jurou que se sacrificaria à minha felicidade, e é esse juramento que me magoa, porque, sacrificando-se à minha felicidade, sacrificou ao mesmo tempo uma mulher formosa e de nobre carácter... É mais um crime.

- Oh! Minha senhora, agora exagera Vossa Majestade a acusação. Confesso unicamente que cumpri a minha palavra como homem de bem.

- É verdade; eu estou louca; perdoe-me.

- Não chame crime a uma coisa que foi filha do acaso e da necessidade. Ambos

lamentamos igualmente o meu casamento, único meio de salvar a honra da rainha. Só me resta continuar a conformar-me com a minha sorte, como me tenho conformado há quatro anos.

- Sim - exclamou a rainha. - Mas julga que não vejo a sua dor, que não percebo o seu pesar através do profundo respeito com que os encobre? Julga que não vejo tudo?

- Por favor, minha senhora - replicou o conde inclinando-se - queira dizer-me o que vê, pois, se as penas que tenho sofrido, e que tenho feito sofrer aos mais, ainda não forem bastantes, quero duplicar a soma dos desgostos para mim e para tudo quanto me cerca, e assim mesmo estou certo que hei-de ficar eternamente em dívida para com Vossa Majestade.

A rainha estendeu a mão ao conde. As palavras daquele homem tinham um poder irresistível, como tudo quanto dimanava de um coração sincero e apaixonado.

- Ordene, pois, minha senhora -

prosseguiu ele; - suplico-lhe que não tenha receio de ordenar.

- Oh! Sim, sim, bem sei que não tenho razão; sim, perdoe-me; sim, é verdade. Mas se acaso tem em alguma parte um ídolo oculto a quem ofereça misterioso incenso, se existe em algum canto do mundo uma mulher a quem adore... Oh! Nem já me atrevo a pronunciar esta palavra, mete-me medo, e ainda duvido quando as sílabas de que se compõe ferem o ar e vibram nos meus ouvidos; pois bem! Se tal mulher existe, escondida aos olhos de todos, não se esqueça que tem perante todos, que tem publicamente para os outros e também para si, uma mulher nova e formosa, a quem cerca de desvelos e atenções, uma mulher que se apóia no seu braço e que, apoiando-se no seu braço, se encosta ao mesmo tempo ao seu coração.

Olivier encrespou o sobrolho, e as linhas puríssimas do rosto alteraram-se-lhe por um instante.

- Que pretende, minha senhora? - disse

ele; - quer que eu afaste de mim a condessa de Charny? Cala-se? Então é isso que deseja? Pois bem! Estou pronto a obedecer a essa ordem; mas Vossa Majestade sabe muito bem que ela é só no mundo! É órfã; o pai, o barão de Taverney, morreu-lhe o ano passado como um honrado fidalgo dos tempos antigos, que não quer ver o que se está passando neste nosso tempo. O irmão... Sabe que o irmão, Taverney Casa-Vermelha, aparece uma vez por ano, quando muito; vem abraçar a irmã, cumprimentar Vossa Majestade, e desaparece sem que ninguém saiba por onde se some.

- Sim, sei tudo isso.

- Lembre-se, minha senhora, que a condessa de Charny, se Deus me chamasse a si, poderia tornar a usar o seu nome de solteira sem que o mais puro dos anjos do céu conseguisse surpreender nos seus sonhos ou no seu pensamento, uma palavra, um nome, uma recordação de mulher casada.

- Oh! Sim, sim - disse a rainha - sei que a sua Andréa é um anjo sobre a terra, sei que

merece ser amada. E por isso penso que é dela o futuro, que a mim se vai escapando. Oh! Não, não, conde, nem mais uma palavra, peço-lho. Não lhe falo como rainha, perdoe-me. Foi um esquecimento, mas que quer?... Há na minha alma uma voz que fala sempre de felicidade, de alegria e de amor, apesar das vozes sinistras que por aí murmuram desgraça, guerra e morte. É a voz da minha mocidade, a que ainda sobrevivo. Charny, perdoe-me, deixarei de ser moça; não hei-de tornar a sorrir-me nem a amar.

A infeliz mulher encostou os olhos às mãos esguias e emagrecidas, e uma lágrima de rainha lhe deslizou, qual outro diamante, por entre os dedos.

O conde tornou novamente a ajoelhar, e disse:

- Minha senhora, em nome do céu, ordene-me que a deixe, que fuja, que morra; mas não me obrigue a vê-la chorar.

E o conde de Charny proferiu estas palavras também quase a soluçar.

- Acabou-se - disse Maria Antonieta endireitando-se e sacudindo levemente a cabeça com um engraçado sorriso.

E com um gesto encantador deitou para trás o seu abundante cabelo polvilhado, que se lhe desenrolara e caíra sobre o colo, de uma alvura de cisne.

- Sim, sim, acabou-se! - prosseguiu a rainha - não quero afligi-lo mais; deixemos todas essas loucuras. Oh! Meu Deus! Como é possível que a mulher seja tão fraca, quando a rainha tem tanta necessidade; de se mostrar forte! Vem de Paris, não é assim?! Conversemos. Disse-me coisas que já esqueci; e contudo era assunto muito sério, não é verdade, Sr. de Charny?

- Sim, minha senhora. Tornemos a esse assunto, porque, como muito bem diz, o que tenho a relatar-lhe é seriíssimo; sim, cheguei há pouco de Paris, onde assisti à queda da realeza.

- Disse-lhe que falássemos em coisas sérias, e fez-me bem a vontade, Sr. de

Charny. Porque houve uma sedição que teve feliz êxito, chama a isso a queda da realeza! Pois julga, Sr. de Charny, que por ter sido tomada a Bastilha ficou abolida a realeza?! Oh! É que não reflectiu que a Bastilha só deitou raiz em França no século XIV, ao passo que a realeza tem raízes de seis mil anos por todo o universo.

- Bem quisera poder iludir-me, minha senhora - respondeu o conde - e então, em vez de entristecer o espírito de Vossa Majestade, proclamaria notícias mais consoladoras. Infelizmente, o instrumento só emite os sons para que foi destinado.

- Ora vamos, apesar de ser mulher, quero animá-lo; vou guiá-lo para o bom caminho.

- Ah! É esse o meu maior desejo.

- Os Parisienses insurgiram-se, não é verdade?

- Infelizmente, é, sim, minha senhora.

- Em que proporção?

- Na proporção de doze por quinze.

- Como é que faz esse cálculo?

- Oh! Muito simplesmente; o povo forma doze décimas-quintas partes da nação; restam duas décimas-quintas partes para a nobreza e outra para o clero.

- O cálculo é exacto, e bem se vê que sabe o mapa de cor e salteado. Já leu os escritos do senhor e da Sr^a. de Necker, Sr. de Charny?

- Li, sim, minha senhora.

- Muito bem! O adágio não falha - disse a rainha alegremente; - os nossos são os primeiros que nos atraçoam. Muito bem! Aqui está agora o meu cálculo; quer ouvi-lo?

- Com todo o respeito.

- Nas doze décimas-quintas partes, há seis de mulheres, não é assim?

- É, sim, minha senhora. Mas...

- Não me interrompa. Dizia eu, seis décimas-quintas partes de mulheres, restam seis: duas de velhos impossibilitados ou indiferentes, será muito?

- Não é.

- Restam quatro décimas-quintas partes, das quais me concederá decerto que haverá duas de medrosos e tíbios. E ainda faço favor à nação francesa. Mas, enfim, restam duas décimas-quintas; concedo-lhe que sejam compostas de gente enfurecida, firme, valente e aguerrida. Essas duas décimas-quintas partes, avaliemo-las para Paris, porque para a província é escusado, não é verdade? Do que se trata é de nos tornarmos a apoderar de Paris.

- Sim, minha senhora, mas...

- Sempre mas... Espere, logo responderá.

O Sr. de Charny inclinou-se.

- Avalio portanto, - prosseguiu a rainha - as duas décimas-quintas partes de Paris em cem mil homens, está por isto?

Desta vez o conde não respondeu.

A rainha continuou:

- Ora bem a esses cem mil homens mal armados, indisciplinados, pouco aguerridos e que decerto hão-de hesitar, porque sabem que não procedem bem, oponho cinqüenta

mil soldados conhecidos em toda a Europa pela sua valentia, e oficiais como o Sr. de Charny: além disso a causa sagrada a que chamam direito divino, e finalmente a minha alma, que facilmente se deixa comover, mas nunca aterrar.

O conde conservou-se calado.

- Julga por acaso - prosseguiu a rainha - que num combate travado nestas circunstâncias, valem mais dois homens do povo que um dos meus soldados?

Charny calou-se.

- Queira responder-me, julga que sim? - exclamou a rainha com impaciência.

- Minha senhora - respondeu afinal o conde, saindo, por obedecer à rainha, do silêncio respeitoso em que se tinha conservado - se os cem mil homens a que se refere, comparecessem num campo de batalha, assim isolados, faltos de disciplina e mal armados, os seus cinqüenta mil soldados batê-los-iam dentro de meia hora.

- Ah! - disse a rainha - então tenho

razão.

- Espere Vossa Majestade um pouco. Porém, o caso não é como se lhe afigura. Em primeiro lugar, os revoltosos de Paris, que Vossa Majestade julga serem cem mil, são quinhentos mil.

- Quinhentos mil?

- Sem tirar nem pôr. Não incluiu no seu cálculo as mulheres e as crianças. Oh! Rainha de França! Oh mulher animosa e ativa! Podeis contar as mulheres de Paris como outros tantos homens valorosos, denodados! Um dia virá talvez em que elas nos obriguem a contá-las como outros tantos demónios.

- Que quer dizer, conde?

- Vossa Majestade não sabe qual é o papel que desempenha uma mulher nas guerras civis? Não. Pois vou explicar-lho, e verá então que não exagero, se disser que são precisos dois soldados para opor a cada mulher.

- O conde está louco?

Charny sorriu com tristeza.

- Viu-as porventura na Bastilha - perguntou ele - debaixo do fogo, no meio das balas, bradando às armas, ameaçando com as mãos os Suíços cobertos de arneses de guerra, gritando maldição sobre os mortos com uma voz que fazia estremecer os vivos? Viu-as, fazendo ferver peiz, arrastando peças de artilharia, dando aos combatentes embriagados um cartucho, e aos combatentes tímidos um cartucho e um beijo? Não sabe que por cima da ponte levadiça da Bastilha passaram tantas mulheres como homens, e que a esta hora, em que lhe estou falando, se as pedras da Bastilha se desmoronam, é aos golpes de picaretas manejadas por mãos de mulheres? Ai, minha senhora, conte as mulheres de Paris, conte-as e conte também as crianças, que fundem balas, que afiam sabres, que lançam uma laje de um sexto andar; conte-as porque as balas fundidas pelas mãos das crianças irão matar de longe o seu melhor general; porque o sabre por elas afiado cortará as pernas dos seus cavalos de

guerra; porque a laje, atirada à toa de uma janela, esmagará os seus dragões ou os seus guardas. Conte também os velhos, minha senhora, porque esses, se já não têm a força precisa para brandir uma espada, ainda têm ânimo para servir de escudo. Na tomada da Bastilha também havia velhos, que não conta, minha senhora; e quer saber o que faziam? Colocavam-se adiante dos rapazes, e estes, para atirarem, encostavam-lhes as espingardas aos ombros, de forma que as balas dos seus Suíços apenas matavam os velhos impossibilitados, cujos corpos serviam de trincheira aos homens vigorosos. Conte também os velhos, minha senhora, porque são eles que há trezentos anos narram às gerações que se vão sucedendo, os insultos que têm sofrido suas mães, a miséria dos seus campos devastados pelas caçadas dos fidalgos, a vergonha da sua raça curvada ao peso dos privilégios feudais, e então os filhos agarram em machados, em paus, em espingardas, em tudo quanto encontram,

finalmente, e vão espalhando a morte por toda a parte, tornados em instrumentos carregados das maldições dos velhos, assim como as peças de artilharia são carregadas de pólvora e ferro. Em Paris, neste momento, homens, mulheres, velhos e crianças, tudo brada por liberdade e emancipação. Conte com todos que gritam, minha senhora, e poderá então contar com oitocentas mil almas em Paris.

- Trezentos Espartiatas derrotaram o exército de Xerxes, Sr. de Charny.

- Sim, mas hoje os seus trezentos Espartiatas são oitocentos mil, minha senhora, e os seus cinquenta mil soldados é que figuram o exército de Xerxes.

A rainha ergueu-se com os punhos cerrados e o rosto vermelho de cólera e de vergonha.

- Oh! Antes quero cair do trono - disse ela - antes quero morrer cortada em pedaços pelos seus quinhentos mil Parisienses, do que ouvir um Charny, um homem que me

pertence, falar desse modo.

- Se lhe falo deste modo, minha senhora, é porque assim se faz preciso, porque este Charny não tem nas veias uma pinga de sangue que não seja digna dos seus avós e que não pertença a Vossa Majestade.

- Pois então marche sobre Paris comigo, e lá morreremos juntos.

- Vergonhosamente - disse o conde - sem a possibilidade de lutar. Nem chegaremos a combater; desapareceremos como Filisteus ou Amalecitas. Marchar sobre Paris? Mas então não sabe uma coisa? E é que no momento em que nós entrássemos em Paris as casas desabariam sobre as nossas cabeças como as ondas do Mar Vermelho sobre o Faraó; que de Vossa Majestade apenas ficaria em França um nome amaldiçoado, e que os seus filhos seriam mortos como os de uma loba!

- Como devo então cair, conde? - disse a rainha com altivez; - ensine-mo, rogo-lho.

- Como uma vítima, minha senhora - respondeu respeitosamente o Sr. de Charny; -

como cai uma rainha, sorrindo e perdoando aos que a ferem. Ah! Se tivesse à sua disposição quinhentos mil homens com tão bons desejos como eu tenho, dir-lhe-ia: Partamos; partamos esta noite; partamos no mesmo instante, e amanhã teria conquistado o seu trono.

- Oh! - exclamou a rainha - visto isso o senhor, em quem tinha posto toda a minha esperança, já desesperou?

- Desesperei, sim, minha senhora, pois que o seu exército, ainda que alcançasse a vitória em Paris, seria aniquilado por Lyão, Rouen, Lille, Estrasburgo, Nantes e cem cidades mais, que o devorariam. Vamos, vamos, ânimo, minha senhora, e espada na bainha.

- Ah! Então será para isso - disse a rainha - que eu reuni em volta de mim tanta gente de valor; será para isso que lhes incuti coragem?

- Se não é do meu parecer, minha senhora, ordene, e esta noite mesmo

marcharemos sobre Paris. Responda.

O oferecimento do conde mostrava-lhe tanta dedicação, que assustou mais a rainha do que se fora uma recusa; atirou-se com desesperação para cima de um sofá, onde lutou por largo espaço com a sua soberba.

Finalmente, levantando a cabeça, disse:

- Conde, deseja que me conserve inactiva?

- Tenho a honra de assim aconselhar a Vossa Majestade.

- Assim farei. Volte para junto de mim.

- Ai, minha senhora, desagradei-lhe? - disse o conde olhando para a rainha com um gesto de tristeza misturada de indizível amor.

- Não; dê-me a sua mão.

O conde inclinou-se reverente e estendeu a mão para a rainha.

- Quero ralar com o senhor - disse Maria Antonieta tentando sorrir-se.

- Por que motivo, minha senhora?

- Pois quê! Tinha um irmão no serviço militar, e só por um acaso vim a sabê-lo?

- Não percebo.

- Esta noite, um jovem oficial dos hussardos de Bercheny...

- Ah! Meu irmão Jorge!

- Por que razão não me falou nunca daquele mancebo? Por que não tem ele um posto mais elevado nalgum regimento?

- Porque ainda é muito moço e falto de experiência; porque ainda não se acha habilitado para comandar como chefe, e finalmente porque, se bem que Vossa Majestade se dignou abaixar as suas vistas até mim, que me chamo Charny, para me honrar com a sua amizade, não é isso motivo para querer empregar a minha família com prejuízo de uma imensidade de valentes cavalheiros, que têm melhores direitos de que meus irmãos.

- Pelo que vejo, tem mais outro irmão?

- Tenho, sim, minha senhora, e que está pronto a morrer por Vossa Majestade, assim como os outros dois.

- E esse, de nada carece?

- De nada, minha senhora; temos a felicidade de possuir não somente meios de existência, mas uma fortuna para depositar aos pés de Vossa Majestade.

Ao tempo que proferia estas últimas palavras, que a rainha estava admirando tanta dedicação, um gemido, que soou no quarto contíguo, causou-lhes um sobressalto.

A rainha levantou-se, correu à porta, abriu-a e soltou um grito.

Acabava de avistar uma mulher, que se estorcía sobre a alcatifa, tomada de convulsões terríveis.

- Oh! A condessa! - disse ela em voz baixa para o Sr. de Charny; - ouviu-nos, talvez!

- Não, minha senhora - respondeu este; - se assim fosse, teria avisado a Vossa Majestade de que podíamos ser ouvidos.

E correu para Andréa, a quem levantou nos braços.

A rainha conservou-se em distância de dois passos, fria, pálida e palpitante de

ansiedade.

XXIX

Cena de três

Andréa começou a recobrar os sentidos sem saber quem lhe acudia, percebendo apenas por instinto que alguém a amparava.

Endireitou o corpo, e deitou as mãos ao inesperado apoio que se lhe oferecia.

O espírito, porém, não lhe ressurgiu com o corpo; conservou-se-lhe vacilante, atordoado e em estado de sonolência durante alguns minutos.

O Sr. de Charny, depois de ter tentado torná-la à vida física, procurava restituí-la à vida moral; mas o corpo que abraçava estava entregue a uma loucura terrível e concentrada.

Afinal Andréa abriu os olhos e fitou-os nele, como espantada, e com um resto de tresvario, sem conhecer o homem que a segurava, soltou um grito, e repeliu-o com

dureza.

Durante todo este tempo, a rainha desviava a vista; ela, cuja missão como mulher deveria ser consolar e animar aquela outra mulher, abandonava-a completamente.

Charny levantou Andréa nos vigorosos braços, apesar da força com que ela se lhe opunha, e voltando-se para a rainha, que se conservava sempre direita e fria, disse:

- Peço perdão, minha senhora, mas sucedeu decerto alguma coisa extraordinária. A Sr^a. de Charny não costuma desmaiar e é hoje a primeira vez que a vejo sem sentidos.

- Sempre é preciso que esteja sofrendo muito – disse a rainha tornando à idéia que já lhe ocorrera de que Andréa ouvira toda a conversação.

- Sim, não há dúvida, está muito incomodada - respondeu o conde - e por isso peço a Vossa Majestade licença para a mandar transportar para o seu aposento. Convém que as suas criadas tomem conta dela.

- Pois mande - disse Maria Antonieta, deitando a mão a uma campainha.

Porém, Andréa, mal ouviu o tinir do metal, inteirçou-se e exclamou no seu delírio:

- Oh! Aquele Gilberto! Aquele Gilberto!

A rainha estremeceu a este nome, e o conde, muito admirado, descansou a mulher sobre um sofá.

No mesmo momento entrou um criado, que acudiu ao toque da campainha.

- Já não é preciso - disse a rainha, fazendo-lhe sinal com a mão para que saísse.

O conde e a rainha, tendo ficado sós, olharam um para o outro. Andréa tornara a fechar os olhos e parecia acometida de nova crise.

O Sr. de Charny, de joelhos junto do sofá, amparava-a para não cair.

- Gilberto!... - repetiu Maria Antonieta; - que nome será este?

- Seria bom indagar - disse o conde como que admirado também de ouvir aquele nome.

- Parece-me que o conheço - disse a rainha; - parece-me que não é a primeira vez que ouço proferir esse nome à condessa.

Porém, Andréa, como se aquela recordação da rainha fosse uma ameaça que a tivesse ido despertar no meio das suas convulsões, abriu os olhos, estendeu os braços para o céu, e fazendo um esforço, pôs-se de pé.

O primeiro olhar, em que já brilhava a inteligência, foi para o Sr. de Charny, a quem conheceu, e a quem encarou com ternura.

E logo, como se esta manifestação involuntária do seu pensamento fosse indigna da sua alma de espartíata, Andréa desviou dele os olhos e deu com a rainha.

Inclinou-se imediatamente.

- Oh! Meu Deus! Que tem, minha senhora - disse o Sr. de Charny; - assustou-se deveras; a senhora, tão forte e tão animosa, desmaiada assim desse modo?!

- Senhor - respondeu ela - estão-se passando coisas tão terríveis em Paris, que

fazem tremer os homens, e portanto não é para admirar que desmaiem as mulheres. Abandonou Paris? Oh! Fez muito bem!

- Grande Deus! Condessa - disse Charny em tom de dúvida - seria por minha causa que sofreu tamanho incómodo?

Andréa tornou a olhar para o marido e para a rainha, mas não respondeu.

- É esse decerto o motivo, conde. Por que razão duvida? - respondeu Maria Antonieta. - A Sr^a. Condessa não é rainha; não lhe fica mal assustar-se pelo seu marido.

Charny percebeu o ciúme que esta frase encobria.

- Oh! Minha senhora - disse ele - estou bem certo que o susto da condessa foi mais por causa da sua soberana do que por minha causa.

- Mas enfim - perguntou Maria Antonieta - como, e por que viemos nós encontrá-la desmaiada neste gabinete, condessa.

- Oh! A esse respeito nada posso

informá-la, minha senhora. Eu mesmo não sei como foi: mas nesta vida de cansaço, de terror e de comoções que temos tido há três dias, parece-me que nada há mais natural do que desmaiar uma mulher.

- É verdade - murmurou a rainha, a qual bem percebia que Andréa não queria ser obrigada a dizer mais do que o que tinha dito.

- Porém - replicou Andréa, com a singular placidez que não a abandonava desde que tinha conseguido domar a sua vontade, e que era tanto mais temível em circunstâncias difíceis, por isso que facilmente se conhecia que não era afectação, e que encobria sentimentos inteiramente humanos; - porém, Vossa Majestade também está ainda com os olhos úmidos?

Desta vez também o conde julgou que percebia nas palavras de sua mulher o mesmo acento de ironia que tinha notado havia um instante nas palavras da rainha.

- Minha senhora - disse ele para Andréa,

com certa severidade, à qual bem se via que a sua voz não estava acostumada - não é de admirar que a rainha sinta correr lágrimas de seus olhos, a rainha é amiga do seu povo, e o sangue deste foi derramado.

- Felizmente poupou Deus o seu, senhor
- replicou Andréa, sempre fria e impenetrável.

- Sim, mas não é de Sua Majestade que se trata, minha senhora, é de si; tornemos pois ao que lhe sucedeu; a rainha dá licença?

Maria Antonieta fez com a cabeça um sinal de adesão.

- Teve algum susto, não é assim?

- Eu?

- Sofreu um incómodo, não o negue; sucedeu-lhe alguma coisa; que seria? Não sei, mas vai dizer-mo.

- Está enganado, senhor.

- Teve queixa de alguém, de algum homem?

Andréa empalideceu.

- Não tive motivo para me queixar de

ninguém, venho dos aposentos de el-rei.

- Directamente?

- Directamente. Sua Majestade pode indagar.

- Se assim é - disse Maria Antonieta - tem a condessa razão. El-rei é tão seu amigo e sabe que eu também lhe sou tão afeiçoada, que não era capaz de lhe causar o menor dissabor.

- Mas - disse Charny insistindo - proferiu há pouco um nome.

- Um nome?

- Sim, quando ia tornando a si.

Andréa olhou para a rainha como para lhe pedir que a protegesse; mas, ou fosse porque a rainha a não percebesse, ou porque não quisesse percebê-la, disse:

- Sim, proferiu o nome de Gilberto.

- Gilberto! Proferi o nome de Gilberto! - exclamou Andréa com um tom de voz em que se notava tal susto, que fez mais impressão no conde a exclamação do que fizera o desmaio.

- Sim - disse ele - proferiu esse nome.

- Ah! Deveras - replicou Andréa; - é célebre!

E, assim como o céu torna a unir-se depois de um relâmpago, a fisionomia da condessa, que tão violentamente se alterara ao ouvir aquele nome fatal, recobrou a sua serenidade, e apenas alguns músculos daquele rosto tão formoso continuaram a estremecer imperceptivelmente, da mesma forma que se desvanecem no horizonte os últimos clarões de uma tempestade.

- Gilberto - repetiu ela - não sei quem seja.

- Sim, Gilberto - repetiu a rainha. - Trate de se recordar, minha querida Andréa.

- Mas, minha senhora - disse o conde para Maria Antonieta - se foi um acaso, e se o nome é desconhecido da condessa?

- Não - replicou Andréa - não me é desconhecido. É o nome de um homem muito sábio, de um hábil médico, que chegou há pouco da América, penso eu, e que lá travou

amizade com o Sr. de Lafayette.

- E então? - perguntou o conde.

- Então! - repetiu Andréa com modo naturalíssimo - não o conheço pessoalmente, mas dizem todos que é um homem muito estimável.

- Sendo assim - replicou a rainha - de que provém essa agitação, querida condessa?

- Essa agitação! Pois eu mostrei estar agitada?

- Mostrou; parecia que ao proferir o nome de Gilberto sentia como que uma tortura.

- Pode ser; eu digo o que me sucedeu; encontrei no gabinete de el-rei um homem de rosto severo, vestido de preto, que estava falando em coisas tristes e terríveis; contou com medonha realidade os assassinios dos srs. de Launay e de Flesselles. Causou-me imediatamente susto, e logo depois tive um delíquio, como Vossa Majestade viu. Pode ser que então falasse e proferisse o nome desse tal Gilberto.

- É possível - repetiu o Sr. de Charny, evidentemente disposto a não levar mais avante o interrogatório; - mas agora já está sossegada, não é verdade?

- Completamente.

- Vou pedir-lhe uma coisa, Sr. conde - disse a rainha.

- Minha senhora, estou às ordens de Vossa Majestade.

- Vá ter com os srs. de Bezenval, de Broglie e de Lambescq, e diga-lhes que mandem acantonar as tropas nas posições em que se acham; el-rei resolverá amanhã em conselho o que convém fazer.

O conde inclinou-se, mas quando ia para sair, olhou pela última vez para Andréa.

À rainha não escapou o terno interesse daquele olhar.

- Condessa - disse ela - não quer voltar comigo para o quarto de el-rei?

- Não, minha senhora, não - respondeu prontamente Andréa.

- Por que motivo?

- Peço licença a Vossa Majestade para me recolher ao meu quarto; as comoções que sofri fazem-me sentir a necessidade de descansar.

- Ora vamos, condessa, seja franca - disse a rainha; - teve alguma desinteligência com Sua Majestade?

- Oh! Não, minha senhora, nenhuma.

- Oh! Pode dizer-mo, se assim é. El-rei nem sempre poupa os seus amigos.

- El-rei tratou-me, como sempre costuma, com a maior bondade, mas...

- Mas prefere não voltar lá, não é assim? É fora da dúvida que houve alguma novidade, condessa - disse a rainha com fingida jovialidade.

Naquele momento Andréa dirigiu para a rainha um olhar tão suplicante e que prometia tantas revelações, que esta percebeu ser tempo de pôr termo à questão.

- Está bem, condessa - disse ela - deixemos o Sr. de Charny, que tem de ir desempenhar a missão de que o incumbi, e

retire-se para o seu quarto ou fique aqui, como quiser.

- Muito obrigada, minha senhora - disse Andréa.

- Vá pois, Sr. de Charny - prosseguiu Maria Antonieta, notando a expressão de agradecimento que se divisava no lindo rosto de Andréa.

O conde não reparou, ou não quis reparar naquela expressão; pegou na mão de sua mulher e deu-lhe os parabéns por lhe terem voltado as forças e a boa cor.

Em seguida cortejou respeitosamente a rainha e saiu.

Mas ao tempo que saía, cruzou o olhar com o de Maria Antonieta.

O olhar da rainha dizia: volte depressa.

O do conde respondeu: o mais depressa que puder.

Quanto a Andréa, essa seguia cada um dos movimentos do marido com o peito oprimido e arquejante.

Parecia que os seus votos aceleravam o

andar vagaroso e nobre que o aproximava da porta; empurrava-o para fora com toda a força da sua vontade.

Apenas fechou a porta e desapareceu, todo o ânimo de que Andréa se revestira para afrontar a situação, abandonou-a, empalideceu, fraquejaram-lhe as pernas e caiu numa cadeira de braços, que estava ali próxima, pedindo desculpa à rainha por faltar assim à etiqueta.

A rainha correu à pedra do fogão, pegou num frasquinho com sais e fê-los respirar a Andréa, a qual desta vez também tornou mais depressa a si pelo poder da sua vontade do que pela eficácia dos socorros, que a mão régia lhe ministrava.

Efectivamente, havia entre aquelas duas mulheres alguma coisa de singular. A rainha parecia muito afeiçãoada a Andréa e esta tinha pela rainha o mais profundo respeito, e todavia pareciam, em certos momentos, não uma rainha afectuosa e uma fiel criada, mas duas inimigas.

Como dizíamos, a muita força de vontade de Andréa em breve a fez tornar a si. Ergueu-se, afastou respeitosamente a mão da rainha, e inclinando-se com a maior reverência, disse:

- Vossa Majestade concedeu-me licença para que me retirasse para o meu quarto...

- Não há dúvida, e muito bem sabe, querida condessa, que é sempre senhora da sua vontade; a etiqueta não se entende com a condessa. Porém, antes de se retirar, veja bem se não tem nada que dizer-me?

- Eu, minha senhora? - perguntou Andréa.

- Sim.

- Nada!... A respeito de quê?

- A respeito do tal Gilberto, cuja presença tanto a impressionou.

Andréa estremeceu, mas limitou-se a abanar a cabeça em sinal de negativa.

- Nesse caso não quero detê-la, querida Andréa, pode recolher-se.

E a rainha deu um passo para entrar no

gabinete, que ficava contíguo ao seu quarto.

Andréa, depois de ter feito à rainha uma medida segundo todos os preceitos, caminhou também para a porta da saída.

Porém, no momento em que ia para abri-la, ressoaram passadas no corredor, e uma mão levantou o fecho exterior daquela porta.

Ao mesmo tempo ouviu-se a voz de Luís XVI, que dava ordens para a noite ao seu criado de quarto.

- É el-rei, minha senhora - disse Andréa, dando alguns passos para trás - é el-rei.

- Pois sim, é el-rei! - disse Maria Antonieta. - Então mete-lhe medo a esse ponto?

- Minha senhora, em nome do céu lhe peço - disse Andréa - que não me obrigue a ver-me de frente a frente com el-rei, pelo menos esta noite; era capaz de morrer de vergonha.

- Mas, enfim, não me dirá?...

- Tudo, tudo, visto que Vossa Majestade

o exige. Mas esconda-me.

- Entre para o meu gabinete - disse Maria Antonieta; - não sairá de lá senão quando el-rei tiver saído. Descanse, que o seu cativeiro não há-de durar muito; el-rei nunca se demora muito tempo aqui.

- Oh! Muito obrigada! Muito obrigada! - exclamou a condessa.

E, correndo para o gabinete, desapareceu no instante em que el-rei, abrindo a porta, assomava à entrada do aposento.

O rei entrou.

XXX

Um rei e uma rainha

À rainha, relanceando os olhos em volta de si, recebeu o esposo saudando-o amigavelmente, e estendendo-lhe a mão, disse:

- A que feliz acaso devo o prazer da sua visita?

- A um verdadeiro acaso, diz muito bem, minha senhora. Encontrei o conde de Charny, que ia procurar-me da sua parte e dizer a todos os belicosos que estivessem sossegados. Esta sua resolução causou-me tão grande prazer, que não quis passar por diante da porta dos seus aposentos sem entrar para lhe agradecer.

- Sim - disse a rainha - reflecti que decididamente é melhor deixar o exército em repouso para não dar causa a guerras intestinas.

- Muito bem! Ainda bem! - exclamou el-rei; - estou encantado de vê-la da minha opinião. Bem sabia que afinal havia de pensar desse modo.

- Vossa Majestade bem vê que me não foi muito difícil tomar esta resolução, visto não ser devida a influência sua a minha decisão.

- Isso prova que é mais razoável do que eu supunha, e que o será completamente quando eu lhe fizer algumas considerações.

- Mas, se estamos de perfeito acordo, parecem-nos inúteis as considerações.

- Oh! Esteja descansada, que não pretendo encetar discussão; bem sabe como sou avesso a isso, será apenas ligeira palestra. Vejamos, não gosta de conversar comigo de vez em quando a respeito dos negócios da França, como fazem dois bons esposos a respeito dos arranjos domésticos da sua casa?

Estas últimas palavras foram pronunciadas com a bonomia que tanto caracterizava Luís XVI na conversação

familiar.

- Decerto gosto. Mas será porventura bem escolhida a ocasião?

- Parece-me que sim. Não disse há pouco que era inconveniente começar as hostilidades?

- Disse, sim, senhor.

- Mas não me expôs as suas razões.

- Não me pediu que lhas expusesse.

- Peço-lho agora.

- Digo toda a verdade?

- Completa.

- A verdadeira razão é a fraqueza!

- Ah! Então já vejo que, se fosse mais forte, fazia guerra.

- Faria mais, mandava arrasar Paris!

- Oh! Quanto me enganava supondo que queria evitar a guerra pelas mesmas razões que eu tenho para isso.

- Vejamos, quais são essas razões?

- Quais são?

- Sim.

- Só tenho uma.

- Diga-a.

- Imediatamente. Não quero travar a guerra com o povo, porque o povo tem razão.

Maria Antonieta fez um movimento de surpresa.

- Tem razão! - exclamou a rainha; - o povo tem razão para se insurgir?

- Certamente.

- Tem razão para forçar a Bastilha, para matar o governador e o preboste dos mercadores e exterminar os soldados de el-rei?

- Tem, sim, minha senhora.

- Oh! - exclamou a rainha - são essas as considerações que tinha a fazer-me?

- São estas.

- Dizendo...

- Bom! - disse o rei - aí vamos cair noutra questão como a da minha alimentação! A senhora não pode perdoar-me que coma; preferia que eu fosse poético a vaporoso. Que quer? Todos na minha família tinham o defeito de comer. Henrique IV não só comia

muito bem, mas bebia bom madeira seco; o grande e poético Luís XIV comia até não poder mais; o rei Luís XV, para ter a certeza de comer do melhor, cozinhava ele mesmo os seus petiscos e mandava fazer o café pela Sr^a. Dubarry. Eu, que quer? Quando tenho apetite, não posso resistir; é preciso imitar os meus antepassados. Se isto em mim é uma necessidade, seja indulgente, se é um vício, perdoe-me.

- Senhor, confessar afinal que...

- Que não devo comer quando tenho apetite? - interrompeu o rei abanando tranquilamente a cabeça.

- Não lhe falo agora disso, falo do povo.

- Ah!

- Há-de confessar que o povo anda muito mal - disse Maria Antonieta.

- Por não ter feito pior insurgindo-se? Vejamos; passemos em revista todos os nossos ministros. Depois que reinamos, quais são os que se têm ocupado seriamente do bem-estar do povo? Dois: Turgot e Necker. A

senhora e os seus apaniguados fizeram que fossem exilados. Por causa do primeiro houve grande alvoroço; por causa do segundo, talvez façam uma revolução. Falemos também dos mais. Há entre eles homens encantadores, não é verdade? Por exemplo, o Sr. de Maurepas, criatura de minhas tias, um homem que escreve canções! Não são os ministros que devem cantar, é o povo. O Sr. de Calonne? Este disse-lhe algumas palavras muito lisonjeiras, bem o sei, que estão gravadas na minha memória. Um dia, que a senhora lhe pediu não me lembra o que, respondeu-lhe: “Se é possível, está feito, se é impossível, vai-se fazer”. Estas palavras custaram talvez cem milhões ao povo. Não se admire, pois, de que o povo o ache menos espirituoso que a senhora, e compreenda isto bem, conservar todos os ministros que desfalcam o povo, e demitir os que se interessam por ele, não é o melhor meio para o acalmar, e antes tem muita razão para exasperar-se.

- Bem! Então a insurreição é um direito? Proclame esse princípio! Na verdade estou satisfeita por me dizer semelhantes coisas sem testemunhas. Se o ouvissem!

- Oh! Sim! Sim! - replicou o rei - não me dá novidade nenhuma. Bem sei que, se os srs. de Polignac, Dreux-Brézé, Clermont-Tonnerre e Coigny, seus afeiçoados, me ouvissem, se ririam por detrás de mim; mas todos eles me causam dó, e os Polignac, que a sujam continuamente, e a quem a senhora numa manhã presenteou com o condado de Fénestrange, que lhe custou um milhão e duzentos mil francos; o príncipe de Deux-Ponts, a quem a senhora me obrigou a dar novecentos e quarenta e cinco mil francos para pagar as dívidas; Marie de Laval e a Sr^a. de Magnenville, que recebeu cada uma oitenta mil francos de pensão; Coigny, que tem sido beneficiado de todos os modos, e que um dia, que pretendi reduzir-lhe os honorários, encontrando-me num corredor, me meteu no vão de uma porta, e parece-me

que me teria batido se eu não houvesse cedido à sua petição. São estes os seus afeiçoados, não é verdade? Pois ouça uma coisa, que apesar de ser uma verdade não a há-de acreditar, e é que, se todos eles estivessem na Bastilha, o povo, em vez de a demolir, fortificava-a ainda mais.

- Oh! - murmurou a rainha fazendo a seu pesar um movimento de raiva.

- Diga o que quiser, mas isto é exacto - replicou Luís XVI tranquilamente.

- Oh! O seu querido povo não terá mais que odiar os meus afeiçoados, porque se exilam voluntariamente.

- Exilam-se! - exclamou o rei.

- Sim, senhor.

- Os Polignac? As mulheres?

- Sim.

- Oh! Tanto melhor! - exclamou o rei - tanto melhor! Louvado seja Deus!

- Como, tanto melhor! Pois não tem pena deles?

- Não; e se lhes falta dinheiro para a

viagem, dá-lo-ei, certificando-lhe que o darei por bem empregado. Boa viagem, meus senhores e minhas senhoras - disse o rei sorrindo-se com satisfação.

- Oh! Não me admira que louve a cobardia - disse a rainha.

- Entendamo-nos: a senhora também lhes faz justiça.

- Eles não se exilam, desertam!

- Pouco me importa isso, contanto que me deixem.

- Ah! E pensar eu que foi a sua família que os aconselhou para fazerem semelhante infâmia!

- Pois a minha família aconselha os seus favoritos a que se retirem? Não a supunha com tão bom senso. Diga-me quem são as pessoas da minha família, que me fazem tão bons serviços, porque quero agradecer-lhes.

- Sua tia Adelaide e seu irmão de Artois.

- Meu irmão de Artois! E julga que ele seguiria o conselho que deu? Supõe que partiria também?

- Por que não? - exclamou a rainha tentando causar com isto desgosto ao rei.

- Deus a ouça! - exclamou Luís XVI; - se meu irmão se ausentar, dir-lhe-ei como aos demais: Boa viagem!

- A seu irmão também!

- É para lamentar, bem sei, por ser um rapaz a quem não falta coragem, mas que tem a cabeça muito leve, que sustenta a dignidade de príncipe francês como um refinado do tempo de Luís XIII, um doidivanas, um imprudente, que compromete a senhora, a mulher de César.

- César! - murmurou a rainha com cruel ironia.

- Ou Cláudio, se gosta mais - respondeu o rei - porque bem sabe, minha senhora, que Cláudio era um César como Nero.

A rainha abaixou a cabeça. Aquele sangue-frio confundia-a.

- Cláudio - prosseguiu o rei - visto que prefere este nome ao de César, foi obrigado uma noite, como sabe, a mandar fechar a

grade de Versalhes, para lhe dar uma lição por se recolher tarde. Foi o conde de Artois que lhe valeu nessa noite. Portanto, pouco me importa que ele se ausente. Quanto a minha tia, é sabido o que se diz dela. É mais uma que merece bem ser da família dos Césares! Enfim, não digo nada, que é minha tia; que se vá, também me não deixa pena nenhuma. E o Sr. de Provença também parte? Direi igualmente: boa viagem.

- Oh! Não me consta que fale nisso.

- É pena! Ora veja, minha senhora, ele sabe bem o latim e obrigar-me a falar-lhe inglês para lhe não ficar atrás. Foi o Sr. conde de Provença que nos trouxe um tremendo embaraço fazendo, a seu talante, meter Beaumarchais em Bicêtre, no Fort-Lêvêque, ou noutra parte não me lembra onde, pelo que Beaumarchais nos deu bom pago. Ah! O Sr. de Provença fica? É pena! É pena! Quer ouvir uma coisa, minha senhora? Entre todos que a rodeiam, só conheço um homem de bem, é o Sr. de Charny.

A rainha corou e voltou a cara.

- Falávamos da Bastilha - continuou o rei depois de curto silêncio... - e a senhora lamentava que tivesse sido tomada, não é assim?

- Não se sinta, visto ter ainda muito que dizer-me? - disse Maria Antonieta.

- Não; gosto de conversar passeando, e assim contribuo para a minha saúde, de que ninguém se ocupa; como muito bem, mas digiro mal. Sabe o que se diz a meu respeito neste momento? "O rei ceou e já dorme." A senhora bem vê como durmo. Passeio para fazer digestão e converso em política com minha mulher. Ai, minha senhora, estou expiando.

- Expiando o quê? - interrompeu a rainha.

- Os pecados de um século de que sou o bode emissário; estou expiando a Sr^a. de Pompadour, a Dubarry, o Parc-aux-Cerfs; estou expiando o infeliz Latude, que jazeu trinta anos na Bastilha. Veja se não têm razão

para a detestar! Pobre rapaz! Ai! Quantas tolices tenho feito, cedendo às dos outros! Ajudei a perseguir os filósofos, os economistas, os sábios, os escritores!... Ai! Meu Deus! Eles só queriam o meu bem, e podiam ter feito a glória e a felicidade do meu reino. Rousseau, por exemplo, o terror de Sartines e dos mais, que vi no dia em que a senhora o mandou ir ao Trianon, lembra-se? Tinha o fato mal escovado e a barba por fazer, é verdade, mas apesar disso, era um excelente homem. Se me tivesse vestido mais humildemente e dissesse a Rousseau: Vamos procurar musgos ao bosque de Ville-d'Avray...

- Que sucederia? - interrompeu a rainha com supremo desprezo.

- Não teria escrito o *Vigário Saboiano* nem o *Contrato Social*.

- Sim, sim, bem sei como são os seus raciocínios - disse Maria Antonieta; - o senhor é um homem prudente, que teme o seu povo, como o cão teme o dono.

- Não, mas como o dono teme o cão. Vê que pode ser mordido por ele. Quando passeio com Médor, com o cão dos Pirineus que me deu o rei de Espanha, vou satisfeito com a companhia dele. Ria, se quiser; mas se Médor não fosse meu amigo, era capaz de me devorar. Mas eu digo-lhe: Meu Médor, bom Médor, e ele lambe-me as mãos. Prefiro a língua aos dentes.

- Se lhe parece, lisonjeie os revolucionários, acaricie-os, obsequie-os!

- Creia que assim farei, porque é esse o meu desejo. Vou mandar cunhar uma porção de prata e ouro e tratarei todos esses senhores como Cérberos. Oh! Tome, Sr. de Mirabeau.

- Ah! Sim, fale-me nesse animal feroz!

- Com cinqüenta mil francos por mês será um Médor; se esperamos mais tempo, ser-lhe-á preciso meio milhão.

A rainha, desatando a rir, disse:

- Oh! Oh! Lisonjear semelhante gente

- Nomeando ministro o Sr. Bailly, será outro Médor. Desculpe-me, por não ser da

sua opinião, mas sou da do meu avô Henrique IV. Era um verdadeiro político, e lembro-me ainda do que ele dizia.

- Então que dizia?

- Que não é com vinagre que se apanham moscas.

- Sancho também dizia isso ou coisa semelhante.

- Pois teria feito a felicidade do seu povo, se a Barataria existisse.

- Seu avô, que invoca, apanhava moscas com a mesma facilidade com que mandava cortar cabeças; para exemplo, cito-lhe o marechal de Biron. Podia portanto dizer o que quisesse. Raciocinando como ele, e procedendo como o senhor, tira todo o prestígio à realeza, que não brilha sem ele; se degrada o princípio, que será da majestade? A majestade é uma palavra, bem sei, mas compreende-se nela todas as virtudes reais: quem respeita, ama; quem ama, obedece.

- Ah! Fala da Majestade - interrompeu o rei sorrindo-se; - pois sim, falemos dela. A

senhora, por exemplo, tem levado a ciência da majestade a ponto de exceder sua mãe, que levava a palma a todas as soberanas da Europa.

- Percebo; quer dizer que a majestade não impede que eu seja aborrecida pelo povo francês.

- Não digo aborrecida, minha cara Antonieta, mas menos amada do que merecia ser.

- Senhor - replicou a rainha profundamente despeitada - torna-se o eco de tudo quanto se diz. Não fiz mal a ninguém; pelo contrário, tenho feito bem muitas vezes. Por que motivo sou odiada e não amada? É porque há pessoas que empregam o dia a repetir: "A rainha não é amada" e bem sabe que basta uma pessoa dizê-lo para logo lhe fazerem coro, cem, mil, dez mil...

- Ai! Meu Deus! - murmurou o rei.

- Pouco me importa a popularidade, mas estou certa de que exageram a minha impopularidade. As bênçãos não chovem

sobre mim, bem sei, mas já fui muito adorada e por isso sou agora mais odiada.

- Espere - disse o rei - a senhora não sabe ainda tudo; não falávamos da Bastilha?

- Sim, senhor.

- Pois havia ali uma grande casa cheia de toda a espécie de escritos contra a senhora. Creio que lançaram o fogo a tudo isso.

- Em que me censuram nesses livros?

- Não quero ser o seu acusador e muito menos o seu juiz. Quando aparece algum panfleto, faço apreender toda a edição e mando-a depositar na Bastilha. Apesar disto, de vez em quando vêm-me às mãos alguns desses libelos. Agora mesmo, por exemplo - disse o rei procurando nas algibeiras - tenho aqui um, que é terrível.

- Deixe-me vê-lo!

- Não posso, porque tem estampas.

- E não faz caso disso? Leva a sua franqueza a ponto de não cortar pela raiz todas essas infâmias, mandando sindicarem quem são os autores e fazendo-os prender?

- A polícia quase que não se ocupa doutra coisa.

- Então sabe quem é o autor dessas indignidades?

- Um pelo menos, sei quem é, porque tenho aqui um recibo dele de vinte e dois mil e quinhentos francos; quando vale a pena bem sabe que não olho ao preço.

- E os mais?

- Ora, muitas vezes são alguns desgraçados que apenas vegetam na Inglaterra ou na Holanda. Quando nos mordem, irritamo-nos e procuramos a causa do mal, e supondo encontrar um crocodilo ou uma serpente para esmagar, apenas deparamos com um insecto e nem sequer nos movemos para o pisar.

- É maravilhoso! Se não se atreve a pisar os insectos, ao menos ataque de frente quem os anima. Realmente, senhor, dir-se-á que Filipe de Orleans é o seu ídolo.

- Ah! - exclamou o rei batendo as palmas - agora começa com o Sr. de Orleans.

- É seu inimigo, senhor.

O rei encolheu os ombros.

- Se fosse meu inimigo, não vinha pôr-se às minhas ordens para combater os revoltosos. Bem se vê que lhe tem entranhado ódio!

- Sabe por que ele veio? Porque tem receio de que seja notada a sua ausência e porque é um cobarde.

- Não diga semelhante coisa. Filipe não tem medo nem foge. Os Orleans são valentes, atestam-no muitos feitos valorosos dos seus ascendentes. Não diga senão metade do bem, se quiser, mas não diga o mal que não existe.

- Vossa Majestade está disposto a exaltar os revoltosos. Pois saiba que lamentando a tomada da Bastilha, lamento ainda mais que Filipe de Orleans não tivesse sido lá encarcerado.

- Se tal se fizesse, estaríamos hoje numa bela situação!

- Que sucederia?

- Sabe que o povo andou passeando,

levando em triunfo o busto de Orleans, coroadado de flores, juntamente com o de Necker?

- Sei.

- Pois se ele tivesse sido metido na Bastilha, saindo agora, seria o rei da França.

- Talvez o senhor achasse isso justo - disse Maria Antonieta com amarga ironia.

- Decerto. Para bem julgar os outros, ponho-me no seu lugar. Não é do alto do trono, creia-o, que se vê bem o povo, e é preciso descer até ele, como faz Filipe de Orleans, para ver quanto sofre.

- Muito bem, senhor - interrompeu a rainha, com um olhar chamejante - pegue numa picareta e vá também ajudar à demolição da Bastilha.

- Que dúvida; decerto que iria se não pudesse fazer mais com duas penadas do que faria com a picareta. Com a demolição da Bastilha prestam-lhe um grande serviço, porque não contribuirá mais, satisfazendo aos caprichos dos seus afeiçoados, para que

sejam encarceradas pessoas inocentes.

- Inocentes! Talvez como o Sr. de Rohan; mas esse não foi para lá.

- Não falemos nisso; foi o parlamento que o julgou e decidiu como lhe aprouve. Apesar disso, tenho a certeza de que têm sido encarcerados inocentes na Bastilha.

- Inocentes!

- Certamente, e estive há pouco com um que de lá saiu.

- Hoje?

- Sim, minha senhora.

- E estive esta tarde com ele?

- Ainda há pouco.

- Quem é?

- Uma pessoa do seu conhecimento.

- Do meu conhecimento?

- Sim.

- Como se chama?

- O Dr. Gilberto.

- Gilberto! - exclamou a rainha. - Será o mesmo de que Andréa pronunciou o nome ao voltar a si?

- Naturalmente deve ser o mesmo.
- Esse homem esteve na Bastilha?
- Pois ignora-o?
- Decerto.

E a rainha, divisando no rosto do rei uma expressão de dúvida, acrescentou:

- Salvo se, por alguma razão, me esqueceu...

- Ah! - exclamou o rei - há sempre para as injustiças o esquecimento de qualquer razão; mas, se se esqueceu da razão e do doutor, a Sr^a. de Charny lembrou-se de tudo, e devem-se ter passado entre eles coisas...

- Senhor, por favor! - disse a rainha olhando angustiada para o lado do toucador, donde Andréa podia ouvir tudo que se dizia; - não diga mais.

- Sim - continuou o rei rindo-se - teme que venha a condessa e que me ouça? Pobre Charny!

- Senhor, por quem é! A Sr^a. de Charny é uma mulher virtuosa, conhecemo-la há muito e merece-nos a máxima confiança e o máximo

apreço, como tem sabido conquistar o respeito de toda a corte; e convencida de que esse Sr. Gilberto...

- Ora! - interrompeu o rei - quer agora acusá-lo? Sei já muitas coisas, mas não sei ainda tudo.

- Na verdade, está-me flagelando com a sua convicção - disse a rainha olhando sempre para o lado do gabinete.

- Oh! - continuou o rei - mas não hei-de perder nada em esperar. O princípio promete-me um fim agradável, e hei-de sabê-lo do próprio Gilberto, visto ser ele agora o meu médico, e não lhe faltar tempo para contar-mo.

- O seu médico! Pois confia, sem mais nem mais, a sua vida a esse homem?

- Oh! Esteja sossegada. Os meus olhos não me enganam nunca, e eu li na alma do doutor que podia confiar nele.

A rainha estremeceu de cólera e desdém.

- Gilberto é um sábio - disse o rei - e

digno de toda a consideração.

- Que dedicação!

- Quisera vê-lo no meu lugar. Desejava saber se Mesmer não lhe causou, como causou à Sr^a. de Lamballe, uma impressão qualquer.

- Mesmer! - disse a rainha corando.

- Sim, quando há quatro anos foi disfarçada a uma das audiências dele

- Eu!

- Sim, minha senhora; Mesmer colocou-a junto de uma selha, tocou-a com uma varinha de aço, rodeando-se de mil fantasmagorias, como um charlatão que era. Gilberto não faz tantas momices: estende a mão sobre uma mulher, que adormece imediatamente, e adormecida fala.

- Fala! - murmurou a rainha com espanto.

- Sim - replicou o rei, que se comprazia em prolongar o sofrimento de sua mulher; - sim, adormecida por Gilberto, fala, e creia que diz coisas bem singulares.

A rainha empalideceu.

- A Sr^a. de Charny teria dito coisas singulares? - murmurou a rainha.

- Bem singulares! Felizmente para ela...

- Cale-se - interrompeu Maria Antonieta.

- Por que? Digo felizmente para ela, por que foi só ouvida por mim.

- Por favor, senhor, cale-se!

- Assim farei, porque estou fatigado, e pela mesma razão que como quando tenho apetite, deito-me quando tenho vontade de dormir. Boa noite, e que de toda a nossa conversação lhe fique uma impressão salutar.

- Qual?

- Que o povo tem razão em desfazer o que nós e os nossos afeiçoados fizemos; sirva de prova o meu pobre médico Gilberto. Adeus, minha senhora, creia que, depois de assinalado o mal, terei coragem para o impedir. Durma bem, Antonieta!

E indo já em direcção da porta do quarto, o rei voltou e disse:

- Previna a Sr^a. de Charny de que, se

quiser, pode fazer as pazes com o doutor.
Adeus.

Depois saiu.

Teria o rei dado uns dez passos no corredor quando a condessa saiu do gabinete, foi às portas e às janelas e correu os fechos, tudo isto com a energia da demência e da raiva.

Depois, tendo a certeza de que ninguém podia vê-la nem ouvi-la, dirigiu-se soluçando para a rainha, e deitando-se-lhe aos pés, exclamou:

- Salve-me, senhora! Em nome do céu, salve-me!

Depois, passado um instante acompanhado de um suspiro, acrescentou:

- Dir-lhe-ei tudo!

FIM DO PRIMEIRO VOLUME